

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROSWITHIA WEBER

**MOSAICO IDENTITÁRIO:
HISTÓRIA, IDENTIDADE E TURISMO NOS
MUNICÍPIOS DA ROTA ROMÂNTICA - RS**

Porto Alegre

2006

ROSWITHIA WEBER

**MOSAICO IDENTITÁRIO:
HISTÓRIA, IDENTIDADE E TURISMO NOS
MUNICÍPIOS DA ROTA ROMÂNTICA - RS**

Tese apresentada à banca avaliadora como parte das exigências do curso de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regina Weber

Porto Alegre

2006

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Tese intitulada “*Mosaico Identitário: História, Identidade e Turismo nos Municípios da Rota Romântica - RS*”, de autoria da doutoranda Roswithia Weber, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dra. Giralda Seyferth

Prof^ª. Dr. René E. Gertz

Prof^ª. Dr. Rudimar Baldissera

Prof^ª. Dra. Sandra J. Pesavento

Porto Alegre, 31 de outubro de 2006

Agradecimentos

No transcurso deste trabalho, contei com a colaboração de várias pessoas e instituições, dentre as quais, destaco algumas. Agradeço ao acompanhamento de minha orientadora, Prof^ª. Regina Weber.

Minha gratidão estende-se também à Prof^ª. Sandra J. Pesavento e à Prof^ª. Eloisa Capovilla da Luz Ramos, que se dispuseram a participar da banca de qualificação do projeto de pesquisa, bem como aos que aceitaram compor a banca final – Prof^ª. Giralda Seyferth, Prof^º. René E. Gertz, Prof^º. Rudimar Baldissera e Prof^ª. Sandra J. Pesavento.

Agradeço também aos demais professores do Programa de Pós-graduação em História que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Dentre eles, destaco o Prof^º. René E. Gertz, com seus conhecimentos específicos sobre alguns locais que são foco do estudo, a Prof^ª. Sandra Pesavento, com suas aulas memoráveis, e o Prof^º. José Rivair Macedo, com sua contribuição nas aulas sobre o riso na história.

Dentre as instituições e pessoas importantes para a formatação do trabalho, destaco o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, fundamental na riqueza das fontes, que tem permitido vários estudos em diferentes campos, e as pessoas que se dispuseram a conceder entrevista.

Foi de grande valia também o apoio de alguns amigos, em especial: a interlocução com a colega Mara Cristina Rodrigues, com quem aprendi muito de tudo; Jacson C. do Amaral, “caçador de fontes”; Solange Raquel Weber, sempre presente; e Celso Mariante Júnior, com seu apoio incondicional. Um agradecimento especial também a minha família e a sua mantenedora, “Nila”. Por fim, agradeço às colegas Inês Reichert e Márcia Blanco Cardoso, que sempre souberam me acolher nos momentos mais necessários.

Agradeço também a todos que, embora não citados, contribuíram para a efetivação deste trabalho.

RESUMO

Estudo sobre a relação entre história, identidade e turismo nos municípios que integram o projeto turístico Rota Romântica no Rio Grande do Sul. Analisa como a história e as construções identitárias serviram para a estruturação do turismo, considerando o contexto anterior à formatação do referido Projeto, especialmente a partir dos anos de 1950, seguindo até o momento atual. Enfoca as circunstâncias que favoreceram o que hoje se pode identificar como um reavivamento étnico; a homogeneização identitária como processo presente em diferentes contextos; as relações entre rural e urbano; e as relações entre identidade regional e local em contexto interétnico.

Palavras-chave: História, identidade local, etnicidade, turismo, Rota Romântica, São Leopoldo.

ABSTRACT

This is a study of the relationship between history, identity and tourism in the cities that constitute the touristic project called Romantic Route, in Rio Grande do Sul. It analyzes how history and identity constructions have been used to structure tourism, considering the context before the Project was developed, especially from the 1950s until the present time. The study focuses on the circumstances that have favored what can be presently identified as ethnical revival; the identity homogenization as a process that has been present in different contexts; the relationships between rural and urban; and the relationships between regional and local identity in an inter-ethnic context.

Key words: History, local identity, ethnicity, tourism, Romantic Route, São Leopoldo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMRR – Associação dos Municípios da Rota Romântica

AMVRS – Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos

CET – Conselho Estadual de Turismo

MHVSL – Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

SENAI – Serviço Nacional de aprendizagem Industrial

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas

SETUR – Secretaria Estadual de Turismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	20
2.1	Tendências historiográficas e inserção do tema de pesquisa	20
2.2	Relações entre turismo e história	25
2.3	Identidade local e regional e etnicidade	33
2.4	Patrimonialização e Memória	38
3	IDENTIDADE, MEMÓRIA E TURISMO INCIPIENTE EM SÃO LEOPOLDO DÉCADAS DE 1920 a 1970	44
3.1	Identidade e memória na cidade “berço da imigração alemã”	44
3.2	Contexto da nacionalização	53
3.3	O papel do Museu no reavivamento da memória	68
3.4	São Leopoldo no mapa do turismo	81
3.5	Reavivamento étnico nas comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã ..	89
4	HISTÓRIAS LOCAIS, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E PROMOÇÃO DO TURISMO PRÉ- ROTA ROMÂNTICA	97
4.1	Municípios: emancipação e identidade	99
4.2	Identidade alemã e interferências identitárias	109
4.3	Novo Hamburgo e o discurso do progresso	119
4.4	Novo Hamburgo: turismo e identidade	128
4.5	Étnico e história na divulgação do turismo	134

5	TURISMO E ETNICIDADE NO PROJETO ROTA ROMÂNTICA	157
5.1	A Formatação do Projeto	157
5.2	Passo 2: A Construção de um Imaginário	164
5.3	O romântico daqui e o romântico de lá	172
5.4	Espaços de promoção da Rota	177
5.5	Homogêneo e Heterogêneo na Formatação da Rota	180
5.6	Alinhamento dos municípios	182
5.7	As peculiaridades locais e regionais no turismo e o papel do Estado	185
6	NO PERCURSO DA ROTA: IDENTIDADES LOCAIS E PADRÕES DO TURISMO	205
6.1	A atração pelo passado	205
6.2	A invenção de essências	213
6.3	Reavivamento étnico e a reintegração do ambiente rural	221
6.4.	Festas e identidade	231
6.5	Projetos Culturais e Reavivamento Étnico	243
7	DIVERSIDADE ÉTNICA EM SÃO LEOPOLDO: HEGEMONIA EM DISCUSSÃO	251
7.1	O 25 de Julho e as disputas identitárias	251
7.2	A municipalidade e o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo	257
7.3	De quem é a festa: o 25 de Julho na administração do PT	261
7.4	Onde é o berço: São Leopoldo X Nova Friburgo	263
7.5	Encontros Culturais nas comemorações do 25 de Julho	270
7.6	Multiculturalismo e Políticas Culturais	277
8	CONCLUSÃO	287
	REFERÊNCIAS	292
	ANEXOS	308

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a relação entre história, identidade e turismo nos municípios que recentemente vieram a integrar um projeto turístico presente no Rio Grande do Sul denominado Rota Romântica. Busca-se analisar como a história e as construções identitárias serviram de matéria-prima para a estruturação do turismo, considerando os diferentes contextos a serem enfocados.

Tem-se como limite temporal o contexto anterior à formatação do referido Projeto. Parte-se da década 1920, com ênfase especial a partir dos anos de 1950, período que demarca um momento posterior ao contexto repressivo às manifestações étnicas que tiveram efeitos na região considerada. Segue-se até o momento atual, quando é possível ver a proliferação de manifestações locais que remetem à identidade étnica nos municípios estudados. Algumas vezes, serão utilizadas as expressões “pré-Rota”, que remete aos anos anteriores à institucionalização do projeto Rota Romântica, demarcado no após 1996, e “pós-Rota”, referente ao período posterior à institucionalização de tal projeto.

O interesse por esse objeto de pesquisa deriva de um tema abordado por mim na dissertação de mestrado, suscitando questões em torno da construção identitária de uma região de colonização alemã.

Na dissertação denominada *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924/1949*, abordaram-se as comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul, mais especificamente, em São Leopoldo, cidade cognominada de "berço da imigração alemã", que recebeu levas desses imigrantes a partir de 1824. Ao analisar que comemorações eram aquelas, múltiplas nuances do aspecto identitário étnico foram evidenciadas. Constatou-se que esses momentos foram utilizados também para a construção de uma identidade regional dos municípios que receberam imigrantes alemães ou que surgiram com a ocupação desses imigrantes. Em termos de construção de identidade local, em especial, a cidade de São Leopoldo teve seu momento fundador. O enaltecimento da origem imigrantista alemã foi elemento recorrente. Assim, se os jornais anunciavam: “São Leopoldo é uma das cidades mais cultas do mundo”, isso tinha relação com os imigrantes e descendentes de alemães, a quem, conforme o discurso, o Rio Grande muito devia.

A dissertação desenvolvida demonstrou que nem sempre foi possível pautar a identidade local de São Leopoldo pelo referencial étnico alemão, a exemplo do período da Campanha de nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, quando a referência étnica alemã encontrava-se reprimida, não podendo, portanto, servir como marca da cidade. Com isso, a identidade local sofreu revisões e modificações. O estudo teve como limite temporal o final da década de 1940, percebendo-se uma retomada tímida dos referenciais que anteriormente pautavam a construção da identidade local.

Fontes que avançavam o marco temporal delimitado indicavam aspectos importantes para analisar quanto aos processos de construção da identidade local e seu vínculo com a retomada do referencial étnico. Nesse caminho, constatou-se a existência, a partir da década de 1950, de diversos projetos desenvolvidos pela municipalidade e por grupos privados, apontando para um investimento na retomada da identidade étnica alemã como marca da

cidade. Nesse sentido, destacam-se a iniciativa da construção de um museu representativo da imigração alemã e as primeiras preocupações efetivas com o desenvolvimento do turismo em São Leopoldo. Aparecem debates na cidade acerca da necessidade de explorar “a peculiaridade do município”, qual seja, a “marca da colonização alemã”.

Outra fonte contribuiu para a formatação da pesquisa que veio a ser tema desta tese. Trata-se de um mapa intitulado “São Leopoldo Turístico”¹ (ANEXO A), que data de 1950. Esse material permite considerar que havia a preocupação em divulgar uma identidade local da cidade de São Leopoldo e de seus distritos.

Grande parte das localidades que aparecem nesse mapa – São Leopoldo, Estância Velha, Dois Irmãos, Ivoti, Morro Reuter e Santa Maria do Herval – hoje integra a chamada *Rota Romântica* (ANEXO B), juntamente com as cidades de Novo Hamburgo, Presidente Lucena, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula. Essa Rota consiste numa “versão gaúcha” de um roteiro turístico da Alemanha que tem a mesma denominação. O Projeto Rota Romântica está atualmente em curso nos municípios anteriormente citados.

Cabe observar que a maior parte dos locais que compõem esse roteiro turístico teve como município-mãe São Leopoldo, como é o caso de Novo Hamburgo, Estância Velha, Dois Irmãos, Ivoti, Santa Maria do Herval, Morro Reuter e Presidente Lucena. Já Nova Petrópolis tornou-se município a partir de sua emancipação de São Sebastião do Caí em 1954. Daquele município, desmembrou-se, por sua vez, Picada Café em 1992. Há também três cidades que compõem a Rota Romântica que se emanciparam de Taquara; são elas: São Francisco de Paula, Canela e Gramado.

¹ Mapoteca do Museu Histórico de São Leopoldo.

Geograficamente, com base na hidrografia, esses municípios ocupam a região do Vale do Rio dos Sinos²; topograficamente, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula são identificados como componentes da Serra Gaúcha³. Economicamente, alguns deles pertencem à Região Metropolitana de Porto Alegre⁴.

A maior parte dessas localidades teve sua origem através do processo de colonização que se deu no Rio Grande do Sul a partir do século XIX. As localidades serão referidas no decorrer deste estudo como região colonial no contexto regional⁵. No conjunto, essas cidades formam um mosaico identitário sobre o qual serão feitas considerações, dando-se ênfase a alguns processos históricos que dizem respeito aos objetivos delineados. Tem-se em vista que esses locais têm seus fragmentos reunidos num projeto turístico onde as diferentes localidades são representadas de modo a possibilitar a construção ou reforço de uma identidade e de um imaginário que visam a interesses específicos, como é o caso da promoção do turismo. Nesse caminho, evidencia-se um movimento para a criação e recriação de espaços da memória, o que merece uma avaliação num cenário em que as representações em torno da construção de identidades locais proliferam, uma vez que a propaganda turística reveste essas cidades e região de significados.

² Abrange a área banhada pelo Rio dos Sinos.

³ Optou-se por utilizar a referência a essa região como “serra gaúcha”, uma vez que essa identificação para a área já está institucionalizada, embora academicamente seja considerado incorreto identificá-la como serra; de fato, trata-se de uma região caracterizada como escarpa do planalto. Nesse sentido, pode-se trazer a conceituação da geomorfologia: “Serra é uma nomenclatura usada em geomorfologia um tanto quanto ampla e imprecisa, para designar superfícies acidentadas com fortes desníveis, como escarpas de planaltos com altimetria de 50 a 100 m, escarpas de blocos falhados, escarpas de erosão, inselbergues, entre outros” (SUERTEGARAY, 2003, p.143). O termo “inselbergues” é utilizado para caracterizar relevos residuais que, podendo ser sedimentares, se salientam em uma planície (pediplano) em paisagem árida ou semi-árida. São originados de um intenso processo erosivo, próprio de ambientes áridos: a erosão paralela.

⁴ Ao longo deste estudo, essa região será referenciada. Ela foi criada em 1973, contando inicialmente com 14 municípios, dentre os quais, já constavam São Leopoldo, Novo Hamburgo e Estância Velha, que são municípios aqui enfocados. Dentre esses, Dois Irmãos e Ivoti passaram a integrar essa região a partir de 1989. Desde 2001, a Região Metropolitana de Porto Alegre abrange 31 municípios. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=298#>>. Acesso em: 4 mar. 2005.

⁵ No contexto desta produção, consiste naquela sociedade que se desenvolveu na região colonizada por imigrantes ou por seus descendentes.

Como temáticas relacionadas intimamente com esse enfoque, são postas: as circunstâncias que favoreceram o que hoje se pode identificar como um reavivamento étnico; a homogeneização identitária como processo presente em diferentes contextos; as relações entre o rural e urbano e as relações entre identidade regional e local em contexto interétnico.

Em vários momentos, o município de São Leopoldo será tomado como paradigmático dos processos em estudo, uma vez que, sobre esse local, há uma experiência de pesquisa anterior e que esse é o município-mãe de outras localidades. São estabelecidas comparações entre os contextos, abordando-se os modos como eles vão influir na definição do turismo local, bem como nas formas de construções identitárias.

As fontes de pesquisa utilizadas foram variadas e serão dispostas a seguir sem critério hierárquico. Utilizaram-se: fontes bibliográficas que serão comentadas no capítulo a seguir; a imprensa jornalística, incluindo periódicos diários, semanais ou mensais que enfocam os municípios em estudo. Para alguns períodos e, mais especificamente, no caso de São Leopoldo e Novo Hamburgo, a fim de mapear alguns processos em suas continuidades ou rupturas, trabalhou-se de forma mais sistemática com a imprensa local. Também foram consultados jornais de circulação estadual, tais como *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Esses jornais foram consultados em bibliotecas locais, no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, nessa mesma cidade, e no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Os jornais constituíram-se como fonte importante no sentido de acompanhar as manifestações culturais de determinados grupos; as representações identitárias locais; o desenvolvimento do turismo e a divulgação turística dos municípios e da região; a identificação de problemáticas da região que ficaram em pauta e que dizem respeito aos temas aqui desenvolvidos; e a forma como determinados agentes reivindicam atenção através de crônicas ou artigos periódicos.

Também foram utilizados projetos no âmbito do turismo regional e local que se encontram nos departamentos públicos das localidades onde foram formatados. Nessa categoria, situa-se também a documentação ligada à Associação da Rota Romântica, como atas de reuniões e informações administrativas. Optou-se por não utilizar material audiovisual existente sobre a Rota Romântica para fins de sua divulgação, dada a semelhança desse material com a documentação que se encontra em outra formatação. Ainda nessa linha de documentos de fundo administrativo, utilizaram-se: projetos de lei, discursos do executivo e legislativo, projetos culturais e projetos de urbanização – documentação localizada em arquivos públicos municipais.

Outro conjunto documental foi o material informativo coletado *in loco*: folheteria turística, divulgação de festas, guias e roteiros turísticos; essa documentação resulta da produção de agências de turismo ou de órgãos públicos. Alguns desses materiais foram localizados para períodos anteriores ao abordado no presente estudo, portanto, pré-Rota, no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Esses materiais foram fundamentais no sentido de analisar-se o processo de implementação da Rota nos diferentes municípios.

Utilizaram-se também fontes orais produzidas pela autora no decorrer da pesquisa. Sete pessoas foram entrevistadas, das quais, duas optaram por não serem identificadas⁶. Os demais são nominalmente identificados, sendo referidos também de acordo com a função que ocupavam no momento em que a entrevista foi concedida. Todos os entrevistados assinaram a carta de cessão. As entrevistas encontram-se em fita cassete sob posse da autora. Em alguns momentos, relatos informais de cidadãos serão referidos, já que algumas situações foram acompanhadas e observadas pela pesquisadora. Informações de dados recentes dos municípios

⁶ Tampouco serão reveladas as funções específicas desses informantes, a fim de evitar identificações por cruzamento de informações.

também foram utilizadas a partir de contatos diretos com informantes; no entanto, não se considerou a coleta desses dados formais como fruto de entrevista.

Também a Web foi utilizada como fonte de pesquisa. *Sites* de instituições, como da própria Associação dos Municípios da Rota Romântica e das prefeituras dos municípios em foco, bem como vários textos que serviram como consulta bibliográfica, foram localizados por essa via.

As fontes que não se caracterizam a partir do fundo documental bibliográfico serão referidas em nota de rodapé de modo completo, sendo referidas na bibliografia de modo geral. Como exemplo, no caso de jornais, estes constarão na bibliografia geral do estudo somente indicados pelo nome do veículo, ao passo que, quando referidos no corpo do texto, terão a data e páginas utilizadas destacadas. A referência, na bibliografia geral, aos acervos consultados também será feita desse modo, sendo que os documentos específicos constarão em nota de rodapé quando referidos. Os *sites* institucionais consultados, bem como os artigos consultados via Internet, serão também referidos na bibliografia geral.

O trabalho é composto por oito capítulos. O primeiro capítulo consiste na introdução. O segundo capítulo tem o propósito de apresentar a inserção da temática de pesquisa no campo historiográfico, demarcando as principais problemáticas e abordagens teórico-metodológicas e apresentando os conceitos e categorias recorrentes no estudo. Também são referenciadas as principais referências bibliográficas utilizadas, considerando-se as temáticas propostas.

O Capítulo 3, *Identidade, memória e turismo incipiente em São Leopoldo – Décadas de 1920 a 1970*, retoma alguns aspectos trabalhados na dissertação acima referida. Apresenta os processos de construção da memória e identidade local anteriores à Campanha de nacionalização, e estende a análise ao período posterior à nacionalização, até a década de

1970, quando ocorrem as comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã. Busca-se demonstrar como o município de São Leopoldo pautou a construção identitária a partir do enaltecimento da origem étnica alemã. Analisa-se como esse aspecto se vincula aos interesses de preservação da memória e da promoção do turismo local na década de 1950 através da proposta de criação de um museu.

O capítulo seguinte, *Histórias locais, construções identitárias e promoção do turismo – Pré-Rota Romântica*, apresentará os processos de construção das identidades das demais cidades que integram a Rota turística. Serão considerados brevemente os processos de emancipação dos diferentes municípios que compõem a Rota Romântica, com o objetivo de analisar a construção das identidades locais das distintas cidades a partir desse marco. Buscar-se-á observar as permanências e rupturas nas demarcações identitárias que se processaram em contexto de industrialização e diversidade étnica no conjunto dos municípios historicamente ligados à imigração alemã. O turismo também é acompanhado em seus desdobramentos locais relacionados à demarcação identitária, dando-se uma atenção especial à forma como, no município de Novo Hamburgo, se operou a articulação entre identidade e turismo. No conjunto, o capítulo pretende situar os desenvolvimentos do turismo no contexto pré-Rota, analisando o que foi usado como estratégia de promoção turística dos municípios que mais tarde vieram a compô-la.

O Capítulo 5, *Turismo e etnicidade no Projeto Rota Romântica*, propõe historicizar a estruturação do Projeto Rota Romântica e analisar suas bases em torno do referencial da região de imigração alemã. Nesse capítulo, é abordado o modo como se dá a construção imaginária da região que compõe a Rota turística. Será analisada a relação da proposta do Projeto com o turismo étnico. Também será observado como, ao longo do desenvolvimento do turismo em termos do Estado do Rio Grande do Sul, a identidade regional e as

particularidades das diferentes regiões do estado passaram a ser valoradas como um mote para o turismo. As ações do estado são referidas também com base na análise da forma como ele se situa no contexto multicultural atual, comparando-se sua postura nesse cenário com sua atuação em outros momentos.

No Capítulo 6, *No percurso da Rota: identidades locais e padrões do turismo*, será demonstrado como, no âmbito local, a implementação do Projeto Rota Romântica tem repercutido, analisando-se as iniciativas de implementação turística e as estratégias utilizadas, que serão observadas de acordo com os processos históricos. Será enfocada a forma pela qual algumas cidades passam a recriar sua identidade, considerando-se os interesses implicados no contexto de promoção turística. Nesse sentido, serão analisadas as transformações no cenário urbano: a construção de cenários para turistas e a produção de uma arquitetura identitária. Acompanhar-se-á o processo de institucionalização da memória, analisando-se as formas de sua atualização. Também serão apresentados e analisados os desdobramentos de outros projetos locais que se relacionam com a implementação do Projeto da Rota, tais como projetos educativos que surgem a partir da implantação do Projeto regional.

O capítulo 7, *Diversidade étnica em São Leopoldo: hegemonia em discussão*, tem como foco central a cidade de São Leopoldo, abordada com relação à diversidade étnica presente e a forma como, no decorrer dos anos, vêm à tona discussões em torno da hegemonia das expressões culturais alemãs presentes na promoção turística e na demarcação identitária da cidade. Remonta-se essa discussão à década de 1950, e analisa-se como ela é reeditada, em outros termos, no cenário atual sob a administração do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse sentido, analisam-se as comemorações do 25 de Julho em contextos recentes, observando-se as disputas identitárias e chegando-se até os festejos da data no presente ano, com foco especial na atuação do Partido dos Trabalhadores com relação às políticas culturais

desenvolvidas na cidade frente a um cenário de multiculturalismo em que novas referências identitárias reivindicam inclusão. No mesmo cenário, também é analisada a posição do Museu Histórico de São Leopoldo. Por fim, nesse capítulo, será analisado também o enquadramento de São Leopoldo no Projeto Rota Romântica.

A conclusão buscará retomar, a partir do conjunto do estudo, os temas que o percorreram, a fim de reunir as abordagens cronológicas pré e pós Rota com as considerações analíticas.

2 ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

2.1 Tendências historiográficas e inserção do tema de pesquisa

O percurso de análise da temática proposta segue a perspectiva da chamada História Cultural, que se configurou a partir dos anos 1980⁷ e que toma como base a idéia de analisar como a realidade está estruturada através de representações. Essas são aqui entendidas não no sentido de oposição ao real, mas como estruturadoras das realidades distintas que são construídas. Conforme Roger Chartier⁸, a posição de quem utiliza os discursos proferidos deve-se dar no sentido de reconhecer que “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõem, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 2002, p.17).

Cabe, então, ter como princípio captar a forma pela qual determinada realidade social é construída, articulando as representações, as práticas por elas geradas e a análise dos sujeitos que as veiculam. No transcorrer deste estudo, há a apropriação de conceitos inseridos nesse campo. A noção de “agente”, tomada de Bourdieu, será referida em diversos momentos,

⁷ Neste contexto, as discussões do campo historiográfico passam a tomar distanciamento dos princípios que davam inteligibilidade ao trabalho do historiador. Ao “primado tirânico do social”, é proposta uma abordagem que concilie uma história cultural que seja também social e política (SIRINELLI; RIOUX, 1998).

⁸ A escolha metodológica de Chartier, como ele próprio indica, apóia-se no trabalho de Pierre Bourdieu (CHARTIER, 2002).

servindo para designar pessoas, grupos, classes ou instituições que ocupam um espaço específico na sociedade e que, por sua vez, marcam sua identidade a partir das representações que constroem.

As representações são estabelecidas a partir de disputas: “luta de representações” (CHARTIER, 2002) que estão relacionadas ao poder simbólico, noção esta tomada de Bourdieu, que assim a conceitua: “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2002, p.7). Nesse sentido, tomando a teorização bourdiana, é necessário analisar as relações de forças materiais e simbólicas implicadas nos modos de classificação.

Outra noção que se pode agregar ao estudo das representações é a idéia de imaginário que será abordada a partir dos desenvolvimentos teóricos de Baczko (1995), que vê a produção do imaginário a partir de várias funções, situadas como um exercício de poder (BACZKO, 1995), de modo que o sentido desse termo é distanciado de seus significados tradicionais, que o vêem em oposição ao real.

A articulação desses conceitos, somados a outros que serão referidos ao longo deste estudo, dá forma às problemáticas abordadas. Entende-se que as identidades das localidades em questão são construídas ao longo de um processo, através de representações que projetam os imaginários sociais na formatação das identidades locais e na formatação do turismo, ligadas, por sua vez, a um amplo leque de interesses de diferentes agentes. Frente a esses fatores, é colocada a questão: em que medida se relacionam aspectos como representações das cidades, construção da memória, identidade e turismo? Teve-se como preocupação analisar o processo que gerou as representações das cidades, relacionando-as com os espaços e indivíduos que as informam. Assim, tem-se como propósito avaliar o imaginário produzido

sobre as cidades, enquanto pertencentes a uma mesma Rota de turismo, percebendo as representações que são cristalizadas, bem como aquelas que sofrem modificações ou mesmo deixam de existir.

O status deste trabalho está ainda no âmbito da história local. No cenário historiográfico, esse campo foi, ao longo de muito tempo, alvo de suspeitas, dados seus riscos de instrumentalização. Esse sentimento também deve-se ao fato de que grande parte das produções da pesquisa local é do interesse de eruditos locais, e não propriamente de historiadores profissionais (VADELORGE, 2006).

Um dos conjuntos documentais que se têm em foco neste estudo é o das produções sobre a história de municípios, na maior parte, patrocinadas pelas municipalidades ou elaboradas por memorialistas locais⁹. Esses trabalhos são compostos basicamente por documentos transcritos que enfatizam fatos político-administrativos, sínteses descritivas da história local, relatos de recordações de experiências vividas e crônicas. Tais produções consistem numa abordagem genérica sobre a cidade, contudo, são úteis quando fornecem uma indicação de fontes, bem como quando descrevem a cidade em crônicas e relatos, podendo ser tomadas também como fonte primária. Esse conjunto de referência bibliográfica será tomado também como fonte específica frente às peculiaridades da produção dos memorialistas locais.

⁹ Nesse caso, cito: Prefeitura Municipal de Gramado (1987;1992), Patro, Herta Sporket. *Ivoti: um pontinho no mapa*. FLORES, Moacyr; FLORES, Hilda Agnes H. *Picada Café*. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1996; DEPPE, Gessy (coord.). *Contribuição para a história de Nova Petrópolis*. Caxias do Sul: EDUCS. Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, 1985; *Estudos Sociais: Município de Nova Petrópolis*. Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis, 1988; LUCENA, Plínio A.. *São Francisco de Paula: monografia*. 1971; SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Novo Hamburgo: sua história, sua gente*. 1985; VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos: passado e presente*. Dois Irmãos, Grafdil impressos, 1999; ARANDT, Clarice. *História da colonização de Dois Irmãos*. Dois Irmãos, Grafdil impressos, 1999. De Leopoldo Petry, temos os seguintes livros: *O município de São Leopoldo: berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*, e *Novo Hamburgo, o florescente município do Vale dos Sinos*. Também foi utilizado um material disponível em CD- ROM intitulado *Enciclopédia dos municípios do Rio Grande do Sul*, trabalho coordenado por Nina Tubino junto à Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul (ALMURS), editado em 2006.

Dentre as produções que contemplam a história de municípios utilizadas nesta pesquisa há também as de cunho científico, como a obra de Jean Roche (1969). Seu estudo fornece dados históricos e sociológicos importantes para a nossa pesquisa, não só por tratar de municípios de colonização alemã, como também por referir-se ao contexto regional como um todo. Seus estudos sobre a contribuição dos alemães e descendentes para o desenvolvimento da indústria rio-grandense continuam sendo referência importante para estudos posteriores. Sobre a questão da influência dos alemães no processo de modernização, utilizou-se também Paul Singer (1968), que analisa a contribuição dos alemães, especialmente com relação aos aspectos econômicos.

Os estudos de René Gertz também são tomados como referência. Além dos que tematizam o contexto local, nacional e internacional no que se refere aos aspectos políticos, consideram-se também suas análises sobre as tendências da produção historiográfica que aborda questões relacionadas à imigração alemã¹⁰.

Conforme Vadelorge (2006), nos últimos 20 anos, o status da história local enquanto um horizonte de pesquisa passou a ser alterado a partir dos anos 1970 no cenário historiográfico francês. Então, por influência da microhistória italiana¹¹, várias publicações passaram a discutir a especificidade desse campo¹². Também as pesquisas no âmbito universitário francês contribuíram no sentido de tornar os “territórios locais” campo de pesquisa aos historiadores profissionais. Esse interesse passou a ser observado à medida que se evidenciou o quanto era importante a relação entre o local, o regional e o nacional, que terá um caráter a partir da escala de análise, que, por sua vez, vai depender das perguntas.

¹⁰ Gertz (1993, 2005).

¹¹ Vadelorge refere-se à tradução de livros de Giovanni Levi e de Carlo Ginzburg, bem como ao prefácio de Jacques Revel à obra *Le pouvoir au village*, de Giovanni Levi.

¹² Não se trata de tomar como sinônimos história local e microhistória, mas sim de apontar como esta última permitiu a problematização da história local e sua configuração da mudança de status.

O horizonte desta pesquisa segue os pressupostos acima, sendo que o estudo não se restringe ao local, e sim é definido pelas perguntas que se colocam, pelo que se analisa. A metodologia proposta aqui distancia-se de abordagens da história local tradicional, caracterizadas por não terem em foco uma problemática. Nesse sentido, seguem algumas questões que contemplam por que via a história local é objeto deste estudo: como questões conjunturais influem na construção das identidades locais? Em que medida esses aspectos incorporam as mudanças pelas quais a cidade passou? Quais as relações entre as diferentes cidades no processo de construção da identidade? Em que medida a identidade local foi construída, tendo em vista a promoção do turismo?

Numa avaliação da produção historiográfica gaúcha, Piccolo (1995) apontou a carência de estudos de caráter científico sobre os municípios do estado que façam a articulação entre local e regional. Este trabalho propõe-se a articular processos históricos semelhantes, interligando a esfera local com contextos mais amplos e considerando fenômenos contemporâneos internacionalizados.

Metodologicamente, incorre-se nos riscos implicados no fato de escrever-se a história do tempo presente. Neste estudo, esse tipo de história é potencializado ao se trabalhar com a história local, em que o historiador está também no papel de figurante da história, ao mesmo tempo em que lhe cabe explicar a lógica da produção e recolocar os fatos na complexidade implicada. Ou seja, conforme Vadelorge (2006, p.7), trata-se de “fornecer legenda dos diferentes quadros de exposição” num cenário em que o papel do historiador pode ser confundido com o de conselheiro ou de um cortesão (VADELORGE, 2006). Dessa forma, há capítulos específicos em que a pesquisadora tem participação, seja na presença nos

espaços que são objeto de pesquisa¹³, seja como cidadina. O uso da metodologia de história oral também foi um recurso utilizado, especialmente como acesso a informações inacessíveis em outras fontes, como, por exemplo, as fontes escritas que compõem o maior fundo documental deste estudo. Assim, a busca de legitimidade da história local exige certas precauções por parte do historiador.

2.2 Relações entre turismo e história

Quanto à bibliografia referente ao turismo, vale dizer que pouco se tem explorado do turismo enquanto objeto de estudo da história. Afirma-se isso a partir de dados apresentados por Rejowski (2000), que realizou um levantamento sobre a produção acerca do turismo, considerando os diferentes programas de Pós-Graduação no espaço brasileiro, entre 1975 e 1996. No Brasil, as áreas de conhecimento que mais abordam o tema do turismo são: comunicação, administração e geografia. Grande parte dessa produção concentra-se em diferentes cursos da Universidade de São Paulo (USP) (REJOWSKI, 2000).

Muitos desses estudos sobre turismo centraram-se unicamente no viés mercadológico da atividade turística¹⁴. Contudo, esse enfoque vem sofrendo alterações a partir da necessidade de atentar para o caráter multidisciplinar do turismo, devendo este ser visto na amplitude de um fenômeno social¹⁵. É nesse tipo de abordagem que o presente estudo se insere. Concebendo-se o fenômeno do turismo como um processo abrangente, portanto, não restrito aos aspectos econômicos que o motivam, cabe avaliar as interferências desse

¹³ Nesse caso, pode-se referenciar o vínculo da pesquisadora junto ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, espaço que, além de ser tema da pesquisa, também consiste num acervo fundamental para o desenvolvimento deste estudo.

¹⁴ Conforme dados apontados em Rejowski (1996). A autora atribui essa visão ao fato de que a maior parte da produção acadêmica sobre turismo se concentra nas áreas de economia e administração.

¹⁵ Conforme Rejowski (1996), as críticas da produção sobre turismo avaliam a necessidade de ampliar o campo de estudos.

fenômeno nas comunidades em foco. No cenário turístico, circulam imagens que são compartilhadas entre turistas e moradores, de modo que o enfoque presente neste estudo será o de analisar as formas de seleção de diferentes elementos a serem dispostos nesse cenário.

A promoção do turismo passa, sem dúvida, pela cidade. Essa relação é um dos caminhos para dar conta de uma abordagem mais ampla para o fenômeno do turismo. Os estudos que tomam a cidade como objeto têm demonstrado o quão saudável tem sido o uso de aportes de diferentes disciplinas para o refinamento dos enfoques teórico-metodológicos. Assim, ambas as áreas, turismo e história, ao consolidarem suas relações, contribuem para a abertura de novos campos de pesquisa. A possibilidade de cruzamento da história e do turismo vincula-se à amplitude que seus próprios campos tomam ao dialogarem com outras disciplinas¹⁶. No âmbito da historiografia, recentes estudos sobre cidades, pautados sob pressupostos teórico-metodológicos de uma história cultural que dialoga com diversas áreas, têm alterado a própria visão da cidade enquanto objeto de estudo. O olhar para a cidade amplia-se, rompendo com o quadro presente por muito tempo, em que ela foi considerada como um núcleo permanente onde só interessavam as implicações políticas ou econômicas explícitas¹⁷. Abordagens antropológicas e sociológicas discutiram e ampliaram esse enfoque, sendo que a cidade, enquanto objeto de estudo, deixa de ser o pano de fundo dos acontecimentos, passando a ser um espaço onde as temporalidades e espacialidades são dinâmicas, sofrendo intervenções constantes através de práticas ou discursos. Portanto, a cidade é entendida como um produto social; ela deixa de ser vista a partir do olhar exclusivo da concepção de local onde simplesmente ocorrem os eventos e passa a ser tomada a partir da rede de relatos que a constituem. Ela é um espaço, um “laboratório” de experiências onde são

¹⁶ No campo da história, uma proposta de diálogo com outros campos passou a ser bandeira da escola historiográfica francesa “*Annales*” a partir da década de 1930. Já no âmbito do turismo, o processo de dialogar com outras áreas é mais recente, o que pode ser em parte atribuído ao fato de que a construção científica do turismo enquanto campo de estudo data aproximadamente do período após a Segunda Guerra Mundial.

¹⁷ Para ver como a cidade foi pensada em diversos campos, pode-se recorrer aos seguintes estudos: Schorske (1987); Bolle (1994), Magnani; Torres (2000).

imprimidas marcas que devem ser identificadas e analisadas, não se perdendo de vista a relação da esfera local com o espaço regional e global.

No vasto leque em esse objeto é tematizado atualmente¹⁸, delimita-se como interesse para o presente estudo a temática relativa à memória, ao patrimônio e à identidade, bem como os estudos sobre a cidade como pólo atrativo de turismo.

Comumente, a promoção turística de determinada localidade é formatada a partir de uma identidade local selecionada para esse fim. Nesse sentido, busca-se relacionar esse movimento de promoção do turismo com a construção de uma identidade local, referenciando algumas abordagens teórico-metodológicas do âmbito da produção do conhecimento histórico vinculadas ao campo de estudos da cidade a partir do “imaginário urbano”¹⁹. Essa tendência faz-se presente em uma referência bibliográfica utilizada no presente estudo. Trata-se da dissertação de Selbach (1999), que tematiza o quadro da modernidade na cidade de Novo Hamburgo. Esse trabalho é de interesse aqui porque aborda alguns aspectos referentes à constituição de um imaginário social acerca daquela cidade.

Outra via de aproximação entre História e Turismo tem sido os estudos sobre patrimônio²⁰. Conforme aponta Vadelorge (2006), essa característica está presente no cenário francês e vem preencher uma lacuna no campo das investigações dos historiadores contemporâneos que começam a abordar o turismo.

Metodologicamente, também faz-se necessário relacionar o estudo das representações acerca das cidades com as discussões sobre turismo. Nesse sentido, dizer que a

¹⁸ A cidade vem sendo enfocada enquanto lugar de embate de forças sociais; pelas estratégias de intervenção no urbano; como lugar de cultura, memórias, representações, entre outros enfoques.

¹⁹ Campo que pode ser situado como uma produção influenciada pela história cultural francesa. Cito algumas referências no âmbito da produção historiográfica nacional sobre o tema: Felon (1999); Pesavento (1999).

²⁰ Essa aproximação pode ser vista, embora não como tema central, no estudo de Bitencourt (1997), onde o foco é a construção da identidade de Laguna, no estado de Santa Catarina, como uma cidade histórica.

cidade é mais que o espaço físico que ocupa e que o turista é mais do que aquele que contribui com as reservas econômicas significa redimensionar o papel daquele que se põe a lê-los. Um elo entre a abordagem da cidade e do turismo está no fato de ambos se darem a ler: a cidade é construída ao turista, seus espaços são criados e recriados, visando, entre outras coisas, à atração da atividade turística e do turista. A cidade é, então, concebida como um espaço de produção de espaço-tempo, extrapolando-se, portanto, a noção de um espaço geográfico.

Assim como a cidade é sistematizada aos seus leitores, também a atividade turística o é para o turista. A experiência turística está inserida num sistema de signos sociais que emergem na cidade. A atividade turística não pode, portanto, ser pensada como tendo características intrínsecas – cidade e turismo são organizados socialmente. Tanto o desenvolvimento do turismo quanto a construção de uma identidade local são processos datáveis; nesse sentido, não ocorrem naturalmente.

Na tentativa de cruzar esses movimentos, colocam-se algumas questões: quais as razões de a preocupação mais explícita com o turismo datar de um momento e não de outro? Como as especificidades locais contribuem nesse sentido? Que elementos são utilizados? As imagens usadas partem de representações já construídas? Que modificações e permanências podem ser observadas?

Perguntar-se sobre as relações entre cidade e turismo é dar conta de mapear os instrumentos, as estratégias simbólicas, avaliando em que medida objetivam o desenvolvimento de atividades turísticas.

Dentre os autores que contribuem com a tarefa de reconstruir o arsenal que diz/narra a cidade, tomam-se algumas considerações do geógrafo Marcel Roncayolo. Para esse autor, a cidade é um conjunto de representações estruturadas pelos "produtores" e pelos

"consumidores do espaço" (RONCAYOLO, 1988). Ambos portam representações, sendo os primeiros aqueles que as expressam e regulam, e os segundos, os que usufruem do que foi produzido, podendo ou não reificar o projeto daqueles.

Essa relação entre produtor e consumidor do espaço pode ser instrumentalizada para pensarmos a atividade turística. Nesse sentido, como produtores do espaço, podem-se enquadrar a administração pública, os proprietários de setores privados e os proprietários de serviços ligados ao turismo, que serão aqui referidos como agentes. Entre os consumidores do espaço, podem ser situados o turista e o habitante local. Assim, mais uma vez, reforça-se que a leitura da atividade turística não pode somente considerar o seu significado econômico. Convém analisar como o turista se apropria do espaço qualificado, observando-se em que medida o seu olhar foi organizado pelos produtores do espaço. Cabe também buscar dar conta de como o habitante está imbricado nessas relações. Nesse caso, apresenta-se a preocupação de mapear as construções das identidades das cidades enfocadas e analisar até onde sua autodefinição inclui e exclui a multiplicidade identitária.

No cruzamento dos campos de turismo e história, são analisadas algumas questões, discutidas especificamente no âmbito do turismo, não necessariamente por turismólogos. Esse é o caso das temáticas que seguem.

As reflexões de Celso Castro (1999) sobre a construção turística de um local serão tomadas como base do desenvolvimento deste estudo. Não se pode pensar que um local é naturalmente turístico:

Seria ingenuidade pensar que um local possa ser “naturalmente” turístico. Seu reconhecimento como turístico é uma construção cultural – isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada (CASTRO, 1999, p.81).

Também a paisagem natural é vista como fruto de construções, tratando-se, portanto, da patrimonialização (termo que se abordará em seguida) da paisagem. Tem-se, então, como um dos objetivos na presente tese analisar como as realidades turísticas foram criadas, tendo-se em vista as considerações de Meneses (1999, p.93) sobre o conceito de cultura:

Dissemos que o universo da cultura é o universo da escolha, da opção e, portanto, do sentido, do valor. Mas conviria observar que os valores que qualificam os objetos, práticas e idéias não são imanentes, não surgem a partir desses mesmos objetos, práticas e idéias. Aquilo, por exemplo, que chamamos de bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem.

As reflexões de Meneses serão ainda trazidas no decorrer dos capítulos que se seguirão, pois esse autor aborda temas referentes ao turismo e a museus.

Outras noções ainda do campo do turismo aqui utilizadas dizem respeito ao turismo étnico, às relações entre turismo e etnicidade e às discussões em torno da produção da autenticidade. Com relação a essa temática, cabe observar como se utilizam algumas terminologias ao longo da tese, tais como: alemão típico, culinária típica e arquitetura típica, só para citar os mais recorrentes. Entende-se que esses elementos são qualificados como típicos, autênticos, sendo fonte de significação cultural e comportando um valor simbólico. Esse é o caso do estilo enxaimel, que geralmente se trata, de fato, de estilizações²¹, muitas vezes fruto da construção a partir do ideal característico do que será o elemento cultural a ser apresentado ao turista. No decorrer deste trabalho, não se fará distinção entre o que seria o enxaimel e o que já foi denominado de “enxaimeloso”, dado que o efeito de autenticidade é o que interessa. No entanto, o contexto permitirá ao leitor a diferenciação.

Dentre as fontes bibliográficas aqui enfocadas, destacam-se três estudos, vinculados a diferentes programas de pós-graduação, em que o turismo é focado em alguns dos

²¹ Ou seja, não usado conforme a técnica do enxaimel propriamente dita.

municípios que são objeto desta pesquisa. São eles: a dissertação de Dorneles (2000), no âmbito da antropologia, que toma como objeto a cidade de Gramado, analisando seu envolvimento com o fenômeno do turismo; a dissertação de Moesch (1997), que aborda o processo imigratório e a comunicação turística; e a tese de Souza (2005), no campo da geografia, que aborda as relações entre o desenvolvimento turístico em Nova Petrópolis e São Francisco de Paula. No primeiro estudo, a Rota Romântica não é referenciada; nos outros, o é superficialmente²². Para reunirem-se dados sobre o desenvolvimento do turismo nos demais municípios, contou-se quase exclusivamente com fontes esparsas, uma vez que não há nenhuma publicação nesse sentido.

Em termos regionais, a história do turismo é referida a partir dos estudos de Flores (1993) e Moesch (1997). A seguir, faz-se uma breve referência a esses aspectos importantes para situar o contexto nacional e local ao abordar-se o desenvolvimento turístico local.

No cenário internacional, o desenvolvimento do turismo está associado ao século XIX, quando o contexto da Revolução Industrial permite a organização dos tempos sociais. O turismo surge, então, como uma modalidade de utilização do tempo livre (CORBIN, 2001).

Em termos nacionais, as ações voltadas ao turismo por parte de diferentes esferas governamentais eram resultados de ações isoladas, tal como a preocupação de preservação do patrimônio nacional, entre outras. Só na década de 1950 é que tais esferas passaram a ter uma preocupação sistemática com o turismo (CAVALCANTI, 2002). De acordo com Cavalcanti (2002), essa postura pode ser relacionada à nova face do Brasil, onde se viram a emergência das classes médias, a proliferação de rodovias e a presença da indústria de automóveis. No governo de Juscelino Kubitschek, foi instituído um organismo ligado à Presidência da República, a Comissão Brasileira de Turismo (Combratur). Em 1966, foram criados a

²² Pelo que se sabe até o presente, não há resultados de um estudo específico sobre a Rota Romântica.

Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e o Conselho Nacional de Turismo (CNTUR), o que caracterizou uma mudança na política de turismo no Brasil, tendo-se institucionalmente um espaço para o desenvolvimento do setor (CAVALCANTI, 2002). Em 1972, ocorreu em Brasília a I Reunião Oficial de Turismo, organizada pelo Ministério da Indústria e do Comércio e pela Empresa Brasileira de Turismo. Os temas debatidos demonstram o contexto inicial de institucionalização do turismo: sistema nacional de turismo e a estruturação dos órgãos estaduais do turismo.

O Rio Grande do Sul é tido como pioneiro, considerando-se o desenvolvimento do turismo em âmbito nacional. Ele foi o primeiro estado do Brasil a ter um órgão oficial de fomento ao turismo – trata-se do Conselho Estadual de Turismo (CET) e do Serviço Estadual de Turismo (SETUR), criados em 1950 (FLORES, 1993).

Na década de 1980, destaca-se o reconhecimento, na Constituição Nacional de 1988, da atividade turística como um fator de desenvolvimento econômico. A União, os estados e os municípios são colocados como responsáveis pelo incentivo ao turismo (CAVALCANTI, 2002). A década de 1990 e o presente momento têm evidenciado ações no sentido de descentralização, desenvolvimento do turismo interno e articulação entre setor público e privado, seguindo a tendência do cenário neoliberal (CAVALCANTI, 2002). Nesse contexto, a municipalização do turismo tem tido parceiros que atuam como cooperadores técnicos.

O desenvolvimento do turismo, em termos nacionais e regionais, não é tido como pano de fundo central, e sim referido para se analisarem alguns aspectos pontuais. Já o desenvolvimento turístico dos municípios que pertencem atualmente à Rota Romântica é o foco, especialmente com relação à forma como a identidade local é construída e como isso se vincula ao turismo.

2.3 Identidade local e regional e etnicidade

No campo de pesquisa que trata da identidade, interessam os estudos que enfocam identidade étnica e identidade regional, uma vez que permitem fazer perguntas e comparações, fundamentando analiticamente este estudo. Tais enfoques são importantes, pois as cidades, em muitos casos, se valem da identidade étnica e regional para marcarem sua identidade.

Neste trabalho, dá-se ênfase à identificação dos vínculos entre identidade étnica e a produção de memórias, e entre identidades locais e a promoção de diferentes atividades turísticas. Nesse sentido, deve-se analisar se há uma tendência em representar as cidades e a região da Rota Romântica como um corpo único, onde a base étnica é tomada como critério de divulgação de uma identidade unitária. Se isso ocorre, cabe verificar as exclusões e contradições.

Estudos que analisam a construção da identidade gaúcha são referenciais fundamentais, tendo-se em vista a intenção de pensar a construção das identidades locais no contexto das relações identitárias regionais. Assim, utilizam-se produções que tematizam a influência dos alemães no contexto rio-grandense, relacionando-a com a incorporação dos alemães no processo de construção da identidade gaúcha. Esse é o caso, no campo da antropologia, das produções de Oliven (1992) e Maciel (1994); no campo da história, encontram-se Pesavento (1994) e Nedel (1999, 2005). Com base nesses estudos, analisam-se as relações interétnicas.

A fim de analisar a relação entre meio urbano e rural no cenário colonial, utiliza-se como referência a tese de Bairon (1994), defendida na USP. Em vários capítulos, recorre-se a algumas análises desse autor, uma vez que ele tem como *locus* de pesquisa a região do Vale

do Rio dos Sinos. Para Bairon, a região de colonização alemã no sul do Brasil construiu uma “pseudo-unidade cultural”, projetando uma “cultura européia”. O autor, balizado por pressupostos teóricos da psicanálise cultural²³, analisa textos históricos sobre as regiões de colonização alemã e questiona as representações acerca de uma “cultura européia” que se traduziria na constituição de microrregionalidades, ou seja, uma Alemanha ou uma Itália, no sul do Brasil²⁴, que acaba por configurar uma região como homogênea culturalmente.

Outro autor que analisa a questão da pretensa homogeneidade das regiões coloniais a partir de um enfoque voltado à história política é Gertz (1993, 2005). As discussões desse autor encontram-se presentes em alguns capítulos deste estudo que versam sobre a construção de estereótipos sobre as regiões coloniais alemãs. Gertz analisa os descuidos metodológicos de uma produção acadêmica que tendem a reduzir as regiões de colonização alemã como resultado de “variáveis particularistas”, ou seja, entendendo as características da região como derivadas da variável étnica, ao invés de pensá-las a partir de “lógicas universais”. Gertz mostra como essa visão, muitas vezes própria do senso comum, em que pese a reprodução de estereótipos derivados de análises simplistas, é recorrente na imprensa e mesmo em estudos acadêmicos. Essa abordagem serve, neste trabalho, sobretudo, para precaver-se de incorrer em análises simplistas, dado que o próprio tema de estudo toma a etnicidade como foco central²⁵.

²³ Assim, ao serem apresentadas as análises desse autor, será feita referência a sua compreensão específica das terminologias em uso.

²⁴ De modo geral, as análises de Bairon (1991) restringem-se a um espaço muito local, em que a construção de “microrregionalidade” é referida como responsabilidade de um grupo situado como germanista. Essa terminologia é usada indistintamente para o século XIX e XX, ou mesmo em anos mais recentes, no sentido de um nacionalismo alemão em território brasileiro. O autor denomina o discurso germanista de “O Grande outro epopéico”. De certo modo, os referenciais teóricos utilizados pelo autor parecem não contribuir no sentido de contextualizar mais especificamente esse discurso, entendido pelo autor como monopólio de pequenas elites. A abordagem carece da consideração de agentes específicos e da circulação em diferentes contextos. A tendência do autor parece ser na direção condenatória dos discursos que buscavam produzir uma “microrregionalidade” pautada na Alemanha. Esse aspecto é analisado de modo mais específico por Gertz (2005).

²⁵ O autor, nas suas produções, opera no sentido de demonstrar o quanto associações que à primeira vista parecem legítimas são facilmente desfeitas. Para exemplificar, tem-se o integralismo derivado do germanismo, entre outros.

Não se trata de minimizar o potencial da abordagem que reconhece os grupos étnicos como objeto de estudo, mas antes ter alguns procedimentos básicos a fim de evitar a sobrevalorização do caráter étnico dos grupos.

Especificamente com relação ao conceito de identidade étnica, utilizam-se autores como Frederik Barth (1998). Esse autor representa, desde o final dos anos 60, uma orientação contraposta às abordagens tradicionais, que pressupõem que um grupo étnico corresponde à sobrevivência de tempos passados (GLAEZER, 1975). Pretende-se tomar como pressuposto que um grupo étnico não é exclusivamente definido por suas características culturais, aspecto este enfatizado pelas abordagens tradicionais que se baseiam no conceito de assimilação²⁶. Para Barth, o grupo étnico deve ser visto como uma forma de organização social cuja identidade étnica é definida pelos limites étnicos (auto-atribuição e exo-atribuição). Assim, a identidade étnica é enfocada na situação de contato com o “outro”, estando em constante reelaboração.

Alguns autores que refletem sobre a temática do nacionalismo também contribuíram nas discussões e problemáticas apontadas nos estudos das relações entre identidade local e identidade étnica, uma vez que ambas as temáticas envolvem problemas semelhantes, embora pensando-se em termos de nação. As semelhanças chegam a ponto de Eric Hobsbawm perguntar a razão de haver duas palavras (nacionalismo e etnicidade) para designar o mesmo fenômeno²⁷.

Conforme Smith (1997), nação e etnia caracterizam-se pelo senso de uma história comum, constituída por uma série de aparatos (elaboração de mitos de origem, criação de heróis, uso da paisagem como marca da identidade, entre outros) que formam, por sua vez, as "comunidades imaginárias". Essa denominação, utilizada por Benedict Anderson (1997)

²⁶ Um panorama da crítica a essas abordagens pode ser visto em Seyferth (1986).

²⁷ Apud: Poutignat; Sreiff-Fenart (1998).

quando reflete sobre a origem e difusão do nacionalismo, serve também para pensarmos sobre as tentativas de impor uma homogeneidade a grupos étnicos. Nesse sentido, vale lembrar que tanto a identidade étnica quanto a nacional não excluem outras identidades (religiosa, de classe, entre outras), como por vezes se faz parecer.

Thiesse (2002), ao analisar as imbricações entre as representações identitárias regionais e nacionais, indica o turismo como um veículo de sua difusão. Conforme o autor,

[...] a lista de elementos que uma nação digna desse nome deve possuir está bem estabelecida: ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático (THIESSE, 2002 p. 9).

Outro autor que destaca as formas pelas quais se processa a imaginação sobre a nação é Stuart Hall (2001). A partir desse autor, buscaremos discutir o modo como se dá a manutenção de identidade local frente ao contexto de globalização.

Dentre a bibliografia teórica sobre etnicidade voltada especificamente à imigração alemã, tomaram-se como referência os estudos de Giralda Seyferth (1990, 1994).

Buscaram-se também produções bibliográficas que avaliam, em diferentes âmbitos, o processo de reavivamento das manifestações étnicas. Regionalmente, considerando-se, respectivamente, os italianos e os alemães, cabe destacar os estudos de Weber (2004) e Roehe (2005). O estudo de Flores (1997) sobre a Oktoberfest também é referência nesse sentido, articulando turismo, etnicidade e “invenção das tradições”.

O tema das relações interétnicas em contexto urbano no âmbito regional é analisado por Correa (2003). Trata-se de uma produção sociológica utilizada nesta tese, considerando-se

que as cidades que formam o chamado “Mosaico identitário” desenvolvem suas expressões culturais, bem como o turismo, num cenário urbano de diversidade étnica.

Cabe fazer, ainda, observações sobre noções que serão utilizadas e que remetem à etnicidade alemã em especial. Uma primeira noção a ser pontuada é a de germanidade e de germanicidade, aqui empregada. No decorrer deste estudo, será analisada a formatação de um repertório simbólico relacionado com o processo de imigração europeia que constrói representações especialmente em torno da germanicidade. Esse termo será utilizado como preferencial frente à terminologia “germanidade” a fim de diferenciá-lo do termo associado ao nacionalismo alemão²⁸. Assim, o termo “germanicidade” servirá como referência àquilo que caracteriza algo que esteja ligado à Alemanha, servindo para funcionalizar determinada coisa com base na etnicidade, como é o caso da arquitetura étnica. No entanto, algumas vezes, referencia-se o termo “germanidade”, conotando a especificidade da germanicidade quando esta se encontra em espaços institucionais.

As considerações de Bourdieu acerca da constituição da identidade étnica ou regional podem ser estendidas também para a reflexão sobre a construção do turismo. Para o autor, as lutas a respeito da identidade étnica ou regional são caracterizadas pela “luta pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e fazer reconhecer (...)” (BOURDIEU, 2002, p.113). A construção de determinado local como turístico perpassa a força das representações.

Algumas vezes, utilizam-se autores que operam a partir da noção de identidade coletiva, como é o caso de Castells (2001).

²⁸ A concepção de uma germanidade, tradução de *Deutschtum*, consiste numa etnicidade peculiar que foi formalizada no século XIX e ancorada no nacionalismo alemão (SEYFERTH, 1994).

2.4 Patrimonialização e Memória

O termo “patrimônio” é, no presente estudo, usado como noção que não se restringe apenas ao objeto, ao bem comum em si, mas também como sua representação. O alargamento desse termo processou-se a partir dos anos de 1980, quando a idéia de patrimônio deixa de ser somente associada ao setor tradicional dos monumentos históricos, passando a levar em conta, especialmente, as políticas do patrimônio²⁹. Assim, o termo “patrimonialização” tem sido utilizado para caracterizar a relação temporal do processo de construção de determinado patrimônio. O próprio uso da noção de patrimonialização tem-se processado num contexto que corresponde a uma tendência global da “histeria do patrimônio”³⁰, marcada pelo sentimento de ameaça da perda.

O fato de a noção de patrimônio ser ampliada implicou a própria extensão dos tipos de patrimônio (natural, cultural, imaterial, urbano) (VADELORGE, 2006), cabendo uma leitura específica, de acordo com sua tipologia.

A noção de patrimonialismo interessa neste estudo na medida em que a valorização e divulgação do patrimônio estão relacionadas às construções identitárias, bem como ao turismo. Em alguns municípios, em especial, analisam-se o papel da localidade na qualificação do patrimônio e a relação do local com o turismo, considerando-se os contextos em que esse processo se opera e seus conflitos. Nesse sentido, utilizam-se como apoio estudos de diferentes autores que fazem essas discussões considerando outros contextos³¹.

²⁹ Vadelorge (2006) contextualiza como a noção de patrimônio passou a ser tomada enquanto objeto político no lócus da historiografia francesa.

³⁰ Esse contexto é identificado de diferentes formas que remetem ao mesmo sentido: “paixão patrimonial” (Guillaume), “reinvenção do patrimônio” (Bourdin), “loucura patrimonial” (Jeudy), “patrimomania” (Martin-Granel), “alegoria do patrimônio” (François Choay). (cf. GODINHO, 2006).

³¹ Frias (2006), Godinho (2006).

Entende-se que o patrimônio, mesmo quando sua justificação encontra-se na própria história, é resultado de construções, não se constituindo num dado por si só (GODINHO, 2006). Busca-se analisar os agentes que atuam na formatação do patrimônio, bem como o conjunto de suas ações, especialmente quando voltadas ao turismo e implicadas em processos de mercantilização³².

Ainda, cabe acentuar, como citou-se anteriormente, que, nesse contexto de patrimonialização, se tem a inserção do pesquisador, como aponta Weber (2004, p.2): “Somos, portanto, contemporâneos ao aparecimento de ‘tradições’ que, não obstante sua novidade, estabelecem uma continuidade com o passado, ou melhor, ‘com um passado histórico apropriado’”. Esse cenário remete às discussões acerca da memória como outra frente para abordar os elementos que constituem o processo de construção das identidades locais e sua articulação com o turismo.

Com relação à bibliografia sobre memória, buscou-se o foco em autores que abordam a memória no campo das ciências sociais, privilegiando-se estudos sobre a construção social do passado, especialmente através da produção dos seguintes autores: Jacques Le Goff (1996), Pierre Nora (1996), Pollak (1992), Eric Hobsbawm (1984,1998) e Paul Ricoeur (2000). A associação entre memória e identidade é tema recorrente na abordagem desses autores, sendo que esse também é um movimento metodológico presente no estudo aqui proposto.

A relação entre memória, história e identidade de um grupo específico pode funcionar do seguinte modo:

³² Termo esse usado aqui no sentido de conotar a promoção econômica.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...], em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...]. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 9.).

A memória é, então, entendida como resultado da gestão de determinados grupos, que podem ser considerados como os “enquadradores da memória³³”. Assim, tal como o turismo resulta de um processo de construção, como se viu anteriormente, o mesmo se dá em torno da memória. Conforme Le Goff:

De fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 1996, p.435).

É a partir desse entendimento sobre a formatação da memória que o autor chama a atenção para as implicações da visão dos documentos como portadores de verdade. Le Goff opta pela identificação do documento como monumento, o que reforça a necessidade de análise das condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 1996).

Uma vez que a escrita do passado não é monopólio do historiador, conforme discute Hobsbawm (1984), é necessário reconhecer os padrões das narrativas não-profissionais e estar atento para o fato de ambos os tipos de história terem, em seus objetos, funções políticas e sociais. Hobsbawm (1984) utiliza a idéia de “tradições inventadas”, noção trazida à tona quando o autor estuda os movimentos que se dão no âmbito do que ele denomina de “fabricação das nações”. Essa noção interessa neste estudo para identificar como a história é utilizada no sentido de legitimar determinadas ações que investem na coesão de determinados grupos (HOBBSAWM, 1997) que legitimam, assim, as tradições. Busca-se estar atento à

³³ A noção “trabalho de enquadramento da memória” é utilizada por Henry Rousso para expressar a especificidade da memória coletiva (POLLAK, 1989).

forma de “invenção das tradições”, à institucionalização de práticas tradicionais recriadas, analisando-se especialmente como isso se processou a partir do Projeto da Rota Romântica.

O contexto das reflexões desses autores é um cenário de “aceleração da história” (NORA, 1993), em que a sociedade se vê condenada ao esquecimento – mesmo contexto em que se dão as reflexões sobre patrimonialização. François Hartog (1997) identifica esse cenário como comportando “falhas do presente”, o que implica o que o autor classifica como um dos regimes de historicidade, assim caracterizado:

A economia (da mídia) do presente não pára de produzir e de consumir o acontecimento. Mas com esta particularidade: o presente, no momento em que se faz, deseja ver-se como já histórico, como já passado, voltando-se, de algum modo, sobre si mesmo e antecipando o olhar que a ele será dirigido quando for completamente passado. (HARTOG, 1997, p.14).

Esses autores são tomados como referência para analisar situações em que ocorrem processos de patrimonialização nos municípios em foco. Pierre Nora (1993) observa que, nesse contexto de “aceleração da história”, prolifera o que ele denomina de “lugares da memória”, que servem como espaços para se ancorar a memória: “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p.21). Essa noção permite uma ampliação dos espaços da memória.

A abordagem de Paul Ricoeur (1998) também é referida neste estudo. Para esse autor, a memória pode ser lida não só nos textos escritos, como também nos monumentos. Sua reflexão segue a trilha de mostrar a similaridade, a possibilidade de cruzamento da narratividade com a arquitetura. Ricoeur rompe o abismo que parece existir entre ambas, onde uma seria destinada à leitura e outra, à visibilidade. O autor afirma que a memória dos monumentos (arquitetura/construção) fala tão bem quanto a memória dos textos. Assim como a arquitetura não se limita ao espaço, a narrativa não se restringe ao texto. A memória está

presente em ambas, inscrita como testemunho, fundindo espaço e tempo através da construção da narração.

A própria promoção do turismo demonstra o alinhamento entre tempo e espaço, onde os lugares potenciais que o turista visitará – arquitetura histórica, monumentos, entre outros – não são simplesmente repositórios de outro tempo; eles sofrem, como denomina Ricoeur, o "trabalho da memória"³⁴. Nesse sentido, a cidade é envolvida por novas materialidades, construídas a partir do presente, onde espacialidades e temporalidades são reinventadas, ao passo que a memória se ajusta às necessidades de dado contexto. Essas preocupações são formas de ler os diversos meios pelos quais a cidade é inventada, construída.

Ainda, há referência a Ricoeur (2000) com relação à análise do que identifica como pragmática da memória, onde estão inscritas três formatações, referentes ao desdobramento do processo do ato de lembrar. São elas: memória impedida, memória manipulada e memória obrigada, noções que serão especificadas no contexto de sua utilização.

Em vários capítulos desta tese, serão apontadas e analisadas as formas diversas das apropriações, buscando-se os construtores da memória a fim de compreender como o passado é recomposto pela memória coletiva através de “lugares da memória”. Dentre estes, ganha destaque, neste estudo, o espaço do museu e das celebrações festivas.

No caso do museu, o foco é dado ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, por esse local, no contexto da cidade de São Leopoldo, atuar na gestão da memória ligada aos alemães. Memória e etnicidade são também noções cruzadas, dado que, em vários momentos, a memória terá como pano de fundo a prescrição dos laços étnicos. Também cabe considerar o espaço dos museus como componente da vida social, tendo o papel de ícone na glorificação de um grupo (MENESES, 1994), bem como de espaço de conflitos (MENESES, 1988).

³⁴ Termo que opta por utilizar, como ele próprio identifica, ao invés do já difundido termo “lugares da memória”.

Vinculadas à memória, abordam-se as festas também como um “lugar da memória”, que representa um momento de celebração de grupos e do passado, onde memória e identidade se articulam. Pode-se tomar o problema que Ozouf (1978) coloca, qual seja, analisar se a festa comemorativa é uma festa em que a consciência histórica se aviva e se fortifica. Ozouf (1978, p. 217) frisa que “não existe festa sem reminiscência”, sendo, por isso mesmo, importante, conforme a autora, cuidar para não se incorrer no equívoco de entender que o passado celebrado é tomado por aquilo que é. Também utiliza-se as análises de Villarroya (1992) dada a sua abordagem sobre as relações entre festa e sociedade. Em especial, o foco é dado às comemorações do 25 de Julho, data que marca a imigração alemã no Rio Grande do Sul em São Leopoldo, além de se considerarem outras festas no cenário urbano dos municípios em questão. Como questões a serem analisadas nessas celebrações, destacam-se: a forma como o passado se faz presente, os conflitos, a relação de projeção identitária (para fora, para dentro) e os elementos centrais das festas e suas contradições com o presente. Utilizam-se para a análise dessas questões, em especial, autores que trabalham com festas étnicas.

Outros aspectos teórico-metodológicos serão discutidos pontualmente ao longo do texto.

3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E TURISMO INCIPIENTE EM SÃO LEOPOLDO DÉCADAS DE 1920 a 1970

3.1 Identidade e memória na cidade “berço da imigração alemã”

Em 1924, a cidade de São Leopoldo, localizada ao norte de Porto Alegre, é colocada em evidência no Rio Grande do Sul. Esse momento pode ser tomado como fundador da memória para a municipalidade de São Leopoldo.

Naquele ano, comemoraram-se os 100 anos de imigração alemã no Estado. A partir de 1924, o dia “25 de Julho”, como data que marca a chegada da primeira leva de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul (Província de São Pedro do Rio Grande), na então fundada Colônia de São Leopoldo, hoje município de São Leopoldo, passou a ser motivo de comemorações. Localmente, as formas de festejo contribuíram para a cristalização da imagem da cidade relacionada à presença dos imigrantes alemães.

A preparação dessa comemoração ganhou um significado especial: São Leopoldo, “berço da colonização alemã”, deveria, mais do que nunca, mostrar-se. A intenção sempre destacada no início, de comemorar o Centenário da fundação de São Leopoldo, foi ganhando amplitude à medida que se percebia que o fato local possuía um caráter geral, ou seja, o início da colonização alemã no Estado. Então, a comemoração passou a ser concebida não apenas

como um acontecimento local. São Leopoldo, enquanto ponto demarcatório da colonização alemã, preocupou-se em ser o ponto de convergência dos olhares.

Desse modo, a identidade local foi sendo construída a partir de um conjunto de representações estruturadas por políticos, clérigos, industriais, comerciantes e intelectuais, ou seja, diferentes segmentos que buscaram brechas para a inclusão de seus símbolos, para a defesa de interesses pessoais ou institucionais. A unidade da maior parte das diferentes comissões é dada pela origem étnica alemã de seus componentes. Sem dúvida, devido ao próprio objeto a ser celebrado, aquele foi um momento de manifestação da identidade de imigrantes alemães e de seus descendentes.

Na primeira reunião em função dessa comemoração, um dos pontos de discussão foi a data em que o Centenário seria comemorado. Dentre as propostas, estavam os seguintes marcos: a chegada do primeiro grupo de imigrantes (25 de julho), a publicação da portaria imperial que dá o nome de Colônia de São Leopoldo à localidade (22 de setembro), a visita do Visconde de São Leopoldo. Por indicação de Ernesto Rotermund, empresário e integrante da comissão central, foi escolhido o dia 22 de setembro, uma vez que julho não era uma boa época devido à possibilidade de frio, chuvas e temporais. Mesmo assim, no dia 25 de julho, houve comemorações em nível local.

As comemorações do Centenário ensejaram realizações significativas para São Leopoldo. Em maio de 1924, o jornal *Deutsche Post* noticiou que, no ano do Centenário, a intendência municipal estava preocupada em “embelezar a cidade” para os festejos. Ruas e calçadas tiveram atenção especial, assim:

A rua Bento Gonçalves mereceu grandes reformas e o acesso à *Turnhalle*³⁵ foi totalmente renovado, permitindo ao pedestre, mesmo com chuva, alcançar a sede da Sociedade Ginástica, o que até então era impossível.

³⁵ Ginásio esportivo. No texto, refere-se à Sociedade Ginástica.

Mas não era só o barro que dificultava o acesso à Sociedade Ginástica [...]. Havia também o obstáculo do arroio que, vindo da parte sul da cidade, obstruía a passagem de um lado para outro. Na interseção das ruas São Joaquim e Conceição, o arroio se aprofundava [...]. Na escuridão da noite, com a falta de iluminação elétrica, depois de um baile, quando foram bebidas algumas garrafas a mais de cerveja, imagine-se a “ginástica” de certas pessoas para não errarem os passos nessa estreita ponte.³⁶

O evento motivou um olhar para diversos aspectos urbanos da cidade, como destacam as edições do referido jornal naquele ano. “Atestar o progresso” de São Leopoldo era a tônica da maior parte das propostas presentes naquele momento, reafirmada em ofício enviado pela comissão dos festejos ao Conselho Municipal:

Excusamo-nos de justificar o programa elaborado, no qual predominou a idéia de festejar o centenário, de preferência, por meio de obras duradouras, de utilidade geral e incontestável, as quais, melhor que o bronze, o mármore e o ruído de festas aparatosas atestarão o progresso realizado nos primeiros cem anos de nossa existência e darão prova cabal das nossas forças econômicas e morais.³⁷

Projeção de praça e hospital, construção de monumento em homenagem à imigração alemã, escolha dos heróis representativos da história local. Muitas dessas criações passaram a ter função simbólica e ritual presente até hoje, assim como a própria comemoração do 25 de Julho.

Imprensa e produções textuais, ao lado do cimento e do mármore, também muito contribuíram para o que pode ser identificado como “trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLACK, 1989, p. 4). Na imprensa da capital, em julho de 1924, o assunto chegou a ocupar página inteira, já anunciando os festejos de setembro³⁸.

³⁶ Cf. ROTERMUND, Guilherme. A “Festa do Apito” e a urna feita por índios. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, abril de 1974, p. 35. No ano de 1974, as edições dessa revista, por ocasião do sesquicentenário da imigração alemã, destinaram um espaço para o referido autor traduzir e comentar algumas notícias das edições de 1924 do jornal *Deutsche Post*.

³⁷ Esse ofício de outubro de 1923 é assinado por Frederico Wolffenbüttel, Arthur Ebling, Jacob Kroeff Netto, Leopoldo Petry, Julio Kunz e Carlos Octaviano de Paula. Seu objetivo é a solicitação de verbas para a execução do programa dos festejos.

³⁸ É o caso do Jornal *A Federação*, Porto Alegre, 25 jul. 1924, que contém informações sobre os festejos, bem como sobre aspectos históricos da imigração alemã.

Neste mês, a cobertura do evento foi intensificada, e São Leopoldo foi foco de atenção. A fonte utilizada pelos jornais para descrever a cidade foi o livro de Leopoldo Petry³⁹ publicado em 1922. A imprensa local, por sua vez, inaugurou a publicação de suplementos especiais e edições comemorativas, destacando o progresso de São Leopoldo.

Nesse contexto, observa-se uma retomada do passado, expressa por vários eventos organizados e outros testemunhos da época. Foi organizada uma exposição de cunho histórico. João Correia, intendente local, entrou em contato com o presidente da Província, Borges de Medeiros, a fim de conseguir a contribuição do Arquivo Público para a exposição histórica do município de São Leopoldo, programada para os festejos de setembro de 1924. Borges, dando aval ao pedido, designou para a tarefa Eduardo Duarte⁴⁰, secretário do Arquivo Público, que foi ao município munido de documentos relativos à imigração alemã (DUARTE, 1946). A exposição, instalada no salão nobre da Intendência Municipal, não ficou apenas sob a responsabilidade de órgãos públicos. Os munícipes doaram vários documentos, seguindo o apelo de jornais locais.

Nas comemorações que se realizaram no mês de setembro, a cidade recebeu várias excursões de trens. Contabilizou-se que 30.000 passageiros tenham utilizado o transporte nos três dias de comemorações.

Borges de Medeiros, presidente do Estado, participou das festividades na inauguração de uma exposição municipal de cunho industrial no distrito de Novo Hamburgo, aonde proferiu um discurso que destacou as “qualidades intrínsecas” dos descendentes de alemães, que não foram abaladas pelo meio americano (DUARTE, 1946, p. 96).

³⁹ Leopoldo Petry ocupou o cargo de Secretário da Intendência e também foi coletor estadual no distrito de Novo Hamburgo. Em 1927, quando esse distrito se emancipou de São Leopoldo, assumiu o cargo de intendente.

⁴⁰ Duarte organizou um livro sobre o Centenário da imigração alemã que apresenta os eventos em o Estado e, em especial, no município de São Leopoldo. Esse estudo foi publicado em 1946.

Tanto os discursos quanto os rituais festivos contribuíram para a seleção da Alemanha como a “mãe-mítica”, uma “pátria-mãe” da cidade de São Leopoldo. A construção dessa “pátria-mãe” garantiu naquele momento a possibilidade de dar unidade à comunidade local, que se via num momento de modernização que não atingia a todos. Outro aspecto presente nesse cenário foi a confluência entre passado e presente como aspectos do processo de demarcação de uma identidade local.

Nas décadas de 1920 e 1930, São Leopoldo encontrava-se no auge de um processo de modernização que vinha se configurando desde os finais do século XIX. Conforme Paul Singer (1968), São Leopoldo vai ocupar um papel central ao exportar seus produtos, reanimando o comércio de Porto Alegre, de forma mais intensa a partir da década de 1870. Nesse contexto, conforme o autor, configura-se:

[...] a passagem da hegemonia econômica do sul para o norte, do latifúndio para a pequena propriedade, da pecuária para a lavoura. [...] A capital volta a tornar-se o grande centro econômico do Estado.
[...] absorve produtos, capitais empreendedores das colônias e por isso pode ser denominada com justiça (neste período) de cidade dos alemães (SINGER, 1968, p.164;167).

O Rio dos Sinos era o principal elo de comunicação com a capital do estado. A navegação fluvial contava com um tráfego considerável, escoando diferentes produtos e contribuindo para o desenvolvimento da colônia (ROCHE, 1969).

A sede do município também estava ligada a Porto Alegre por via férrea desde 1874, sendo essa a primeira via férrea rio-grandense⁴¹. Essa ligação favoreceu o desenvolvimento do comércio e, mais tarde, da indústria, bem como a expansão urbana de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

⁴¹ A ligação estende-se, em 1876, a Novo Hamburgo; em 1903, até Taquara, atingindo seu ponto final em Canela em 1924 (conf. ROCHE, 1969).

Em 1924, São Leopoldo dividia-se administrativamente em oito distritos⁴², cuja população totalizava, conforme dados do censo de 1922, 47.501 habitantes, ocupando o 2º lugar em densidade demográfica depois de Porto Alegre⁴³.

Na década de 20, a cidade contava com:

353 atafonas, 59 moinhos e engenhos de beneficiar arroz; 29 alambiques; 22 fábricas de conservas; 261 estabelecimentos comerciais; 140 estabelecimentos para preparo do couro e seus derivados; 12 fábricas e fundições de metais; 12 fábricas de azeite; 8 de sabão; 1 de pregos; 1 de fósforos; 8 de cola, 6 de café; 27 de bebidas; 5 de louças; 74 de móveis; 11 depósitos de materiais; 34 serrarias; 30 olarias; 5 oficinas mecânicas; 23 funilarias; 1 livraria, etc. etc.⁴⁴

A organização dos comerciantes locais permitiu a criação, em 1920, de uma associação comercial, constituída por 35 estabelecimentos.

Roche constata também a elevação de “empresas alemãs” em diversas colônias alemãs do estado em 1924. Essas empresas ocupavam o primeiro lugar na transformação dos produtos agrícolas e na alimentação. Na indústria do couro, também houve a preponderância dos estabelecimentos de alemães: “fornecendo São Leopoldo, então, 55% dos calçados fabricados no Rio Grande do Sul” (ROCHE, 1969, p. 512). Também houve destaque no setor de metalurgia.

Paralelamente com esse desenvolvimento, deu-se o declínio da produção agrícola no período. Isso foi analisado por Roche (1969), que tomou como base os cinco principais produtos produzidos: mandioca, milho, batata inglesa, feijão e cana-de-açúcar. Essas alterações também foram apontadas por Pellanda (1925, p.194):

⁴² 1º (Sede) São Leopoldo, 2º Novo Hamburgo, 3º Bom Jardim, 4º Dois Irmãos, 5º Sapiranga, 6º Lomba Grande, 7º Sapucaia e 8º Boa Vista do Herval (Conf. PETRY, 1966).

⁴³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 jul. 1924.

⁴⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 jul. 1924, dados do recenseamento de 1922.

A tendência atual de São Leopoldo é toda para a pecuária, principalmente para a criação de suínos, motivo porque grande número de lotes coloniais é apenas cultivado com forrageiras, e daí a pequena produção de feijão e até mesmo de batata inglesa. O cansaço da terra por uma produção de 100 anos tem causado também regular emigração para as novas colônias e há cerca de cinqüenta anos os descendentes dos colonos leopoldenses constituem quase sempre o melhor núcleo das novas colônias [...].

Nesse período, a produção artesanal, que havia prosperado quando as colônias desenvolviam a produção de subsistência e vendiam os excedentes, desestruturava-se. Esse processo ocorreu a partir do desenvolvimento da agricultura comercial e do aumento da capacidade aquisitiva externa por parte do colono, que passa a adquirir produtos manufaturados do exterior, aniquilando o artesanato.

Apesar de o quadro de sucesso econômico não atingir o município de forma homogênea, a sua história, por ocasião das comemorações do Centenário da imigração, foi “resumida”, construindo-se a memória do sucesso do grupo ligado aos alemães como uma unidade. É importante considerar que esse evento festivo ocorre após um contexto desfavorável às manifestações étnicas ligadas aos alemães e seus descendentes.

Localmente, há uma empolgação frente às eleições municipais, depois de um longo período de intervenções. Tratava-se de um período pós-Primeira Guerra e da ação da política de nacionalização. A cidade, depois de governada por um descendente de alemães, Guilherme Gaelzer Neto, durante quatorze anos (1902-1916), passou a ter como intendentess pessoas desconhecidas do meio local. Gabriel de Azambuja Fortuna, então Diretor da colônia de Passo Fundo, foi nomeado intendente provisório para São Leopoldo, ficando por três anos no governo e sendo substituído posteriormente por Mansueto Bernardi, secretário particular de Borges de Medeiros (GERTZ, 2002).

O reconhecimento da pujança econômica das regiões de colonização alemã teve seu auge na década de 1930. Em 1934, o 25 de Julho foi instituído como feriado estadual no

governo estadual de Flores da Cunha. São Leopoldo teve um papel importante nessa solicitação, uma vez que as tratativas que levaram à instituição do feriado se deram a partir da influência de um grupo local denominado “Comissão Pró-25 de Julho”.

Duas obras que foram lançadas naquela década homenageiam São Leopoldo: *O patriótico governo do Gen. José Antonio Flores da Cunha: O trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, de Antonio Soveral, e *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, obra de Aurélio Porto. Esta última foi editada em Porto Alegre pela Est. Gráfica Santa Terezinha em 1934, tendo sido recentemente reeditada em uma edição fac-similada⁴⁵. Consiste num estudo monográfico sobre São Leopoldo – do processo de povoação até sua municipalização –, e não por mera coincidência o penúltimo capítulo destaca a administração de Theodomiro Porto da Fonseca, tio do autor. Theodomiro encomendou o referido trabalho a Aurélio Porto, historiador com larga produção já na década de 1920⁴⁶, tendo também desempenhado atividades político-partidárias; dentre elas, ocupou o cargo de diretor do Partido Republicano e de intendente, por nomeação de Borges de Medeiros.

Em *O patriótico governo do Gen. José Antonio Flores da Cunha: O trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*, os elogios constantes à “laboriosa raça alemã”, junto ao relato dos principais feitos do governo de Flores da Cunha e ao patrocínio de munícipes, em grande parte, de Porto Alegre, São Leopoldo e Taquara, não são isentos de interesses. A adesão a Flores da Cunha e a proximidade das eleições municipais de 1935 parecem confirmar esse fato.⁴⁷

⁴⁵ Edição da Martins Livreiro, de 1996, que é a utilizada neste estudo.

⁴⁶ Entre seus trabalhos, há estudos monográficos de outros municípios – Cachoeira do Sul (1910), Garibaldi (1916) e São Sepé (1930).

⁴⁷ Não há indicação, no livro, da data exata de sua publicação. Alguns dados do texto permitem inferir que a edição foi feita após 15 de setembro e antes das eleições.

Em ambas as obras, o enaltecimento do “trabalho alemão” tem um caráter particularista e funções políticas específicas, não consistindo em uma manifestação da etnicidade teuto-brasileira na maior parte dos escritos, mas contribuindo para sua afirmação.

Nesse momento, acentua-se a importância do elemento colonial:

Assim, chegados para realizar uma agricultura com base na pequena-propriedade familiar, sem estarem ligados às atividades campeiras, os colonos viram-se relegados a uma situação de inferioridade. [...] Com a república, ocorreu uma aliança entre setores pecuaristas e setores coloniais garantindo a hegemonia da pecuária. Mas a decadência desta (processo iniciado no final do século XIX e acelerado após 1930) muda o quadro político com as áreas coloniais assumindo cada vez mais peso e os descendentes de imigrantes assumindo posições de poder (MACIEL, 1994, p.40-41).

Assim, parecem ser propícios dois atos do governador Flores da Cunha: a decretação do feriado de 25 de julho em 1934, quando da comemoração dos 110 anos de imigração alemã, e o reconhecimento oficial do “trabalho alemão” na comemoração do Centenário da Revolução Farroupilha em 1935, quando foi prestada uma homenagem à contribuição teuta. Conforme Pesavento (1994, p.206), “1935 foi um momento ápice de consolidação do imaginário sobre o Rio Grande, com a incorporação dos alemães aos valores da gauchidade”.

As relações de simpatia devem ser vistas, sobretudo, tendo-se em conta as relações econômicas entre Brasil e Alemanha. Gertz (1987) afirma que, na década de 1930, as relações econômicas entre Brasil e Alemanha melhoram significativamente, fato que se reflete na política. Em nível nacional, a relação do governo com as colônias das grandes cidades é interpretada pelo autor também como reflexo daquelas relações.

As relações amigáveis entre o governo do Rio Grande do Sul e a população teuta não eram descabidas diante do cenário nacional. Também nesse momento o governo de Vargas estabelece boas relações tanto com as regiões colonizadas por imigrantes alemães quanto com

o governo alemão (GERTZ, 1987, p.65). Diferentemente de Santa Catarina, onde as relações do governo estadual com a população teuto-brasileira ficaram mais tensas a partir de 1930, no Rio Grande do Sul, a Campanha de Nacionalização não havia sido vivenciada⁴⁸.

3.2 Contexto da nacionalização

A primeira impressão frente ao tom elogioso, da parte de lideranças políticas, aos teutos-brasileiros na década de 1930 é de que esse sentimento era generalizado. Não importa tanto ver se assim era, mas antes destacar que os elogios presentes em diversos momentos, especialmente nos eventos comemorativos da imigração alemã, não estiveram alheios às discussões políticas nacionais relativas à identidade nacional. Discursos dirigidos à comunidade étnica dos teuto-brasileiros continham um tom disciplinador, pois estes eram freqüentemente denominados como ordeiros, obedientes. Outro aspecto recorrente nos discursos é o incentivo à assimilação dos alemães. A própria conclusão do livro, encomendado pelo governo estadual e organizado por Ernesto Pellanda para homenagear o Centenário da colonização alemã, bem caracteriza isso:

Que sirvam estas linhas finais do nosso trabalho para desfazer a animosidade injustificável que inda existe contra o colono alemão e seus descendentes no espírito retrógrado de uma insignificante minoria de riograndenses, influenciados quiçá, pela condenável e absurda campanha nacionalista que vai por outros pontos do país (PELLANDA, 1925, p.194).

Frente a possíveis críticas e ao clima tenso, não só os alemães e descendentes apontavam a assimilação, demonstrando o progresso advindo dos seus empreendimentos; também tinham como defensores o próprio discurso oficial, representado, nesse caso, pela fala de Pellanda, que condena o tratamento dado a quem designa de “colonos alemães e seus descendentes”. O discurso de incorporação à nacionalidade, em que elementos da comunidade

⁴⁸ Conforme Gertz (1991), no Rio Grande do Sul, a Campanha de Nacionalização irrompe com o Estado Novo.

étnica alemã buscam identificar-se como “brasileiros”, está presente mesmo antes da nacionalização da década de 1930⁴⁹.

Há, porém, paralelamente à comemoração do “sucesso”, um sentimento anti-alemão que levava a uma postura de defesa visível nos discursos. A ideologia do “perigo alemão”⁵⁰ não se havia desfeito no pós Primeira Guerra Mundial e, inclusive, vai ser um dos pilares do nacionalismo. Nesse sentido, conforme Gertz (1991, p.63):

Germanismo, nazismo, integralismo, forneceram a justificativa para a ação estatal conhecida como “campanha de nacionalização”. A idéia não era nova. Os germanistas, desde a década de vinte, e sobretudo a partir da revolução de 1930, alertavam para a ascensão de tendências que chamavam de “nativistas” e que se voltavam contra tudo o que fosse “estrangeiro” e não se enquadrasse na tradição portuguesa ou luso-afro-indígena.

O Regime autoritário que se instituiu em 1937, denominado Estado Novo, instituiu uma política nacional cuja base estava na ideologia de que o Estado e a nação constituíam uma unidade indissolúvel. Nesse contexto, foram instauradas políticas que visavam, em curto prazo, à homogeneização da identidade nacional. Inicialmente, as escolas foram alvos dessa política, com o objetivo de se nacionalizar o ensino (KREUTZ, 1991). Outra medida foi a integração econômica das regiões coloniais (ROCHE, 1969).

⁴⁹ Uma campanha de nacionalismo foi operada no contexto da Primeira Guerra Mundial, sendo que teve maior repercussão na área urbana (RAMOS, 2000). Gertz (2002) analisou as ações nacionalizadoras no cenário político de São Leopoldo; Ramos (2000), no cenário cultural relativo a sua implementação nas sociedades ligadas a expressões culturais de alemães. Nesse contexto, quem estava no governo local era Gabriel de Azambuja Fortuna. Conforme Ramos (2000), as ações nacionalizadoras deram-se de dois modos: “[...] um, de abrasileirar o que estava em alemão (nomes de localidades, fala, registros escritos...), outro, de marcar com festas as datas cívicas brasileiras. Para as ações do primeiro tipo, nas quais o Intendente contava com o apoio local da Liga de Defesa Nacional, tomamos como exemplo a campanha de nacionalização empreendida nas sociedades alemãs de São Leopoldo”. Essa associação foi fundada em âmbito nacional em 1917, tendo como funções previstas em seu estatuto: “O fim da associação é congregar todos os brasileiros [...], para o alto escopo de defesa da Pátria e reação a quaisquer elementos, estrangeiros ou nacionais, que tendem [...] a deprimir a nacionalidade brasileira ou prejudicar seus interesses, no atual conflito que nos foi imposto pela pirataria do Governo Alemão, inimigo da Pátria [...]”. A Liga propunha a propaganda pela nacionalização e a extinção de sociedades de caráter recreativo, esportivo ou religioso que deixassem transparecer influência “germangeira”, entre outros.

⁵⁰ O “perigo alemão” serve para designar a campanha que se estendeu de meados do século XIX até a Primeira Guerra, frente a supostos interesses imperialistas da Alemanha (GERTZ, 1991).

Localmente, esse foi o momento em que a cidade de São Leopoldo passou a ser desdita na forma como era representada até então. Se, desde 1924, o 25 de Julho servia para representar a cidade com o progresso resultante do trabalho da população imigrantista, agora a data passa a ter outros sentidos. Em 1942, na véspera da passagem do 25 de Julho, o *Correio de São Leopoldo* veiculou uma edição especial que contou com aproximadamente 45 páginas, nas quais não há referência à data. Na capa da edição, consta: “São Leopoldo, o seu progresso e suas imensas possibilidades”. Abaixo desse dizer, há uma foto do governante local, Theodomiro Porto, lendo-se, em seguida: “Inauguração de nova e intensa fase de progresso”⁵¹. Estabelecimentos industriais e comerciais de vários distritos aparecem nessa edição. Não era mais comemorado o “trabalho alemão”, mas sim o progresso da cidade, ligado ao administrador Theodomiro Porto. Ou seja, o progresso, que já existia, desvincula-se do “alemão”.

De forma geral, nos anos pós 1937, observa-se a supressão das comemorações do 25 de Julho, e, mesmo quando a passagem da data era lembrada, a ela era atribuído outro sentido. Tratava-se de comemorar o progresso local promovendo-se a administração municipal, aspecto também presente nas comemorações anteriores, porém sempre associado ao elemento germânico⁵². Conforme Seyferth (1990), o “trabalho” consiste num dos símbolos de identificação étnica mais utilizados que seguem um critério de ordem econômica. A autora afirma: “nesse caso, o que está por trás da concepção etnocêntrica do ‘alemão’ é a idéia de uma superioridade étnica que se evidenciaria pela ‘capacidade de trabalho’, ou seja, um indivíduo de origem alemã herda uma capacidade de trabalho geneticamente concebida” (SEYFERTH, 1990, p.92). Essa concepção é uma forma de o elemento teuto marcar sua diferença com relação a outros grupos, em especial o do “caboclo brasileiro” (SEYFERTH,

⁵¹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 23 jul. 1942.

⁵² Seyferth (1989) analisa como a idealização do “trabalho alemão” foi elemento importante da ideologia étnica dos teuto-brasileiros no contexto do final do século XIX e meados do século XX.

1990). Assim, a recorrência de discursos que remetem ao “trabalho alemão” deve ser enquadrada enquanto estratégia discursiva de afirmação⁵³. Com a nacionalização e o contexto de guerra, o discurso passa a ser outro⁵⁴, e o progresso da cidade, antes de tudo, deveria ser atribuído à administração municipal, que tinha como liderança Theodomiro Porto da Fonseca, governante local que atuou ao longo dos anos anteriores no sentido de cooptar o apoio dos “alemães”⁵⁵. O 25 de Julho poderia simplesmente não mais constar no calendário festivo, no entanto, a opção foi reapropriá-la, de modo que as representações anteriores fossem reelaboradas, mantendo-as sob controle.

A municipalidade, que, em muitas ações no contexto do Centenário da imigração e ao longo dos anos de 1930, se colocara como guardiã da memória dos colonizadores alemães, deixou essa posição. Pode-se dizer que uma última ação nesse sentido foi a compra de uma casa que abrigou lusos e escravos a partir de 1788 até 1824, a denominada Casa da Feitoria Velha. Essa casa foi construída sob a orientação de Moraes Sarmiento, inspetor da Feitoria do Linho Cânhamo, primeiro estabelecimento situado na região, antes de ser fundada a Colônia de São Leopoldo. Em 1824, os primeiros imigrantes alemães foram ali abrigados. Depois de essa propriedade passar por diferentes proprietários, foi adquirida pelo Sínodo Rio-Grandense (Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul) e pela Sociedade União Popular do Rio Grande do Sul (MÜLLER, 1984). Conforme Müller (1984), o objetivo dessa aquisição era preservar a

⁵³ Seyferth (1990, p.91) constata que o “mito do imigrante trabalhador” é reforçado por pesquisadores que apontam o trabalho imigrante como uma das contribuições mais significativas. Conforme a autora, como contraponto, havia os brasileiros, definidos como “avessos ao trabalho”. Weber, Regina (2004), além de constatar, tal como Seyferth, a presença do reforço do mito no campo científico, propõe que se opere com a idéia de “empreendedorismo”, ao invés de usar-se, como é recorrente, a vaga noção de “ética do trabalho”.

⁵⁴ Parece surgir o discurso da valorização do trabalho, presente a partir do Estado Novo, enquanto atribuição de uma classe trabalhadora brasileira (WEBER, 2002; GOMES, 1988).

⁵⁵ Porto ocupou dois mandatos, ficando no cargo de Prefeito entre 1928 e 1944, portanto, em dois momentos distintos com relação ao contexto internacional, o que se refletiu em suas ações. Theodomiro devolveu ao governo alemão a condecoração que recebera da Cruz Vermelha de Berlim em função da “exposição em homenagem ao trabalho alemão no Rio Grande do Sul”, ocorrida em seu governo em 1934. Na carta que o prefeito enviou em 17 de março de 1942 ao Ministro do Exterior, Osvaldo Aranha, explicou sua atitude: “Não a posso, como bom brasileiro, conservar, sem constrangimento dalma, em meu poder – hoje, em que os nazistas da Alemanha eliminam vidas e afundam navios brasileiros [...]” (*Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 21 abr. 1942).

casa pelo seu valor histórico. Em 1939, foi feita uma avaliação dos custos de uma reforma devido ao precário estado da construção. Os proprietários, sem condições financeiras de levar avante uma intervenção no prédio, decidiram transferi-lo para a municipalidade através de um termo de transferência que envolvia várias cláusulas referentes à restauração e à posterior criação de um museu dedicado à história da imigração alemã no estado (MÜLLER, 1984). A reforma foi realizada, no entanto, a idéia da instalação do museu não foi efetivada, “[...] embora chegasse a constar numa relação de museus brasileiros” (MÜLLER, 1984, p.15).

O Relatório sobre a aquisição da dita casa informa:

Com o propósito de aproveitá-la para instalação de uma aula municipal e um museu histórico, reconstruímos totalmente o tradicional prédio da Feitoria Velha [...]. Com isto, pensávamos também preservar um monumento histórico, atendendo mesmo a determinações do Governo Federal. Para tanto, visitou São Leopoldo, em 1940, o dr. Paulo Barreto, técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, do Ministério da Educação, e que inspecionou as ruínas do aludido edifício, juntamente com altas autoridades estaduais.

E como esse imóvel pertencesse a entidades particulares, tratamos de adquiri-lo, bem como os terrenos circunvizinhos para formação de um parque, [...].

Presentemente, é objetivo deste governo converter esse edifício e a área de terras adquirida num Patronato Agrícola [...].⁵⁶

O relatório, não sabemos se para evitar que o ato fosse interpretado diferentemente ou se por simples esclarecimento, frisou o processo de aquisição do prédio da Feitoria Velha, realizado em conjunto com o governo federal e com “altas autoridades estaduais”, seguindo os ditames do governo federal, que criou no Estado Novo o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No entanto, o passado a ser exaltado pelos envolvidos na “restauração” do prédio não esteve ligado aos primeiros povoadores do local, ou seja, os africanos que para lá foram na condição de escravos e os lusos. Isso é perceptível no fato de o prédio de arquitetura lusa ter sido modificado para o estilo enxaimel. É significativo lembrar que, um ano depois da

⁵⁶ *Relatório* de 1941 apresentado ao Exmo. Sr. Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal, pelo prefeito Theodomiro Porto da Fonseca. Porto Alegre, Of. Gráf. da Livraria do Globo, 1942.

inauguração da Casa da Feitoria, se encontra registro de moradores que encobriam o estilo enxaimel, que indicava a presença de alemães em determinada morada⁵⁷. A “restauração” da casa pode ser referida como um último momento em que a municipalidade se coloca como guardiã da memória da comunidade étnica alemã, num período já tenso.

Em 25 de julho de 1941, o prédio foi inaugurado; no entanto, o contexto nacional não permitiu as apologias ao elemento germânico, apesar da data de inauguração. Festejou-se antes o progresso da cidade, e pouco se falou do colonizador. O contexto da nacionalização marcou também outros aspectos do ato. Mesmo quando os heróis locais selecionados foram lembrados, houve a necessidade de demonstrar o quanto eles foram fiéis ao Brasil. Assim, Hillebrand⁵⁸ foi lembrado como o “brasileiro de coração e de atividade nacionalizadora”, como também o Visconde de São Leopoldo, Presidente da Província quando os primeiros imigrantes chegaram. José Feliciano Fernandes Pinheiro foi homenageado como o nacionalizador que “incompatibilizou-se com seus patrícios alemães porque desejava que eles falassem a língua brasileira”⁵⁹.

No ano de 1942, o rumo dos acontecimentos internacionais tornam mais distante a possibilidade de redutos ligados a descendentes de alemães ou mesmo de a municipalidade comemorarem o 25 de Julho, que servia para afirmar a identidade local de São Leopoldo. Conforme Gertz (1991, p.68), “a repressão [...] se generaliza e brutaliza em 1942 com o afundamento dos navios brasileiros e a declaração de guerra entre Brasil e Alemanha”.

É a partir daí que a identidade local, sempre pautada pelo marco étnico da colonização alemã, deixa de ser bem-vinda, e é preciso apagar a memória local. Símbolos da

⁵⁷ *5 de Abril*, Novo Hamburgo, ago. 1942.

⁵⁸ Nascido em Hamburgo em 1800, veio ao Brasil e, em 1824, instalou-se em São Leopoldo, tendo passado cerca de 60 anos entre os colonos, exercendo a atividade de médico, autoridade policial, comandante de legião, conselheiro e diretor da colônia (DUARTE, 1946, p. 78-79). Desde 1924, Hillebrand foi motivo de culto local: sua efígie foi colocada no monumento em homenagem à imigração; seu túmulo foi reformado; nos festejos do 25 de Julho, fazia-se romaria ao seu túmulo.

⁵⁹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 2 ago. 1941.

identidade local antes utilizados para propagandear a cidade, seja em postais ou em edições comemorativas, eram agora depredados.

No dia 12 de março daquele ano, o Monumento ao Imigrante, localizado na Praça Centenário, foi depredado em protesto ao bombardeio pela Alemanha do navio brasileiro denominado Cairú. Conforme noticiou a imprensa, o povo decepou a cabeça da estátua que simbolizava o colono alemão e tirou a inscrição em língua alemã “DEN VÄTERN ZUM GEDÄCHTNIS” – “Em memória de nossos antepassados”. Conforme noticiou o *Correio do Povo*:

A polícia imediatamente correu ao local, dispersaram-se os manifestantes, que a esta altura já subiam aos milhares, enchendo literalmente a praça Centenário.

Passando algum tempo, voltam os populares à praça e retiram o resto da estátua, e, depois de arrastá-la vários metros em direção à ponte que ali existe sobre o rio dos Sinos, despencaram-na por uma das amuradas aos gritos de “Viva o Brasil” e “Abaixo Hitler e o nazismo”.

Após esse ato que desabafou [...] a revolta popular, os manifestantes separaram-se em perfeita calma, não tendo havido o menor atrito pessoal⁶⁰.

Conforme o jornal local⁶¹, que não descreveu em detalhes o ocorrido, houve manifestações “que verberaram os criminosos atos de pirataria da marinha germânica”. O jornal da capital informou que, entre os manifestantes, havia grande número de mulheres e crianças, que, por sua vez, eram os mais exaltados⁶². Nos dias que se seguiram ao episódio, o jornal local informou que, em repúdio ao afundamento de navios brasileiros, haveria um comício organizado pelo núcleo local da Liga de Defesa Nacional⁶³. Nesse comício, o representante da Liga informou que esta havia encaminhado uma moção ao prefeito,

⁶⁰ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 mar. 1942.

⁶¹ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 21 mar. 1942.

⁶² *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 mar. 1942.

⁶³ Nesse contexto, esse núcleo era presidido pelo Cap. José Ribamar de Miranda. A comissão de propaganda do núcleo era formada por: Germano Hauschild, João B. Kieling da Costa, Frederico Correa e Rudy Petry, que trabalhavam na obtenção de “sócios redimidos”. Dentre as firmas locais inscritas na Liga, citamos: Steigleder Irmãos, C. Roberto Sewald & Hoefel, Justo, E. Daudt, Amadeu Rossi, Weinmann, João F. Feldmann. Cf. *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 14 mar. 1942.

propondo que, no lugar onde existia a estátua do colono, fosse levantada “a figura invulgar e gloriosa do marujo nacional, como homenagem perene e duradoura às vítimas dos bárbaros torpedeamentos [...]”⁶⁴. Foi sugerida uma coleta popular para custear o novo símbolo. A identidade da população deveria ser construída na mesma cadência da identidade da cidade, de modo que o cenário urbano também deveria ser reestruturado. Pode-se tomar uma constatação de Knauss (1999) quando este estuda as imagens urbanas do Rio de Janeiro:

Ao longo da história, diferentes grupos sociais, em diferentes circunstâncias, puderam intervir no ambiente urbano mediante a colocação ou atribuição de caráter histórico e artístico a uma peça urbana. Além disso, a partir dessa intervenção, os cidadãos ressignificam os diversos territórios de seu cotidiano e constroem a sua identidade com a cidade (KNAUSS, 1999, p.7).

Assim, de forma mais intensa, a partir de 1942, a memória e identidade local construída até então deveriam ser revistas. Numa edição de um jornal local, aparece uma foto da praça denominada Centenário, assim chamada em referência ao centenário da imigração alemã. No entanto, a sua denominação é alterada semanas depois da destruição do monumento. Abaixo da foto, consta a inscrição “PRAÇA TIRADENTES (Ex-Praça Centenário)”. O prefixo “ex” aparece como um lembrete que alertava para as mudanças⁶⁵.

Passa-se de um extremo a outro: da apologia germanista para a apologia da nacionalidade brasileira. Nesse sentido, cabe ressaltar que rapidamente muitos elementos que antes enalteciam as suas raízes passavam agora a negá-las, apropriando-se do discurso nacionalista brasileiro. Como frisa Gertz (1991, p.69): “convém ressaltar que essa repressão não era dirigida exclusivamente por pessoas de nome não-alemão [...]. A delação por alemães

⁶⁴ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 28 mar. 1942.

⁶⁵ Também em 1942 foi construído, em Ouro Preto, um panteão dos inconfidentes mineiros. A imagem de Tiradentes como herói foi construída no início da República, consolidando sua figura como símbolo popular da nacionalidade (CARVALHO, 1998).

e teuto-brasileiros era corriqueira nas regiões coloniais”. O momento de “conversão” foi vivido intensamente e ainda hoje parece não ser aceito⁶⁶.

A radicalização da nacionalização e o contexto de guerra criaram um clima proibitivo, que não necessariamente foi dado pela revogação dos decretos do 25 de Julho como feriado, mas antes pelo sentimento de desconfiança. Esse sentimento grassava há muito no contexto regional⁶⁷, estando também presente nas comemorações do Centenário da imigração alemã. Com a campanha de nacionalização, fica só o espaço para a suspeita, o discurso disciplinador. A positividade do elemento germânico inverte-se ou traveste-se. A violência é justificada.

Esse foi o momento de construir uma nova memória para o município. Buscou-se construir uma memória coletiva utilizando imagens de um passado diferente daquele que foi construído na cidade desde 1924. Não só foram criadas novas imagens, como também as anteriores foram substituídas e imbuídas de outro sentido. Não se tratava, então, de conservar e transmitir a história dos “avoengos”. Nesse contexto, podem-se verificar os desdobramentos de um processo de impedimento da memória, tal como refere Ricouer (2000) ao analisar o que denomina de “memória impedida”. Esta, segundo o autor, é uma forma de abordagem da memória que tem como parâmetro uma memória social que está na posição de recalque, portanto, oposta ao trabalho de rememoração. Assim, no contexto de nacionalização, podem-se ver as decorrências desse tipo de memória quando a memória relativa aos “alemães” deve ser recalçada.

⁶⁶ Atualmente, na cidade, poucos se dispõem a falar em nomes quando lembram da destruição do Monumento à Imigração. Os que se arriscam nesse sentido falam: “parece que o Blessmann esteve envolvido”. Blessmann, político local, antes da nacionalização, atuava defendendo interesses da comunidade étnica alemã.

⁶⁷ Ver Gertz, em apontamentos quanto a estudo de Helga Piccolo sobre a presença do tema da não-integração nos discursos dos deputados da Assembléia Provincial (GERTZ, 1991).

Essas novas construções culturais foram administradas pela municipalidade. O recado estava dado, era preciso celebrar outro passado. O processo de “invenção da memória” consistiu numa apropriação de formas materiais de comemoração nacional, novos monumentos na cidade, dedicados a heróis nacionais, mudança do nome de praças, entre outras medidas.

Após a nacionalização, podem-se perceber diferentes formas de referência à “campanha de nacionalização”. Um argumento muito comum, utilizado não só por descendentes de alemães, consiste em justificar razões das dificuldades de integração pelas quais foram acusados:

Tem-se acusado [...] os colonos alemães de serem refratários à nacionalização. Tendo administrado durante alguns anos o município de São Leopoldo, [...] julgo de meu dever declarar que, durante o meu governo, o que os seus habitantes mais insistentemente pediam, eram escolas e estradas, ou seja, os dois mais proficuos elementos de nacionalização [...]⁶⁸.

Desse modo, apontam-se os culpados sem, no entanto, falar sobre o contexto de repressão.

Por outro lado, várias foram as manifestações de revolta frente à política nacionalizadora. Um exemplo disso está num escrito de Ercílio Rosa publicado no jornal do município vizinho⁶⁹:

⁶⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 27 jul. 1949.

⁶⁹ ROSA, Ercílio. *O Dia do Colono. 5 de abril*, Novo Hamburgo, p. 2, 23 jul. 1948.

“Ah! O Dia do Colono”.

[...] Mas o “Dia do Colono” já foi proibido, ridicularizado e perseguido! Talvez por elementos irresponsáveis, aproveitadores de ocasiões oportunas, esquecidos de que os sentimentos desses colonos eram, são e serão mais patrióticos do que muitas atitudes expostas na berlinda eleitoral dos “defensores do povo”...

Hoje liberado não sei se pela consolidação da democracia ou para esmola dos pedintes de votos, o “Dia do Colono” é recolocado em seu dia: 25 de Julho.

25 de Julho!... “Dia do Colono”!... Efeméride que consolida a interrogação que paira nos lábios dos ítalo-germânicos: Que seria do comércio e indústria rio-grandense sem os Giusepes, Dantes e os Fritz e Franz?...

A interrogação fica enterrada na aragem que passa... Enquanto isso, os gozadores vão estudando meios de explorar o colono...

Ah! Colono ítalo-germânico. Enquanto não houver guerra com vossos ancestrais, você é o tal!

Viva o “Dia do Colono”.

Ercílio Rosa expressa sua indignação com as perseguições sofridas pelos imigrantes por ocasião da guerra. A possibilidade de o dia do colono ser novamente festejado não é motivo para sentir gratidão à permissão; o autor faz, isso sim, a denúncia de que aquela data estava sendo utilizada com propósitos eleitorais. Em São Leopoldo, as manifestações de repúdio não foram tão comuns.

Em São Leopoldo, o clima de vigilância presente no Estado Novo esteve presente mesmo após o final da Segunda Guerra. O jornal local, um dia antes do dia 25 de julho, publicou na capa um texto – “À propósito da libertação dos bens dos súditos do eixo” –, seguindo a frase: “Nós brasileiros, temos profunda admiração pela Alemanha pacífica e obreira. [...]. Apenas somos, nós brasileiros, visceralmente contra a barbárie perversa que destrói monumentos e templos sagrados”⁷⁰.

Podem-se enquadrar, como uma expressão de vigilância, cursos de nacionalismo que foram administrados na cidade de São Leopoldo sob o patrocínio do Movimento Nacionalista da cidade⁷¹. O jornal anunciava as palestras e abria a participação a ouvintes.

⁷⁰ O texto é assinado por Ramiro Frota Barcelos. *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 24 jul. 1948.

⁷¹ *São Leopoldo*, São Leopoldo, 06 maio 1961.

Esse contexto será propício para a criação de estereótipos acerca dos imigrantes alemães e descendentes. Roche retoma de Willems o que é dado como consequência desse contexto: “os luso-brasileiros pintavam o alemão como um homem alto, loiro, de olhos azuis, língua áspera, bebedor de cerveja, partidário de regimes totalitários, desejoso de conquistar por toda a parte poder social e político” (ROCHE, 1959, p.724). Esse autor aponta para os estereótipos do “alemão”, apontado como racista, nazista, exótico.

Conforme Roche (1969, p. 724), “os descendentes de imigrantes já não se diriam teuto-brasileiros, seria provocação; os brasileiros chamavam-lhes ‘alemães’ e ‘batatas’”. Gertz (1991) indica esse processo como implicado no fenômeno do “alemão-batata”, que se configura, para esse autor, a partir dos anos finais da guerra até 1974. Um dos aspectos desse fenômeno é o fato de que setores intermediários das cidades do interior buscaram diferenciar-se do “alemão-batata”, marcando sua posição de superioridade frente a este. Já nos anos 1940, com o processo de nacionalização e no contexto da guerra, a carga positiva em torno da figura do colono foi tomando outras feições. Nas décadas posteriores, com a intensificação do processo de urbanização, o colono foi ficando “fora de moda” (WEBER, 1996). O termo “colono” passa novamente por um processo de resignificação. Nesse cenário, cabe analisar dois aspectos que estão presentes nas discussões do presente estudo. Um deles diz respeito ao elemento ligado ao meio rural e às suas condições materiais; outro refere-se ao papel desse elemento no plano simbólico.

Houve uma produção do gênero humorístico no dia-a-dia da sociedade colonial. Um exemplo disso pode ser visto num material compilado por Telmo Lauro Müller⁷², um historiador-memorialista rio-grandense dedicado à história da imigração alemã. Nos livros em

⁷²MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: imagens do passado*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. MÜLLER, Telmo L. *Colônia alemã: histórias e memórias*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1978.

questão, o autor recolheu material de cunho humorístico na tradição oral. O autor relata piadas e anedotas, fictícias ou reais, que tematizam situações passadas na colônia ou no ambiente urbano⁷³.

Grande parte do material coletado por Müller apresenta personagens do meio rural em contato com o meio urbano, com a temática do “viver entre dois mundos” sendo destacada. Dentre as vivências na colônia, um tema que aparece é a dificuldade idiomática, que faz com que algumas situações se configurem como um problema social; por exemplo, o idioma falado pelo “alemão-batata” torna-se objeto de riso, certamente não de seu próprio grupo, mas daquele que vê como defeito a forma como ele fala. Assim, entre os colonos, o problema idiomático não é cômico, não se constitui em defeito, em “erro”. Aqui, pode-se lembrar da afirmação de Propp (1992, p.31) de que “a dificuldade está no fato de que o nexos entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri”. No caso em questão, o cômico se dá quando o colono entra em contato com o “outro mundo”, com as exigências do idioma português ou do alemão gramatical, que vai ser utilizado pelo imigrante urbano como estratégia para diferenciar-se do elemento identificado com o meio rural (CORADINI, 1996). Não se trata de uma simples diferenciação entre um grupo ligado pela mesma origem. Nesse sentido, pode-se tomar a distinção/oposição entre o teuto-brasileiro da roça e o teuto-brasileiro da zona urbana conforme esclarece Giralda Seyferth (1981):

A distinção muito simples o constitui muito mais um problema de classe onde o elemento levado em conta não tem nada a ver com a etnia. O teuto-brasileiro em geral é identificado como um indivíduo bilíngüe (alemão e português) que fala um alemão mais puro e está integrado a sua condição de cidadão brasileiro. O “colono” é aquele teuto-brasileiro que fala apenas o dialeto, trabalha na roça com sua família, raramente vem à cidade e não tem muita consciência de sua condição de brasileiro.

⁷³ O próprio autor, por vezes, conta “causos” de sua vida de colono em Lomba Grande, onde nasceu em 1926. Sua trajetória, em vários momentos, faz-se presente no material coletado, mesmo indiretamente, ou seja, pelas histórias a ele contadas e portadoras de uma memória que é anterior às suas próprias experiências de menino que sai de Lomba Grande e vai para São Leopoldo e Porto Alegre para estudar.

Assim, nesse caso, a inserção do grupo pesa a partir da referência à classe, e não ao pertencimento étnico.

Como consequência dessas relações, pode-se perceber que o riso tem um papel fundamental no processo de “silenciamento”⁷⁴ do imigrante alemão, o que permite formular as questões: que comportamentos são adotados por aqueles que são motivo de riso? Que riscos há em esses comportamentos serem também motivo de riso? Como diz Bergson (1987, p.18), “[...] o riso ‘castiga os costumes’. Obriga-nos a cuidar imediatamente de parecer o que deveríamos ser, o que um dia acabaremos por ser verdadeiramente”.

Assim, vê-se configurada uma situação em que o poder de nomeação (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998) está presente através do próprio riso. O sentimento de superioridade está ligado ao riso – “[...] encontrar-se-á no fundo do pensamento daquele que ri um certo orgulho inconsciente” (BAUDELAIRE, 1991, p. 33). E, com relação ao elemento do meio rural, o riso não parte somente do grupo diferente (luso, por exemplo), mas também dos próprios descendentes de alemães que vivem no mundo urbano (que possivelmente se identificam como alemães e alemãs) e que se colocam numa posição de superioridade frente aos “alemãos” e “alemoas” (que vivem na área rural).

Seja num contexto em que atua como simples meio de ridicularizar o outro (já sendo aí um meio de poder, em que o outro ri por colocar-se numa posição de superioridade), seja quando se une como estratégia de poder ao lado de outros discursos (caso da Campanha de Nacionalização), o riso pode não só ocasionar uma mudança de comportamento daquele que é objeto de riso, como também manipular um imaginário social acerca do que é o colono, o descendente de alemães.

⁷⁴Obviamente, o aprendizado da língua portuguesa está implícito no processo de colonização; entretanto, em muitos casos, a condução desse aprendizado levou ao silenciamento, fazendo com que a língua deixasse de ser tão enfatizada enquanto critério de etnicidade.

Paralelamente a essa concepção do elemento do meio rural, vai se processar a construção do homem do meio rural como um elemento útil. Teixeira (1988) aponta que, no contexto da década de 1970, se tem a consolidação de um setor de empresários agrícolas ligados a setores da lavoura de exportação e culturas para fins energéticos, como a produção de cana-de-açúcar. Apesar da consolidação de um setor de empresários agrícolas, os produtores coloniais encontram-se em situações precárias, num contexto em que a agricultura estava num papel secundário frente a outras atividades. Daí deriva o fato de, no plano simbólico, o termo “colono” remeter à conotação de elemento útil socialmente. Surge, então, uma nova noção do termo “colono”, que passa a ser comum para o conjunto de pequenos produtores rurais. Constrói-se uma imagem positiva do agricultor como um tipo social útil, estereotipificado pelo grupo dominante através da imagem do colono como humilde e bom trabalhador (TEIXEIRA, 1988). Desse modo, a representação que o próprio grupo faz de si é mediada pela percepção do grupo dominante.

Bairon (1991) também aponta aspectos do contexto da nacionalização, posteriormente identificando o que denomina de “golpe” no universo cultural do “colono”. Conforme o autor, tal golpe deu-se duplamente: “[...] identificada como ‘próxima do caboclo brasileiro’, a cultura do colono ‘grosso’ era esquecida pelo germanismo no pós-guerra. Para as duas faces, a nacionalizadora e a germanista, restava a epopéia econômico-social de um processo político de colonização que vingou” (BAIRON, 1991, p. 797). Para o autor, o primeiro golpe sofrido pela região colonial rural foi dado pela ideologia do germanismo, que, em seu discurso homogeneizador, denega o colono, uma vez que este não é lembrado quando se narra a “epopéia econômico-social”. As manifestações rurais não têm espaço no contexto da década de 1930, em que a cidade passou a ser a cena primordial da

homogeneidade propagada pelo germanismo (BAIRON, 1991). O autor, ao referir-se ao cenário da região do Vale do Rio dos Sinos, situa esse aspecto que denomina de “denegação”:

[...] a nível econômico, a industrialização do Vale serviu para colocar um fim na conjuntura cultural artesanal, a nacionalização somada a esta última, praticamente destruíram do cotidiano toda manifestação semântico-cultural ricamente heterogênea do Vale. Do artesão-camponês, restava o colono, discriminado tanto pela nacionalização, quanto pela volta extasiante da epopéia germanista da colonização (BAIRON, 1991, p. 788).

De fato, a apologia ao elemento germânico e ao seu universo é retomada e está presente de diferentes formas. Nesse caso, cabe abordar alguns aspectos da retomada do discurso apologético.

3.3 O papel do Museu no reavivamento da memória

O reavivamento da memória anterior ao clima de conflitos passou a conquistar espaço na passagem do 25 de Julho em 1949. Em outras regiões do estado, a data já vinha sendo comemorada desde 1947 (WEBER, Roswithia, 2004). A partir de então, passou-se a reivindicar, com uma série de cuidados, a retomada dos símbolos que haviam sido destruídos, bem como a construção de novos. O processo de redemocratização favoreceu essa retomada. Nesse sentido, pode-se lembrar Banton (1979) quando este aponta para o fato de que nos últimos anos houve um incremento na “consciencialização” de pertença étnica, o que pode estar associado, embora não como única causa, à promessa de paz.

Em 1949, o 25 de Julho voltava a ser festejado publicamente em São Leopoldo. A administração municipal deu, por um lado, uma coloração fortemente política à festa. Mário Sperb e seu vice, Othon Blessmamm, acompanhados do jornalista Willy Hanse, foram à Assembléia Legislativa do Estado, onde ficou definido que um representante de cada partido

estaria presente nos festejos de São Leopoldo. Também o governador do Estado, Walter Jobim, foi convidado⁷⁵.

Nas comemorações em São Leopoldo, estiveram vários deputados e o governador do Estado. Edgar Luiz Schneider, do Partido Libertador, declarou: “brasileiros que são todos, custa a crer, porém, que assim não o entendam, por vezes, os homens responsáveis, entre os quais se fala, com desatenciosa freqüência em colônias ‘alemãs e italianas’ como se tais ainda fossem os primitivos núcleos dessas etnias”⁷⁶. A fala demarca a intenção de dar uma feição às regiões coloniais de modo que elas fossem reconhecidas como integrantes do Brasil, e não como núcleos étnicos. Assim, o tema da nacionalização se fazia presente. Um outro exemplo assinala esse aspecto, conforme atestou um jornal da capital ao referir-se ao Dia do Colono: “serviu, em meio a tudo quanto pudemos presenciar, para uma admirável afirmação da potencialidade econômica e da integração cívica de São Leopoldo na vida do Rio Grande do Sul”⁷⁷.

Nesse sentido, a imprensa local também serve de veículo de convencimento. Na ocasião da visita da filha do Marechal Lott a São Leopoldo, o jornal local sublinha “Mensagem do Marechal Teixeira Lott⁷⁸: os descendentes dos laboriosos e bravos pioneiros germânicos são tão brasileiros como os velhos gaúchos de trezentos anos”⁷⁹.

Aos poucos, os grupos silenciados pelo processo repressivo vão articulando ações para resgatar a memória obscurecida. É assim que se passa a reivindicar com mais intensidade a restauração do monumento da Imigração Alemã, que havia sido depredado em 1942.

⁷⁵ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 24 jul. 1949.

⁷⁶ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 26 jul. 1949.

⁷⁷ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, 26 jul. 1949.

⁷⁸ Lott havia ocupado o cargo de Ministro da Guerra no Governo de Café Filho em 1954 e depois no de Juscelino Kubitschek. Em fevereiro de 1960, deixou o cargo para concorrer ao cargo de presidente do Brasil. Nesse contexto, ocorreu o destaque da imprensa à visita de sua filha.

⁷⁹ *São Leopoldo*, São Leopoldo, p. 6, 23 jan. 1960.

Em 1949, os eventos em torno do monumento, na então Praça Tiradentes, foram o momento alto da festividade. Cabe frisar que o lugar escolhido para o fechamento dos festejos foi um local de grande simbologia, e o fato de o monumento ainda encontrar-se tal como havia sido deixado em 1942 tornava a solenidade mais peculiar. Naquele momento, o governador Valter Jobim falou sobre a depredação do monumento, empenhando-se pela sua reconstrução⁸⁰.

Na passagem do 25 de Julho em 1950, o diretor do Banco Agrícola Mercantil, que comemorava seu três anos de instalação na cidade, doou à municipalidade um cheque no valor de CR\$ 10.000 para fins de restauração do monumento. O prefeito agradeceu por aquela que, conforme suas palavras, seria a primeira de muitas outras doações que atenderiam ao desejo geral do povo leopoldense⁸¹.

Em 1951, Henrique Córdoba passou a escrever artigos num jornal da região numa série intitulada “Monumento do Colono”. O nono artigo foi endereçado ao governador Ernesto Dorneles, solicitando patrocínio para a restauração do monumento. Esse apoio, conforme Córdoba, poderia justificar-se pelo potencial econômico da região, mas havia uma outra razão “mais alta e mais forte”⁸², qual seja, o patriotismo dos alemães que adotaram a pátria. Nesse mesmo ano, o monumento é restaurado. Em 1956, o Monumento ganha destaque com a instalação de projetores de luz na Praça⁸³. Esta ainda tinha como denominação Praça Tiradentes e só em 1966 passou a chamar-se “Praça do Imigrante”⁸⁴. Esses movimentos de

⁸⁰ A referência, nesse sentido, por parte do governador não foi noticiada pelos jornais consultados: *Correio do Povo* e *Correio de São Leopoldo*. A informação é de Fritz Rotermund, extraída da tradução de dados publicados no anuário *Der Familienfreund*, de 1953. MHVSL.

⁸¹ *Ib.*, 10 ago. 1950. O monumento foi definitivamente concluído em 1953, depois de integrar várias polêmicas, sendo objeto de colunas ao longo do ano de 1951 na imprensa de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Ver: artigos “Monumento ao Colono” de Henrique Córdoba, publicados no *Correio de São Leopoldo* e *5 de Abril* do referido ano.

⁸² *5 de Abril*, Novo Hamburgo, 20 mar. 1951.

⁸³ *Folha de Notícias*, São Leopoldo, 26 out. 1956.

⁸⁴ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 29 jul. 1966. No discurso que marcou o evento que deu nova denominação à Praça, o orador Ulrich Saenger não fez menção ao nome da praça anteriormente.

recusa ao esquecimento demonstram que houve uma tentativa de conquistar espaço; contudo, em nenhum momento se condenam os atos repressivos, nem se explicitam possíveis ressentimentos.

Dentre os novos símbolos construídos, está um museu. Em 1950, por ocasião da passagem do 25 de Julho, um articulista local sugeriu a criação de um museu:

Museu Histórico Social do Município de São Leopoldo. É lógico que acompanhamos com júbilo o desenvolvimento de nossas coisas e estamos satisfeitos que certas idéias de germanismo renitente estejam se apagando [...]. Mas manter a tradição pelo que tem de original e pitoresco e aclarar a História, não podem nunca ser confundidos com o aplauso a idéias insidiosas. Nesse são e desinteressado sentido de cultura [...] ⁸⁵.

Abordar a história local incluindo os descendentes de alemães exigiria uma explicação para que não houvesse confusão. Passou, assim, a ser retomada a identidade local outrora construída. O contexto parece não ser adequado para que o articulista, que assinava por Noumenon ⁸⁶, utilizasse argumentos tão comuns em momentos anteriores, quando a memória coletiva do grupo étnico local apresentava discursos de auto-enaltecimento. O próprio sentido do pseudônimo utilizado por Moehlecke permite que se afirme que os desdobramentos de um processo de impedimento da memória (RICOUER, 2000) ainda se fazem presentes, de modo que seja comum buscar uma conciliação com grupos locais que poderiam entender a proposta de criação de um museu da imigração como “insidiosa”.

⁸⁵ *Correio de São Leopoldo*, São Leopoldo, p. 2, 20 jul. 1950.

⁸⁶ Pseudônimo utilizado por Germano Oscar Moehlecke. Em entrevista concedida, Germano informa que usou o termo com o sentido de não dar o nome Noumenon como derivando de “Nomenão” e lembrou que só mais tarde foi conhecer o termo como ligado aos estudos do filósofo Kant. Conforme Moehlecke, ele utilizou esse pseudônimo por cerca de 20 anos, sendo que algumas pessoas sabiam que era ele quem usava tal pseudônimo. Cabe observar que em nenhum momento Moehlecke associou seu ocultamento como algo que tivesse relação com o contexto político pós-nacionalização.

A cidade passou a ser cada vez mais pensada a partir do aproveitamento de suas características peculiares, próprias de um momento em que houve preocupações constantes com o desenvolvimento turístico da região.

Já em 1924, a idéia da criação de um museu esteve presente, conforme noticiou a *Deutsche Post* ao lamentar o confisco e posterior venda, por autoridades que estiveram em Sapiranga, de um bracelete que teria pertencido a Jacobina Maurer, líder do movimento Mucker. Conforme o noticiado, esse material poderia ser guardado no museu que se pretendia instalar na Casa do Imigrante na Feitoria⁸⁷.

Também por ocasião da montagem de uma exposição nas comemorações do Centenário o jornal local, *União*, reiterando a solicitação da *Deutsche Post*, convocou a população a reunir documentos esparsos nas casas de familiares, uma vez que João Correia, eleito para a administração do município, pretendia organizar, conforme a imprensa, seções de estatística, arquivo e biblioteca⁸⁸. A *Deutsche Post* solicitou que a população confiasse objetos e documentos antigos para a exposição. No entanto, naquele momento, a idéia de criação de um museu não foi levada adiante, como se viu anteriormente.

Quando foi fundado um museu na cidade, em 1959, Germano Moehlecke, ainda utilizando pseudônimo, diz ter sugerido a criação de um museu histórico em 1946, quando era comemorado o Centenário da cidade: “creio que naquela ocasião diversos fatores impediram que se tornasse realidade esta sugestão”⁸⁹.

Num relato mais recente acerca da formação do Museu, um de seus fundadores, Telmo Lauro Müller, que ocupa o cargo de diretor do Museu desde a sua criação, em 1959, até o ano de 2000, situa a concepção de um museu da imigração como uma idéia que partiu de

⁸⁷ Cf. Rotermund, 1974.

⁸⁸ *União*: Orgam Republicano, São Leopoldo, n.29, 20 set. 1924.

⁸⁹ *São Leopoldo*, 29 ago. 1959.

suas experiências enquanto acadêmico do curso de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conforme relata Müller:

Em 1959 eu participei do Congresso Brasileiro de Folclore, em Porto Alegre, na UFRGS, organizado e liderado pelo professor Dante de Laytano que era meu professor na universidade. E durante os três dias desse Congresso Brasileiro de Folclore, não houve um único trabalho sobre a presença do elemento Teuto-brasileiro. Eu saí de lá convicto de que tinha que se fazer alguma coisa, porque não era possível que esse elemento não tivesse uma presença na história, na cultura e no folclore do Rio Grande do Sul. Foi a partir dali que eu fiz o movimento para que se fundasse um museu da imigração alemã que guardasse essas coisas e no dia 20 de setembro de 1959 nasceu o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, do qual eu sou diretor⁹⁰.

Müller aponta para o cenário em que se processava a construção da memória institucional do Rio Grande do Sul, o que, conforme Nedel (1999), teve uma longa duração e contou com o aparato governamental como elemento importante. A autora apresenta como um tema de seu estudo a forma como se processou a construção da identidade regional no contexto da integração do estado do sul ao restante do país. Nesse contexto, há um debate entre a intelectualidade regional em torno da questão da definição da identidade cultural do estado.

Apesar da crítica que, de certo modo, é dirigida a Dante de Laytano, cabe lembrar que este teve um papel significativo ao considerar a diversidade étnica presente na cultura regional, e não só na ampliação da memória regional, quando vai defender a integração de estudos folclóricos no âmbito científico (NEDEL, 1999). Laytano teve presentes essas diretrizes quando administrou o Museu Júlio de Castilhos, que representa o “Museu do Estado”, no período de 1952 a 1958.

Nedel (1999) analisa que a política nacional de revalorização das raízes portuguesas no âmbito estadual estava representada pela produção dos intelectuais que atuavam no

⁹⁰ Entrevista Telmo L. Müller, NEIPHO, Abr. 1997.

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. No entanto, nos anos de 1950, a posição então hegemônica desse grupo parece ser desestabilizada a partir da atuação de Dante de Laytano, membro daquele instituto:

Sob seu ponto de vista a legitimidade “cultural” do estado no conjunto da federação deveria se dar não por um lusitanismo monolítico, como propunham Othelo Rosa e Moysés Velinho, nem apenas pelo peso relativo da proximidade com o Prata na cultura regional [...], mas pela via da **diversidade cultural e racial** que, como ao próprio Brasil, o caracterizaria (NEDEL, 1999, p. 173) (Grifo da autora).

Tratava-se, portanto, de atender aos ditames de configuração de uma identidade cultural diversa, tal como foi a definição da Comissão Nacional de Folclore (NEDEL, 1999). Conforme Nedel (1999), Laytano também ocupou o cargo de presidente da Comissão Estadual de Folclore, criado em 1947 no Rio Grande do Sul. A Comissão Estadual estava ligada à Comissão Nacional do Folclore, que, dentre suas metas, apresenta: “desenvolvimento do estudo e da pesquisa do folclore nacional; apoio aos esforços para a preservação de nossa herança folclórica; e introdução do tema no ensino formal, definido como um mecanismo que permitiria preservar a identidade comum da nação, expressa de forma privilegiada naquela herança” (VILHENA in NEDEL, 1999, p.171). Às representações estaduais na Comissão Nacional, cabia a realização e divulgação de pesquisas sobre os costumes locais a fim de contribuir para a conservação do patrimônio folclórico brasileiro. Essa discussão dá-se a partir da política nacional que vinha se delineando no Estado Novo, cujos ideólogos defendiam o papel do Estado como operacionalizador da cultura (CARVALHO, 1998).

Conforme Nedel (1999), apesar de Laytano assinalar a diversidade étnica rio-grandense, o que equivaleria à “riqueza” do seu patrimônio folclórico, “essas influências sobre a cultura regional permaneceriam, como o autor gostava de frisar, ‘em quadros estanques’ uma vez que:

[...] a herança que persiste no gaúcho é exclusivamente luso-brasileira. O gaúcho-brasileiro [...] é de formação autônoma, e não se deve confundi-lo com outros gaúchos. [...] E o folclore gaúcho repousa compacto nas etnias dos povoadores. Houve espanhóis e rio-platenses, porém, em número limitado. O índio e o negro montaram o arcabouço deste folclore gaúcho, um folclore nitidamente luso-brasileiro, nossas puras raízes. O espanhol e o rio-grandense ou as etnias alemãs, italianas ou polonesas completam o quadro, mas não o modificam. Acrescentam, mas não tocam no cerne, no fundo, na origem. [...] O predominante vem do início da formação do Rio Grande. (LAYTANO apud NEDEL, 1999, p.221). (Grifo do autor).

É nesse contexto que Telmo Lauro Müller procura inserir a identidade cultural teuto-brasileira no Rio Grande do Sul e manifesta um sentimento de indignação frente à hegemonia do grupo que procurava dar ao estado a uniformidade em torno da identidade cultural lusa.

Ao longo de 1959, a idéia da construção de um museu toma forma. Noumenon conclama a sociedade no sentido de pressionar a municipalidade para a construção de um museu que “resgate os valores humanos exaltados nos imigrantes”⁹¹. A participação da comunidade parecia ser fundamental para a concretização do museu. É nesse sentido que entendemos as palestras sobre museus em geral que eram proferidas por Telmo Lauro Müller para diferentes públicos. Inclusive, conforme informou um jornal, a coleta de material já estava sendo efetuada⁹².

Entre julho e setembro, realizaram-se reuniões em Novo Hamburgo e São Leopoldo em torno da idéia da criação de um museu. Um grupo de industriais, comerciantes e intelectuais de São Leopoldo teve reuniões com prefeitos de diversos municípios da região a fim de efetivar a formação de um museu, que deveria ter o caráter de museu regional de imigração. Pode-se analisar essa mobilização como um empreendimento que tem como base o pertencimento étnico.

⁹¹ *São Leopoldo*, p. 3, 29 ago. 1959.

⁹² *São Leopoldo*, p. 1, 23 abr. 1959.

Na segunda reunião, realizada em 22 de agosto de 1959, foi criada a comissão responsável pela elaboração do anteprojeto dos estatutos do Museu⁹³. Dentre os pontos a serem definidos nas reuniões, estavam a elaboração do estatuto, a escolha do local e a denominação do Museu. Dentre os nomes cogitados, listavam-se: 25 de Julho, Feitoria Velha, Visconde de São Leopoldo e Museu da Imigração. Embora o local da instalação do museu não tivesse sido definido, o que só ocorreu em setembro, o dia e o local de sua fundação foram declarados em agosto: 20 de setembro, data farroupilha, como se fez questão de frisar, no Salão Nobre da Prefeitura de São Leopoldo. Obviamente, o grupo representativo do município de São Leopoldo movimentava-se no sentido de garantir a instalação da sede do Museu.

Cabe reter dois aspectos significativos que parecem indicar simbolicamente o caráter conciliatório da criação do Museu naquele contexto, após tempos conturbados. Um deles refere-se à própria denominação do Museu, Visconde de São Leopoldo, que remete às raízes históricas do Rio Grande do Sul (RAMOS, 2004), e o outro diz respeito à data de fundação, 20 de setembro, que igualmente tem significado regional.

Um dos fundadores do Museu, Telmo Lauro Müller, mostrou-se satisfeito com o resultado das reuniões:

A tese esposada pelos iniciadores do movimento de que toda a Colônia deveria ter somente UM Museu, de grande porte, e que fosse demonstração de sua capacidade cultural, foi vitoriosa.
[...] Estejamos certos, porém, de que as futuras gerações, passando por cima dos bairrismos momentâneos, saberão ser gratas [...]⁹⁴.

A referência a “toda a Colônia” pode ser entendida como abrangendo a região próxima a São Leopoldo, dado que era comum nos empreendimentos da região o despontar de

⁹³ Comissão presidida por Telmo Lauro Müller e composta por: P. R. Saenger, Padre Urbano Thiessen, Genil Ruperti, Alfredo Marotzky, Almiro Lau e Leopoldo Petry. Cf. *São Leopoldo*, 29 ago. 1959, p.6.

⁹⁴ *São Leopoldo*, p. 6, 19 set. 1959.

bairrismos, que novamente estiveram presentes com relação ao local da instalação do museu. Disputando com São Leopoldo, estava Novo Hamburgo, este o primeiro município “filho” de São Leopoldo. São Leopoldo, com o argumento natural de ser o marco inicial da imigração alemã no Rio Grande do Sul, venceu a disputa. Aliado a isso, esteve o fato de São Leopoldo ter presente o desenvolvimento do turismo:

O que se torna necessário, nesta hora de tantos imediatismos [...]. Não ignoram os que seguidamente hospedam visitantes em nossa cidade a curiosidade que manifestam por tudo que diz respeito à colonização e, mais uma vez, certamente se mostraram desapontados por não encontrarem nada que lhes satisfizesse a sede do pitoresco. Podemos nos alegrar por termos um lugar incomum na história dos municípios. Tenhamos algo para mostrar aos forasteiros além de só por alto poder contar alguns episódios esparsos do que aconteceu [...].

A nossa cidade tem personalidade. Torna-se necessário realçar essa peculiaridade para que São Leopoldo apareça como algo especial que merece ser visto por quem visita a terra gaúcha⁹⁵.

Conforme o jornal local, “dez municípios, representantes de uma grande região, confiaram no dinamismo e no espírito de cultura da cidade de São Leopoldo”⁹⁶. Em setembro de 1959, é instituído o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, com o apoio de dez municípios da região: Campo Bom, Feliz, Montenegro, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Rolante, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Sapiranga e Taquara, com a subvenção do Instituto Nacional de Imigração e Colonização⁹⁷.

O estatuto de entidade ficou como órgão semi-público, dado que foi fundado por prefeituras da região; no entanto, seu caráter de entidade particular comumente era e é expresso pelos seus fundadores. “Por múltiplas razões desistiram de fazer dele uma instituição oficial. Todos os descendentes de imigrantes – e quem no Brasil não o seria? – homens e

⁹⁵ *São Leopoldo*, São Leopoldo, 29 ago. 1959.

⁹⁶ *São Leopoldo*, p. 6, 19 set. 1959.

⁹⁷ Em 1964, houve uma manifestação curiosa de Telmo Lauro Müller. Frente a um trabalho realizado sobre o Museu por uma turma da Escola Normal Evangélica, cujo título se referia ao museu como sendo de São Leopoldo, Telmo envia uma carta ao jornal, que é publicada na capa, onde frisa que o museu não é só de São Leopoldo, mas também de nove outros municípios (*Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 3, 11 set. 1964).

mulheres imbuídos de amor para com a História, todos eles seriam os legítimos mantenedores⁹⁸”.

Ao museu, cabia a responsabilidade de coletar e preservar o acervo referente à colonização alemã. Contudo, com o tempo, passou a reunir também o acervo público de fundos administrativo e legislativo da cidade de São Leopoldo. Atualmente, o museu é composto por um acervo de: aproximadamente 5.000 peças que abrangem desde objetos de uso pessoal a instrumentos musicais; fotografias, jornais e biblioteca, com temas que versam sobre imigração alemã; documentação de fundo municipal, de 1846 até a década de 1950 (RAMOS, 2004). Este último grupo diz respeito a um acervo de caráter público que, frente ao descaso das sucessivas municipalidades, foi facilmente “depositado” no museu. Assim, embora o museu tenha sido criado com o propósito de voltar-se ao acervo da imigração alemã, passou, de certo modo, a confundir-se enquanto Museu da cidade à medida que foi incorporando um acervo sobre ela.

Também é nesse museu que, desde cedo, foram feitos atendimentos a grupos de visitantes, dentre estes, turistas ou alunos de escolas. Conforme Ramos (2004): “a grande vedete do Museu Histórico está [...] localizada na ‘sala de aula’, um espaço destacado no Museu para uma preleção inicial sobre a imigração, feita pelo seu Diretor”. Assim, o contar a história da cidade e da região tem como narrador o Diretor do museu, que aborda, sobretudo, as características relativas às marcas de sucesso do grupo de imigrantes⁹⁹. Desse modo, a identidade local e cultural da cidade teve o museu como referência.

Aqui, podemos trazer algumas características do espaço museológico para entender como esse museu vai atuar. Conforme Meneses (1993), os museus consistem num espaço de

⁹⁸ O artigo assinado por R. Saenger, um dos membros da comissão que elaborou os estatutos do museu, foi publicado no jornal *São Leopoldo*, p.2, 14 maio 1960.

⁹⁹ O número de visitantes ao museu durante o ano chega, em média, a 10.000. Dentre estes, situam-se estudantes, genealogistas, pesquisadores, turistas e a comunidade em geral (RAMOS, 2004).

produção de identidade onde se legitimam o poder e o imaginário. Nesse sentido, a exclusão parece ser sempre a norma desses espaços (MENESES, 1993).

Pode-se ver, em torno da criação do espaço do Museu, um processo de patrimonialização que tem como ponto de partida a consciência patrimonial surgida em uma situação de trauma (FRIAS, 2006), caracterizado, nesse caso, pela ruptura que se deu no contexto da nacionalização e da Segunda Guerra. Esse processo tem ainda como característica o fato de não somente estar voltado ao passado, como também de se dar enquanto estratégia de atuação sobre o presente e futuro.

Quanto à sede, ficou determinado que cabia à prefeitura de São Leopoldo doar um espaço para a sua instalação. Inicialmente, o Museu foi instalado numa sede provisória, junto à Faculdade de Filosofia Cristo Rei, tendo Telmo Lauro Müller como diretor e Germano Oscar Moehlecke como presidente. Passou a ter uma sede própria em 1961¹⁰⁰.

Em 1972, circulava o projeto de uma nova sede, que seria próxima ao santuário do Padre Réus, ocupando uma área de 15.584 m², onde seria construído um miniparque da imigração. A idéia expressa por Moehlecke era transformar o espaço no maior centro nacional especializado em imigração¹⁰¹.

Nos anos que se seguiram à fundação do Museu, uma grande campanha foi feita para angariar o que podemos chamar de “memória privada”, permitindo a constituição de uma memória coletiva e pública e a reconstrução da identidade de um grupo. Conforme Müller:

¹⁰⁰ Situou-se num prédio doado pela municipalidade. Sua localização era na Rua Independência, na esquina com a Avenida Dom João Becker.

¹⁰¹ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 07 set. 1972.

O Museu foi fundado em tempo: é constritor ouvir-se [...] o relato sobre o que eles já puseram fora ou o que perdeu-se. E muito mais estava por se perder: as novas gerações não mostram maior interesse pelas coisas antigas. Mas não as culpemos: as casas modernas e os apartamentos não dispõem de lugar para guardar velharias sentimentais. E, além disto, guardadas individualmente em casa, não têm valor algum¹⁰².

O objetivo de “preservar da perda, esquecimento e destruição tudo o que se relaciona com a nossa imigração e colonização” consta no texto publicado no Diário Oficial quando da criação jurídica do museu¹⁰³. O momento era aquele, pois muito já havia sido perdido, embora ninguém politizasse essa fala a ponto de trazer à tona o que se perdeu no momento da Campanha de Nacionalização. A memória deve passar a ser, portanto, coletiva, exteriorizada, e cabe aos articuladores do museu prestar contas do que há em seu acervo. Por isso, nos dois anos iniciais do museu, encontramos com frequência no jornal local notas sobre as doações que o museu recebia. Tem-se aqui a configuração de uma “memória obrigada” (RICOUER, 2002), em que Müller tem o papel de convocar os voluntários, membros da comunidade, para constituir um acervo que se volta não só para o passado.

O relato de Müller parece apontar para um momento de enfraquecimento da consciência histórica da comunidade de descendentes de alemães. Ao mesmo tempo em que lamenta, conforma-se diante da solução que implica fortalecer o grupo através da reunião de memórias individuais que se tornarão significativas, tanto mais que a criação do museu não é um ato isolado. A retomada das festas, publicações e edições especiais sobre a imigração caracterizam um novo cenário, propício à reformulação identitária, em que o Museu atua de forma militante, permitindo com que os descendentes de alemães pudessem, no contexto do pós-guerra, celebrar o seu passado, reconstruindo-se.

¹⁰² MÜLLER, Telmo Lauro. In: *São Leopoldo*, p. 2, 23 abr. 1960.

¹⁰³ *Diário Oficial*, 28 jan. 1960.

O Museu teve, então, seu ato de fundação em 20 de setembro de 1959. O orador do ato foi Dante de Laytano, professor de Müller, que, de certo modo, foi criticado por não incluir a temática da imigração alemã no Congresso Brasileiro de Folclore citado anteriormente. É Laytano, enquanto professor universitário e reconhecedor da diversidade étnica regional, quem legitima o espaço criado, demonstrando mais uma vez a tentativa de distanciar a proposta da criação do Museu de um ato que pudesse ser mal-visto pela comunidade. Embora fundado em setembro de 1959, a primeira exposição do museu foi inaugurada somente no dia 25 de julho de 1960.

Em novembro de 1960, o então embaixador alemão, em sua estada em São Leopoldo, visitou o Museu, parecendo ter enfatizado o tom do contexto: “o imigrante e o seu descendente deve ser brasileiro, e nada mais do que brasileiro”¹⁰⁴. Ou seja, fica mais uma vez clara a idéia de que a criação do museu não poderia parecer ou servir para interesses que pudessem vir a negar a “brasilidade”.

3.4 São Leopoldo no mapa do turismo

Temos alguns registros que indicam que a preocupação com o turismo em São Leopoldo já se fazia presente naquela época, e o museu seria um elemento a mais de atração turística. Também não podemos esquecer que a cidade conta com um referencial na região enquanto pólo de poder econômico. Roche lembra a importância da criação de uma rede rodoviária, dentro do plano governamental, visando à integração das regiões coloniais e à ligação de Porto Alegre com as principais zonas de produção agrícola, tendo também impacto cultural, “abrindo as colônias ao turismo” (ROCHE, 1969, p.723).

¹⁰⁴ *São Leopoldo*, São Leopoldo, 19 out. 1960.

Em 1948, Leopoldo Petry destacou a necessidade de o município resolver alguns problemas urbanos e embelezar a cidade para que ela se tornasse um centro turístico, aproveitando as suas vantagens: “rio navegável, zona privilegiada industrial e comercial, cortada por uma rodovia importante¹⁰⁵”. Dentre suas propostas, salienta-se a retificação do Rio dos Sinos a fim de torná-lo uma piscina natural para aproveitamento de diversos esportes e a formação de avenidas modernas, “com passeios largos, bares e hotéis confortáveis”. Essas sugestões foram dirigidas ao novo prefeito da cidade, Mário Sperb.

Foi na administração desse prefeito que se elaborou um mapa denominado “São Leopoldo Turístico”¹⁰⁶. Tal mapa inclui vários distritos, bem como localidades que se emanciparam de São Leopoldo. O potencial turístico de algumas áreas do município é percebido pela municipalidade, como demonstram o mapa e as ações junto ao governo do Estado.

Em janeiro de 1950, no último ano de governo de Walter Jobim, foi criado, no Estado do Rio Grande do Sul, o Conselho Estadual de Turismo (CET). Este teve como encargos iniciais investigar e prever os problemas relativos ao turismo e contribuir moralmente com as iniciativas, uma vez que contava com poucas verbas (MOESCH, 1997).

Mário Sperb, prefeito de São Leopoldo, solicitou auxílio ao órgão para a formulação de um plano de urbanização de Morro Reuter, destacando o seu patrimônio natural¹⁰⁷. O Conselho entrou em ação no governo seguinte. À pasta de turismo, ligada à Secretaria de Obras Públicas do Estado, foi destinada uma verba que permitiu a construção do Paradoiro de Morro Reuter. Em 1955, foi inaugurado o ponto estratégico de descanso para os turistas que seguiam o fluxo da então denominada BR 2, hoje 116, rumo a Caxias ou Canela. No

¹⁰⁵ *A Notícia*. São Leopoldo, p. 1, 15 abr. 1948.

¹⁰⁶ Mapoteca do Museu Histórico de São Leopoldo.

¹⁰⁷ *Correio de São Leopoldo*, 14 set. 1950.

quilômetro 60, foram instalados restaurante com serviço de café colonial, quartos com banheiro privativo, sala de lazer e espaços ao ar livre.

A atração aos turistas era propiciada por diferentes recursos, seja remetendo à geografia ou efetivamente fazendo melhoramentos no cenário dos diferentes locais. Na Enciclopédia dos municípios brasileiros, na descrição de São Leopoldo, a então vila de Morro Reuter é destacada como atração turística: “rivalizando em panorama com os vales suíços”¹⁰⁸. A linha férrea que passava por São Leopoldo, atingindo Gramado e Canela, foi um elemento que propiciou o turismo. A canalização do Rio dos Sinos também foi pensada em termos de atrair turistas para a cidade¹⁰⁹.

Em São Leopoldo, o turismo ganha novo impulso quando, em 1966, Germano Moehlecke, que esteve juntamente com Telmo Lauro Müller à frente da fundação do Museu em São Leopoldo, assumiu a presidência do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR). Com isso, reafirma-se a relação entre o turismo local e o Museu, bem como o “espírito de nacionalidade” do Museu:

Queremos manter, dentro de um espírito são de nacionalidade, esses aspectos pitorescos e peculiares de nossos avós que tanto trabalharam pelo nosso progresso, enfrentando condições adversas para nos legar esse patrimônio [...]. Queremos transformar o Museu na visita obrigatória dos que chegam à terra gaúcha [...]. Há de ser uma fonte de inspiração histórica, trazendo o turismo esclarecido¹¹⁰.

O turismo pautado no legado cultural configura-se, e ao museu é dado destaque especial. Moehlecke fala em revigorar o 25 de Julho até este evento chegar a ser um acontecimento de grande repercussão estadual e nacional. A peregrinação religiosa ao Santuário Padre Réus também é lembrada. O novo secretário propõe-se também a trabalhar

¹⁰⁸ *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). XXXIV vol. Rio de Janeiro, 1959, p.270-280.

¹⁰⁹ *Folha de Notícias*, São Leopoldo, 12 out. 1956.

¹¹⁰ *Vale dos Sinos*, p. 4, 5 jul. 1966.

em conjunto com a Divisão de Cultura do Estado, que desejava criar a Escola Gaúcha de Folclore. Conforme Germano, “São Leopoldo, como centro pioneiro de uma tradição alienígena perfeitamente adaptada ao nosso meio, influenciada e influenciando os costumes tradicionais do povo gaúcho, também poderá trazer contribuição valiosa para esses trabalhos [...]”¹¹¹.

Mais uma vez, bate-se continência ao tema recorrente no contexto da nacionalização e ainda presente: era preciso mostrar que se tratava de iniciativa dentro de um “espírito são de nacionalidade”. A incorporação da fala do nacionalizador também pode ser identificada quando Moehlecke usa positivamente a noção de “alienígena”, termo que, no contexto da nacionalização, era fruto de uma exodifinição. Agora, refere-se a um “diferente adaptado”, que integra os valores culturais da regionalidade. A fala de Moehlecke sugere que, no contexto da década de 1960, ainda se faz necessário comprovar a incorporação cultural do teuto-brasileiro.

Para se pensar sobre as iniciativas tomadas em São Leopoldo no sentido de manter presente a memória coletiva, pode-se tomar a análise de Seyferth (1990). Essa autora considera que “[...] os fenômenos chamados pelos especialistas de ‘absorção’, ‘assimilação’ e ‘aculturação’ não impedem a persistência do componente étnico da identidade social dos descendentes de imigrantes, por mais que estes estejam integrados à nova sociedade” (SEYFERTH, 1990, p.79).

No caso em questão, percebe-se que o componente étnico persiste como elemento de manutenção de uma identidade cultural e local, em se tratando de preservar a memória da cidade, embora fosse preciso justificar que ele não implicava uma rejeição da assimilação. A

¹¹¹ *Vale dos Sinos*, p. 2, 4 maio 1966.

identidade étnica dos descendentes de alemães passa a ser reafirmada a partir da memória cultural que o grupo garantia para a cidade.

A criação do Museu esteve vinculada com a idéia de promover o turismo na cidade.

Nesse sentido, cabia a criação de uma imagem de cidade que teria um caráter próprio:

A nossa cidade tem personalidade. [...] São Leopoldo deve ser incluído no roteiro de quem visita o Rio Grande do Sul. E para que isto aconteça é necessário, antes de mais nada, que exista alguma coisa de real, de concreto, tanto cultural como de ordem afetiva que lembre a nossa história¹¹².

A preocupação em mostrar a cidade para o visitante perpassa a questão de mostrar a identidade cultural ligada à identidade étnica alemã. Sem dúvida, o espaço do Museu está vinculado à divulgação da identidade local enquanto portador de um diferencial que atraia o visitante. No entanto, é possível identificar, nesse cenário, disputas de representações que aparecem em novas versões no contexto atual, como será visto mais adiante.

Assim como no contexto de sua criação, o Museu, continuou a se pensar como espaço turístico nas décadas posteriores. Em 1971, estudava-se a construção de um Parque da Imigração¹¹³. A idéia era construir uma nova sede para o museu, próxima ao Santuário Padre Réus¹¹⁴. Esse espaço, desde meados da década de 1950, recebia um número considerável de turistas, tendo sido remodelado na década de 1970.

A promoção do turismo, da administração, da cidade e da identidade étnica alemã parece convergir, a exemplo da citação do colunista Sérgio Pires:

¹¹² *São Leopoldo*, p. 3, 29 ago.1959.

¹¹³ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 11 nov. 1971.

¹¹⁴ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 06 set. 1973.

Quando assumiu a Prefeitura leopoldense, o dr. Olímpio Albrecht iniciou uma administração tendo como tema principal, “Fé, Cultura e Trabalho”. É bem um resumo daquilo que o povo capilé apresenta a todos que aqui chegam para as suas visitas.

[...] Pontos turísticos não faltavam à cidade. Faltava sim, para o desenvolvimento do turismo, um melhoramento nos vários locais que são atrativos, na cidade¹¹⁵.

Além disso, o COMTUR também aproveitou o momento para levar para a cidade o concurso “Namorada do Rio Grande do Sul”¹¹⁶.

A insistência em demarcar a cidade de São Leopoldo como unicamente alemã motiva a referência de um político local à mudança da fisionomia da cidade entre 1924 e os anos 1960. Ney Câmara, articulista do jornal local e personalidade política da região¹¹⁷, afirma que, antes de 1924, houve a presença de portugueses e escravos quando o local estava marcado pelo fracasso. Nesse sentido, 1824 pode ser tomado, para Câmara, como um marco: “Mas é bom frisar, desde logo, que São Leopoldo foi uma colônia, um município, uma cidade, tipicamente alemã. Hoje, porém, já não o é mais. São Leopoldo é um município e uma cidade **também** de descendentes alemães. Aqui vivem agora muitas outras gentes”(Grifo do autor)¹¹⁸.

Em outro artigo, Ney Câmara demonstrou contrariedade frente às manifestações que identificavam a cidade apenas com a história ligada aos descendentes de alemães. Nesse artigo, relata uma conversa que teve com Paulo Couto¹¹⁹ sobre os temas: as poucas festas no dia 25 de Julho e a falta de autenticidade dos Centros de Tradições Gaúchas. A idéia de Couto era fundar uma sociedade tradicionalista, não de bombachas, churrascos e chimarrão, mas de

¹¹⁵ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 2, 30 dez. 1971.

¹¹⁶ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 5, 18 abr. 1974.

¹¹⁷ Em 1935, chegou a disputar na oposição o cargo de prefeito de São Leopoldo, perdendo para Theodomiro Porto da Fonseca, que foi reeleito (MOEHLECKE, 1978).

¹¹⁸ *São Leopoldo*, p. 2-3, 25 jan. 1961.

¹¹⁹ No contexto da discussão, Paulo Costa da Silva Couto era deputado na Câmara Federal e havia sido prefeito de São Leopoldo de 1955 até 1959, tendo se demitido justamente para assumir aquele cargo. É nesse cenário que uma mulher assume o cargo de Prefeita: Maria Emília de Paula, vereadora e presidente da Câmara (MOEHLECKE, 1982).

descendentes de alemães, com toda a sua riqueza de folclore e tradição. A sede dessa sociedade seria instalada na Feitoria. Diante da idéia, Câmara tenta deixar bem clara a sua opinião:

Devo esclarecer que a idéia foi somente de Paulo Couto apesar de eu ter retalhos de pensamento em torno disso. Não pretendo fundar nenhuma sociedade. Quero apenas escrever alguns artigos para o nosso jornal e com relação à tradição germânica já estava colhendo material para eles.

Quero lembrar que a fixação da sociedade tradicionalista, justamente na Feitoria, é pensamento que deve ter ultrapassado até o que Paulo Couto anda sonhando por aí.

É que antes dos alemães terem vindo para cá, em 1823, foram alojados, exatamente na mesma casa, nove casais açorianos que depois se fixaram no Rincão dos Ilhéus no município de Novo Hamburgo e de cujos descendentes, muito progresso todos nós usufruímos.

[...] Mas, voltando a falar nos alemães tenho certeza que Paulo Couto encontraria muita facilidade para o florescimento de sua idéia já que os Centros 25 de Julho, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e as nossas próprias Faculdades não deixarão de conjugar esforços [...]”¹²⁰.

Câmara, em mais um momento, coloca-se contrário ao reconhecimento apenas da presença dos alemães na cidade. Insiste em diferenciar suas idéias das de Couto e, ao mesmo tempo em que “retira” seu apoio, indica quem seriam parceiros dele. O Museu já aparece como aquele que vai apoiar as causas relativas aos interesses dos “alemães”. A discordância do articulista recai sobre o local onde instalar a sociedade tradicionalista, já que a Casa da Feitoria não tinha relação com os alemães, tampouco o único gerador de progresso havia sido o alemão. Ney parece sinalizar a insistência na exclusão dos lusos na construção da memória local. A exclusão do passado (Casa da Feitoria) e do presente (transformações demográficas) é apontada frente ao privilegiamento da memória alemã.

A intenção homogeneizadora, própria das representações identitárias e presente nos discursos sobre a cidade, é um elemento presente na construção não só da memória local de São Leopoldo, como também dos locais que surgiram desse município. Isso é evidenciado nas histórias locais e na forma como as cidades são promovidas turisticamente.

¹²⁰ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 4, 07 ago. 1964.

Ainda sobre os temas discutidos por Câmara e Couto: as poucas festas no dia 25 de Julho e a falta de autenticidade dos Centros de Tradições Gaúchas. Cabe assinalar que, desde a retomada das comemorações do 25 de Julho pós-1949, a presença de grupos tradicionalistas dentre as atrações é fato. O avanço dos Centros de Tradições Gaúchas foi intenso no final da década de 1940, especialmente nas áreas de colonização alemã (OLIVEN, 1990).

Em 1961, uma nota num jornal local contextualiza as apresentações tradicionalistas: “além de ser uma homenagem ao “colono”, a apresentação do CTG Tio Lautério é mais uma promoção de seu “patrão”, sr. Georg, na campanha que vem encetando para difundir em nossa cidade o amor pelas coisas do Rio Grande do Sul”.¹²¹

Pode-se pensar que o imperativo cultural do gauchismo, que vinha se impondo, poderia incomodar grupos que defendiam o imperativo cultural ligado à descendência alemã. Contudo, necessariamente ambos os referenciais não se constituem em oposição, antes podem estar presentes num cenário de disputa sem que a oposição seja direta.

No contexto pós Segunda Guerra Mundial, viram-se presentes, em São Leopoldo, diferentes manifestações no sentido de caracterizar a cidade a partir do viés da etnicidade alemã, de modo a legitimar a memória de um grupo. Isso pode ser visto na retomada dos festejos do 25 de Julho, na defesa dessa data como feriado local¹²², na defesa da preservação do patrimônio relativo à imigração alemã, na criação de um museu e na opção de explorar o turismo local com base nos aspectos relativos à imigração alemã através da criação de um museu.

¹²¹ *São Leopoldo*, São Leopoldo, p. 4, 02 ago. 1961.

¹²² Na década de 1960 e no início da década de 1970, o Museu posicionou-se a favor da manutenção do feriado diante do descontentamento de alguns comerciantes que defendiam seu fim (Cf. *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 4, 04 maio 1972).

3.5 Reavivamento étnico nas comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã

Após o contexto de nacionalização, depois da retomada das comemorações do 25 de Julho no início dos anos de 1950, a data continua aparecendo como o momento de o município comemorar-se.

Em 1967, na passagem daquela data, foi editado um suplemento especial sobre São Leopoldo que circulou como “Suplemento Nacional”, elaborado por uma reunião de jornais. Nessa edição, todos os atributos da cidade devem-se à colonização alemã. Por isso que “São Leopoldo é uma das cidades mais cultas do mundo”, como divulga o especial¹²³.

No ano de 1972, a passagem do 25 de Julho foi apropriada para comemorar o Sesquicentenário da independência do Brasil. Nas palavras de Muller, tratava-se de valorizar a história, memória e brasilidade¹²⁴. Nesse mesmo ano, a municipalidade lançou como lema da cidade: “Fé, Cultura e Trabalho”.

Em 1972, começam a surgir as preocupações em festejar os 150 anos da imigração alemã. Em maio de 1973, em cerimônia no Palácio Piratini¹²⁵, o governador do estado, Euclides Triches, adiantou-se frente às iniciativas isoladas em festejar o evento¹²⁶, criando o “Biênio da Imigração e Colonização”. O objetivo era comemorar o centenário da imigração italiana, que se completaria em 1975, e o sesquicentenário da imigração alemã, em 1974. O

¹²³ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 25 jul. 1967.

¹²⁴ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 4, 11 maio 1972.

¹²⁵ Sede do governo estadual, localizado em Porto Alegre.

¹²⁶ Nesse contexto, adiantou-se duplamente. Uma vez que sua gestão tinha como término o ano de 1974, Triches adiantou-se em aprovar em lei o Biênio, que continuaria em vigência no governo que o sucedeu, de Sinval Guazzelli (ROEHE, 2005).

governador nomeou, então, a Comissão coordenadora¹²⁷: o secretário da Casa Civil, Victor Faccioni, foi nomeado como presidente; como coordenador geral, o secretário de turismo, Roberto Eduardo Xavier; e, como coordenador-executivo, o jornalista Osvaldo Goidanich (ALBUM, 1974). O governador usou as palavras que seguem para justificar a instauração do Biênio:

Desejamos a todos os que vão tomar parte nas Comissões do Biênio o maior sucesso na realização de seu trabalho e que todos os rio-grandenses se unam, porque o momento é do Rio Grande do Sul, é do povo gaúcho, é da nossa Pátria. Mais do que nunca devemos cerrar fileiras e mostrar que aqui no Extremo Sul, na conjunção dessas nacionalidades, dessas etnias, oriundas dos mais diferentes pontos do globo, formou-se este tipo único, que é o gaúcho (ALBUM, 1974, p.16-17).

O gaúcho é apontado mais uma vez como um elemento que unifica as diferenças regionais, sendo esse um discurso recorrente nas representações identitárias do contexto. Cabe observar também o fato de o tema do patriotismo aparecer, de modo que a festa é dos rio-grandenses e da pátria brasileira, não sendo um momento que deva se caracterizar por comemorações isoladas dos grupos.

Roehe (2005), em seu estudo sobre os festejos do Sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, constata que, apesar de os objetivos do Biênio demarcarem a intenção em homenagear diferentes etnias existentes no estado¹²⁸, de fato, a documentação permite afirmar que a maior atenção do Biênio foi com relação aos descendentes de alemães e italianos¹²⁹. O evento prestava-se para a grandiosidade, como é explicitado na própria filosofia do Biênio:

¹²⁷ As comissões organizadas para o Sesquicentenário são: Comissão de honra, Comissão coordenadora, Comissão executiva do Sesquicentenário da colonização alemã, subcomissão para assuntos históricos e culturais, subcomissão de festividades sociais e populares e subcomissão de relações e intercâmbios (ALBUM, 1974).

¹²⁸ A idéia de festejar todas as etnias ganha corpo em 2004 quando é criada a Semana das Etnias como se verá no capítulo cinco.

¹²⁹ Pode-se lembrar que o mesmo ocorreu na década de 1930, quando foi decretado o 25 de Julho como feriado estadual. Embora a referência fosse feita a todas as etnias, de fato, era o grupo de descendentes de alemães que se via representado (WEBER, Roswithia, 2004).

“APOTEOSE ao trabalho épico dos pioneiros [...]. AGRADECIMENTO aos imigrantes que, deixando as suas terras de origem e adotando esta nova Pátria, ensejaram a todos nós rio-grandenses a felicidade de termos nascido brasileiros. ALEGRIA pela forma generosa com que a Pátria recebeu as correntes migratórias e pela comunhão nos sentimentos cívicos [...], em que o mútuo respeito e admiração pela cultura e pelas tradições dos vários povos estão enriquecendo a nacionalidade [...] AMIZADE, para que o intercâmbio cultural, científico e econômico favoreça com os maiores e inestimáveis frutos e benefícios [...]. (ALBUM, 1974, p. 23). (Grifo do autor).

Esses objetivos serão expressos ao longo do Biênio, nas festas, nos discursos, nos aspectos das relações que se estabeleceram entre o Brasil e a Alemanha.

Dois representantes do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo estiveram compondo a Comissão do Biênio: Germano Oscar Moehlecke, como vice-presidente da comissão executiva, e Telmo Lauro Müller, como presidente da subcomissão para Assuntos históricos e culturais. O primeiro ocupava então o cargo de Presidente do Museu, e o segundo, o cargo de Diretor.

São Leopoldo queria a garantia de que seria o centro das comemorações do Sesquicentenário, havendo grupos que se colocaram na defesa desse propósito. Nesse sentido, houve várias manifestações por ocasião da comemoração dos 150 anos da imigração alemã. Era desejo de muitos que as comemorações fossem centralizadas em São Leopoldo, dado que a cidade havia sido o “berço da imigração alemã”. Rudy Müller manifestou seu desgosto com os critérios de escolha da rainha do Sesquicentenário “[...] a candidata desta cidade já deveria entrar no concurso como finalista. [...] São Leopoldo é o berço da civilização alemã, entrará no concurso como qualquer outra cidade [...]”¹³⁰. Os descontentamentos já estavam presentes na cidade em 1973, conforme noticiou um jornal local: “São Leopoldo merecia mais – Câmara descontente com programa das festividades do Sesqui no RS”. Em artigo de Lia Hauschild, que criticou a comissão dos festejos, consta:

¹³⁰ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 11, 18 abr. 1974.

Esta comissão não tem ligado para São Leopoldo. Até agora a única programação prevista é a réplica da colonização e a missa campal, [...] bandas nacionais e estrangeiras farão apresentação em Porto Alegre, [...] a feira teuto-brasileira será realizada em Novo Hamburgo, a dupla gre-nal jogará contra equipes alemãs e nenhum clube leopoldense participará das competições, homenagens serão prestadas na catedral Metropolitana ficando esquecido o santuário Padre Réus... As outras cidades é que deveriam homenagear a cidade que é o berço da colonização alemã. Por último, lemos nos jornais uma notícia que chega a ferir. Trata-se do grande banquete que encerrará as atividades [...], com a presença de autoridades nacionais e alemãs, a ser realizado em Porto Alegre, por medida de segurança. Considero isso uma ofensa para o povo leopoldense, que sempre se mostrou muito bem educado. Isso é grosseiro. Tal proclamação é ofensiva [...]¹³¹.

A centralidade de São Leopoldo foi colocada em discussão em outros momentos. Por exemplo, nos festejos de 1924, ocorreram disputas entre a cidade e seu distrito, Novo Hamburgo, em relação ao local no cenário regional, quando São Leopoldo queria garantir para si a identidade de “berço da civilização alemã”. No contexto mais recente, a disputa vai se travar em âmbito nacional, como será visto mais tarde neste estudo.

Para contornar o problema, o prefeito Henrique Prieto abordou o tema na Câmara na semana que se seguiu às manifestações dos vereadores que reclamavam da posição periférica da cidade nos festejos. O prefeito ressaltou os eventos que ocorreriam em São Leopoldo a fim de demonstrar que a cidade estava inclusa nas comemorações: Congresso Histórico e Geográfico do Vale dos Sinos, encenação da chegada dos imigrantes, desfile de banda folclórica alemã, *rally* automobilístico e inauguração da nova sede do Museu e da casa do Imigrante.

O próprio prefeito levava o nome da cidade através de uma exposição fotográfica que montou e intitulou de “Milagre do Vale”. Desde 1972, essa exposição circulou pelo município

¹³¹ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, 30 ago. 1973.

e região. Em 1974, a exposição chegou a ser levada para Brasília, onde foi inaugurada pelo vice-presidente da República, General Adalberto Pereira dos Santos, natural de Taquara¹³².

Não faltou quem fizesse esforços para realçar a cidade. Germano Moehlecke lembrou que os visitantes procurariam *souvenirs* e aconselhou as indústrias a colocarem à disposição objetos da tradição gaúcha, alemã e brasileira, sem esquecer de neles marcarem “São Leopoldo – Brasil”¹³³.

O ano de 1974 foi um momento especial que se pode situar como extremamente significativo para o reavivamento étnico após a Segunda Guerra. Foi organizado pela Comissão dos festejos um calendário festivo que teve seu início oficial no mês de março de 1974 e se estendeu até dezembro, com eventos ocorrendo em diferentes municípios ligados originariamente à imigração alemã (DUARTE, 1974). Esse calendário contou com apresentações variadas, dentre as quais, podem-se destacar: inaugurações de monumentos alusivos ao sesquicentenário, apresentações musicais de grupos da Alemanha, festival de coros de grupos regionais, concurso de monografia sobre imigração alemã¹³⁴, simpósio de imigração alemã¹³⁵ e Oktoberfest¹³⁶.

¹³² *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 13, 25 abr. 1974.

¹³³ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p. 3, 28 mar. 1974.

¹³⁴ A monografia que venceu esse concurso foi a de Carlos H. Hunsche, “O Biênio 1824/1825 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul: Província de São Pedro”, publicada em 1975.

¹³⁵ O I Simpósio de Imigração Alemã foi realizado em São Leopoldo. Em sua primeira edição, teve como organização a Comissão Estadual do Sesquicentenário. Dada a repercussão do Simpósio, foi resolvido, em uma sessão plenária, que se realizasse um Simpósio de dois anos. É nesse contexto que se passou a pensar de modo mais efetivo na fundação de um Instituto Histórico em São Leopoldo; o mote para tal teria sido o evento do Sesquicentenário (Disponível em: <<http://www.museuhistoricosl.com.br/index.cfm>>. Acesso em: 24 maio 2006). Em 25 de julho do ano seguinte, foi fundado o referido Instituto, que atualmente reúne, entre seus pesquisadores, não só residentes da cidade, como também historiadores que pesquisam temáticas relacionadas com a imigração alemã.

¹³⁶ Conforme Silva (2001), essa festa tem origem em Munique, em 1810, ligada aos festejos do casamento dos príncipes; posteriormente, passou a ser uma festa anual e nacional. Hoje a festa continua sendo comemorada, mas suas características mudaram ao longo dos anos. Segundo Silva (2001), a primeira Oktoberfest no Brasil foi realizada em Porto Alegre, no clube *Turnerbund*, hoje Sociedade SOGIPA, quando um grupo de bávaros tomou a iniciativa em 1911. Depois da Segunda Guerra, a festa voltou a ser comemorada nos anos de 1950.

Sem dúvida, o conjunto desses eventos permite avaliar a possibilidade de um reavivamento étnico que teve também como base o grande peso do evento, com sua repercussão na mídia e nas relações efetivadas entre Alemanha e São Leopoldo. Roehe (2005) analisa que, no contexto, a Alemanha tinha interesse comercial em estreitar laços com o Brasil¹³⁷. A comitiva da Alemanha presente no evento do Sesquicentenário, que ocorreu em 25 de julho na cidade de São Leopoldo, bem demonstra a importância desse estreitamento. Estiveram presentes: o embaixador alemão, um deputado federal representando o parlamento alemão, o cônsul alemão e 14 jornalistas representantes dos maiores veículos de comunicação social da República Federal da Alemanha (RFA).

Conforme Roehe (2005), as comemorações do Sesquicentenário tiveram como patrocinadores a Alemanha e o governo estadual do Rio Grande do Sul. São Leopoldo foi especialmente beneficiada com o auxílio de verbas para a construção de um dique de contenção das águas do Rio dos Sinos, que freqüentemente ocasionava enchentes, e com a instalação de empresas alemãs na cidade. Nesse sentido, o governo estadual apresentava ganhos com relação à arrecadação de impostos, justificando, assim, os recursos destinados aos festejos do Sesquicentenário (ROEHE, 2005).

A presença do presidente do Brasil, Ernesto Geisel, filho de um imigrante alemão, acompanhado de uma comitiva de ministros e da Primeira Dama, Lucy Geisel, foi bastante explorada pela imprensa (ROEHE, 2005). Cabe observar, a partir de Roehe (2005), que os laços estabelecidos entre Brasil e Alemanha não se pautaram na origem germânica, mas sim na conjuntura externa que propiciou essa aproximação, embora a autora não desconsidere a existência de simpatias com relação a sua origem. Quando Geisel assume a presidência em 1974, os dois países já estão estabelecendo relações econômicas que apenas se intensificam a

¹³⁷ Conforme Roehe (2005), a aproximação entre Alemanha e Brasil dá-se num contexto em que há desentendimentos com os EUA. Sobretudo, negociações de transferência de tecnologia energética e nuclear incentivaram os laços entre Alemanha e Brasil.

partir de seu governo. No entanto, a imprensa local, regional e nacional explorou os laços étnicos do presidente (ROEHE, 2005). Assim, confirma-se o que Gertz inferia ao mesmo tempo em que chamava a atenção dos pesquisadores para o tema do Sesquicentenário¹³⁸:

Não tenho dúvida nenhuma de que os festejos de 1974 representaram um ponto de inflexão na auto-avaliação dos teuto-gaúchos sobre a sua inserção na realidade brasileira. Se a Alemanha não tinha a importância que tivera em 1924 e em 1934, a força própria, interna, tinha mudado em muito. No contexto de 1924, fora encaminhado um pedido a Borges de Medeiros para que incluísse um nome indicado pela “colônia alemã” na lista de candidatos gaúchos a deputado federal nas eleições previstas para maio daquele ano. Borges nem se dignou a responder, oficialmente, ao ofício. Em 1974, tinha-se não só deputados teuto-gaúchos, mas o próprio presidente da República era um teuto-gaúcho (GERTZ *apud* WEBERB, 2004, p. 14).

Dessa forma, a presença de um presidente teuto, por um lado, foi tomada como um oportunismo político para viabilizar vantagens econômicas e, por outro, serviu como instrumento para positivar a identidade. Cabe aqui a análise de Correa (2004, p.40), quando este situa a fase atual da identidade alemã no sul do Brasil: “assim, se nos meados do século 20 a identidade alemã esteve inibida devido a uma culpa e/ou a uma vergonha, a partir das últimas décadas ela foi reinventada com orgulho”.

Mocellin (1993) identifica a criação de um movimento de valorização da cultura italiana, sobretudo a partir da década de 1970, fato que estaria associado ao processo de modernização econômica da região. O mesmo ocorre na região de imigração alemã, o que certamente faz com que Gertz delimite aí o término do “fenômeno do alemão-batata”, como se viu anteriormente. Contudo, pode-se ver que os benefícios foram direcionados ao contexto urbano, de modo que o meio rural continuou tendo um papel secundário.

Cabe avaliar também que, apesar de se estar num contexto não propício para o enaltecimento de etnicidades, dado o momento de Ditadura Militar (1964-1985), pois como

¹³⁸ O próprio estudo de Roehle ocorreu sob a orientação de René E. Gertz. Pode-se observar que ainda há muito a estudar sobre as comemorações em torno do sesquicentenário.

sugere Banton (1979) seriam os períodos de redemocratização favoráveis para tal. No entanto, pode-se entender que o ano jubilar de 1974 implicou num momento importante no processo de reavivamento étnico. Este desenvolveu-se timidamente no contexto de redemocratização, a partir da década de 1950, e foi tomando força a partir de diferentes conjunturas, apesar de o país atravessar uma ditadura. Talvez seja nesse quadro que se possa entender as intensas manifestações presentes no sentido de defesa e comprovação do civilismo entre os descendentes de alemães, seja nos festejos ou naqueles que buscavam justificar as iniciativas que mobilizavam a afirmação da etnicidade alemã.

4 HISTÓRIAS LOCAIS, CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E PROMOÇÃO DO TURISMO PRÉ- ROTA ROMÂNTICA

Em São Leopoldo, a construção da identidade local esteve em muitos momentos pautada pela identidade étnica. Cabe analisar de que modo esse aspecto esteve ou não presente nos distritos que se emanciparam de São Leopoldo, que esteve dividido administrativamente em oito distritos¹³⁹, cuja população totalizava, conforme dados do censo de 1922, 47.501 habitantes, ocupando o 2º lugar em densidade demográfica, depois de Porto Alegre¹⁴⁰.

Do município de São Leopoldo, surgiram as seguintes cidades: Novo Hamburgo (1927), Estância Velha e Dois Irmãos (ambas em 1959). De alguns desses municípios, emanciparam-se alguns distritos: de Estância Velha, Ivoti (1964); de Dois Irmãos, Santa Maria do Herval (1988) e Morro Reuter (1992). O município de Presidente Lucena emancipou-se de Ivoti em 1992.

Esses municípios integram atualmente a chamada Rota Romântica, juntamente com outras localidades que tiveram outras cidades-mãe. Esse é o caso de Nova Petrópolis, que se tornou município a partir de sua emancipação de São Sebastião do Caí em 1954. Daquele município,

¹³⁹ 1º (Sede) São Leopoldo, 2º Novo Hamburgo, 3º Bom Jardim, 4º Dois Irmãos, 5º Sapiranga, 6º Lomba Grande, 7º Sapucaia e 8º Boa Vista do Herval (Cf. PETRY, 1966).

¹⁴⁰ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 Jul. 1924.

desmembrou-se, por sua vez, Picada Café em 1992. Três cidades que compõem a Rota Romântica emanciparam-se de Taquara: São Francisco de Paula (1903), Canela (1944) e Gramado (1954).

Pode-se notar que a Rota reúne, entre outros, municípios da velha São Leopoldo. Essa localidade, enquanto sede do município, tinha papel fundamental, dado que a navegação fluvial pelo Rio dos Sinos, o principal elo de comunicação com a capital do estado, contava com um tráfego considerável, escoando diferentes produtos e contribuindo para o desenvolvimento da colônia (ROCHE, 1969). A partir de 1874, São Leopoldo estava ligada a Porto Alegre através de via férrea, sendo essa a primeira via férrea rio-grandense¹⁴¹.

Dessa forma, o papel econômico da sede frente às outras localidades foi um elemento de suporte à unidade da localidade. À medida que as diferenças entre sede e distrito se acirravam, ocorriam as reivindicações de emancipação, que seguiam a trajetória burocrática de formação de comissão emancipacionista; credenciamento oficial dessa comissão junto à Assembléia Legislativa, o que lhe garante poderes legais para reunir dados necessários à elaboração do processo de emancipação; encaminhamento do processo de emancipação para a Assembléia Legislativa e consulta plebiscitária. Não é intenção mapear os inúmeros fatores que apareceram nesse processo, mas sim apontar alguns elementos importantes para se compreenderem algumas características histórico-culturais do espaço que é objeto de estudo, especialmente porque esse processo é acompanhado de uma demarcação da identidade local, que tanto pode estar ligada ao município-mãe, quanto à seleção de outros elementos. Entende-se que as novas localidades constroem uma identidade própria como expressão de uma junção de interesses de agentes específicos e coletivos; no entanto, nem sempre metodologicamente se seguiu o caminho de perseguir os interesses particularistas que pesaram nas iniciativas emancipacionistas.

¹⁴¹ A ligação estende-se, em 1876, a Novo Hamburgo e, em 1903, até Taquara, atingindo seu ponto final em Canela em 1924 (cf. ROCHE, 1969, p. 62).

Este capítulo, em sua primeira parte, apresenta os diferentes processos de emancipação, caracterizando alguns aspectos dos municípios que pertenciam a São Leopoldo e os que estavam ligados a outras sedes. São analisados alguns elementos que, ao longo de períodos, serviram para considerar a região como homogênea. Nas demais partes, são apresentadas as diferentes formas de os municípios em questão demarcarem suas identidades locais e como tais demarcações se relacionam com a promoção do turismo local.

4.1 Municípios: emancipação e identidade

Dentre os distritos de São Leopoldo, Novo Hamburgo, o mais próximo geograficamente, foi o primeiro a desmembrar-se. A região onde hoje se situa Novo Hamburgo foi povoada por imigrantes alemães que foram para São Leopoldo em 1824. No chamado povoado de Hamburgerberg, estabeleceram-se casas comerciais justamente num entroncamento de estradas que eram rotas de tropas que vinham dos Campos de Cima da Serra. Desde as picadas de Dois Irmãos, Bom Jardim e Travessão, essas vias encontravam-se para, então, irem rumo ao sul, via São Leopoldo. Dada a confluência de caminhos, o povoado passou a destacar-se, formando, já em 1850, um importante centro econômico e cultural (PETRY, 1959), sendo que, em 1857, passou a ser a sede do quarto distrito de São Leopoldo, com a denominação de Nossa Senhora da Piedade de Hamburgerberg¹⁴². Com a construção da

¹⁴² Petry (1949) explica que a denominação *Hamburger-Berg* surgiu pelo fato de que, na localidade, havia comerciantes originários da cidade alemã de Hamburgo; a denominação teria se propagado com a autodenominação de um deles, que costumava dizer aos fregueses: “não esqueçam de voltar à casa do velho hamburguês” (p.10). A denominação de Piedade, recebida em 1875, quando o local foi elevado a distrito, não se popularizou. Em 1919, no contexto da Primeira Guerra e do “Perigo Alemão”, a localidade passou a ser denominada Hamburgo Velho. Já a denominação Novo Hamburgo foi dada por ingleses, responsáveis pela construção da estrada de ferro que fazia a ligação até Porto Alegre. Essa obra terminou num ponto um pouco adiante de Hamburgo Velho, dada a falta de verbas; então, o seu ponto terminal foi denominado *New Hamburg* (PETRY, 1959). Posteriormente, no contexto da Primeira Guerra Mundial, o intendente de São Leopoldo determinou que a localidade passasse a ser chamada de Cel. Genuíno Sampaio (GERTZ, 2002), este morto no combate do Movimento dos Muckers. No entanto, essa denominação, bem como a denominação de Novo Hamburgo, que no mesmo contexto foi rebatizada de Borges de Medeiros, não foi aceita, e o próprio Borges “não aceitou a honraria” (GERTZ, 2002, p.182).

estrada de ferro de Porto Alegre a Novo Hamburgo em 1876, este último passou a ser um importante centro comercial, atraindo o comércio da zona colonial. No final do século XIX, a produção e comércio de calçados passaram a desenvolver-se em base modernas. A partir de então, a localidade passou a projetar-se.

A localidade de Novo Hamburgo demarcava uma identidade própria antes mesmo do desmembramento. Em diferentes momentos, conflitos entre a sede e o distrito de Novo Hamburgo estiveram em cena. No plano político, ambos rivalizavam nos pleitos em diferentes níveis. Nas eleições locais, o apoio a determinado candidato significava apoiar São Leopoldo ou Novo Hamburgo (GERTZ, 2002). A situação conflituosa evidenciou-se também em vários momentos antes e depois dos festejos do Centenário da imigração alemã em 1924. Novo Hamburgo não se contentava com a posição inicialmente secundária nos festejos. Tanto que acabou garantindo um espaço importante, sendo sede da Exposição de caráter agro-industrial do município, voltada à apresentação do desenvolvimento do comércio e indústria da região.

Distrito criado em 1857, Novo Hamburgo contava, em 1920, com uma população de 8.520 habitantes, ao passo que a sede do município tinha 10.680. Nesse contexto, seu desenvolvimento industrial atingira níveis invejáveis. Novo Hamburgo encontrava-se favorecido pela ferrovia que cruzava o distrito, promovendo o desenvolvimento do comércio e, mais tarde, da indústria, bem como sua expansão urbana (PETRY, 1959).

Em 17 de maio de 1924, uma comissão formada por Pedro Adams Filho, Jacob Kroeff Neto e Leopoldo Petry reuniu-se com o presidente estadual, Borges de Medeiros, para expor a aspiração à emancipação de Novo Hamburgo (PETRY, 1959). Os argumentos em torno da proposta emancipacionista destacavam o desenvolvimento econômico do distrito e, frente a isso, a necessidade de concentrar os impostos recolhidos no local.

Seguiu-se a partir daí uma série de discussões num cenário que gerava mal-estar. Isso porque, de um lado, o chefe político local, João Correia, e a maioria dos membros do conselho eram contrários à emancipação; de outro lado, Borges de Medeiros demonstrava-se favorável a ela. De acordo com a legislação em vigor, cabia ao Conselho Municipal a decisão (GERTZ, 2002).

Em 1925, foi encaminhada à Comissão de Petições e Reclamações do Conselho Municipal de São Leopoldo uma petição pela emancipação de Novo Hamburgo. A comissão pronunciou-se contrária à emancipação do distrito de Novo Hamburgo. Esse parecer pontuou razões de ordem geográfica, administrativa, financeira, etnológica e política, tendo concluído que “as dificuldades, no município de São Leopoldo, são antes de ordem política e étnica do que de natureza administrativa”¹⁴³. Interessam aqui os argumentos que o próprio documento pontuou como de ordem etnológica:

São Leopoldo foi o ponto inicial da colonização alemã. Hoje, porém, os seus moradores se adaptaram ao meio, perdendo, assim, o caráter de uma cidade puramente alemã que era há 30 anos atrás. Em Novo Hamburgo, porém o fenômeno de adaptação e nacionalização ainda se não operou completamente. Isto, todavia, longe de aconselhar a separação, é motivo para se promover uma ligação mais estreita entre as duas sedes, unindo-as cada vez mais, em benefício não só do município e do Estado, mas no do próprio Novo Hamburgo¹⁴⁴.

Não interessa aqui avaliar a pertinência da afirmação de que o distrito se encontrava mais refratário à nacionalização do que a sede¹⁴⁵. Destaco esse aspecto por ser um fator cultural que justificaria o não-desmembramento. Argumentos desse tipo não foram comuns nem nas solicitações de emancipação e nem mesmo nas respostas, de modo que a possível unidade cultural ou diferenças não serviram como justificativas.

¹⁴³ Parecer Municipalização de Novo Hamburgo, 25 Set. 1925. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. São Leopoldo.

¹⁴⁴ Parecer Municipalização de Novo Hamburgo, 25 Set. 1925. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. São Leopoldo.

¹⁴⁵ Ao que parece, essa afirmação teria sido uma resposta ao deputado Jacob Kroeff Neto, um dos líderes emancipacionistas, dadas suas manifestações de “arroubos nativistas” em diferentes momentos (GERTZ, 2002).

A resposta dos emancipacionistas de Novo Hamburgo quanto ao aspecto de “ordem etnológica” pautou-se por um discurso um tanto comum no contexto, tratando-se de caracterizar a população como “ordeira e pacata”. De fato, o que estava em jogo eram as questões administrativas e econômicas.

O processo de emancipação de Novo Hamburgo foi o que, no conjunto das localidades desmembradas de São Leopoldo, apresentou maior resistência. Houve divergências no âmbito religioso (católicos e protestantes), no âmbito político (Federalistas e Republicanos) e nas pretensões expansionistas do distrito. Estas últimas apareceram nas discussões iniciais acerca da emancipação, quando foi cogitada a anexação de outros distritos, já que alguns deles teriam que passar por Novo Hamburgo para chegar à sede. O clima de rivalidades traduziu-se, muitas vezes, em ironias. Numa publicação humorística denominada *Wau-wau*, datada de 1925, eram freqüentes as farpas:

Rio, 22 - O presidente da República sancionou a resolução do Congresso, pela qual foi Novo Hamburgo elevado a um novo Estado, dentro da União. Este novo Estado terá a denominação, prometedor de Honório Lemes. A respectiva capital denominar-se-á São Pedro do Paraíso.

Rio, 22 - Recebeu o Congresso uma proposta telegráfica de Novo Hamburgo, pela qual o novo Estado exige passagem franca ao porto do Mar. Funda Novo Hamburgo sua proposta no direito dos estados da Polônia e da Bolívia. Em caso de recusa, o novo Estado ameaça dirigir-se à Liga das Nações¹⁴⁶.

A referência à anexação aparece com ironia: dadas as pretensões de Novo Hamburgo abranger áreas pertencentes a São Leopoldo, o ideal seria que a localidade se transformasse logo em estado. A denominação promissora, Honório Lemes, remete ao fato de este ser opositor (federalista), tendo maior representatividade em Novo Hamburgo do que em São Leopoldo (GERTZ, 2002). Em 1923, o presidente do Estado, Borges de Medeiros, do

¹⁴⁶ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 17 mar. 1987. A reportagem faz um retrospecto dos acontecimentos prévios à emancipação de Novo Hamburgo e transcreve alguns trechos do impresso humorístico *Wau-Wau*, datado de fevereiro de 1925 e impresso na redação do *Jornal Deutsche Post*.

Partido Republicano, criticou São Leopoldo por ter recebido com entusiasmo o opositor Honório Lemes. O distrito de Novo Hamburgo recebeu-o festivamente (GERTZ, 2002), de forma que poderia, quando emancipado, se denominar como tal.

Dessa forma, podemos ver que as rivalidades estiveram localizadas em interesses políticos e econômicos. Culturalmente, apesar da diferenciação que faz o documento referido, a proximidade local aparentemente mostra um mesmo caráter.

Estância Velha e Dois Irmãos tornaram-se municípios em 1959, na gestão do Governador do Estado Leonel Brizola. Em 1825, na região hoje denominada Dois Irmãos, foi aberta uma picada no local oficialmente denominado de Linha Grande de Dois Irmãos por sua localização geográfica estar demarcada nos limites de Novo Hamburgo por dois morros localizados lado a lado. Mais tarde, com a ocupação do local pela família de Pedro Baum em 1825, surgiu a denominação “Picada Baumschneiss”, ou seja, Picada dos Baum (ARANDT, 1999). A maior parte dos colonizadores chegou posteriormente, em 1829.

Com o crescimento demográfico e econômico, houve mudanças político-administrativas, de modo que a povoação foi elevada à categoria de distrito de São Leopoldo em 1857. Nesse contexto, a comunidade caracterizou-se pela produção rural e artesanal. Na década de 1940 e, mais intensamente, na década de 1950, o setor coureiro-calçadista começou a despontar com a instalação de fábricas (VIER, 1999).

Contrariamente ao desejo do município-mãe, Dois Irmãos emancipou-se em setembro 1959, quando foi derrubado um mandato de segurança impetrado pelo município de São Leopoldo alegando a inviabilidade da criação do novo município, depois de uma disputa judicial que durou quase um ano.

O processo de emancipação de Estância Velha também sofreu ação judicial por parte do município-mãe. O seu processo apresentou uma série de disputas, sobretudo em âmbito local: muitos dos residentes de Ivoti, sob a administração do distrito de Estância Velha, após apoiarem o processo através das listas pró-emancipação, recorreram a fim de retirar seus nomes. Outra questão interna foi o fato de alguns moradores e empresários da comunidade do Rincão dos Ilhéus¹⁴⁷, situada geograficamente entre Novo Hamburgo e Estância Velha, manifestarem interesse em anexar-se a Novo Hamburgo¹⁴⁸.

Ivoti, denominada inicialmente de Bom Jardim, emancipou-se em 1964, após pertencer a Estância Velha, que havia se emancipado anteriormente de São Leopoldo. O núcleo inicial de povoamento da cidade teve sua ocupação por volta de 1826, quando imigrantes alemães fixaram-se na chamada Feitoria Nova. Atualmente, a economia de Ivoti não difere das demais localidades da região: produção de hortifrutigranjeiros, indústria de laticínios e produção coureiro-calçadista.

No conjunto dos municípios que se formaram nos anos 1990, estão Santa Maria do Herval, Picada Café, Morro Reuter e Presidente Lucena. A região de Santa Maria do Herval estava ocupada por índios quando recebeu povoadores vindos das colônias mais antigas, ou seja, das chamadas “colônias velhas”. Essa ocupação deu-se entre 1929 e 1935. O povoado de Linha Herval pertencia ao município de São Leopoldo; com a emancipação de Dois Irmãos deste município, Herval passou a pertencer ao último. Em 1987, foi formada a comissão emancipacionista, e, em 1998, Herval emancipou-se de Dois Irmãos (TUBINO, 2006). A denominação deve-se ao nome da padroeira da localidade: Igreja Nossa Senhora Auxiliadora de Santa Maria. O “Herval” está ligado aos ervais que marcam a paisagem da região

¹⁴⁷ Este local foi inicialmente ocupado, no século XIX, por famílias vindas das ilhas dos Açores (PETRY, 1959).

¹⁴⁸ Dados presentes no Processo de emancipação de Estância Velha. Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

(TUBINO, 2006). Em termos econômicos, o município caracteriza-se atualmente pela produção agrícola e pela indústria calçadista (TUBINO, 2006).

A localidade de Picada Café passou a ser ocupada a partir do término da Revolução Farroupilha, uma vez que a imigração alemã foi interrompida durante esse conflito, sendo posteriormente retomada, de modo que se deu a ocupação do extremo norte de São Leopoldo.

Administrativamente, a região hoje conhecida como Picada Café mudou de jurisdição. Em 1846, pertencia ao município de São Leopoldo; a partir de 1875, passou a pertencer ao município de São Sebastião do Caí (FLORES, 1996). Então, a denominação da picada colonial era Picada do Café. A denominação Picada Café refere-se ao município criado em 1992, que abrangeu partes dos lotes da chamada Picada do Café, mais as localidades de Joaneta, Jammerthal e parte de Lichtenthal. Sua denominação relaciona-se à Picada do Café, que estaria, por sua vez, conforme a tradição oral, vinculada ao fato de que tropeiros que desciam a Serra com suas tropas faziam uma parada na localidade para tomar café. A Comissão de emancipação de Picada Café formou-se em 1982, no entanto, a falta do requisito correspondente ao número de habitantes e eleitores exigidos (respectivamente, 10.000 e 5.000) para a efetivação da emancipação acabou por desmobilizar o grupo. Mais tarde, em 1987, houve uma nova campanha, com a mudança na lei estadual sobre emancipações: o critério passou a ser de 5.000 habitantes e 1.800 eleitores (FLORES, 1996). Em 1988, a solicitação de plebiscito foi vetada pelo Supremo Tribunal de Justiça. A autorização para um plebiscito só veio em 1991, e Picada Café tornou-se município em 1992.

Do município de Ivoti, emancipou-se, em 1992, a localidade de Presidente Lucena. Essa localidade era conhecida como Arroio Veado¹⁴⁹ e foi povoada por colonos vindos de

¹⁴⁹ A atribuição dessa denominação está ligada, como dita a lenda local, ao fato de que, nos primeiros tempos de passagem dos tropeiros pela estrada, frequentemente viam-se veados às margens do Arroio que atravessava a localidade (TUBINO, 2006).

outras regiões por volta de 1910, quando foi construída uma estrada ligando São Leopoldo a Nova Petrópolis. Até 1875, a região de Arroio Veado pertencia a São Leopoldo; em 1959, passou a pertencer a Estância Velha e, em 1964, a Ivoti. No início dos anos de 1980, indústrias de calçado instalaram-se na área, o que permitiu que famílias que vinham se deslocando para cidades próximas, como Estância Velha, Ivoti e Novo Hamburgo, em busca de emprego e melhores condições de vida ficassem na cidade.

Em 1990, formou-se sua comissão emancipacionista, e a localidade emancipou-se de Ivoti dois anos depois. Já quando foi formada, a comissão se propôs a alterar o nome do local para Presidente Lucena, o que foi feito em 1992. Essa nova denominação remete à estrada que corta toda a extensão da área central, que recebeu o nome do Presidente da Província em 1885, Henrique Pereira de Lucena (TUBINO, 2006).

Apesar de ser um município agrícola, a indústria calçadista e a produção de *schimier* são atividades importantes. A produção deste último atualmente chega a 70 toneladas, abastecendo o mercado da região metropolitana de Porto Alegre¹⁵⁰ (TUBINO, 2006).

Morro Reuter também emancipou-se em 1992. A região, inicialmente ocupada por indígenas, passou a ser povoada por colonos chegados no povoado de Dois Irmãos a partir de 1829. A família Reuter lá se estabeleceu, daí a denominação Morro Reuter. Inicialmente, a localidade pertencia a São Leopoldo, mas, com a emancipação de Dois Irmãos, passou a pertencer a este município. Em 1992, emancipou-se deste (TUBINO, 2006). Economicamente, apresenta a exploração da acácia-negra e indústrias calçadistas.

Dentre as localidades que não se desmembraram de São Leopoldo, tem-se São Francisco de Paula, Nova Petrópolis, Canela e Gramado. São Francisco de Paula, localizada

¹⁵⁰ A produção é basicamente de quatro empresas, representadas pelas marcas: Petry, Ivotiense, Brasileirinha, Maravilha, Moleme e *Führ* (TUBINO, 2006).

na região conhecida como Campos de Cima da Serra, daí a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra, que, em 1878, passou a ter o estatuto de Vila. No início do século XIX, o então Povoado de Cima da Serra pertencia ao município de Santo Antônio da Patrulha. A área que hoje constitui o município foi povoada a partir de um processo histórico diferente das demais regiões aqui abordadas, dado que a base de sua economia foi a pecuária. A ocupação foi marcada pela presença indígena¹⁵¹ e, posteriormente, no século XVIII, pela ocupação de portugueses (TEIXEIRA, 2002). A região foi ponto importante da atividade de tropeirismo¹⁵² no contexto do deslocamento do eixo econômico para a região central do Brasil, sendo o sul o supridor de gado e alimentação para a população daquela região. A exploração pecuária foi a característica econômica da área que hoje constitui o município de São Francisco de Paula. Nos primeiros anos da República (1889 e 1892), o município foi anexado a Taquara por breves momentos. Sua emancipação efetiva deu-se em 1903.

Nova Petrópolis¹⁵³ surgiu como Colônia Provincial em 7 de setembro de 1858, criada em área pertencente a São Leopoldo (PICOLLO, 1989). Recebeu imigrantes vindos dos estados alemães da Pomerânia, Saxônia, Boêmia e Hunsrück (TUBINO, 2006). A colônia de Nova Petrópolis passou à esfera administrativa de São Sebastião do Caí quando este se desvinculou de São Leopoldo. Emancipou-se de São Sebastião do Caí em 1954, passando então a ser município. Conforme Tubino (2006), a localidade de Nova Petrópolis teve seu movimento emancipacionista antecipado, uma vez que Gramado estava pleiteando sua emancipação e pretendia anexar as áreas das Linhas Araripe, Brasil e Imperial a fim de somar a população necessária.

¹⁵¹ Muitos desses povoadores iniciais tornaram-se mão-de-obra de bandeirantes que faziam a rota de animais de tração do sul do Brasil até São Paulo. Os próprios remanescentes foram levados pelos jesuítas para a área dos Sete Povos das Missões (TEIXEIRA, 2002).

¹⁵² Termo que se refere à atividade relacionada a tropas de mulas, animais criados nos campos do Rio Grande do Sul, onde havia a salinização natural dos pastos (VAINFAS, 2002.).

¹⁵³ Nova Petrópolis foi assim denominada como encômio ao imperador Dom Pedro II e analogia à “cidade Imperial de Petrópolis”, no Rio de Janeiro.

Gramado tornou-se município no mesmo ano que Nova Petrópolis. Sua região foi povoada no final do século XIX por imigrantes alemães e italianos que vieram das colônias velhas e se instalaram em Linha Nova, que só mais tarde, em 1913, passou a ser denominada de Gramado. Nesse contexto, era distrito de Taquara. Em 1938, tornou-se Vila e, em 1954, município (TUBINO, 2006). A denominação Gramado é alusiva aos carreteiros e tropeiros que passavam pela região, deixando que o gado lá pastasse.

Também Canela foi local de passagem dos tropeiros, e sua denominação é atribuída ao fato de que aqueles, quando lá passavam, descansavam à sombra proveniente das caneleiras, abundantes na região chamada inicialmente de Campestre Canella. O povoamento dessa área deu-se no início do século XX, quando proprietários, arrendatários e colonos passaram a instalar-se lá. O impulso a esse povoamento foi dado com a estrada férrea, concluída em 1924, idealizada por João Correa Ferreira da Silva, que foi proprietário de grandes áreas de terra no Campestre Canella e administrador do município de São Leopoldo naquele ano. Em 1926, a localidade passou à condição de distrito de Taquara e, com seu crescimento ao longo dos anos, passou a ser Vila em 1938, condição significativa que garantiu a sua emancipação em 1944 (TUBINO, 2006).

Já no início de seu povoamento, foram implantadas as primeiras serrarias para a extração de madeira. Atualmente, a região tem como forte característica o reflorestamento comercial como fonte de renda. Outras fontes de renda são as produções com madeira (mobiliário), o artesanato em lã e o turismo (TUBINO, 2006).

4.2 Identidade alemã e interferências identitárias

Cabe observar que o processo de fragmentação do território do estado do Rio Grande do Sul foi sempre mais freqüente nas áreas ligadas à policultura, ou seja, nas regiões de colonização, do que nas áreas de pecuária ocupadas por descendentes de portugueses (MESQUITA, 1984).

Não se pode pensar que a área ligada a São Leopoldo que veio a se desmembrar politicamente detinha naturalmente uma sólida unidade antes desses processos de emancipação. O fato de a maior parte das localidades em foco apresentar influência cultural teuto-brasileira, à primeira vista, poderia sugerir que se tratava de uma região homogênea. A representação da homogeneidade foi construída ao longo do período de colonização, servindo como estratégia de autodefesa desses grupos em posição de recém-chegados, formando, assim, uma “complexidade simplificada”, como analisa Weber (2002). É certo que o traço definidor da região norte do Rio Grande do Sul é a colonização por imigrantes alemães e italianos, sendo o que a diferencia do sul; no entanto, internamente, a homogeneidade é difícil de ser sustentada.

No caso da região da antiga São Leopoldo, poder-se-ia pensar que a unidade se daria em torno da etnicidade alemã. Mas não se pode partir do pressuposto de que esse elemento foi unificador, já que nem sempre teve um papel agregador. A dificuldade do grupo étnico alemão em manter uma unidade era característica presente há muito, podendo ser atestada pela discussão acerca da criação de uma associação dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, presente desde o século XIX, que acabou não vingando. Nesse século, Karl Von Koseritz abriu a discussão, que foi intensa por vários anos. Conforme Gertz (1999, p.6): “do ponto de vista prático, havia a eterna falta de unidade entre as diferentes regiões e as profundas diferenças

dentro das próprias regiões”. As discussões eram travadas também em torno dos princípios que iriam nortear a associação politicamente, economicamente e culturalmente.

As comemorações do Centenário da Imigração Alemã em 1924 atestaram a falta de unidade: “assim a Deutsche Post lamentou, por exemplo, que nem nas comemorações do centenário se chegou a um acordo, pois o bairrismo fez com que cada lugar quisesse sediar os festejos (GERTZ, 1999, p. 6.)”. Entenda-se por bairrismos os interesses localistas presentes que, no caso do exemplo em questão, desencadearam entraves na organização dos festejos. No entanto, quando esses obstáculos são superados, é possível avaliar o papel agregador da comemoração, papel este que, por certo, também aplacou as diferenças religiosas dos 44% de católicos e 56% de luteranos entre a população imigrantista de São Leopoldo em 1924 (GERTZ, 1987).

No conjunto dos processos emancipatórios dos distritos de São Leopoldo, poucos foram os argumentos culturais para tal, seja na utilização da semelhança cultural como empecilho à separação, seja no uso da diferença cultural como fator que justificasse a necessidade de separação.

Nos municípios que surgiram a partir do desmembramento de São Leopoldo, vê-se um quadro de povoamento semelhante no qual a composição étnica esteve inicialmente marcada pelos alemães. Dentre as cidades que se separaram de outros municípios, São Francisco de Paula teve a presença preponderante de grupos de origem lusa.

Dentre as cidades de colonização alemã, Ivoti apresenta um diferencial pelo fato de ter recebido, em 1966, a primeira leva de japoneses, que se estabeleceram no Vale das Palmeiras, formando a denominada colônia japonesa.

Na região do Vale do Rio dos Sinos, os municípios apresentaram, ao longo dos anos, uma alteração do quadro demográfico, o que denotou uma variação na composição étnica da população.

Em Novo Hamburgo, essas alterações foram sentidas na década de 1960:

Metamorfose de Novo Hamburgo. Imaginou Novo Hamburgo como sendo um São Paulo miniatura, porque aqui como lá, tudo é trabalho, dinamismo, ânsia de progresso, um ritmo acelerado de desenvolvimento e aquela vontade firme de vencer nos mais arrojados empreendimentos. Novo Hamburgo estupidamente transformado num centro industrial de uma vasta e futura região, oferecendo ilimitadas possibilidades de maior desenvolvimento. Há mais de trinta anos era comum, vulgar mesmo, ouvir-se falar quase que exclusivamente a língua alemã nas casas de comércio, nas sedes sociais, nos bares, nos cafês, nas reuniões, enfim onde quer que fôssemos ou estivéssemos. Se caminharos pela avenida central ou freqüentarmos os nossos bares, cafês, cinemas ou outras casas públicas, já não se nota mais aquela predominância da língua alemã, até outra bem diferente que nós outros ainda não entendemos. Encontramos aqui o grego Nathan, o romeno Nicola, o turco ou sírio Ahmud, o polonês Petrowoski, o espanhol Carrasco, o italiano Sefadi, e porque esquecer o velho tronco, o português Isaias. Mais adiante vamos encontrar o ex-alemão Schubert, o ex-alemão Fink e assim formando uma maravilhosa sinfonia étnica, cada um de seus componentes trazendo para nosso meio os conhecimentos, experiência e cultura de suas terras de origem para enriquecer este Novo Hamburgo. Plínio Arlindo de Moura¹⁵⁴.

Essas mudanças no quadro étnico ocorrem no contexto de industrialização da região, onde o espaço da fábrica representa “o lugar de descoberta das outras etnias e das outras culturas” (ROCHE, 1969, p.588). No passo da industrialização, os costumes antes comuns, como falar alemão, sofrem agora alterações. A citação acima caracteriza um ambiente de relações interétnicas bastante harmoniosas. O descendente de alemães parece ser aquele que ainda se encontra em posição de certa defesa, na medida em que é identificado como “ex-alemão”, enquanto os demais grupos podem ser marcados pela sua nacionalidade, sem terem como introdução o “ex”. Esse aspecto parece ser resquício do contexto de nacionalização, quando os colonos alemães foram considerados o grupo mais perigoso para a nacionalidade brasileira dentre os demais, conforme indica Gertz (2005). O autor analisa comparativamente a postura repressora dos organismos estaduais com relação aos italianos e constata, a partir de

¹⁵⁴ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.7, 19 Jan. 1963.

vários exemplos, uma relação de condescendência para com estes, demonstrando-se uma “maior simpatia” por eles (GERTZ, 2005, p.154)¹⁵⁵.

Por ocasião da passagem do aniversário de 40 anos do município em 1967, a população de Novo Hamburgo é assim descrita: “apesar do afluxo constante de pessoas de diversas origens (hoje não se ouve mais a língua alemã em público), e o fichário eleitoral afirmar que existem mais criaturas de nomes lusos do que de germânicos em Novo Hamburgo, o teuto-brasileiro domina em todos os setores locais, ou em quase todos”¹⁵⁶. Na seqüência dessa informação, depois de destacar uma nominata dos postos ocupados por descendentes de alemães, de modo a demonstrar a visibilidade desse grupo, o noticiário afirma: “mas o luso também tem bastante presença [...]”. Ambos os grupos são colocados como responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico do município. Roche (1969) apresenta dados relativos aos anos das décadas de 1940 e 1950 e conclui que não se pode falar de uma hegemonia econômica do grupo étnico teuto-brasileiro. De certa forma, a perda de prestígio quer ser assegurada, pelo menos discursivamente, frente ao novo cenário.

Cabe assinalar que as migrações, embora não como únicos elementos, quebram uma ordem pretendida como homogênea na composição étnica da região. Concorreu para tal processo a especialização coureiro-calçadista no Vale do Sinos ao longo dos anos 1970-1980, que teve a necessidade de mão-de-obra, o que fez, inclusive, com que muitas empresas levassem seus negócios para outras áreas rurais do interior (ALONSO, 2001). Esse processo

¹⁵⁵ Para Gertz, essa postura estaria ligada basicamente a dois fatores: “[...] além da menor carga de preconceito ao longo do tempo, os ‘italianos’, de maneira geral, demonstraram maior ‘jogo de cintura’ diante das mudanças operadas com a decretação do Estado Novo (GERTZ, 2005, p.159)”. Em outra produção, o autor analisa os preconceitos e suspeitas com relação aos alemães no contexto do que foi denominado “Perigo Alemão”. Esse tema permite lembrar as considerações de Weber (2004) quando aborda outra temática – a visibilidade dos italianos no Rio Grande do Sul. A autora indica como facilitadores dessa visibilidade o fato de os italianos terem uma série de vantagens, das quais destaco a língua de origem latina e a religião católica. Talvez se possam reunir esses aspectos aos fatores analisados por Gertz.

¹⁵⁶ *Jornal Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 15, 05 abr. 1967.

de descentralização e interiorização industrial teve início com a expansão da comercialização para o mercado externo (FIALHO, 2000).

Nesse contexto de industrialização, surge uma série de notícias por parte da imprensa da região, tanto com relação à decadência das atividades agrícolas quanto no que se refere a questão das migrações¹⁵⁷. Estas estiveram inseridas num fenômeno que marcou os anos de 1960 e 1970 no contexto do Brasil, sendo que uma de suas características foi o êxodo rural, num período em que a indústria demandava força de trabalho (BARCELLOS, 2000).

No município de Dois Irmãos, o quadro é semelhante. Nos anos 1970, as indústrias calçadistas de Dois Irmãos passaram a exportar seus produtos. A expansão dessa indústria foi responsável pelo estabelecimento de fluxos migratórios, a partir da década de 80, de várias regiões do estado, sendo que a maior parte desses migrantes provém da região das missões e é descendente de alemães. Justino Vier, memorialista local, refere-se às migrações da seguinte forma: “refazendo o passado, vejo que os nossos tradicionais habitantes aceitaram e receberam com bons olhos os nossos ‘novos irmãos’, migrantes [...]. E com o convívio harmônico, ajudam a fazer crescer minha cidade” (VIER, 1999, p.21).

As representações das relações entre diferentes grupos como harmônicas eram expressas especialmente em ocasiões festivas. Numa comemoração da emancipação de Novo Hamburgo, as mudanças étnicas presentes foram assim referidas: “não há mais nenhuma restrição racial no entrelaçamento de famílias teuto-brasileiras e luso-brasileiras, como se diz que existia há 30 anos passados”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Vários são os estudos sobre o fenômeno das migrações no cenário do Rio Grande do Sul. Alguns deles são frutos de trabalhos produzidos junto à FEE (Fundação de Economia e Estatística) do RS; artigos publicados na *Revista Travessia*, bem como dissertações e teses. Nesse sentido, destaca-se: BARCELLOS, Tanya M. de. Migrações no sul: caminhos para terras e cidades. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Sociologia) 1995.

¹⁵⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.15, 05 abr. 1967.

A preocupação com o êxodo das populações da região da fronteira do Rio Grande do Sul, especialmente da região das Missões em direção às cidades gaúchas ou de outros estados, passa a ser tema presente nos jornais da região a partir da década de 1960. Uma reportagem realizada pelo jornalista radicado em Novo Hamburgo, Vinícius Bossle, procura indicar as causas desse movimento. Ele tem presente que esses trabalhadores são seduzidos pelo propósito de ingressar no Instituto de Previdência, de poder ter acesso a benefícios sociais. Ao referir-se às populações com quem entrou em contato, Bossle relata: “ali ainda não chegaram os benefícios das leis sociais, do salário mínimo, da assistência médica e hospitalar e nem escolas para as crianças que se criam em roda dos ranchos”¹⁵⁹.

Os descendentes de lusos e de alemães são constantemente diferenciados pela imprensa de acordo com as suas formas de vida. Conforme Bossle, o problema do homem do campo situa-se no fato de não ter “vocação inata para a agricultura”, como   o caso, na visão do jornalista, dos colonos da região. Por isso, esse homem do campo toma como propósito ir   cidade para arranjar um emprego na indústria.

O que   lembrado na passagem do dia 25 de julho também expressa que a situa o mudou. As dificuldades econ micas dos colonos agricultores são enfocadas¹⁶⁰. Os descontentamentos frente   situa o da agricultura e a difícil situa o do colono, nesse contexto, são temas recorrentes na imprensa do município de Dois Irm os¹⁶¹. Nessa localidade, em 1988,   criada a Associa o de migrantes no sentido de solucionar questões relativas às suas demandas.

Em meados da década de 1990, alguns municípios que outrora atraíam um grande número de migrantes para atender   demanda do setor coureiro-calçadista passaram a adotar

¹⁵⁹ *Jornal Folha da Manhã*, Porto Alegre, 26 out. 1962.

¹⁶⁰ *Zero Hora*, Porto Alegre, 23 jul. 1989.

¹⁶¹ *Jornal de Dois Irmãos*. Agricultura está desaparecendo no município de Dois Irmãos, p.10, Jul. 2  quinzena, 1986. *Jornal de Dois Irmãos*. Difícil situa o do colono, p.13, Jul. 2  quinzena, 1987.

políticas no sentido de controlar a chegada desses grupos. Tal política é assim descrita por Corso (2004, p.47):

Hoje, municípios ainda adotam a política de “controle social”, pondo plantões (olheiros) nas vilas para constatar a existência de contrato de trabalho por parte de quem chega. Quem for encontrado sem contrato é convidado a embarcar em transporte público para voltar à sua cidade de origem ou é encaminhado para a região da Serra ou à Grande Porto Alegre.

A integração social parece ser a base das notícias veiculadas. Entretanto, as diferenças entre os grupos não estão ausentes e podem ser reforçadas em diferentes espaços.

Na organização do espaço urbano do município de Novo Hamburgo, é visível o estabelecimento de fronteiras entre os grupos étnicos. Dado o crescimento urbano ligado à produção coureiro-calçadista, que atraía trabalhadores de outros locais, fez-se necessário pensar num Plano Diretor para ordenar, organizar e disciplinar o crescimento urbano da cidade de Novo Hamburgo frente aos loteamentos populares que começaram a surgir. Se, num primeiro momento, a ordenação do espaço privilegiou as áreas centrais, nas décadas de 50 e 60, foi necessário organizar o espaço da cidade, como demonstra Selbach (1999) em seu estudo que tematiza o quadro da modernização da cidade de Novo Hamburgo, enfocando alguns espaços de sociabilidade. Conforme o autor:

Nos arrabaldes, onde viviam os “nascidos em outras comunas”, [...]. Em se tratando de questão étnica havia forte separação [...]. No lado privilegiado do arroio, onde passava o leito da Viação Férrea, viviam os puros descendentes germânicos, divididos entre Hamburgo Velho, local das famílias mais antigas, e Novo Hamburgo, onde ficava o comércio em geral. O outro lado do rio era reduto dos não alemães. Numa área vulgarmente conhecida por “África”, ficavam os de pele escura. Noutra, o “Mistura”, ficavam os “brazilianers”, aqueles que já tinham certa miscigenação (SELBACH, 1999, p.8).

A maioria dos migrantes vinha de outras cidades para trabalhar nas fábricas de calçados e curtumes da cidade, movimento que se tornou acentuado nas décadas de 50 e 60.

Essa segmentação do espaço é indicativa de que os relacionamentos interétnicos não eram tão harmônicos. Assim, temos territórios distintos que demarcam diferenças culturais que orientam contatos organizados por regras, demarcando as diferenças (BARTH, 1998), de modo que a própria identificação do bairro é construída com base na dicotomia nós-eles. *África* e *Mistura* aparecem assim como denominações externas (exodenominação) que serve para categorizar grupos de acordo com a etnia e também para associar o grau de perigo correspondente à área ocupada por aqueles grupos¹⁶².

Conforme Selbach (1999), a intervenção municipal no espaço urbano está relacionada a fatores econômicos da cidade:

[...] uma cidade, como Novo Hamburgo, que se orgulhava de sua pujança econômica, gozando da singularidade de ser o município brasileiro que mais carreava rendas aos cofres públicos em proporção ao seu tamanho, não admitia faltar-lhe um desenvolvimento urbanístico orientado de acordo com a época moderna (SELBACH, 1999, p.27).

Uma situação pontual também permite inferir que as relações interétnicas não eram tão harmônicas em todos os ambientes. Trata-se de um crime ocorrido em 1960, em Ivoti, distrito de Estância Velha, que havia se emancipado de São Leopoldo um ano antes. Um grupo de três homens jogava bolão numa cancha ao lado de um estabelecimento comercial quando chegou um quarto homem. Este, oferecendo-se para jogar, teve como resposta: “brasileiro aqui não joga”; não se conformando com a resposta, o homem travou uma briga e acabou prostrado. Os demais assim o deixaram e continuaram o jogo, até que um dos jogadores sugeriu pintá-lo de preto com uma tinta que se encontrava no local. Assim, despiram-no e pintaram seu rosto, tórax e pescoço. O episódio ocorreu numa noite, e a vítima foi ao hospital no dia seguinte, sendo então atendida e liberada. Na noite desse mesmo dia, veio a falecer. A necropsia constatou que a região do abdômen havia sido atingida.

¹⁶² Essa informação pauta-se em relatos informais de moradores que vivem na cidade de Novo Hamburgo e que guardam a memória o fato de que a área identificada como *África* ser representada como perigosa.

Conforme relatou o jornal, não foi permitido que o indivíduo jogasse “porque suas feições não o identificavam de pronto como sendo colono e morador das proximidades”. A vítima tratava-se de Walter Roeling, “colono”, tal como os demais envolvidos. A oposição dada está entre o elemento “colono”, identificado como o descendente de alemães, e o “brasileiro”, visto como aquele que não é “de origem”, podendo ser de origem lusa. A necessidade de demarcar os contrastes fez com que se distinguisse o homem, pintando-o de preto – a exclusão passa a ser demarcada através de uma característica fisiológica. Certamente, os estigmas frente ao suposto “brasileiro” foram acionados no sentido de que ele não poderia partilhar do jogo por não possuir o “prestígio” com que os jogadores se qualificavam. No cenário étnico de Ivoti, o grupo étnico alemão por certo constituía-se como a maioria já estabelecida, contando com recurso de poder para, no caso, tratar com desprezo o elemento tido como de outra origem étnica.

A investigação foi inicialmente feita por um policial local, que se dirigiu ao cenário do episódio no dia seguinte. Ao chegar lá, nada informou sobre a morte de Walter. Os participantes, todos descendentes de alemães, relataram o ocorrido, destacando a valentia das ações. Ao final dos relatos, o policial deu voz de prisão. Conforme o impresso, a investigação foi conduzida, e os responsáveis foram presos; no entanto, a população manteve-se muda diante do crime. O jornal qualificou o crime como “bárbaro e selvagem”.

No capítulo anterior, viu-se que, na cidade de São Leopoldo, no mesmo contexto dos anos de 1960, os debates na imprensa e na Câmara dos vereadores abordavam a presença da população lusa na cidade. Pode-se entender que as mudanças sentidas no cenário urbano permitem afirmar que não necessariamente as relações étnicas são conduzidas à assimilação, mas antes são processos que resultam de conflitos duradouros (CORREA, 2001).

Economicamente, a região também apresentou-se diversa, o que serviu como mote para a criação de uma associação. Após as separações originadas da colônia-mãe, São Leopoldo, ver-se-á uma integração desses municípios através da chamada Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (AMVRS). Esta é orientada não por princípios de unidade étnica, mas sim por um caráter geoeconômico, abrangendo municípios da Região do Vale do Rio dos Sinos.

Desde o início da década de 1960, a Associação atuava na região. Seu estatuto, que data de outubro de 1968, indica que já atuava anteriormente. A idéia de sua criação partiu do *Jornal NH*, numa reunião ocorrida em 1960, com o objetivo de estabelecer vínculos entre as prefeituras (SCHEMES, 2005). Um primeiro momento em que esses vínculos puderam ser afirmados foi em torno do empreendimento da Feira Nacional do Calçado (FENAC), em Novo Hamburgo. Nesse contexto, a prefeitura dessa cidade adquiriu um terreno e buscou recursos para construir pavilhões. Vários municípios vizinhos ajudaram, especialmente cedendo máquinas para serviços de terraplanagem. Por certo, esse era o momento ideal para a criação de um órgão representativo regional para garantir melhores resultados no movimento de solicitar verbas.

Dentre os objetivos da Associação, constam: “o revigoramento dos municípios da região dentro de um plano comum, o eficiente e efetivo estabelecimento da cooperação técnico-administrativa, no plano de convivência intermunicipal e, ainda, entre ela e os diferentes órgãos das administrações Estadual e Federal [...]”. A idéia de um desenvolvimento igualitário é reforçada no estatuto¹⁶³.

Não se tratava só de um desenvolvimento igualitário, mas também de ajustar as diferenças. Esse parece ser o tom da notícia em caderno especial sobre a emancipação de

¹⁶³ Estatuto da Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos. 03 out. de 1968. Disponível no Acervo da Associação sediada atualmente no município de Sapiranga.

Novo Hamburgo: “para ajustar essa diferença, pleiteia Novo Hamburgo, através da Associação dos Municípios do Vale do Sinos, a instalação, com o auxílio da Alemanha Ocidental¹⁶⁴, na divisa entre esta cidade e São Leopoldo, do grupo de faculdades já em funcionamento e outras a serem criadas, reunidas na que se denominaria Universidade do Vale do Sinos¹⁶⁵.” Quando se destaca a potencialidade de Novo Hamburgo, aparece o fato de a cidade não ter uma instituição de ensino de categoria universitária. Havia o Instituto de Belas Artes, que buscava sua oficialização junto ao Ministério da Educação. Já a cidade vizinha, São Leopoldo, contava com o ensino superior¹⁶⁶. À primeira vista, naquele momento, a AMVRS pareceu servir mais diretamente aos interesses de Novo Hamburgo.

No conjunto das informações acima, pode-se ver que o desenvolvimento da região apresenta semelhanças e diferenças em seus processos, sejam políticos, econômicos ou sociais, de modo que o fato de grande parte dessa região ter sido inicialmente povoada por alemães não é suficiente para indicar uma unidade em torno dos processos históricos.

4.3 Novo Hamburgo e o discurso do progresso

A imagem de Novo Hamburgo como grandiosa, o que suscitou ironias, como foi visto anteriormente, continuou a ser recorrente na imprensa, através de cronistas locais, dos noticiários impressos ou da folhetaria que divulgava a cidade. As ações da administração pública demonstram uma política de intervenções urbanas voltada à modernização da cidade. A tônica da modernização delinea-se já na década de 1920:

¹⁶⁴ Essa denominação refere-se à Alemanha, que se encontrava, então, dividida no contexto da Guerra Fria. Corresponde à área pertencente ao Bloco capitalista.

¹⁶⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.15, 5 abr. 1967.

¹⁶⁶ A instituição de ensino superior Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior no Vale do Sinos (FEEVALE) passou a existir como tal a partir de 1969, malgrado os prognósticos frente à instituição de ensino superior do “outro lado do Rio” (*NH*, Novo Hamburgo. Suplemento Especial, p.6, 5 abr. 1977).

Jardins Públicos. Inaugura-se, dentro em breve, o jardim da praça 14 de julho, desta vila. Não só por constituir um requisito de estética essencial a todo embelezamento urbano... O aludido jardim, que, brevemente, deliciará a vista e mesmo o olfato de nossa gente e dos viajantes que por aqui passarem, dando um atestado do bom gosto da administração que vem logrando proporcionar a esta vila um embelezamento digno de qualquer centro adiantado... dupla utilidade, unindo o necessário ao agradável... o viajante, por exemplo, que tiver de esperar o trem, principalmente no verão, não precisará fazê-lo dentro do velho casarão da viação, que nos dias caniculares é como que um forno em brasas, fa-lo-á então, na praça, à sombra, num ambiente de ar agradável, tendo à vista a perspectiva belíssima... assim o forasteiro levará da nossa terra uma grata lembrança, uma agradável impressão... da influência que os jardins públicos exercem na vida das grandes cidades e dos povos inteligentes... é evidente o valor higiênico mental dos jardins.¹⁶⁷

Começa, assim, a delinear-se o tipo de cidade que se quer e como se quer mostrá-la. Nesse sentido, também houve a preocupação com a limpeza urbana, alvo de políticas públicas presentes na década de 1940 (SELBACH, 1999). A imagem de cidade limpa foi propagada internamente através de *slogans* que partiram de um concurso realizado em 1971: “‘A limpeza é o sorriso da cidade’, ‘Novo Hamburgo, cidade industrial, na limpeza não tem igual’, ‘Cidade limpa e bem cuidada é cidade muito visitada’ e ‘Bom cidadão não joga lixo no chão’” (SELBACH, 1999). Tratava-se de seguir o cumprimento dos requisitos de uma cidade civilizada.

Desse modo, aos poucos, as modificações no cenário urbano operam-se, caracterizando-se por um distanciamento das marcas do passado do local, que não contava com o cumprimento, por parte da sede, de maiores atenções a esses aspectos.

A partir de meados da década de 1940, a identidade de Novo Hamburgo é construída em torno do tema de sua projeção econômica. As imagens produzidas sobre Novo Hamburgo apresentam-na como a “Manchester brasileira¹⁶⁸”, “a Manchester riograndense¹⁶⁹” e “Capital Nacional do Calçado”.

¹⁶⁷ ROSA, Ercílio. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.9, 12 ago. 1927.

¹⁶⁸ ROSA, Ercílio. *5 de Abril*, Novo Hamburgo, 11 jan. 1946.

¹⁶⁹ *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 25 Jul. 1960.

Ercílio Rosa, cronista local¹⁷⁰, assim descreve a cidade em 1951:

Manhã de dia útil... Pouco passa das 7 horas. A manhã ainda envolta nas brumas da madrugada, mal foge do orvalho. E o sol, ainda respingando sereno, levanta-se heroicamente nesse começo de dia comum, e enquanto a aragem dorme, como é costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade... Recém começou um novo dia na “cidade industrial”. E qualquer observador pode sentir, através das chaminés fumegantes, o ruído heterogêneo das 370 fábricas novo hamburguesas, das 294 manufaturando calçados!¹⁷¹

As representações construídas acerca de Novo Hamburgo, ao destacarem o progresso econômico local, não são pautadas, portanto, por situações históricas passadas, mas sim pelo desenvolvimento e pela projeção de futuro. No processo de construção da identidade dessa cidade, a relação entre passado e presente pareceu conflituosa. Algumas crônicas de Ercílio Rosa abordam-na:

Gente também sobe o morro. Enquanto muitos procuram os bancos da praça, para aproveitar os raios de sol, nesses dias frios que estamos vivendo, procuro espichar as pernas e apanhar sol nas ladeiras escarpadas que me levam ao tabuleiro do morro. Aqui em Novo Hamburgo os arranha-céus não conseguiram até agora formar a cortina de cimento que poderia esconder o morro, alto, imponente, donde posso dominar perfeitamente o panorama que meus olhos descortinam. O morro é triste e abandonado, suas principais vias de comunicação – as ladeiras que lhe dão acesso – estão em verdadeiro estado de miséria. Não sei como transitam, por algumas dessas subidas, pessoas e veículos¹⁷².

O morro ao qual o cronista faz referência se trata do bairro Hamburgo Velho, onde se estabeleceu o núcleo inicial de Novo Hamburgo. Esse local, com a emancipação de Novo Hamburgo em 1927, passou ao estatuto de segundo distrito e, mais tarde, de bairro.

¹⁷⁰ Ercílio Rosa escreveu crônicas sobre a sua cidade, Novo Hamburgo, cuja tônica é o processo de transformação da cidade ao longo do final dos anos 1940 e dos anos de 1950 e 1960. Esses escritos foram publicados no jornal local, *Jornal 5 de Abril*, nos anos 1940 e 1950 até o fim da circulação do jornal, em 1962 (SELBACH, 1999).

¹⁷¹ *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 19 jan. 1951.

¹⁷² *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.2, 15 de Jul.de 1955.

O progresso, traduzindo as palavras do cronista, não escondeu o morro ao desconsiderar a área de povoamento inicial. A cidade transforma-se, e isso parece resumir-se na destruição do passado colonial, que Ercílio Rosa caracteriza em sua peculiaridade e valor histórico:

Falta uma praça em Hamburgo Velho. Hamburgo Velho - a cidade alta - é o recanto mais pitoresco de nossa cidade faceira. Aquelas ladeiras de paisagens poéticas, esfregam na imaginação da gente o cheiro das cousas silenciosas que escorregam pelas ruas. Subindo as ladeiras sorridentes daquele recanto, a gente descobre nos ângulos das ruas, pedaços de sonhos grudados nas esperanças de seus habitantes que temperam a evolução do bairro. Mas quem bisbilhotar a intimidade daquele bairro perfumado, logo sentirá que ali falta muita cousa. E entre essas cousas uma Praça. Existe ali uma placa com o nome da praça, mas... O local mais belo de Hamburgo Velho é o largo fronteiro à Igreja católica, de onde se descortina um panorama vertiginoso da cidade baixa, onde as fábricas vão desenrolando a progressão. Ali é o lugar ideal para uma praça! Ali deveria existir uma belíssima praça para o encanto de uma população progressista, que sonha com algo mais do que trabalhar e descer as pracinhas gostosas do centro... Hamburgo Velho precisa de uma praça florida com bancos sombreados, para os sonhos ilusionistas dos namorados, e para a contemplação filosófica dos outros... O "Morro dos Hamburgueses" merece respeitosa reverência porque é o pai da cidade. Ali a gente vê em cada esquina, em cada jardim e em cada barranco, uma reminiscência dos heróicos colonizadores que nos legaram esta conjunção de fábricas... Se aquele largo fosse uma praça, a gente se portaria ali e, contemplando o vale, rememorearia todos os bens estendidos pela cidade afora dependurados nas encostas, ou escorregando pelas ladeiras abaixo [...] ¹⁷³.

O bairro, o passado, merece respeito por ter sido ali o marco inicial do desenvolvimento da cidade, ligado aos "heróicos colonizadores". A construção da praça para contemplar o Vale implica a reivindicação de um espaço ao passado, que carece de atenção frente ao progresso. Embora o cronista não se oponha a este último, reivindica que ele possa ser visto como extensão do que começou do alto.

A não-valorização do espaço "pai" faz com que o próprio cronista se coloque no papel de "fiscal": "fiz mais uma 'fiscalização' no panorama da cidade"¹⁷⁴. Nesse papel, Rosa denuncia o abandono da cidade alta e constata a transformação do passado através da destruição das habitações coloniais. O cronista situava a postura de descaso como fruto da

¹⁷³ ROSA, Ercílio. *5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.8, 14 de Jan. 1949.

¹⁷⁴ ROSA, Ercílio. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.2, 30 mar. 1951.

mentalidade hamburguesa, fascinada pelo universo do mundo prático, simbolizado pela produção coureiro-calçadista em detrimento de elementos culturais:

Eu sinto a ausência de um princípio catalogado na congregação de um ideal mais amplo. Estranho o desinteresse de nosso povo pelas cousas do espírito e pelo desenvolvimento cultural de nosso núcleo. É de fato, lamentável que o novo-hamburguês em geral, despreze os nobres princípios espirituais e troque-os pelo brilho barato das prepotências materialistas... A mentalidade de Novo Hamburgo ainda se detém na base. E [...], viemos usando a cabeça apenas para pôr chapéu... E eu sinto a ausência de um princípio mais cultural na congregação de um ideal mais amplo [...]¹⁷⁵.

Aparece aí um lamento da ausência de um grupo que se mobilize em torno do desenvolvimento cultural. Isso implicaria, ao analisar-se o conjunto das crônicas do autor, voltar-se ao passado. Embora existam “nomes que brilhem”, estes estão mobilizados para outras questões.

Enquanto a área de Hamburgo Velho ficou esquecida, na parte nova, se faziam presentes várias obras que testemunhavam a grandiosidade do município. A construção de duas igrejas, em especial, representa esse aspecto. Na década de 1950, Novo Hamburgo contava com uma das maiores igrejas do interior do Estado, a Igreja São Luís, que não respondia apenas à necessidade física de comportar a população que aumentava, mas que, sobretudo, realizava a intenção de demarcar a monumentalidade¹⁷⁶. Esta estava presente também no templo da comunidade evangélica, construído no mesmo contexto. A Igreja da Ascensão partiu do interesse da comunidade no final da década de 1940. Sua construção tomou como modelo uma igreja em estilo gótico, seguindo o que alguns membros da comunidade evangélica haviam visitado na Europa. Em 1981, no mesmo momento em que se davam os passos iniciais para a preservação do patrimônio de Hamburgo Velho, essa catedral recebia sua iluminação externa, “já que muitas catedrais européias, do mesmo estilo, são

¹⁷⁵ ROSA, Ercílio. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.6, 18 jan. 1952.

¹⁷⁶ “A Igreja São Luís conta com 31 metros de largura por 65 metros de comprimento, sendo ladeada por duas torres com 50 metros de altura cada uma (PETRY, 1959). O estilo arquitetônico é romano e a ornamentação interna conta com pinturas do artista plástico italiano Aldo Locatelli” (SCHÜTZ, 2001, p.54).

iluminadas”¹⁷⁷. Ambos os templos estão localizados no centro da cidade e resultam do direcionamento de empreendimentos voltados à área nova no momento em que a parte velha da cidade se encontra abandonada, como denunciou Rosa.

Ercílio Rosa chama a atenção para o fato de que, nesse cenário de transformações na cidade, não se sabe quem ou o que irá simbolizá-las, uma vez que os símbolos do passado erguidos nos anos posteriores lembram Novo Hamburgo em outro momento:

A crônica da semana. É realmente verdade, não temos por toda cidade um busto, uma estátua, que nos faça lembrar das transições da vida de nossa cidade, os feitos máximos, os homens que os praticaram, etc... Tudo o que temos é um monumento que foi dedicado a homenagear a Colonização Alemã no RS e que lembra um Novo Hamburgo vila, um Novo Hamburgo do passado, colônia ainda [...] ¹⁷⁸.

Pode-se responder anacronicamente ao cronista que os “novos heróis” aparecem nas marcas urbanísticas da cidade, monumentos que simbolizam a nova identidade de Novo Hamburgo. Rosa também se mostra desgostoso com as transformações sofridas pelo homem do meio rural, tanto no presente quanto no passado:

[...] há muitíssimos anos já não existem colonos em nossas glebas! E Novo Hamburgo nada deve a quem quer que seja, de seus primitivos colonizadores. Em Novo Hamburgo não há colonos... Há simplesmente indústrias! Em cada rua já de nome feito ou em cada projeto ou vila, há uma indústria satisfeita ou um industriário mais ou menos feliz, cada qual, dono de sua terra... Muitos matizadores de raças; muitos fabricantes de aparências; muitos criadores de situações e muitos vendedores de brasilidade têm homenageado Novo Hamburgo na palavra colono... E o novo hamburguês industrial ou industriário, se limita apenas a saudar seus antepassados coloniais no dia 25 de julho de cada ano, debruçado sobre a conquista de seu próprio esforço sobre o esforço da conquista de seu ancestral [...] ¹⁷⁹.

¹⁷⁷ *Jornal NH*. Novo Hamburgo, p.24, 29 de nov. de 1990.

¹⁷⁸ ROSA, Ercílio. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.7, 06 Jan. 1950.

¹⁷⁹ ROSA, Ercílio. *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.5, 25 de Jul. 1952.

Rosa denuncia mais uma vez o descaso com o passado frente às mudanças advindas da industrialização. Nesse cenário, o elemento rural não tem existência e apenas é lembrado no 25 de Julho por pessoas que não são do meio rural¹⁸⁰.

Na década de 1970, deu-se a reação efetiva frente ao descaso com o “morro”, denunciada pelo cronista desde o início dos anos 1950. Surgiu um movimento que iniciou em 1974 pela comunidade local, liderada por Ernesto Frederico Scheffel¹⁸¹. Foi solicitada a preservação da Casa Schmitt-Presser¹⁸² quando esta se viu ameaçada de destruição (SCHÜTZ, 2001), o que resultou na criação de vários grupos organizados: o Movimento em Defesa do Acervo Cultural Gaúcho/NH, hoje Conselho Municipal de Cultura, o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico¹⁸³, o Grupo do Parque, hoje Fundação Pró-Parque, e a Associação dos Amigos de Hamburgo Velho. Essa movimentação permitiu com que fosse colocada em pauta a proteção ao Centro Histórico de Hamburgo Velho, parte da área do antigo lote colonial da família Schmitt¹⁸⁴, assim como várias outras edificações e áreas verdes localizadas no município¹⁸⁵.

Em 1981, a casa foi declarada de utilidade pública pela Prefeitura Municipal e, em 1985, tombada como patrimônio histórico e artístico pelo, Serviço de Patrimônio histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

¹⁸⁰ No contexto da retomada dos festejos do 25 de Julho na década de 1950, são várias as críticas quanto ao oportunismo dos políticos com relação à data nas áreas rurais (WEBER, Roswithia, 2004).

¹⁸¹ Artista plástico que viveu sua infância e adolescência no bairro.

¹⁸² Trata-se de uma casa construída na primeira metade do século XIX no lote de Johann Peter Schmitt. A casa havia sido uma venda (funcionava como armazém de secos e molhados, drogaria, armarinho, papelaria, bar, casa de ferragens), sendo um importante estabelecimento comercial da região, onde se realizavam as operações comerciais, as trocas de informação e os encontros sociais. Com o falecimento de Schmitt, a casa foi alugada, tornando-se uma padaria. Em 1923, houve o rebaixamento da rua, e a construção ganhou mais um pavimento. A casa passou por modificações, sendo acrescentadas paredes de pedra e tijolo. Esse espaço passou a ser um armazém, onde Edwino Rodolfo Presser, casado com uma neta de Schmitt, comercializou tecidos, miudezas e produtos de armazém até 1973.

¹⁸³ Esse movimento reuniu historiadores, moradores locais, ecologistas e estudantes (SCHÜTZ, 2001).

¹⁸⁴ Área que hoje é conhecida como *Parcão*.

¹⁸⁵ As atividades em torno da reconstituição do Centro Histórico de Hamburgo Velho foram comemoradas na passagem dos seis meses de atuação, em maio de 1981. Convite para a festa comemorativa. MHVSL. Caixa Municípios do RS n° 5.

(IPHAN)¹⁸⁶. Em 1987, a casa foi desapropriada ao fazer-se necessária uma intervenção de emergência para evitar o desabamento de sua estrutura. Em 1990, foram iniciadas as obras de restauração, e, em 1992, a casa foi aberta à comunidade com o caráter de Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser, com um acervo referente à imigração alemã¹⁸⁷.

Podem-se constatar as diferenças entre as formas de construção da identidade local de Novo Hamburgo e São Leopoldo. O primeiro distrito que se emancipou passou, desde os primeiros anos de sua história enquanto município, a construir uma identidade local pautada em elementos que buscavam o futuro como referência, trazendo a oposição entre tradição e progresso (HOBBSAWM, 1998). Mesmo no contexto pós-nacionalização, essa tônica continuou. Já São Leopoldo demarcou sua identidade local tendo como elemento de valorização o passado, o que pode ser observado na promoção de festividades do 25 de Julho no período pré e pós-nacionalização, na criação do Museu representativo da imigração alemã, no reerguimento do patrimônio local, destruído no contexto da Segunda Guerra, e na promoção do turismo pautado nessa identidade. Hobsbawm (1998), ao analisar as questões em torno da rejeição do passado, observa: “o problema de se rejeitar sistematicamente o passado apenas surge quando a inovação é identificada tanto como inevitável quanto como socialmente desejável: quando representa ‘Progresso’. Isso levanta duas questões distintas: como a inovação em si é identificada e legitimada [...]”. Por certo, a rejeição do passado, no caso de Novo Hamburgo, veio acompanhada desses elementos num contexto em que as mudanças históricas se deram num ritmo acelerado, o que, conforme Hobsbawm (1998), faz com que o passado cesse de ser o padrão do presente, no máximo, podendo ter espaço enquanto modelo.

Talvez seja nesse sentido que se percebe a presença do discurso do progresso vinculado ao passado. No caso de Novo Hamburgo, a relação de aproximação entre tradição e progresso não

¹⁸⁶ O descaso com o patrimônio histórico de Hamburgo Velho foi tema de um artigo publicado no *Jornal do Comércio* de 23 jul. 1982, p.7.

¹⁸⁷ A casa possui uma museografia que remete aos antigos armazéns presentes nas regiões coloniais.

foi expressa pelas políticas urbanas ou por ações que vinculassem identidade local com identidade cultural, como foi o caso de São Leopoldo. No entanto, não se pode pensar que o passado esteve excluído de todo como discurso a ser evocado no contexto de Novo Hamburgo. Muitas vezes, ao serem feitas referências ao progresso local, há a articulação com o passado:

Da emancipação até nossos dias tudo foi trabalho, tudo esforço, tudo dinamismo, transformando-se o “Hamburguer-berg” de 1824, na “Manchester Gaúcha” de nossos dias. É hoje Novo Hamburgo um centro de trabalho e de cultura, de respeito à ordem, de obediência às leis e de cumprimento de seus deveres cívicos. Existe uma orientação sadia e firme, que dos pais passou aos filhos e netos e forma hoje uma tradição honrosa, intimamente ligada ao desenvolvimento econômico, social, cívico e religioso de nossa coletividade¹⁸⁸.

Nesse caso, o sentido de continuidade do passado dá-se via o discurso do progresso como resultado da “tradição honrosa”. Assim, faz-se presente o discurso identitário de tipo essencialista. Trabalho, progresso e obediência foram discursos muito presentes na imprensa local, tanto em Novo Hamburgo quanto em São Leopoldo. A singularidade de Novo Hamburgo foi assim expressa em 1952:

Caudalosamente, de ano para ano, avoluma-se o potencial econômico de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo é uma terra singular, disse alguém há pouco tempo, quando, sob os impulsos de um patriotismo sadio e justiceiro, se referia ao trabalho que os filhos desta gleba realizam em jornadas diuturnas e pertinazes, para seu bem-estar e grandeza da Pátria. O potencial econômico de nosso município é uma das realidades palpitantes que constituem os esteiros garantidos da própria subsistência e soberania nacional. É uma dessas raízes mestras que, mergulhando no solo fértil do trabalho organizado, regado com os mais sãos princípios sociais de justiça e fraternidade humana, levam ao tronco robusto da Nacionalidade a seiva viva da alimentação, formando e fortalecendo a cortiça de Defesa Nacional, a capa agasalhadora e confortante das ramificações e folhagens, em meio às quais fazem brotar os frutos do progresso material e as flores da cultura e da arte. Um horizonte cheio de esplendor matinal, em rutilo faiscar, prenuncia ao povo laborioso desta terra o grandioso porvir da Cidade Industrial que, dia a dia, se eleva mais no conceito, não só dos Estados da União e do Continente Americano que Novo Hamburgo é pronunciado com acato e admiração. Melhores dias virão para o bom povo que habita estas paragens, o povo são, cujas tradições constituem uma honra para o Brasil e cujo apanágio são suas virtudes e sua marcante personalidade de município altaneiro, cioso do seu caráter e do seu prestígio!¹⁸⁹

¹⁸⁸ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.5, 11 maio 1961.

¹⁸⁹ *Jornal 5 de Abril*, Novo Hamburgo, p.5, 18 Jan. 1952.

Aqui se vê outra faceta do discurso que articula tradição e progresso: a afirmação da identidade nacional brasileira. A laboriosidade é colocada como elemento que reforça o sentimento de patriotismo. Cabe observar que, mesmo no período após a Segunda Guerra, esse tipo de discurso em que o trabalho é elemento da representação da etnicidade alemã é constantemente reafirmado.

4.4 Novo Hamburgo: turismo e identidade

Enquanto na cidade-mãe de Novo Hamburgo, ou seja, São Leopoldo, buscou-se promover o turismo local na década de 1950, a partir de uma base identitária que remetia ao passado, acentuando as origens étnicas alemãs, a promoção do turismo em Novo Hamburgo reforçou a identidade local voltada à representação do progresso. Em ambos os casos, os agentes do campo do turismo apresentam um papel fundamental na propagação dessas identidades locais.

Por sugestão da Secretaria de Turismo do Estado (SETUR), o município de Novo Hamburgo criou o seu Conselho de Turismo (COMTUR) na década de 1960, sendo que seu primeiro Centro de Informações Turísticas foi instalado em 1972¹⁹⁰. Na década de 1960, o COMTUR promoveu a FENAC - Feira Nacional do Calçado. A criação de uma feira voltada ao calçado teria partido de Bruno José Petry, empresário hamburguense. Conforme seu relato, a idéia nasceu depois de uma visita à Festa da Uva em Caxias do Sul, RS. Petry compartilhou sua idéia com os diretores do *Jornal NH*; a partir de então, juntos, buscaram apoio da municipalidade, que comprou a área destinada ao empreendimento (SCHEMES, 2005)¹⁹¹. O primeiro pavilhão que viria a abrigar a Feira foi construído com auxílio do governo do Estado,

¹⁹⁰ Caixa Municípios do RS: Jornal sem identificação. Guia Caderno 2, p.14, 28 Jul. 1972. MHVSL.

¹⁹¹ A publicação *Memória do setor coureiro-calçadista*, de Claudia Schemes e outros autores, é uma produção que reúne especialmente relatos de empreendedores do setor coureiro-calçadista de Novo Hamburgo.

na gestão de Ildo Menegheti (1955-1959). O apoio do governo do Estado às iniciativas do ramo calçadista em Novo Hamburgo esteve presente também no governo estadual de Leonel Brizola (1959-1963), que financiou uma missão de empresários aos Estados Unidos com o propósito de promover o desenvolvimento da indústria calçadista.

As três primeiras Feiras ocorreram de dois em dois anos. A partir da quarta, a Feira passou a ser anual e mantém-se assim até hoje. A primeira Feira, realizada em 1963, teve caráter regional. A segunda, em 1965, caracterizou-se por ser nacional, e a terceira, que ocorreu em 1967, projetou-se internacionalmente¹⁹². No início, essas feiras caracterizavam-se por um estilo festivo, envolvendo a comunidade local. Contavam não só com a exposição de calçados, como também com o envolvimento da comunidade ao ter como atrativos a escolha da Cinderela do calçado.

A mobilização da comunidade deu-se de modo especial através da realização do que se chamou “Raid do calçado”, que consistia numa divulgação da Feira por diversos estados do Brasil¹⁹³. A comitiva de divulgação, ao entregar o convite para a Feira, entregava pares de sapato e a monografia de Novo Hamburgo escrita por Leopoldo Petry. Utilizou-se também a mídia dos lugares visitados para divulgar o evento (SCHEMES, 2005). Tratou-se de promover não somente a feira, mas, sobretudo, a cidade, que, de “Cidade industrial” e “Manchester rio-grandense”, passa a ser conhecida como “Capital Nacional do Calçado”. Essa imagem é fortalecida não só pela produção de calçados, como também pelas empresas correlatas ao setor calçadista: máquinas, equipamentos, enfeites e componentes de calçados¹⁹⁴.

¹⁹² Dados extraídos de folheto informativo da Fundação IBGE, Novo Hamburgo, RS, Coleção de Monografias, n° 396.

¹⁹³ Essa comitiva foi recebida pelo Presidente João Goulart em Brasília.

¹⁹⁴ Essa característica já estaria presente na década de 1970. Assim, o desenvolvimento local não esteve apenas ligado a calçados e couro. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, o poder público local e estadual estimulou viagens ao exterior a fim de qualificar o ramo de máquinas e componentes (SCHEMES, 2005, p. 168).

Aos poucos, essas feiras tenderam a tornar-se menos uma “festa do calçado” e mais uma feira comercial, em que há limitação para o acesso de visitantes, estes especialmente ligados ao ramo calçadista.

Na década de 1970, buscou-se dinamizar o espaço físico da FENAC, dado que a área se encontrava ociosa, pois o espaço, com 230 mil metros quadrados, dos quais, 14.500 de área construída, só era utilizado duas vezes ao ano. Então, circulou a proposta de construir-se um complexo turístico-hoteleiro. Nesse sentido, o prefeito Miguel Schmitz (1973-1977) encaminhou, em 1973, um projeto de lei com a proposta de transformar a FENAC numa sociedade de economia mista, com a participação majoritária da prefeitura. O contexto era propício para essa iniciativa, pois o governo do Estado discutia a definição de áreas para exposições no Rio Grande do Sul localizadas perto da capital. O Parque de Esteio foi uma escolha para as promoções de caráter agro-pastoril, podendo ser o momento de Novo Hamburgo colocar-se para sediar as exposições industriais¹⁹⁵. A área já contava com um restaurante, construído para a segunda FENAC com verba federal¹⁹⁶.

O complexo turístico hoteleiro que se pretendia criar abrigaria, além do ginásio de esportes já existente, um hotel e um museu do calçado e da imigração alemã¹⁹⁷. Nesse sentido, há um direcionamento de preocupações com a construção de uma memória incluindo o aspecto da imigração para a história local. No entanto, um museu desse caráter foi criado em outro espaço e bem mais tarde, o Museu Comunitário Casa Schmitt-Presser, a que se fez referência anteriormente. Já um museu voltado ao calçado foi montado na década de 1980, com um pequeno acervo, fruto de uma doação privada, junto a outro espaço, o Parque

¹⁹⁵ *Jornal NH*, 18 maio 1973.

¹⁹⁶ No Governo do Presidente da República Mal. Humberto Alencar Castelo Branco, recursos consideráveis foram destinados para a promoção do evento, dos quais parte foi utilizada para montar um restaurante panorâmico para 500 pessoas. Esse empreendimento ocorreu quando Arnaldo Avelino Schmitz estava na presidência da FENAC (SCHEMES, 2005).

¹⁹⁷ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 18 maio 1973.

Floresta Imperial; no entanto, esse acervo ficou sem ter os cuidados devidos, e o espaço deixou de existir. Mais tarde, em 1999, foi fundado o Museu Nacional do Calçado junto ao Centro Universitário Feevale. Se em São Leopoldo as ações da COMTUR, a partir da década de 1960, enfatizavam o legado cultural ligado aos alemães, em Novo Hamburgo, o que era destacado voltava-se à atração do turista através daquilo que simbolizava a “cidade moderna”:

O movimento enorme de transeuntes que passam pelas nossas calçadas, a agitação nas lojas e fábricas é um aspecto muito interessante que se apresenta aos nossos olhos. Nossa cidade, além de sapatos, oferece aos turistas uma bela visão: é uma cidade bonita, limpa e agradável, com lugares bonitos que merecem ser vistos. Somos uma cidade moderna, mas também temos nossas falhas e uma delas é a falta de bons hotéis. Não temos em nossa cidade um hotel que ofereça a seus hóspedes todo o conforto, bem-estar e divertimentos possíveis¹⁹⁸.

O único empreendimento dentre as propostas em torno da criação de um complexo turístico foi um hotel. Cabe lembrar que, nesse contexto, a política nacional estava incentivando a criação de hotéis. O ano de 1973 foi intitulado “Ano Nacional do Turismo” e teve como prioridade a criação de infra-estrutura hoteleira¹⁹⁹.

Alguns municípios que são foco deste estudo criaram, em 1984, uma associação de turismo, a ASTURVALE (Associação dos Organismos Oficiais de Turismo do Vale do Sapateiro), com o objetivo de congregar órgãos de turismo. Esse foi um projeto cuja preocupação maior esteve voltada para a criação de uma infra-estrutura hoteleira. As preocupações em torno da falta desta última foi uma constante em diversos momentos²⁰⁰.

A construção de um hotel foi justificada não só pela demanda, como também por tratar-se de um empreendimento que viria reforçar a “pinta de metrópole”:

¹⁹⁸ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.3, 31 jul. 1964.

¹⁹⁹ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 18 maio 1973.

²⁰⁰ Nos anos de 1980, tinha-se a presença de turistas argentinos e uruguaios que vinham visitar não só o litoral, como também o interior de estado. *Vale do Sinos*, São Leopoldo, 17 jan. 1980.

Enfim o hotel. Novo Hamburgo cada dia ganha pinta de metrópole. Em todos os setores há progresso e crescimento. São novos edifícios, casas comerciais e estabelecimentos industriais que surgem, absorvendo um maior contingente de homens e mulheres e fazendo convergir para cá o interesse, seja no plano comercial ou turístico, cada vez mais crescente de todos os recantos do Brasil. A idéia da construção do hotel parece estar plenamente amadurecida na mente de todos, que sentem a sua cidade ir se agigantando, sem, contudo, oferecer aos seus visitantes as mínimas condições de hospitalidade²⁰¹.

O que se quer mostrar ao turista são as imagens que expressam o novo que a “metrópole” tem a oferecer. Outro empreendimento voltado a exaltar o aspecto de modernidade da cidade é o Chafariz instalado numa das Praças centrais. O seu projeto dava o tom de suas características:

A fonte de Novo Hamburgo terá cerca de 120 figuras e cinco cores: violeta, vermelho, verde, amarelo e azul. Para a cidade vai ser algo maravilhoso. Inédita e belíssima, deverá atrair turistas e, graças às infinitas combinações de cores e figuras possíveis, nunca chegará a enjoar, pois proporciona sempre espetáculos diferentes, com a água dançando suavemente ao som de música estereofônica. Combina-se assim, de forma maravilhosa, água, cor e música, num espetáculo emocionante que chega a fazer chorar²⁰².

O jornal local, juntamente com a municipalidade, formatou campanhas para os melhoramentos urbanos. A campanha de limpeza da cidade tem como eixo, como se pode ver abaixo, a relação entre turistas, natal e FENAC:

Maior limpeza na cidade: turistas, natal e Fenac. A prefeitura lançou quarta-feira, uma campanha de limpeza da cidade, principalmente nas ruas centrais, objetivando melhorar ainda mais o aspecto da cidade. A campanha baseia-se no trinômio turista, natal e Fenac. O slogan adotado é: zelemos pela boa apresentação e pela limpeza de nossa cidade. A municipalidade está apelando para a colaboração de todos, visando manter viva a tradição de que Novo Hamburgo é uma das mais bem limpas do Estado, demonstrando, assim, a educação de que são possuidores todos os seus moradores²⁰³.

²⁰¹ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.7, 22 dez. 1967.

²⁰² *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.9, 22 nov. 1968.

²⁰³ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.2, 11 dez. 1964.

A municipalidade buscava para tal mobilizar a comunidade local através de campanhas para ornamentar a cidade no natal²⁰⁴ e escolhas de *slogans* para incentivar a limpeza.

Essas iniciativas de limpeza, embelezamento da cidade e implementação de hotéis permitem afirmar que, já no início da década de 1970, se tem uma preocupação com a cidade enquanto pólo de atração ao turista. As implementações nesse sentido estiveram voltadas à área comercial, e é nesse campo que se procurou investir. Assim, a identidade local voltou-se para o destaque da área do centro urbano e para as marcas da modernidade vinculadas à produção da indústria calçadista. As verbas mobilizadas para os empreendimentos acima citados são fruto de um contexto em que, em termos nacionais, se vê o desenvolvimento uma política de incentivo às exportações (MARTINS; BECKER, 2005). A visão da indústria calçadista como um mote para o desenvolvimento do turismo continua preponderando na década de 1990²⁰⁵.

O Plano Regional de Turismo (SUDESUL) de 1972, no item “Estabelecimentos de áreas de ação prioritária”, caracteriza São Leopoldo e Novo Hamburgo como áreas comerciais com base em atrativos de compra de produtos de couro. De fato, apesar da potencialidade de São Leopoldo, não houve por parte da municipalidade uma preocupação em promover esse aspecto – o “capital cultural” foi mobilizado para tal. Apesar das semelhanças com relação à produção coureiro-calçadista, cabe diferenciar ambos os municípios em termos econômicos. Novo Hamburgo, apesar de ter se originado de São Leopoldo, teve, ao longo dos anos, um

²⁰⁴ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.2, 08 dez. 1967.

²⁰⁵ Em encarte especial sobre o centro da cidade, há a notícia intitulada: “Lojas de calçado, grande potencial turístico do centro”. *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 29 nov. 1990.

desenvolvimento que suplantou o município-mãe com relação ao aspecto industrial e comercial (ALONSO, 2001)²⁰⁶.

4.5 Étnico e história na divulgação do turismo

Se, em Novo Hamburgo, a regra foi a valorização do novo, seja enquanto construção da identidade local, seja enquanto padrão do turismo, na maior parte dos outros municípios que se desmembraram de São Leopoldo, a relação com o passado deu-se de forma mais íntima ao longo dos anos. O padrão do turismo dirigiu-se à exploração do passado como continuidade e tradição (HOBSBAWM, 1998). Nesse sentido, o passado enquanto modelo se faz sentir especialmente na restituição no plano simbólico.

Dentre os municípios que compõem atualmente a Rota Romântica, os que desenvolveram o turismo desde cedo constituem o que é conhecido como a Região das Hortênsias²⁰⁷ – área composta por Nova Petrópolis, Gramado e Canela²⁰⁸ (SOUZA, 2005). A procura desses locais situa-se desde o início do século XX e esteve ligada a fatores como o clima ameno; já então as primeiras pousadas e os primeiros hotéis foram sendo construídos.

Na década de 1970, passou a ser recorrente o destaque ao município de São Leopoldo e de algumas regiões e municípios que hoje integram o Projeto Rota Romântica por suas características econômicas e suas potencialidades turísticas, não só no Guia Econômico do Vale, como também em artigos publicados em jornais de circulação regional. Nesses materiais, a promoção do turismo associa comumente o passado ao caráter étnico da

²⁰⁶ Conforme Alonso (2001, p.261): “Em 1998, as participações relativas do PIB setorial dos dois centros nos totais do Estado eram: 3,53% na indústria, 2,48% no comércio e 2,79% nos demais serviços, em Novo Hamburgo; 1,72% na indústria, 1,39% no comércio e 1,70% nos demais serviços, em São Leopoldo”.

²⁰⁷ A referência se deve a formatação da paisagem através do plantio dessa flor ao longo da rodovia que corta os municípios de Nova Petrópolis, Gramado e Canela.

²⁰⁸ Conforme Gertz (2002), João Corrêa teve papel de destaque no desenvolvimento do turismo em Canela.

população e à natureza. O *Jornal Correio do Povo*²⁰⁹ destacou as atrações do município: cafés coloniais, vista panorâmica de Morro Reuter²¹⁰, Cascata de Santa Maria do Herval e a cascatinha de São Miguel, em Dois Irmãos, e a “paisagem suíça” que atraía os veranistas, que instalaram suas casas na região.

Além da paisagem natural divulgada na década de 70, há destaque para as características culturais do município, que se emancipou de São Leopoldo em 1959:

Dois Irmãos é uma daquelas localidades em que ainda se mantêm vivos muitos costumes da época da Colonização Alemã no Estado. Devido a isso, o turista é sempre bem recebido, pois a vida em comunidade e o labor cotidiano feito sem a pressa dos grandes centros urbanos, são importantes para que haja sempre um sorriso e um gesto simpático para o visitante²¹¹.

Vêm-se aqui muitos elementos que irão compor o léxico da divulgação turística do Projeto Rota Romântica: a idéia da imobilidade da cultura e o caráter étnico da população ditando características psicológicas do grupo. Nesse caso, como informa a passagem acima, o turista será bem recebido porque a população é composta por descendentes de alemães. A idealização do espaço rural, que será analisada mais tarde neste estudo, é sugerida quando Dois Irmãos é apresentada como um local onde as ações se dão sem pressa, ao passo que, no espaço dos grandes centros urbanos, a pressa impera.

Os discursos que vinculam etnia alemã e promoção turística são recorrentes em vários momentos. Horts Volk, Secretário de Turismo do Estado em 1983, via Dois Irmãos como uma localidade de alto valor turístico, não só pelo seu “patrimônio físico, mas também

²⁰⁹ *Jornal Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1977.

²¹⁰ Em 1955, no governo estadual de Ernesto Dorneles, foi construído, em Morro Reuter, um paradoro turístico com café colonial e hospedagem. A execução partiu da pasta do Secretário de Obras, Leonel de Moura Brizola (MOESCH, 1997).

²¹¹ *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 18 nov. 1977.

por conseqüência da cultura de seu povo, um precioso legado dos avós europeus que tanto se preservou”²¹².

Embora o padrão da divulgação turística destacasse a imagem de uma população branca, a região vinha passando por um processo de modificação. Como foi abordado anteriormente, vários municípios aqui enfocados passaram por um processo de expansão industrial, nas décadas de 1970 e 1980, caracterizado pela criação de indústrias no setor coureiro-calçadista. Esse fato foi responsável pelo estabelecimento de fluxos migratórios de várias regiões do estado, especialmente a partir da década de 1980²¹³. A maior parte desses migrantes provinha da região das missões. Alguns municípios receberam migrantes de outros estados, especialmente “os catarinas”²¹⁴. Ambos os grupos de migrantes, ou seja, os provenientes do interior do Rio Grande do Sul e os de Santa Catarina, vêm atraídos pelo processo de industrialização na região, bem como em função da mecanização do campo e sua política de tecnificação, onde a produção acompanha projetos específicos de desenvolvimento (FRAGA, 2002).

Em 1988, um jornal de circulação regional fez uma matéria intitulada “Os Gaúchos alemães”, em que, basicamente, o que é apresentado compõe um lamento do quanto a região de imigração alemã estava sendo afetada pelas migrações. Para o então prefeito de São Leopoldo, Waldir Schmitd, a migração foi o fator “[...] que ajudou a apagar as marcas desta

²¹² *Jornal Dois Irmãos*, Dois Irmãos, ago. 1983.

²¹³ Em São Leopoldo e Novo Hamburgo, a recepção de migrantes já datava de períodos anteriores. No caso de Novo Hamburgo, há registros das mudanças que a cidade sofria com relação aos habitantes já na década de 1960. “Nascidos em outras comunas. Em toda estatística, levada a efeito em nossa cidade, um fator ressalta aos olhos de qualquer leigo que a vá verificar. Trata-se do número de pessoas vindas de outros municípios que residem em Novo Hamburgo. Por incrível que pareça o número de forasteiros que aqui residem é bem maior que o número de naturais da terra. O número de hamburguenses é inferior ao número de forasteiros”. *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 09 dez. 1961.

²¹⁴ Essa referência apresenta-se como pejorativa e é recorrente em cidades de Dois Irmãos e Morro Reuter, que receberam migrantes da região de Santa Catarina (cf. situações observadas pela autora deste estudo nas cidades referidas).

cultura²¹⁵”. O secretário de turismo de Novo Hamburgo nesse contexto, o jornalista Júlio Bossle²¹⁶ observou o quadro da “composição étnica” da cidade: “atualmente 70% das pessoas são ‘pelo-duro’²¹⁷”. Bossle observa que esse aspecto afeta o turismo, pois a cidade não apresentava um grupo folclórico alemão para fazer apresentações aos estrangeiros do ramo do calçado; a solução para isso era buscar um grupo na cidade vizinha, Dois Irmãos. Bossle também associa esse quadro ao aspecto das migrações: “acho esse esquecimento normal, com a chegada de pessoas de outros costumes²¹⁸”.

É nesse contexto de mudança que Bossle apresenta de forma recorrente, em seus escritos, a articulação entre paisagem natural e colonização alemã, destacando uma “curiosidade” a ser contextualizada:

Há curiosidades que fazem de Dois Irmãos um pedacinho da Europa, ou talvez muito aquele núcleo inicial da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Por ser uma região montanhosa, o município é conservador, como o são todas as comunidades do mundo que vivem em regiões altas, dotadas de vertentes naturais e de acesso mais difícil.
[...] De todos os municípios do Vale do Rio dos Sinos é o que possui menos moradores de cor preta, apenas 16, e só Nova Petrópolis, bem acima, e que já foge da influência do rio, apresenta índice menor, de 13 criaturas negras, 9 homens e 4 mulheres²¹⁹.

Nos parágrafos seguintes, o jornalista ressalta a presença do idioma alemão na cidade de Dois Irmãos. Essa localidade e as demais, já mais distantes da região metropolitana de Porto Alegre, são consideradas menos atingidas pelo processo das migrações. Para o autor, os fatores que favorecem o turismo estão ligados ao que destacou como curiosidades que refletem uma região tal qual o foi originariamente, conservando sua paisagem cultural e

²¹⁵ *Zero Hora*, Porto Alegre, Caderno D, 10 abr. 1988.

²¹⁶ Jornalista domiciliado na cidade de Novo Hamburgo. Atuou como repórter no jornal *5 de Abril* e na *Gazeta de Novo Hamburgo*. Assumiu a primeira sucursal da Empresa Caldas Júnior no interior do Estado. (SCHEMES,2005). Ocupou, na década de 1980, a pasta de turismo no município de Novo Hamburgo.

²¹⁷ *Zero Hora*, Porto Alegre, Caderno D, 10 abr. 1988.

²¹⁸ *Zero Hora*, Porto Alegre, Caderno D, 10 abr. 1988.

²¹⁹ *Jornal Dois Irmãos*, p.14, ago. 1983.

étnica. Os moradores da região são classificados por uma suposta herança. O fato de haver poucos negros na cidade parece reforçar a autenticidade que o articulista quer fazer crer.

Talvez a aproximação entre etnicidade alemã e turismo, percebida implicitamente nos escritos de Bossle, faz com que ele se apresente reticente com relação ao crescimento industrial de Dois Irmãos:

Não sei se gosto mais de Dois Irmãos de ontem ou de hoje, mas tenho consciência que um povo não pode fugir a seu destino, e ali na depressão da montanha o progresso marcou seu encontro, e ninguém pode mudar isto. Talvez a comunidade consiga harmonizar indústria e turismo [...] ²²⁰.

A harmonização entre o turismo e a indústria, esta dada enquanto condição atávica da localidade, é posta em dúvida, pois o autor constatou, como se viu anteriormente, que as mudanças em Novo Hamburgo estavam ligadas à industrialização, tendo como decorrência as migrações, que, por sua vez, na visão de Bossle, vão alterar o quadro cultural. Assim, o que parece ser razoável seria uma conciliação do “ontem com o hoje”, expressando a harmonização entre “turismo e indústria”.

O fato de a cidade ter sido colonizada por imigrantes alemães constitui-se no mote para Bossle reivindicar as potencialidades turísticas da cidade, não só por características que dizem respeito à geografia, influenciando no próprio caráter da população, como também pelos aspectos culturais. A cidade é marcada por um estilo imutável que se mantém continuamente no decorrer do processo histórico. Essa idéia conserva-se mesmo ou até porque o momento de crescimento industrial passa a apresentar uma diversidade de fenômenos que tornam contraditória a imagem que se quer dar à cidade.

²²⁰ *Jornal Dois Irmãos*, Dois Irmãos, p.9, jul. 1983.

Mais uma vez, a idéia de essência de um grupo traduz a imagem que se atribui à localidade. Esse discurso está presente também num folheto datado de 1993 que divulga o Museu da cidade:

A germanidade das origens da maioria da população está presente não apenas nos cabelos loiros e nos olhos azuis de seus filhos, e no falar alemão dialeto ou português com forte acento. Também está nas suas tradições culturais: o gosto pela dança, pelo canto, pela música, pelas festas. E, principalmente, na importância que é dada à educação. Igreja e escola e trabalho foram no passado e ainda são no presente as três pilastras sobre as quais se constrói a história de Dois Irmãos.

O habitante de Dois Irmãos é apresentado homogeneamente através de traços físicos: olhos azuis e cabelos loiros, carregando como herança as tradições legadas pelos alemães.

A relação entre etnia e turismo também é expressa com relação ao município vizinho de Dois Irmãos. Mais recentemente, em 1990, a comissão emancipacionista de Morro Reuter destacou: “Os habitantes do 2º distrito de Morro Reuter são, em sua maioria, descendentes de imigrantes alemães, caracterizando um temperamento hospitaleiro, o que favorece em primeiro plano o turismo na região”²²¹. Cabe observar que, quando se trata de atribuir um caráter psicológico à população dos locais originários de imigração alemã, a imagem remete a um caráter hospitaleiro. Nesse sentido, essa representação conduz ao oposto do estereótipo do alemão como rude²²².

Também na cidade de Gramado a conjugação de turismo, paisagem e etnicidade esteve presente²²³. O desenvolvimento do turismo em Gramado deu-se antes de sua emancipação de Taquara. Por volta do início do século XX, havia o deslocamento de turistas para a localidade, então denominados de veranistas, pois passavam de quinze a trinta dias no

²²¹ DOSSIÊ da Comissão emancipacionista de Morro Reuter, 21 de nov. de 1990. Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

²²² Sobre esse tipo de estereótipo, ver Gertz (1993).

²²³ O estudo de Dorneles (2000) que toma como objeto a cidade de Gramado analisando o seu envolvimento com o fenômeno do turismo aponta alguns aspectos nesse sentido.

local durante o período de verão. Esses veranistas hospedavam-se nos hotéis da região. A sua presença foi facilitada com a chegada do trem até a localidade em 1921. Nesse contexto, a natureza foi destacada como principal atrativo aos veranistas, que lá encontravam a cascata “Véu de Noiva”, a do “Narciso”, do “Pinheiro” e do “Caracol” (DORNELES, 2000). A divulgação do turismo na cidade é acompanhada de descrições que a associam a uma paisagem européia (DORNELES, 2000). Conforme Dorneles (2000), Gramado passou por um processo de ornamentação da vegetação local, através de trabalho realizado numa parceria da Prefeitura de Gramado com a Universidade Federal de Santa Maria:

Esta vegetação considerada, pelos técnicos municipais, como exótica à região, tende a produzir um efeito de uniformização na maioria das ruas centrais da cidade [...]. Sendo assim compreende-se o empenho da cidade em criar um ambiente onde a natureza esteja presente e associada a uma paisagem imaginária européia, tendo como consequência, a sua valorização pelos turistas (DORNELES, 2000, p.51).

Esse processo de incremento da paisagem tem sido recorrente nos municípios que compõem atualmente a Rota Romântica, sendo que nem sempre ele se apresenta diretamente enquanto recriação de uma paisagem européia. Nesse caso, tem-se o exemplo da cidade de Ivoti, onde a paisagem toma como destaque o cognome de “Cidade das flores”, o que está ligado à própria denominação da cidade. Conforme o inventário turístico do município, a sua primeira denominação foi “Berghanschneiss”, em homenagem ao primeiro morador. Como era uma região com belas flores, em 1867, a denominação foi alterada para Bom Jardim (PATRO, s/d). Em 1938, o nome passou a ser Ivoti²²⁴, que, na língua indígena tupi-guarani, significa “flor”. Essa identidade vem sendo reforçada pelas diferentes administrações, especialmente a partir de 1973, quando foram formados jardins e gramados com flores nas

²²⁴ Essa alteração talvez possa ser entendida no contexto da nacionalização, uma vez que algumas referências ao local eram no idioma alemão.

principais avenidas da cidade. A preocupação em deixar a cidade florida é assim expressa: “[...] proporcionar aos visitantes uma recepção florida”²²⁵.

Em Gramado, a criação do evento “Festa das Hortênsias” em 1958 também se aproveitou de elementos da natureza para a projeção do turismo. Essa festa era realizada no verão, auge da floração das hortênsias (TUBINO, 2006). O primeiro prefeito da cidade, Walter Bertolucci, com o objetivo de atrair não somente veranistas, mas também turistas, passou a dedicar-se à promoção dessa festa. Na ocasião da segunda edição, em 1960, o diretor da SETUR registrou Gramado com o título: “Jardim das Hortênsias, capital do turismo do RS”²²⁶. Em 1984, depois de várias edições, a Festa das Hortênsias foi substituída pela Festa da Colônia. Conforme Tubino (2006), essa decisão partiu da comissão organizadora, que resolveu inovar. Essa festa será analisada em suas características em outro momento deste estudo.

A imagem de local como “naturalmente européia” desde cedo esteve presente na forma como diferentes agentes buscaram representar Gramado. A utilização dessa representação nos folhetos que divulgam a cidade data de 1970, quando lá começaram a ser realizados diversos empreendimentos turísticos. A partir de então, começou a ser adotado o estilo arquitetônico enxaimel nas construções. Dorneles (2006, p.64) traz o relato de um arquiteto e analisa: “Segundo um arquiteto da prefeitura, o estilo de construção arquitetônica em Gramado é denominado *bávarafalk*, isto é, a estilização de um estilo apenas para turista ver”. Conforme Dorneles (2006), essa escolha respeita o critério de autenticidade que tanto mais tem esse caráter na proporção que se distancia do estilo de arquitetura moderno. Nesse sentido, este autor destaca prédios construídos na cidade que vieram a causar polêmica por ficarem fora do padrão selecionado pela municipalidade. Esse é o caso do Prédio das

²²⁵ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 19 out. 1973.

²²⁶ *Revista Caminhos do Turismo*, Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul (s/d).

Hortênsias²²⁷, do Banco do Brasil, do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) e da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT). Uma solução para o Prédio das Hortênsias foi colocar “gaitinhas de madeira” a fim de caracterizá-lo nos padrões do que Dorneles (2000) identifica como processo de “europeização” da arquitetura local.

As preocupações com relação ao aspecto arquitetônico encontravam-se já na década de 1970. Conforme manifestação do prefeito de então: “não existe ainda uma lei definitiva quanto à arquitetura que nós estamos impondo em Gramado. Existe um plano diretor constituído que tem o direito de aprovar os padrões daquilo que nós desejamos, que é o tipo bávaro, como nós chamamos”²²⁸. Esse tipo de estilo foi sendo reforçado ao longo dos anos que se seguiram e, como se verá mais tarde neste estudo, ele constitui um mote de atração turística nos municípios que compõem a Rota Romântica.

Foi também nessa década, mais precisamente em 1973, que ocorreu em Gramado a primeira edição do Festival de Cinema. Toma-se aí a paisagem como um elemento cultural que simboliza o passado, traduzido na paisagem européia que se cria através de um processo de construções acordante com os interesses locais no sentido de promover o turismo.

No município de Nova Petrópolis, também foi explorada a articulação entre turismo e passado, o que se deu num processo de desenvolvimento ao longo de anos. Em 1974, foi criada a Secretaria Municipal de Turismo. Ainda na década de 1970, esta, juntamente com a Secretaria de Educação e Cultura de Nova Petrópolis e com a assessoria do Curso de Turismo da PUCRS, passou a elaborar projetos visando à implementação do turismo no município. A base de promoção turística contava com elementos selecionados nos referenciais culturais ligados à imigração alemã no município (SOUZA, 2005).

²²⁷ Esse prédio é visto como “uma ferida no centro da cidade” (DORNELES, 2000, p.64).

²²⁸ *Vale dos Sinos*. São Leopoldo, 21 dez. 1972.

A preocupação com as “reliquias do passado” do governo municipal de Nova Petrópolis mereceu elogio da imprensa leopoldense em 1980 em uma matéria que compara as iniciativas da municipalidade de Nova Petrópolis com a postura de desleixo do governo municipal de São Leopoldo²²⁹. Nesse ano, as reclamações com relação ao cuidado do patrimônio leopoldense centraram-se no estado de abandono do Monumento ao Sesquicentenário; nesse caso, o cuidado com o patrimônio mais uma vez ficava a cargo do grupo ligado ao Museu Histórico.

Conforme Tubino (2006), no período em que o prefeito de Nova Petrópolis, Siegfried Drechsler, à frente da administração municipal, de 1983 a 1988, o desenvolvimento turístico e cultural se deu de forma significativa²³⁰. Nesse contexto, vários atrativos turísticos foram construídos, dos quais destacamos o parque e a praça. O Parque Aldeia do Imigrante foi inaugurado em 1985, sendo composto de dez hectares, onde foram alocados prédios em estilo enxaimel transferidos de diversas localidades do interior do município²³¹. A idéia desse parque envolvia a recriação de uma aldeia imigrante do século XIX. Nele encontram-se: prédios em estilo enxaimel, moinho colonial, serraria, salão de baile e capela, entre outros.

Esse projeto de recuperação do patrimônio arquitetônico do município insere-se num programa maior da municipalidade em meados da década de 1980. Numa ação conjunta da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e da Secretaria Municipal de Turismo, foi iniciado um trabalho de reconstrução da história da colonização (SOUZA, 2005). A Fundação Cultural de Nova Petrópolis e Associação dos Grupos de Dança também coordenam

²²⁹ *Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p.2, 04 fev. 1980.

²³⁰ Dentro desse contexto, podem-se por certo situar duas publicações sobre a história local de Nova Petrópolis e sobre o seu patrocínio: DEPPE, Gessy (coord.). *Contribuição para a história de Nova Petrópolis*. Caxias do Sul e *Estudos Sociais*: Município de Nova Petrópolis.

²³¹ *Jornal ABC*. Novo Hamburgo, 28 jun. 1996.

atividades culturais no município (SOUZA, 2005). Esta última tem um papel importante na organização do Festival de Folclore²³².

Dessa forma, pode-se ver que, em Nova Petrópolis, foi intenso o movimento de promoção e revitalização da cultura relacionada aos descendentes de alemães, sendo que as intervenções de então trouxeram resultados efetivos para o turismo local e para o reavivamento étnico.

Também em Nova Petrópolis, o olhar do turista é direcionado para a produção de malhas. Desde 1990, ocorre a chamada Festimalhas no Salão Tannenwald do Parque da Aldeia do Imigrante. No ano seguinte, as casinhas em enxaimel e as ruas do Parque passaram a abrigar expositores²³³.

O eixo de promoção turística voltado à paisagem natural também é explorado no contexto de Nova Petrópolis antes da formatação do Projeto Rota Romântica. Há uma preocupação em montar uma paisagem urbanística arborizada e com praças e jardins paisagísticos. A cidade possui como monumento principal o Labirinto Verde, que se localiza na avenida principal, na Praça da República. Esse ícone serve como referência para identificação da cidade. A representação da cidade como “O jardim da Serra Gaúcha” e “O jardim das Azaléias”, construída ao longo de gestões municipais, é mantida e utilizada para fins turísticos, uma vez que vários de seus atrativos são parques e praças.

Enquanto os municípios vinculados em sua origem à imigração alemã buscaram explorar esse aspecto, no município de São Francisco de Paula, vinculado às raízes portuguesas, não foi desenvolvido um processo que remetesse à exploração desse elemento, e

²³² A Associação dos Grupos de Dança apresenta uma atuação bastante representativa; “[...] tem representado o folclore regional em outros estados brasileiros, inclusive em eventos internacionais” (SOUZA, 2005, p.124).

²³³ A pretensão inicial da Festimalhas era vender malhas aos turistas que se dirigiam às cidades de Gramado e Canela. Hoje, o evento é a maior feira de pronta entrega de malha tricô do sul do Brasil. O evento também mudou seu espaço, sendo realizado no Centro de Eventos de Nova Petrópolis, abrangendo cerca de 68 malharias.

mesmo as recriações de espaços nesse sentido sofreram críticas. Esse foi o caso das ações que partiram de Geraldo Castelli, diretor de uma escola de turismo e hotelaria que ocupou em 1989 o cargo de secretário da então criada Secretaria Municipal de Turismo desse município. O secretário buscou operacionalizar idéias quanto ao que denominou turismo campeiro, que consistiria em transformar atividades rurais tradicionais em atrativos turísticos, utilizando o ambiente campeiro para receber turistas. No entanto, poucos fazendeiros aceitaram o plano do secretário (SOUZA, 2005). Também em sua gestão foi construído um Centro de Informações Turísticas, localizado na entrada da cidade, que seguiu a idéia de reproduzir uma casa de fazenda. O prédio conta com três pisos, sendo que cada um tem uma função específica: espaço para o tradicional boliche, que seria utilizado para exposição de artesanato local; no térreo, haveria atendimento do Centro de Informações; e o segundo andar serviria como espaço de cursos e treinamentos na área do turismo. Conforme Souza (2005), o Centro foi alvo de críticas, em geral, da oposição política da administração, tendo em vista sua estrutura, julgada exagerada diante da simplicidade da arquitetura tradicional da cidade.

A paisagem natural também serviu para atrair turista para São Francisco de Paula, aonde em 1960, foi criado o Conselho Municipal de Turismo. No entanto, as atividades turísticas sofreram um abalo com o desmembramento de Cambará do Sul, que conta com as áreas de Fortaleza e Taimbézinho, atrativos naturais da região (SOUZA, 2005). No final dos anos 1980, o turismo foi reavivado na região.

Assim, os processos que buscam promover o turismo nos municípios aqui trazidos são dinâmicos: é preciso escolher espaços, escolher qual a parte do passado que se vai destacar, qual festa que se vai criar, recriar e fortalecer. Nesse sentido, são apresentados a seguir alguns aspectos quanto às diferentes ações nos municípios para formatar atrativos

turísticos que remetem ao passado local, constituindo-se em “lugares da memória (NORA, 1993)” e caracterizando um padrão de turismo.

Em São Leopoldo, a atuação no sentido de ter-se o passado como padrão do turismo dá-se muito mais a partir das ações do grupo vinculado ao Museu do que por parte da municipalidade, chegando o primeiro a denunciar publicamente o descaso da administração pública com o patrimônio local. O patrimônio relativo à imigração alemã continua sendo preocupação para esse grupo, de modo que a municipalidade deixa-lhe a responsabilidade sobre esse patrimônio.

Nesse sentido, cabe remeter ao fato de que, em 1980, a Casa da Feitoria, da qual se falou no capítulo anterior, que em 1941 veio a pertencer à municipalidade, passou para a custódia do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo no ano de 1980. Conforme Müller (1984), a Casa da Feitoria ficou abandonada depois que foi desativado o Grupo Escolar João Daniel Hillebrand, que funcionou no prédio. A solução que o prefeito Olímpio Albrecht encontrou para o local foi o Museu. Assim, a Casa, bem como o terreno, foram doados ao Museu com a condição de que este promovesse a recuperação do prédio sob pena de ter que devolvê-lo caso não zelasse por aquele patrimônio (MÜLLER, 1984). Através de uma mobilização do Museu, que contou com o apoio do *Jornal Vale do Sinos* e da *Revista Rua Grande*, foram arrecadados fundos para a reforma, sendo que a comemoração dos 160 anos da imigração alemã, que se fecharia no ano de 1984, serviu também como promoção.

Em Dois Irmãos, o passado também passou a ser fonte de atenção. Em 1975, houve manifestações no sentido de impedir a demolição da Igreja Matriz, construída em 1832²³⁴. A partir de então, travaram-se discussões acerca do tombamento do prédio, o que ocorreu em 1984. Posteriormente, houve um movimento da comunidade local em torno da restauração. A

²³⁴ *Jornal Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 nov. 1975.

preocupação com o patrimônio histórico local também se deu com a criação de um museu. Para a instalação deste, foi adquirida em 1986 uma casa em enxaimel, antiga moradia de imigrantes. Nesse ano, foi iniciada sua restauração²³⁵. A idéia era de que esse espaço fosse aberto ao público em 1987, mas só o foi em 1992²³⁶.

A intenção de divulgar o município esteve bastante presente na administração de Romeu Wolf no período de 1983 a 1988. Foi em sua gestão que se instalou uma assessoria de turismo com a intenção de atrair o turista para aumentar o comércio. Esse pensamento pautou algumas ações, como a política de criação e preservação de praças e monumentos históricos. Foi durante a gestão desse prefeito que se construiu uma Praça que, depois de algumas polêmicas quanto a seu nome, recebeu a denominação de “Praça do Imigrante”²³⁷.

Em 1987, a Câmara dos Vereadores aprovou um projeto que autorizava a prefeitura a assinar convênios com o Estado para a realização de pesquisas sobre as características culturais do município:

[...] os estudos que serão elaborados não permitirão que as populações metropolitanas que são as mais atingidas e as que absorvem mais rapidamente as novidades e modismos que chegam pelos veículos de comunicação, deixem de desaparecer as suas fundamentais características. Além disso, difundirá e enaltecerá os padrões culturais genuínos da região do Vale dos Sinos, buscando profundidade de suas raízes, sua verdadeira identidade cultural²³⁸.

Vê-se, nas intenções do projeto, a preocupação em assegurar o que é pressuposto como padrão cultural genuíno. Embora este não tenha sido expresso, pode-se crer que dizia respeito aos referenciais relacionados ao universo cultural dos descendentes de alemães, que possivelmente estaria sendo compreendido como a “verdadeira identidade cultural”. A

²³⁵ Esse trabalho deu-se a partir de um projeto sob a coordenação de Flávio Scholles, artista plástico local.

²³⁶ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 16 mar. 1988.

²³⁷ Dentre os argumentos contrários a essa denominação, esteve o fato de que toda cidade tinha uma Praça da Imigração, de modo que ela não seria nada original. Para aspectos dessas polêmicas, ver: *Jornal Dois Irmãos*, Dois Irmãos, set. 1985.

²³⁸ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 14 dez. 1987.

ameaça da perda parece estar presente como fator que mobiliza as ações no sentido de construir uma identidade local voltada ao passado.

Também em Dois Irmãos, uma festa de caráter comunitário parece ter tomado proporções em função dos propósitos voltados a sua divulgação turística na década de 1980. Trata-se da comemoração do chamado *Kerb*, que consistia num dos maiores acontecimentos festivos das regiões de imigração alemã²³⁹. No contexto da Nacionalização na década de 1930, esse festejo perdeu força (PETRY, 1959). Pode-se observar, no contexto atual, que essa festa na região em questão tem sofrido alterações. Tradicionalmente, a comemoração estendia-se às associações recreativas (SEYFERTH, 1990). Mais recentemente, pode-se observar, de modo geral, que o peso maior desse festejo está muito mais na atração de público para os bailes e jantares promovidos por essas sociedades do que numa festividade restrita ao núcleo da comunidade paroquial. Em Dois Irmãos, a municipalidade, especialmente a partir dos anos 1980, investiu financeiramente no sentido de demarcar o *Kerb* como uma festa para atrair turistas (VIER, 1999). O *Kerb* de Dois Irmãos é situado como o mais antigo do estado e era conhecido como *Michelskerb*, por ser festejado no dia de São Miguel, em 29 de setembro (MORAES, 1981). Nessa data, em 1829, conforme dão conta algumas narrativas, os imigrantes que foram para o local lá chegaram depois de terem enfrentado muitos problemas decorrentes do naufrágio do navio que os transportava (Cecília), e a chegada dos tripulantes ao seu destino foi então demarcada como momento festivo. Apesar das dúvidas se nessa data os imigrantes chegaram a algum porto do Brasil ou na Linha Dois Irmãos, o dia é comemorado localmente como marco deste último caso. Mesmo com seus propósitos alterados, a festa mantém-se como uma manifestação de etnicidade voltada à germanicidade.

²³⁹ O *Kerb* ou *Kircheweihefest*, festa da paróquia, é uma festa religiosa de origem alemã da comunidade ligada à paróquia local, sendo tradição tanto entre católicos quanto entre luteranos (SEYFERTH, 1990). Tradicionalmente, a festa ocorria no dia do padroeiro da comunidade e prolongava-se por três dias, tendo como marco inicial e final uma missa ou culto (MORAES, 1981). Participavam da comemoração os parentes e amigos dos locais vizinhos ou distantes, que eram acolhidos com alimentação farta: doces, conservas, carne de porco assada, cerveja caseira, entre outros (MORAIS, 1981).

Nesse sentido, também houve algumas ações no município de Ivoti. Em 1988, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a chamada Ponte do Imperador, obra em estilo romano, localizada no entorno da chamada Feitoria Nova, onde se estabeleceu o primeiro núcleo de povoamento da cidade, comportando casas em enxaimel datadas de 1826. A Ponte foi construída em 1857 sobre o Arroio Feitoria, visando a facilitar as comunicações devido ao grande fluxo de mercadorias que eram produzidas no local. Também em Ivoti, em 1988, ocorreu a primeira edição da *Kolonistenfest*, festa do colono, que desde então têm sido reeditada, ocorrendo próximo do Dia do Colono, o 25 de julho. Em São Leopoldo, como se viu anteriormente, o 25 de Julho continua a ser festejado. Em ambos os casos, pode-se perceber o que Weber (2004) aponta como uma tendência recente, a presença de festas urbanas que envolvem um motivo rural. Em capítulo posterior, será analisado o significado dessas festas no contexto atual.

Em Novo Hamburgo, desde 1991, realiza-se a festa *Hamburger Berg Fest*, evento que conta com o apoio da Prefeitura Municipal, da Associação dos Amigos do Bairro de Hamburgo Velho, de preservacionistas, artesãos e comerciantes da comunidade (SCHÜTZ, 2001). A festa tem feira de artesanato, comidas típicas coloniais e apresentações artísticas culturais. Ela simboliza a incorporação do espaço outrora apontado pelo cronista local, Ercílio Rosa.

A gastronomia também serviu e tem servido para atrair os turistas para os municípios que estão sendo referidos. No mapa turístico de São Leopoldo, criado na década de 1950, a que se fez referência em momentos anteriores neste estudo, identifica-se a cidade de Dois Irmãos com a imagem de um casal sentado à mesa. Pode-se sugerir que estão diante de um café colonial. Pode-se também pressupor, a partir disso, o estabelecimento de uma representação simbólica em torno do café colonial como um atrativo. Dois Irmãos é

considerado o local onde originariamente surgiu o que hoje se conhece como café colonial. Sua origem estaria ligada ao café oferecido aos caixeiros-viajantes que, na década de 1940, traziam mercadorias de Porto Alegre para os estabelecimentos comerciais de Dois Irmãos e cidades vizinhas. Dada a precariedade das estradas, passavam cerca de uma semana a duas realizando seu trabalho; assim, permaneciam instalados nas cidades e eram recebidos pelos colonos com o café²⁴⁰ (FRÖHLICH, 2004).

A exploração comercial desse café iniciou entre a década de 1950 e 1960. Em Nova Petrópolis, o café colonial surgiu na mesma época, sendo que, na década de 1970, aproveitando-se a ascensão turística de Gramado, passou-se a utilizar o café colonial como um atrativo efetivo. Já o primeiro café colonial de Gramado, Café Colonial Bela Vista, data de 1973²⁴¹.

Do ponto de vista da construção de um imaginário que articule a gastronomia às origens étnicas da comunidade que originou o produto, não se encontrou referência específica. Não se tem como saber, para esse contexto, em que medida tal atrativo gastronômico se constituiu como um meio de fortalecer a identidade histórico-cultural das comunidades que o utilizaram. Ao que parece, pelo menos para esse recorte temporal de estudo, ou seja, anterior à Rota Romântica, a gastronomia não é apontada, explorada enquanto elemento de manifestação de identidades²⁴². Assim, se o patrimônio material é preservado, fazendo-se mostrar uma continuidade histórica, uma memória comum, o mesmo não se processa com relação às expressões culturais traduzidas na culinária.

²⁴⁰ Esse café contava com produtos da alimentação diária dos colonos: queijo de porco, lingüiça cozida, pão de milho, *schmier* de cana de açúcar, nata, cuca, mel, morcela branca e preta (FRÖHLICH, 2004).

²⁴¹ O roteiro para a serra incluía necessariamente o café colonial. Um roteiro de uma empresa particular de turismo tinha como programação um *tour* pela encosta da serra com direito à parada para café em Morro Reuter, passeios em Gramado, Canela e São Francisco de Paula (Cf. São Leopoldo, p.4, 13 jun. 1959.).

²⁴² A gastronomia é vista aqui como fenômeno cultural, sendo que o produto gastronômico é visto enquanto bem simbólico. Este enfoque tem sido interesse de diversos pesquisadores especialmente no campo da antropologia. A *Revista Horizontes Antropológicos* recentemente, em 1996, publicou um especial sobre esse tema.

No município de Picada Café, foi criada a *Kaffeeschneis' Fest*²⁴³, aproveitando o histórico do nome da região, conforme destacado anteriormente. Essa festa teve sua primeira edição em 1993, dentro das comemorações da emancipação do local, cuja data é 20 de março. Já na primeira edição, no entanto, foi resolvido que ela ocorreria em maio, como o é até o contexto atual²⁴⁴.

Assim, percebe-se que vários eventos foram construídos na região do Vale do Rio dos Sinos previamente à constituição da Rota Romântica, de modo que se configura o que pode ser chamado de reavivamento étnico, vindo a cabo a valorização do passado local. Esses processos de patrimonialização talvez tenham tomado força com as comemorações do Sesquicentenário da imigração alemã, mas efetivamente serão resultado de mobilizações das municipalidades que reconhecem no turismo um recurso de desenvolvimento econômico, de modo que ambos os fatores, quais sejam, este último e a revalorização das expressões da germanidade, confluem.

Cabe lembrar, ainda, que a comemoração do marco da emancipação também é um momento chave para a constituição de um “lugar da memória” (NORA, 1993), um momento fundamental para alguns municípios no sentido de demarcarem sua identidade local, que é, por sua vez, em muitos casos, vinculada à etnicidade. Pode-se ilustrar esse aspecto com o exemplo de Dois Irmãos.

A emancipação de Dois Irmãos do município de São Leopoldo, que ocorreu em 10 de setembro de 1959, é um momento especial para afirmar uma identidade local. A temática do trabalho e progresso é recorrente nas manifestações no jornal local. Essa mesma temática é comum no 25 de Julho, “Dia do Colono”, tradicionalmente festejado em algumas cidades da região.

²⁴³ Festa da Picada Café.

²⁴⁴ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.13, 01 maio 2003.

Em 1984, portanto, quando se somavam 25 anos de emancipação, o discurso presente associava o progresso da cidade ao seu caráter ordeiro e trabalhador – novamente, vê-se o discurso disciplinador do trabalho²⁴⁵. “O povo ordeiro e trabalhador garantiu o progresso da cidade”. Uma fala do então prefeito Romeu Wolf é ilustrativa:

[...] comunidade de progresso: temos em nossa terra um povo trabalhador e ordeiro, que através de seu esforço diário construiu aqui uma comunidade exemplar, quer seja pelos números significativos de nossas exportações, ou pelo humilde, mas nem por isso menos importante trabalho do colono na agricultura [...] ²⁴⁶.

O que unifica as diferentes categorias de trabalhador é o qualificativo de trabalhador e ordeiro, que perdura com o transcorrer do tempo. A “cultura do trabalho” é tomada como a alavanca do progresso. Essas representações sobre trabalho e progresso são recorrentes para toda a região que abrange os municípios povoados inicialmente por imigrantes ou descendentes de alemães.

Os festejos dos 25 anos de emancipação foram preparados por uma comissão formada em dezembro do ano anterior. A programação reforçou o ideário do trabalho através da promoção de um concurso que selecionou o “Operário Padrão” da cidade. Já o “colono” foi lembrado através de várias programações: Baile do Colono, exposição de utensílios de trabalho do colono. Também foi promovido um concurso de vitrines com o tema “colonização alemã e história de Dois Irmãos”, com o objetivo de “valorizar e divulgar” a cultura local.

Vinícius Bossle, ao abordar o tema da industrialização dos municípios de Estância Velha, Ivoti e Dois Irmãos, assinala o elemento étnico como responsável: “muitas vezes, tenho escrito que as pequenas localidades que compunham a velha Colônia de São Leopoldo,

²⁴⁵ Esse padrão de enaltecimento também é percebido por Weber (2002) no contexto de Ijuí.

²⁴⁶ *Jornal de Dois Irmãos*, Dois Irmãos, set. 1984.

criaram, por vocação, quem sabe etnia e até um talento coletivo, a mais importante região industrial do interior do Brasil”²⁴⁷.

No conjunto, as manifestações acima destacadas resultam de processos de afirmação da identidade local que em muito estão vinculados à etnicidade como decorrência de dinâmicas culturais específicas analisadas nesta tese.

Percebe-se que o reavivamento étnico se dá já antes da proposta da Rota e, na maior parte das iniciativas, está ligado a interesses de atração turística. Assim, podem-se ver iniciativas como a criação do Parque do Imigrante em Nova Petrópolis e a descoberta do potencial turístico das festas e da preservação do patrimônio como um produto de consumo (VILLARROYA, 1992) voltado para a capitalização do turismo. No entanto, ao mesmo tempo em que isso acontece, muitas ações são também um meio de expressão de vínculos coletivos ligado aos alemães, permitindo-se, através desse referencial, uma “retomada” do passado. Dessa forma, vê-se a atualização da identidade étnica pela criação de grupos que defendem interesses com base no fator étnico sem que, contudo, os próprios grupos deixem de atuar como grupos de interesse.

O quadro dos aspectos analisados com relação a ações voltadas ao turismo nos municípios da região que posteriormente veio a se constituir na Rota Romântica permite afirmar ter havido uma maior manifestação da etnicidade alemã, na medida em que festas foram criadas e que algumas festividades já tradicionais passaram a ter uma dimensão turística. Tal tendência será analisada posteriormente neste estudo, uma vez que, com a instauração do Projeto da Rota Romântica, ela é demarcada de forma intensa.

As manifestações étnicas alemãs, que recebem maior ênfase a partir dos anos 1980, parecem refletir o que se opera no plano regional e nacional. Silva (2001), em seu estudo

²⁴⁷ *Jornal de Dois Irmãos*. Dois Irmãos, p.5, 16 a 22 jul.1986.

sobre a *Oktoberfest* na Sociedade Sogipa de Porto Alegre, quando contextualiza essa festa na década de 1980, assinala que, no período, surgiram várias *Oktoberfest* no sul do país²⁴⁸. No caso dos locais em questão, essa festa é realizada em Ivoti, sendo promovida por uma sociedade local, a Sociedade de Canto Harmonia, reunindo bandinhas, *chopp*, comidas típicas e desfiles de rua. Como no mês de outubro a cidade comemora o seu aniversário de emancipação, também se aproveita a festa para demarcá-lo²⁴⁹. Apesar de a festa, na formatação de *Oktoberfest*, ser pontual em Ivoti, no conjunto da região em foco, as atividades vistas anteriormente permitem afirmar o reavivamento étnico. De modo geral, percebe-se que o caráter dos eventos presentes passa a ser determinado pela estrutura administrativa do município, diferentemente das festas tradicionais, em que a comunidade é que estava à frente da estrutura organizacional. No entanto, a presença da comunidade ainda se faz notar.

Em alguns municípios aqui vistos, como Nova Petrópolis, Ivoti e Dois Irmãos, as ações foram mais efetivas em comparação com as de outros municípios que fazem parte da região que é objeto deste estudo. Se pensarmos no caso do município de Gramado, que desde cedo desenvolveu uma política de turismo, as ações não precisaram se centrar na questão étnica como mote, embora ela tenha estado presente, sobretudo na recriação de uma “paisagem européia” (DORNELES, 2000). Já em Canela e São Francisco de Paula, a paisagem natural foi explorada, mas sem se recorrer ao destaque a qualquer vínculo relativo à etnicidade, como foi o caso dos outros municípios que compõem a chamada Região das Hortênsias, que investiram na recriação da germanicidade na paisagem.

Cabe observar também que, apesar de Novo Hamburgo ter sido a localidade de maior proximidade geográfica do município-mãe, não apresentou uma demarcação identitária local e não selecionou como referência para a promoção turística aspectos relacionados à

²⁴⁸ A autora ainda constata a presença dessa festa como uma tradição inventada presente também nos Estados Unidos e no Canadá, sendo que algumas destas são até anteriores à década de 1980 (SILVA, 2001, p.84).

²⁴⁹ Disponível em: <<http://www.ivoti.rs.gov.br/turismo/eventos.asp>>. Acesso em: 16 jun. 2006.

germanicidade, como foi o caso da identidade que a administração pública de São Leopoldo buscou promover. A afirmação do passado enquanto continuidade é visto como positivo nos discursos sobre Novo Hamburgo, no entanto, o desenvolvimento econômico do município parece ter pesado na incorporação do passado, seja por parte de grupos privados ou por parte de diferentes municipalidades. Também não se encontrou nesse município um grupo que atuasse de forma semelhante ao grupo do Museu em São Leopoldo, enquanto guardiões de patrimônio. Entretanto, tal como a última cidade, Novo Hamburgo mantém discursivamente a idéia de que seu progresso resulta de uma criação cumulativa herdada²⁵⁰.

No conjunto das preocupações com o turismo na região, sobressaiu-se o cenário da natureza, do progresso industrial, o exotismo da cultura local. O que cabe destacar é que, nas diversas formas, a cidade sofre alterações em sua estrutura física; sobre ela, agem interesses que mobilizam diversas forças. Além disso, a cidade é traduzida em imagens que se modificam à medida que isso se faz necessário, de modo que nada nesse cenário é natural, tampouco a paisagem, que é, ela própria, culturalizada (MENESES, 2002).

Em alguns municípios, viram-se presentes representações que situavam as mudanças culturais ligadas ao processo de migrações, estas dadas como um fator que ameaçava desestruturar as referências alemãs. Desse modo, o processo de migração dá-se de forma paradoxal: ao mesmo tempo em que a miscigenação é vista como um vetor do desenvolvimento da cidade, também é posta como desestruturante da cultura local. No entanto, parece ser ela, não como único elemento, que vai estruturar vários movimentos que permitirão diversas manifestações de germanidade em alguns municípios.

Nesse sentido, podem-se tomar as reflexões de Castells (2001) quando este traz autores que refutaram a noção simplista de uma “covariação sistemática entre espaço e

²⁵⁰ Conforme reflexões de Hobsbawm (1998) acerca das relações entre progresso e continuidade ou rompimento com o passado.

cultura” (CASTELLS, 2001, p.79), acreditando no desaparecimento da comunidade em função dos processos de urbanização. Pode-se pensar que, para o caso em estudo, as mudanças implicadas na urbanização, que têm, por sua vez, como elemento as migrações, não resultaram num desaparecimento da cultura alemã, como refletiram alguns contemporâneos desse processo. Tais mudanças possibilitaram, sim, uma mobilização de grupos que demarcavam sua identidade coletiva em torno de referenciais daquela cultura, permitindo o que se identifica como reavivamento étnico. Este aparece mais intensamente a partir da configuração do Projeto da Rota Romântica, como será visto a seguir.

5 TURISMO E ETNICIDADE NO PROJETO ROTA ROMÂNTICA

5.1 A Formatação do Projeto

No mapa intitulado “São Leopoldo Turístico”²⁵¹, projetado em 1950, as imagens produzem uma identidade local da cidade de São Leopoldo e de seus distritos (Estância Velha, Dois Irmãos, Ivoti, Morro Reuter, Santa Maria do Herval). As diferentes localidades são narradas, representadas de um modo que pode levar à construção ou ao reforço de uma identidade e de um imaginário que visam a interesses específicos, como é o caso da promoção do turismo.

As localidades que aparecem no mapa integram atualmente a chamada *Rota Romântica*, juntamente com as cidades de Novo Hamburgo, Presidente Lucena, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula. Essa rota começa em São Leopoldo e estende-se pelos 13 municípios situados na Região metropolitana e na Serra gaúcha. O trajeto da Rota abrange 200 quilômetros e compreende trechos das rodovias BR 116, RS 235 e RS 326 (ANEXO B), sem considerar os caminhos vicinais, que têm sido incorporados como roteiros locais. O trajeto tem São Leopoldo como marco inicial e São

²⁵¹ Mapoteca do Museu Histórico de São Leopoldo.

Francisco de Paula como final, abrangendo uma população de aproximadamente 800 mil habitantes.

Esse projeto, concebido a partir de 1994, foi proposto inicialmente por Nova Petrópolis e aceito pelos demais municípios²⁵². Conforme Laurindo Julien²⁵³ (2006), presidente da Associação dos Municípios da Rota Romântica (AMRR), a idéia foi gestada após a ida de um grupo de prefeitos da região à Alemanha para visitar a *Romantische Strasse*²⁵⁴ (Rota Romântica). A viagem foi organizada por uma empresa de turismo de Nova Petrópolis em meados do ano de 1994. Naquele contexto, alguns integrantes da comitiva pensaram na possibilidade de fazer uma rota semelhante na região e, ao retornarem, reuniram-se em torno dessa pauta. A primeira reunião formal com esse propósito foi realizada em 8 de dezembro de 2004²⁵⁵. A partir daí, sob a coordenação de Terezinha Hass, então secretária de turismo de Nova Petrópolis²⁵⁶, foram definidas as cidades que incluiriam o Projeto.

Antes de a idéia da Rota ser oferecida como produto turístico, ela passou por um intenso processo de estruturação que, entre seus aspectos, inclui: a definição das instituições que integrariam o projeto, a elaboração de estatutos e a criação da Associação dos Municípios da Rota Romântica.

Os primeiros encontros reuniram representantes de alguns municípios que mais tarde vieram a integrar a Rota. Durante o primeiro semestre de 1995, esses representantes, juntamente com órgãos de turismo e entidades públicas e privadas, consolidaram o projeto.

²⁵² *Jornal ABC Domingo*, Novo Hamburgo, p.6B, 28 abr. 1996.

²⁵³ Laurindo Julien atuou como secretário de turismo de Dois Irmãos na década de 1990 e, como tal, representou esse município nas reuniões da Associação dos Municípios da Rota Romântica (AMRR); posteriormente, atuou como presidente dessa Associação por duas gestões, de 2000 a 2002. Julien foi entrevistado pela autora no presente ano, de modo que as informações referidas como: Julien (2006) dizem respeito a essa entrevista.

²⁵⁴ Essa Rota turística abrange a área do sul da Alemanha, de Wuerzberg, ao norte, até Fuessen, no sul. Disponível em: <http://uk.romantischestrasse.de/>. Acesso em: 25 nov. 2005.

²⁵⁵ Informação presente no Acervo da Associação dos Municípios da Rota Romântica (AMRR).

²⁵⁶ Nesse contexto, Terezinha Hass ocupava o cargo de secretária de turismo no município de Nova Petrópolis há quinze anos, passando pela gestão de diferentes partidos.

Desses movimentos, resultou a formatação de um protocolo de intenções em 26 de junho de 1995. Neste, foi firmado um convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), através do curso de Turismo, que deu suporte técnico para o projeto, ficando responsável pelo levantamento de dados sobre os municípios da região e fazendo uma análise diagnóstica de seu potencial turístico, o que foi realizado no segundo semestre de 1995 por acadêmicos da PUC. A ligação com a PUC certamente foi firmada, uma vez que a gestão de Terezinha Hass na área do Turismo em Nova Petrópolis já estabelecia um trabalho de parceria com o curso de Turismo da PUCRS. Portanto, a parceria já fora uma experiência em outros momentos e agora seria para um novo projeto. Como grupos que apoiaram o projeto estão: o SETUR, a Câmara de Turismo do Rio Grande do Sul e a EMBRATUR, 11 municípios²⁵⁷ e PUC²⁵⁸.

Em março de 1996, foi promovida uma nova viagem de estudo para a *Romantische Strasse* na Alemanha, com representantes dos municípios envolvidos no Projeto, dando continuidade à idéia de tomarem a Rota alemã como base para a formulação da Rota gaúcha²⁵⁹. Em abril de 1996, foi fundada a Associação dos Municípios da Rota Romântica (AMRR), de início englobando os 11 municípios citados anteriormente. Como atividades da Associação, estão a gestão das atividades, desenvolvimento, ampliação e finanças do roteiro. A sua criação permite o repasse de recursos por parte dos governos estadual e federal. A entidade conta com a contribuição anual das municipalidades, que contribuem proporcionalmente ao número de habitantes. A iniciativa privada e demais setores interessados passaram também a integrar a Associação.

²⁵⁷ São eles: São Leopoldo, Novo Hamburgo, Dois Irmãos, Ivoti, Morro Reuter, Presidente Lucena, Picada Café, Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula. Estância Velha e Santa Maria do Herval optaram por não integrar o Projeto. Em março de 1997, a Rota passou a integrar esses dois municípios, tendo em vista sua solicitação para integrá-la. Essa inclusão foi consensual por parte dos associados da AMRR (Conforme Ata de reunião da AMRR, 22 de mar. 1998. Acervo AMRR).

²⁵⁸ Ata da reunião AMRR, 22 mar. de 1998. Acervo AMRR.

²⁵⁹ Até o presente momento, viagens à Alemanha aparecem no plano de metas da AMRR como local referencial para viagem técnica (Plano de metas AMRR. Acervo da AMRR).

O passo seguinte consistiu em usar as informações disponíveis e *vender* a idéia da Rota, o que foi desenvolvido em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/RS). De maio a junho de 1996, através de seminários nas comunidades dos municípios membros da Rota, foi apresentado o projeto e solicitada a parceria com industriais e comerciantes²⁶⁰. A necessidade dessa parceria foi a tônica da efetivação do Projeto. Aos participantes, foi entregue uma pasta com o Projeto Rota Romântica e uma ficha de avaliação do encontro. Caracterizava-se uma linguagem que buscava cumplicidade com o participante:

Amigo!
 Você atendeu ao nosso apelo, aceitou nosso convite, e compareceu a este seminário. Se ao final do encontro desta noite, você se sentir atraído ao Projeto [...], queira registrar abaixo seu nome [...]. Nós, os responsáveis pelo Projeto, o procuraremos com certeza.
 Muito Gratos²⁶¹.

As palavras expressas no convite atribuem ao interlocutor o papel específico de colaborador²⁶², sendo que idéia de espírito comunitário, nesse caso, parece estar presente como um dos fatores para a configuração do Projeto, somando-se aos interesses da administração pública, de empresários e comerciantes. Cabe ressaltar que a Rota Romântica surge a partir da máquina pública. Os representantes dos municípios que a integram, em geral, responsáveis pelo turismo local, é que vão buscar as articulações com a comunidade.

O objetivo geral do Projeto é assim expresso:

²⁶⁰ Ata de 22 de mar. de 1998. Acervo da AMRR.

²⁶¹ Folha avulsa. Acervo da AMRR.

²⁶² Conforme Antoine Prost (1996, p.321): “A atenção aos personagens do discurso se completa com o estudo da maneira como um sujeito falante tenta se apoderar do papel que lhe convém e atribuir aos seus interlocutores os papéis que escolheu para eles”. O autor destaca esse aspecto num texto que enfoca o quanto a história, enquanto campo de estudo, é tributária aos estudos no âmbito da lingüística.

[...] visa incrementar os fluxos turísticos do Rio Grande do Sul, ampliando a capacidade de bens e serviços já conhecidos da região, acrescida de novos produtos, garantindo a qualidade para a maximização da satisfação dos turistas que conhecerão novos atrativos podendo vivenciar, assim, a história e a cultura da região²⁶³.

Há aí fatores que concorrem para a dinamização socioeconômica, bem como o destaque para a história e cultura a serem vivenciadas. O Projeto, já em seus objetivos específicos, define qual são essa história e essa cultura:

Enfatizar a importância da identidade cultural e a auto-estima das comunidades da região para que os seus hábitos, usos e costumes caracterizem o eixo comum que entrelaça os municípios participantes do Projeto “ROTA ROMÂNTICA” – a origem germânica. Dando ênfase também às demais etnias como a italiana, a japonesa e a portuguesa, entre outras, com seus padrões de comportamento social.

Apesar de o Projeto anunciar que a ênfase recairá também sobre as “demais origens”, o destaque é dado às origens germânicas. A própria inspiração em uma Rota alemã aponta elementos para inferirmos que a maior ênfase é dada para expressões culturais de regiões coloniais alemãs, ou melhor, dos grupos que localmente se fazem notar por essa expressão. Esse discurso também é adotado na divulgação turística expressa na mídia²⁶⁴, visando a promover e divulgar a Rota.

Viu-se que o próprio projeto já antecipa qual a história a ser escolhida com mais destaque. A origem étnica alemã, mais uma vez, considerando-se o que se viu nos capítulos anteriores, é acionada para atrair turistas.

Inúmeros discursos e práticas passam a institucionalizar a Rota; nesse sentido, a instituição de uma identidade comum para a região é inscrita. Os municípios que anteriormente se desmembraram de São Leopoldo agora se rearticulam em torno do Projeto

²⁶³ Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d. p.4 (é possível inferir que esse material seja produção de 1996).

²⁶⁴ Folhetaria, jornais, entre outros.

turístico. Nesse contexto, a identidade cultural da região é referida como fator principal do envolvimento dos municípios no Projeto. Cabe lembrar, como se viu no capítulo anterior, que, no curso das emancipações, se buscava demonstrar a fragilidade da identidade cultural a fim de se desfazer de um elemento que poderia servir como argumento para a manutenção da unidade política. Agora, a identidade cultural referida principalmente em torno da identidade étnica alemã é demarcada como característica que entrelaça os municípios.

O Projeto vai alinhar vários aspectos a fim de apresentar elementos culturais comuns dos municípios nele envolvidos. A unidade cultural torna-se um argumento em pauta para demarcar a identidade da Rota e faz-se valer a partir de estratégias nos âmbitos econômico, etnocultural, político e turístico.

As necessidades e os interesses de grupos específicos vão ter papel importante na afirmação de uma identidade dos municípios que compõem a Rota como sendo genuína. Nesse processo de construção de uma homogeneidade, utilizam-se como ferramentas os interesses econômicos e a história. Interesses particulares articulam-se com interesses regionais. No entanto, não se pode pressupor que esse “reencontro” seja harmônico.

Julien (2006), que ocupou o cargo de secretário de turismo de Dois Irmãos, relatou que era visível a hegemonia de Gramado e Canela nas reuniões da AMRR. Ele próprio reconhece que esses locais podiam ter esse papel dada a força que têm no cenário turístico nacional, com o nome das cidades sendo reconhecidos “quase como uma *grife*”. Passou-se a discutir a delimitação territorial para os candidatos nos processos de sucessão à presidência da Associação, ficando a proposição de uma eleição de São Francisco de Paula a Morro Reuter e, posteriormente, deste município para baixo, de modo a haver revezamento no poder.

As duas primeiras direções tiveram representação de Nova Petrópolis²⁶⁵; a quarta direção teve à frente a representação de Canela²⁶⁶; a quinta, de Gramado²⁶⁷. No sexto processo de sucessão é que assume Laurindo Julien, representando um município fora do eixo habitual, Dois Irmãos. Inicia-se a descentralização do eixo Gramado-Canela. Julien ocupou duas gestões como diretor²⁶⁸. A partir de então, é seguida a idéia do revezamento por eixo geográfico, sendo que o ocupante da diretoria na gestão atual é de Picada Café²⁶⁹.

A hegemonia de Canela, Gramado e Nova Petrópolis é reforçada pela união dos mesmos em outros grupos. Nova Petrópolis, embora articulado na Rota, tem como propósito solidificar seus laços com os municípios da serra. Em 2004, na ocasião da posse de nova diretoria do Conselho do Fundo de Desenvolvimento de Turismo de Nova Petrópolis, foi colocada como um desafio do novo conselho a busca de unificação dos roteiros turísticos da Serra gaúcha²⁷⁰. Esse interesse demonstra que os municípios, mesmo integrando a Rota Romântica, não deixam de se articular enquanto grupo que se constituiu há mais tempo em torno da Região das Hortênsias. O relato de um entrevistado que representa um município na AMRR afirmou que há competições entre os municípios e que eles não são beneficiados equitativamente.

A entidade AMRR só a partir de 2003 passou a ter uma sede própria em uma das casas em enxaimel do Núcleo Histórico Feitoria Nova, na cidade de Ivoti²⁷¹. Inicialmente, sua sede era no município de domicílio do presidente.

²⁶⁵ Terezinha Hass (1996-1997) e Denílson Mattioi (1997-1998). (Relação das Diretorias e conselhos fiscais da AMRR). Acervo da AMRR.

²⁶⁶ Margarida Weber (1998-1999) (Relação das Diretorias e conselhos fiscais da AMRR). Acervo da AMRR.

²⁶⁷ Jorge Bertolucci (1999-2000) (Relação das Diretorias e conselhos fiscais da AMRR). Acervo da AMRR.

²⁶⁸ De 2000 a 2002.

²⁶⁹ Cláudio Weber, que ocupa também o cargo de Prefeito Municipal de Picada Café.

²⁷⁰ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.8, 1 set. 2004.

²⁷¹ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 31 jul. 2003.

O contexto socioeconômico da constituição do Projeto Rota Romântica caracteriza-se por uma situação de crise no setor calçadista²⁷², e esse parece ser um momento propício para pensar numa ativação do turismo. Certamente, essa crise contribui para que as administrações municipais aos poucos mudem sua visão acerca da atividade turística na medida em que o ramo industrial, que incrementava a cidade, não dá o retorno de outrora²⁷³. Assim, a administração pública busca aliança com a iniciativa privada para formatar o turismo local. Nesse sentido, cabe lembrar que a AMRR inclui também a possibilidade de sócios privados, de modo que o poder público e agentes econômicos atuam em conjunto.

Em alguns momentos, a exemplo do que ocorreu em abril de 2001, representantes dos municípios da Rota Romântica visitaram pontos turísticos de algumas cidades que compõem a Rota, tal como São Leopoldo e Novo Hamburgo, com o objetivo de conhecê-los e analisá-los²⁷⁴ para formatar o turismo a partir das características locais.

5.2 Passo 2: A Construção de um Imaginário

Nas descrições presentes na imprensa, nos folhetos turísticos e nos audiovisuais produzidos, a origem étnica alemã é instrumentalizada para demarcar a região e sua identidade. Cabe observar que a divulgação do material tem como fonte o Projeto. Por isso,

²⁷² Na década de 1990, ocorreu uma crise calçadista na região do Vale do Rio dos Sinos. Após um bom desempenho em 1993, o que motivou o incremento das indústrias, muitas vezes à custa de endividamento, fatores como o Plano Real, que engessou o câmbio, e a entrada do calçado chinês no mercado mundial resultaram numa crise que quebrou fábricas, gerando altos índices de desemprego (cf. ACINH). Atualmente, se processa mais uma crise, assim descrita: “A atual situação somou três agravantes: primeiro foi a restituição dos créditos do ICMS, seguida da desvalorização do dólar e, agora, a China entra como o novo ingrediente para a derrocada das empresas, pois não bastasse concorrer com o produto brasileiro no exterior também está abocanhando o mercado interno. Segundo o presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Calçado e do Vestuário do RS, Álvaro Boessio, o setor contabiliza 7,8 mil demissões de janeiro a abril”. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/index.php?page=noticias&id=279>>. Acesso em 20 jul. 2006. Outro efeito que repercute na economia regional é a transferência ou implantação de indústrias calçadistas no nordeste do país, mercado atrativo em função dos salários menores e incentivos tributários (ALONSO, 2001).

²⁷³ Outro componente que pesa nessa valorização do turismo também envolve propostas com base no chamado desenvolvimento sustentável como paradigma de ação no âmbito da região.

²⁷⁴ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 20 abr.2001.

estarão sendo dispostos abaixo tanto aspectos do Projeto, quanto os veiculados na imprensa escrita.

Conforme Castells (2001, p.23): “a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva [...]”.

A geografia como matéria-prima nas identificações locais já se fazia presente como demarcadora das particularidades de algumas cidades antes da configuração da Rota, como se viu no terceiro capítulo. A novidade vai ser o acento na “etnização” da paisagem, presente não só no Projeto da Rota Romântica e nas ações por ele demarcadas no sentido de construção dessa paisagem, como também na mídia que a veicula.

No Projeto, são destacados aspectos culturais e da natureza que caracterizam a região, que é igualada à região da Rota Romântica da Alemanha: “aqui, como lá, temos uma identidade cultural própria, um clima propício aos passeios outonais entre plátanos dourados [...]. Somos diferentes²⁷⁵, com práticas oriundas da descendência européia²⁷⁶”. Pode-se observar que o elemento geográfico é associado à Alemanha, assim como a identidade cultural. A “mãe mítica” faz-se presente em um novo contexto, como será analisado mais tarde.

No protocolo de intenções do Projeto da Rota²⁷⁷, foi apresentado como procedimento o plantio de plátanos, árvores escolhidas para simbolizá-la. A primeira atribuição da AMRR, depois de sua criação, foi sinalizar o plantio de arbustos e árvores para marcar a Rota. A paisagem européia foi “reforçada” com a plantação de 1.000 plátanos ao longo de sua

²⁷⁵ Note-se que aqui o enunciador se coloca no enunciado. Esta característica aparece somente na introdução do Projeto, não estando presente nos outros itens que o compõem.

²⁷⁶ Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d. p.2.

²⁷⁷ Protocolo de intenções. Projeto Rota Romântica, Porto Alegre, 26 de junho de 1995. Acervo da AMRR.

extensão. Em março de 1997 a SETUR inaugurou a sinalização da Rota, que havia ficado sob sua responsabilidade, com placas onde consta uma folha de plátano²⁷⁸. Pode-se identificar aqui, em âmbito regional, o que Thiesse (2002, p.14) identifica para os processos identitários nacionais:

Hoje, é possível evocar uma nação simplesmente através de sua paisagem: a publicidade, os cartazes turísticos fazem isto regularmente. [...] A determinação de uma vegetação nacional precisa o clichê (pinos finlandeses, bétulas russas, carvalhos alemães, ciprestes italianos).

Cabe observar que essa “implementação” da paisagem consiste numa estratégia para atrair o turista frente a outras possibilidades de acesso à Serra gaúcha, o que, por longo tempo, se deu através da utilização da BR 116, de modo que quem quisesse para lá se deslocar ou mesmo ir para Caxias do Sul teria que usar essa via, que era a única estrada pavimentada. A partir da década de 1970, foi iniciada a pavimentação de rodovias secundárias, como é o caso da RS-240 (acesso a Caxias do Sul via Scharlau, bairro de São Leopoldo), da RS-239 (liga Estância Velha a Taquara) e da RS-115 (que liga Taquara a Gramado). Essas novas estradas influenciaram na diminuição do fluxo rodoviário na região entre os municípios de Ivoti e Nova Petrópolis, pois há acessos diferenciados para quem quiser chegar a Gramado ou Caxias do Sul; se o viajante provém de Porto Alegre e arredores, esse percurso é menor. Assim, uma estrada esteticamente mais sedutora coloca-se como atrativo.

Outros elementos da paisagem servem como sinalizadores da identidade, como se vê em uma descrição da cidade de Ivoti, que compõe a Rota, em um jornal de circulação local: “um passeio pelo município mostra cultura e beleza, casas floridas e hortas cultivadas à autêntica maneira alemã”²⁷⁹. Aqui, toma-se a característica local para reforçar a identidade com a etnicidade alemã. Como destaca Seyferth (1990, p.47), “na verdade, a presença de uma

²⁷⁸ Acervo da AMRR.

²⁷⁹ *O Diário*, Ivoti, p. 4, 10 maio 2004.

pequena área destinada ao cultivo de flores, na frente da casa, é um costume mantido nas regiões de imigração, costume particularmente cultivado por teuto-brasileiros”. Nesse caso, destaca-se um aspecto de um costume local, que ultimamente tem sido incentivado por algumas municipalidades a fim de construir a paisagem para o turista. Ao ser apresentada a característica de cidade florida, o costume é dado como autêntico – “autêntica maneira alemã”. Também o plátano é utilizado como um recurso de recriação da paisagem de modo a referir uma prática como “alemã”. A própria escolha do plátano pode remeter à Alemanha, dadas suas semelhanças com o carvalho, como dito acima, árvore símbolo daquele país²⁸⁰.

A identidade local ora é reforçada, ora é completamente reinventada, num processo que se torna mais visível em virtude da implantação da Rota. O poder simbólico é formatado: “o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras” (BOURDIEU, 1990, p.166).

Não se trata de negar que muitos locais efetivamente tenham características que referendem algumas descrições, uma vez que a identidade construída tem como suporte elementos do universo físico-geográfico e histórico-político. No entanto, o incremento do patrimônio natural e cultural ganhou, com a implementação da Rota, dimensões especiais, identificadas com um processo de reinvenção.

Nesse cenário, opera-se uma produção do espaço (RONCAYOLO, 1988). É certo que os “produtores do espaço” buscam enquadrar o olhar do turista: os locais a serem visitados são escolhidos, a paisagem é vista por um olhar direcionado, o sentimento que essa paisagem, estetizada, deve suscitar é prenunciado, o próprio guia turístico faz parte do cenário. John Urry (1999, p.23-24) tem uma apropriada visão acerca desses aspectos: “os pais

²⁸⁰ Não se conseguiu apurar uma intencionalidade nesse sentido. Algumas conversas informais apontaram para diferentes versões: uma informa que a escolha do plátano se deu por já ser uma característica de alguns trechos da estrada, outra dá conta de que a escolha aconteceu porque a Alemanha tem como característica da paisagem essa árvore. Talvez, nesse caso, essa informação seja decorrente da similaridade entre o carvalho e o plátano. Uma informação datada de 1999 (conforme Ata de reunião da AMRR de 11 fev. 1999, Acervo AMRR) indica que foi solicitado um estudo sobre a história dos plátanos na região.

substitutos (agentes de viagens, mensageiros, gerentes de hotel) aliviam o turista das responsabilidades e o protegem da dura realidade. A solicitude dessas pessoas restringe o turista [...] a alguns objetos aprovados por seu olhar”.

Sem dúvida, esse direcionamento do olhar tem grande influência²⁸¹. Contudo, não se pode acreditar que a prática do turista seja restringida por essas informações, uma vez que, no processo de comunicação, a relação entre o pólo produtor e leitor integram um processo complexo que ultrapassa a idéia de “transmissão” de imagem, tal como refere Baldissera (2004) em seus estudos sobre imagem-conceito.

Vários materiais promocionais da Rota remetem à idéia de paisagem européia, o que está presente já em anos anteriores na divulgação do turismo daquelas regiões. Bairon (1991), ao identificar a insistência em construir um imaginário que reforça a idéia da existência de uma microrregionalidade da Alemanha no sul do Brasil, estabelece uma comparação entre a geografia física da região originária de alguns dos imigrantes alemães com a do Vale do Rio dos Sinos:

[...] o clima preponderante no Hunsrück é o temperado, no Vale dos Sinos, o subtropical; a vegetação do Hunsrück, basicamente composta de florestas latifoliadas, no Vale do Rio dos Sinos, as pluviais; a característica geológica do Hunsrück é de solos podzólicos em cadeias hercínias, no Vale do Rio dos Sinos, lateríticos em cadeias e escudos (BAIRON, 1991, p. 40).

Bairon conclui assim a diferenciação das regiões, de modo que a insistência na comparação serviria como elemento de reforço de uma “identidade perdida” que passa a ser construída a partir da composição de um imaginário que reforça a identificação cultural. Contudo, no caso colocado aqui em estudo, não se trata de “recordações encobridoras” que seriam, como indica o autor, fruto de recordações causadoras de desprazer, mas da utilização desse recurso como estratégia para atrair turistas.

²⁸¹ Essa influência é reconhecida a tal ponto que Theodore Zeldin (2000) apresenta, em seus estudos sobre “os franceses”, um primeiro capítulo intitulado “Como evitar os pontos turísticos”. Estes são entendidos por Zeldin pelo “resumo” do que são os franceses.

Na construção da paisagem, a natureza e a população são estereotipadas e investidas de um poder simbólico que produz a realidade:

A Rota Romântica soma aproximadamente 100 quilômetros de cultura trazida pelos primeiros europeus que chegaram no século passado e preservada pelos descendentes de cabelos louros e olhos claros²⁸².

Gente de cabelos louros e olhos azuis, com um acento carregado no falar, a culinária, a arquitetura, a alegria no trabalhar e a alegria nos festejos. É a marca da cultura alemã, de um povo feliz e hospitaleiro²⁸³.

A referência aos habitantes do município de Presidente Lucena em um caderno especial cria um efeito estilístico que chega a ser engraçado: “povoadas por gente branca como um lençol engomado, com olhos mais azuis que céu da Varig, cabelo escorrido da cor de uma gema de ovo de galinha de granja”²⁸⁴. Nesse caso, chega-se a usar como recurso a referência à empresa Varig, então reconhecida.

O fato de destacar-se como elemento a população branca de olhos claros permite afirmar que se trata da utilização de um código estético²⁸⁵ que constrói a paisagem. Esta se constitui como representação a partir do reforço do clichê de que regiões de colonização alemã se caracterizam por ter uma população branca que lembra os nórdicos. As imagens que aparecem em alguns folhetos (ANEXO C) permitem afirmar que as características apresentadas simbolizam a beleza local. Tem-se, assim, a valorização do “europeu nórdico”, que, dentre a diversidade da população, é selecionado como a melhor imagem para ser comercializada turisticamente.

O ideal da europeização²⁸⁶ faz-se presente onde as propagandas utilizam também a associação de traços culturais como derivados de fatores biológicos: “vocação para o trabalho.

²⁸² *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, p.6B, 28 abr. 1996.

²⁸³ Rota Romântica: os caminhos da emoção. SETUR. s/d.

²⁸⁴ *Zero Hora*, Caderno de Viagem, p.6, 27 maio 1997.

²⁸⁵ Toma-se essa noção a partir de Corbin (1998), quando esse aborda as leituras de paisagens e seus diferentes códigos de apreciação.

²⁸⁶ Em algumas vezes, fazem lembrar discussões travadas pela intelectualidade no cenário nacional, trazendo a dicotomia entre “país real” e “país ideal” (NEVES, 1999).

Essa é uma característica dos imigrantes que fizeram de São Leopoldo uma das cidades mais promissoras do país no início do século XIX²⁸⁷. Essa caracterização, utilizada outrora como estratégia de distinção, continua sendo usada como tal.

O prenúncio das curiosidades locais dos municípios muitas vezes é dado como vocação. A descrição de Presidente Lucena evidencia esse caso:

São várias colunas de fumaça que se levantam das casas em linha reta até as nuvens obesas que passeiam pelo céu. Em seguida, vem o cheiro. Uma mistura de batata-doce, abóbora, laranja. [...] Seguindo qualquer uma destas trilhas de fumaça perfumada pode-se deparar, por exemplo, com um Froelich mexendo um caldeirão de uma massa pastosa e cheia de bolhas. É a schimier colonial, a vocação de Presidente Lucena²⁸⁸.

A paisagem atendeu não só ao apelo visual, como também ao aspecto olfativo (CORBIN, 1998), permitindo a crença de que os produtores de geléia são encontrados em toda a parte e garantindo um cenário coeso para a localidade.

Alguns locais são apresentados como imunes a mudanças, sendo exibidos como algo que mantém sua origem, sua ancestralidade. Um folheto turístico que apresenta Presidente Lucena descreve a cidade assim:

Belíssimas igrejas e casas em estilo enxaimel preservam características germânicas do início da colonização. Além disso, 90% da população fala o dialeto Hunsrück, o que garante a preservação da história e cultura dos colonizadores, dando a impressão de que o visitante está viajando pela Alemanha²⁸⁹.

A Rota Romântica corta em seu traçado regiões de extrema beleza, oferecendo aos viajantes, paisagens incomparáveis, vilas e povoados com casario típico em enxaimel, onde ainda se falam os sotaques da Bavária, Boêmia ou os dialetos das margens do Reno [...] ²⁹⁰.

²⁸⁷ *O Diário*, Ivoti, p.12, 27 jul. 2001.

²⁸⁸ *Zero Hora*, Caderno Viagem, Porto Alegre, p.6, 27 maio 1997.

²⁸⁹ Folheto Descubra Presidente Lucena. Prefeitura Municipal de Presidente Lucena, 2001-2004.

²⁹⁰ Rota Romântica: os caminhos da emoção. SETUR. s/d.

Afora a visão da cidade como referencial por preservar sua história, reaparece a Alemanha enquanto construção idílica. A cidade é apresentada como se seus habitantes fossem tão alemães quanto os da Alemanha moderna. A idéia que perpassa várias propagandas reforça o valor cultural como dado existente por si só. A preservação da língua também garante a preservação do local e a semelhança com a Alemanha. Essas descrições reforçam o que se quer para fins turísticos:

Tenha-se em mente a importância, para objetivos turísticos, de categorias como “o típico”, que são poderosas formas de reificação. Represar a diversidade cultural no típico (paisagem típica, comida típica, roupa típica, linguajar típico...) facilmente conduz ao estereótipo, condensando uma quintessência congelada e independente das situações e contextos da ação humana (MENESES, 1999, p.99).

O padrão do turismo toma o étnico como referência, sendo que a conduta dos habitantes locais é modelada por esse padrão. A unidade da região em torno dessa conduta faz com que se justifique o Projeto.

Discursos destacando a unidade em torno do referencial étnico são recorrentes:

As igrejas são as testemunhas vivas do passado heróico dos colonizadores que desbravaram as terras gaúchas. São estas riquezas culturais trazidas pela imigração alemã e ainda mantidas nos prédios históricos, casa de moradia e nas tradições das comunidades que constituem o componente adequado para a integração desses municípios na Rota Romântica. Para chamar o visitante, nessas cidades são mantidos vários eventos, como festas típicas, kerb, festivais de folclore, preservação das bandinhas alemãs, além dos atrativos naturais²⁹¹.

Como componente para a integração, como se viu acima, é destacada a unidade cultural da região enquanto característica que se mantém imutável ao longo da história num processo de preservação de um legado.

²⁹¹ GREINER, Márcia Beatriz. Caderno especial Rota Romântica. *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, p.1, 18 ago. 1996.

Anne-Marie Thiesse, ao analisar os processos de construção das identidades nacionais europeias ao longo do século XIX, aponta uma tendência visível com relação à construção identitária da Rota: “a representação das nações tem também por particularidade o fato de estar baseada em uma denegação da transformação, exaltando o arcaísmo e o imobilismo de uma comunidade a-temporal que existe desde tempos imemoriais” (THIESSE, 2002, p.19). Esses aspectos serão abordados mais adiante.

5.3 O romântico daqui e o romântico de lá

A referência ao aspecto romântico da região aparece em algumas fontes no período anterior à institucionalização da Rota:

A imagem romântica da imigração pode ser encontrada no interior de várias cidades fundadas pelos alemães e seus descendentes. Muitas residências destes pioneiros ainda continuam intactas, com a beleza do estilo enxaimel. Os hábitos continuam sendo os mesmos. A população fala com um sotaque acentuado. Alguns não conhecem o português e utilizam o dialeto. Outras culturas acabaram se infiltrando nestas sociedades. Mesmo assim, o “schätisch” continua sendo tocado nos bailes de “Kerb”²⁹².

O romântico aqui é dado pela referência à Alemanha, e não propriamente ao espaço. Essa menção aparece na década de 1950 no Mapa Turístico (ANEXO A), onde aparece a imagem de um casal sentado à mesa para tomar um café colonial.

Conforme foi noticiado em jornal local quando apareciam as primeiras notícias sobre a Rota, apresentou-se uma explicação da denominação: “Rota Romântica é uma denominação que os países de forte vocação turística adotam para melhor definir regiões especiais, onde a topografia é marcada por acidentes geográficos que lhe conferem características raras”²⁹³.

²⁹² *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 25 jul. 1988.

²⁹³ *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, 28 abr.1996.

A Rota gaúcha é evocada também pelo romantismo, que tem destaque tanto na natureza quanto na cultura: “Romantismo! Paisagem de montanhas, vales e florestas, ponteados aqui e ali por povoados, pequenas cidades ou campos cultivados com capricho. Floradas de hortênsias à beira do caminho, amores-perfeitos, petúnias, cravinas”²⁹⁴. O romantismo aqui ainda não é expresso pelo plátano, pois certamente o folheto que divulgou essa propaganda foi veiculado antes de o plátano ser construído como símbolo da Rota e portador de romantismo; naquele contexto, a hortênsia era o que evidenciava esse clima²⁹⁵. A partir da Rota, o romântico aparece através do plátano, reforçando o que não é novidade no meio literário nacional e internacional – a natureza como tema dos escritores românticos (BOSI, 1984).

Ao que parece, esse conceito aparece muito mais para demarcar também outras características de variadas ordens do que propriamente e unicamente aquelas que se situam no âmbito da topografia. Dessa forma, a idéia de rota romântica parece abranger características culturais, gastronômicas, paisagísticas e históricas que lhe conferem essa denominação. É o que se nota nas descrições da Rota alemã:

“O nome Rota Romântica” exprime aquilo que muitos dos visitantes sentem quando contemplam as cidades medievais ou o castelo dos sonhos “Neuschwanstein”: fascinação e uma volta sentimental aos tempos antigos²⁹⁶.

Na Rota Romântica também estão os castelos de Hohenschwangau e, em particular, Neuschwanstein, o castelo dos sonhos de Ludwig II, da Baviera, ambos são destacados exemplos do clima romântico que os viajantes podem encontrar em sua viagem relaxante pelo rio Main até o lago “Forggensee” perto de Füssen²⁹⁷.

²⁹⁴ Rota Romântica: os caminhos da emoção. SETUR. s/d.

²⁹⁵ Para quem morava às margens da BR116, era a ocupação dos finais de semana admirar os carros que passavam com seus pára-choques enfeitados de hortênsias, ostentando o diferencial de ter ido para a região da Serra gaúcha. Já em meados da década de 1980, essa prática foi sendo identificada como “cafona”, o que deve estar relacionado às orientações no sentido de não destruir a natureza, em contexto de preservação ambiental.

²⁹⁶ Disponível em: <<http://uk.romantischestrasse.de/>>. Acesso em: 2 Jun. 2006.

²⁹⁷ Folheto turístico ROMANTIC ROAD – Baden Württemberg – Touristik – Arbeitsgemeinschaft – Romantische StraBe – Markplatz – D-91550 – Dinkelsbühl (Tradução livre).

As paisagens culturais são apresentadas como remontando a um passado de distintos períodos; no entanto, pode-se arriscar afirmar que o passado medieval que remete às origens da Alemanha é apresentado com maior destaque. Já no caso da Rota gaúcha, o passado a ser referido é um passado colonial construído a partir de um referencial positivo²⁹⁸, com base na “epopéia da colonização”. Também é muito recorrente a referência a uma Alemanha moderna idílica, como se viu anteriormente.

É, sobretudo, a Alemanha que adota o conceito de rota romântica ou estrada romântica, ao lado de outros roteiros turísticos, dentre as suas “quase cem estradas turísticas” (PERFIL, 1995, p.325), sendo a Rota Romântica, no entanto, uma das mais famosas²⁹⁹. Ela abrange 27 cidades entre Würzburg até Füssen e existe a há cerca de 50 anos. Apresenta como atrativos especialmente as construções medievais, espetáculos que remetem a fatos históricos, gastronomia e folclore.

A identidade *Rota Romântica* tem sido alvo de disputas no contexto regional aqui no Brasil. Apropriada por outras cidades ou empresas, está em curso atualmente um processo que disputa a marca³⁰⁰. Também surgiu recentemente uma revista assim intitulada, que agora passou a operar com o nome de *Romantische Strasse* para que não houvesse confusão entre ambas³⁰¹. Têm sido cada vez mais comuns, no âmbito do turismo nacional, os termos “Pacote Romântico”³⁰² e “Turismo Romântico”³⁰³.

²⁹⁸ Nesse sentido, Bairon (1991) situa uma historiografia que denega os períodos de miséria vividos nas regiões coloniais.

²⁹⁹ Essa informação é reiterada por várias fontes, e não somente pela oficial, expressa no endereço eletrônico. Disponível em: <<http://uk.romantischestrassen.de/>>. Ver também Perfil (1995).

³⁰⁰ Documento encaminhado ao Juiz de direito da 7ª Vara Cível da Comarca de Porto Alegre em 24 de junho de 2004. Essa documentação foi sistematizada em função de um processo movido por parte de Viviane Janeli Comunicação e Empreendimentos Comerciais contra a Associação de Municípios da Rota Romântica. A alegação é de que ela foi a idealizadora do projeto denominado “Rotas”, de modo que, nesse caso, a marca *Rota* seria de sua propriedade (Acervo AMRR).

³⁰¹ Essa revista não tem nenhum vínculo com a AMRR.

³⁰² Só para ficar com um exemplo, cito a propaganda sobre Brumadinho, em Porto de Galinhas, que faz essa referência. Disponível em: <<http://www.portaldebrumadinho.com.br/romantico.asp>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

³⁰³ Referência encontrada em diferentes propagandas turísticas. Disponível em: <<http://www.ambitur.pt/site/news.asp?news=4356>>. Acesso em: 2 jun. 2006. Cabe observar que o termo recentemente passou a ser incorporado enquanto campo de estudo no âmbito acadêmico, a exemplo da produção de Figueiredo Santos, *Turismo mosaico de sonhos: incursões sociológicas pela cultura turística*, publicado em Portugal pelas edições Colibri em 2002. Cf. Disponível em: <http://www.esght.ualg.pt/encontros/leituras/ap_mosaico.pdf>. Acesso em 4 Jun. 2006.

Outra questão passível de comparação é a ênfase dada pelo material que divulga as Rotas³⁰⁴. No roteiro gaúcho, reforçam-se aspectos de uma etnia em especial, até porque se trata de um roteiro de abrangência intra-regional, diferentemente do caso da Rota Romântica da Alemanha, que tem abrangência inter-regional. No caso da Rota alemã, a diversidade das expressões culturais é destacada:

[...] os viajantes encontram uma diversidade cultural: Würzburg com o Rio Main e Vinho, o Vale dos Tauber e Rothenburg, as atraentes regiões como Ries, Lechfeld e Pfaffenwinkel e os castelos reais. O caminho pode oferecer várias opções. A Rota Romântica serpenteia apressadamente através do interior de uma riquíssima herança cultural. [...] oferece feriados relaxantes na Franconia, a Baviera e Swabra oferecem muito mais que realces e encantos [...]³⁰⁵.

No caso da Rota gaúcha, a diversidade raramente aparece na folhetaria turística. Apesar de o Projeto manifestar que outras etnias também serão contempladas, a preponderância de imagens que remetem à etnicidade alemã se faz notar. Trata-se de uma estratégia no sentido de oferecer um diferencial, considerando-se o que é ofertado no resto do Brasil.

Outro tema que pode ser fruto de comparação é a forma como é referida a origem das rotas turísticas. A Rota alemã é assim situada originariamente: “o percurso, que hoje une 27 cidades, surgiu a partir de uma rota comercial construída pelos romanos, a ‘Via Claudia Augusta’, que ligava o norte da Itália à cidade de Augsburg. Ao longo desta via floresceram numerosas comunidades durante a Idade Média”³⁰⁶. Certamente, essa afirmação está na mesma relação das justificativas da criação da Rota gaúcha, tratando-se, portanto, muito mais

³⁰⁴ Essa afirmação tem como base uma análise parcial; portanto, as conclusões são passíveis de alterações no caso de se utilizar um rigor maior para analisar quantitativamente o material em questão.

³⁰⁵ Folheto turístico ROMANTIC ROAD – Baden Württemberg – Touristik – Arbeitsgemeinschaft – Romantische StraBe – Markplatz – D-91550 – Dinkelsbühl (Tradução livre).

³⁰⁶ Disponível em: <<http://uk.romantischestrassen.de/>>. Acesso em: 2 Jun. 2006.

da delimitação de um mito fundador do que propriamente da identificação de situações e agentes concretos de sua institucionalização.

O secretário de turismo de São Leopoldo, Renato Jacques, que em 1996 foi visitar a Rota Romântica alemã, destacou a integração entre os municípios e a valorização da história como aspectos que chamaram sua atenção³⁰⁷. Convém analisar como se deu a formatação da Rota gaúcha com relação ao modo de integrar os municípios.

Dentre os critérios de escolha das cidades que comporiam a Rota Romântica, consideraram-se Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula como cidades que deveriam integrá-la, dada sua tradição turística; já as demais cidades a integrariam pelo fato de terem sua população fortemente ligada à imigração alemã³⁰⁸. Como foi visto no capítulo anterior, Gramado e Canela desde cedo tiveram como preocupação o desenvolvimento do turismo, explorando e incrementando seus recursos naturais, aspecto não tão marcado nas demais cidades que compõem a Rota. Assim, optou-se por investir no mote da identidade alemã, conforme conta um dos secretários da Rota³⁰⁹. Pode-se ver que a especificidade cultural ligada à imigração alemã é vista como referência a ser “capitalizada” pelos agentes envolvidos na formatação da Rota.

Paralelamente aos argumentos fundamentados na história, que se apresentam de modo intenso, o Projeto Rota Romântica assinala os aspectos voltados à oportunidade econômica. Depois de marcar a movimentação orçamentária do turismo no âmbito mundial e nacional, o Projeto destacou os grupos nos quais o turismo pode ser formatado: ecoturismo, turismo histórico-cultural e turismo rural. O interesse econômico também é expresso nos objetivos gerais: “[...] objetiva oportunizar o envolvimento de novos agentes sociais no

³⁰⁷ *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, 24 abr. 1996.

³⁰⁸ Ata de reunião da AMRR, 22 mar.1998. Acervo da AMRR.

³⁰⁹ JULIEN (2006).

processo da produção turística, dinamizando o efeito multiplicador de empregos, produção, renda familiar e melhor padrão de vida a todos que se alinharem ao Projeto”³¹⁰.

Assim, é na relação de forças materiais e simbólicas que o Projeto da Rota Romântica se configura.

5.4 Espaços de promoção da Rota

Já destacou-se acima aspectos que demonstram o quanto a cristalização da identidade étnica alemã foi promovida pela imprensa escrita. Esse caráter pautou alguns cuidados com relação à metodologia de trabalho. As notícias que informam sobre a Rota refletem um tipo de divulgação que muitas vezes reproduz o discurso oficial, ou seja, utilizam-se como fonte informações dos próprios promotores da Rota, organizadores de eventos ligados a sua divulgação, de modo que a repetição acaba reforçando a imagem, como teoriza Baczko (1995).

Um exemplo pontual, mas que serve para ilustrar como funciona a reprodução das imagens, é o caso da campanha lançada no início de fevereiro de 2005, em Nova Petrópolis: “Nova Petrópolis Jardim da Serra gaúcha”. A campanha propôs a ornamentação de canteiros no início do outono, portanto, em 20 de março, quando a cidade não mais teria problemas de abastecimento de água³¹¹. A campanha teve como *slogan*: “De flor em flor, de canteiro em canteiro, de jardim em jardim... Nova Petrópolis Jardim da Serra Gaúcha”³¹². Apesar de a campanha estar no seu início, uma nota sobre a páscoa na serra gaúcha em um jornal de circulação regional trazia como primeira frase: “Nova Petrópolis, cidade ‘Jardim da Serra

³¹⁰ Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d. p.4.

³¹¹ Esse lançamento marcou, em 2005, o início das atividades da Ação Promocional Verão Gaúcho da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do Estado (*O Diário*, Nova Petrópolis, 7 fev. 2005).

³¹² *O Diário*, Nova Petrópolis, 7 fev. 2005.

Gaúcha”³¹³, ou seja, no início de fevereiro, a campanha efetivamente não havia iniciado, mas a imprensa já garantia o título à cidade.

Silveira (2005), ao estudar a cobertura jornalística do turismo na imprensa interiorana, conclui que ela se caracteriza por relatos superficiais. Portanto, não constitui o que é identificado como reportagem, que consiste num relato ampliado de um acontecimento, contado com um olhar interpretativo.

Outro meio que direta ou indiretamente tem servido para a cristalização da identidade étnica alemã tem sido o espaço acadêmico³¹⁴. Desde sua formatação, o Projeto da Rota Romântica vem buscando o apoio de Universidades e Centros de Ensino Universitário. Estes não contribuem apenas através de cursos notoriamente voltados para o turismo, mas também com a confecção de material didático-pedagógico sobre os municípios da Rota para divulgá-la: desde jogos para crianças até outros programas³¹⁵. Assim, várias demandas em torno da efetivação do Projeto têm chegado às universidades, sendo que a intervenção de acadêmicos e professores tem papel fundamental na mediação do processo de promoção da identidade cultural, seja local, seja regional.

Em 1999, na reunião da AMRR, é expresso o objetivo de renovar o convênio com a PUC; o ponto a ser desenvolvido seria uma experiência de “Turismos nas escolas”³¹⁶. Assim, pensa-se também o ingresso na rede escolar municipal de ensino, e, nesse sentido, várias experiências foram formatadas, como será visto no capítulo que segue.

³¹³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.17, 8 mar. 2005.

³¹⁴ Não há dados para avaliar em que dimensão isso se efetua.

³¹⁵ Acervo da AMRR.

³¹⁶ Ata da reunião da AMRR, 11 de fev. de 1999. Acervo da AMRR.

Na solenidade de inauguração da sede da AMRR, foram assinados convênios com a UNISINOS, a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e com o Centro Universitário FEEVALE³¹⁷.

Muitas vezes é no espaço acadêmico que são realizados Fóruns Regionais de Turismo. Em 2003, esse Fórum tinha como coordenadora uma representante da UNISINOS³¹⁸ e atualmente está sob coordenação de uma representante do Centro Universitário FEEVALE. O Fórum realiza reuniões mensalmente com o objetivo de troca de experiência entre os municípios da região, refletindo sobre estratégias para o desenvolvimento do turismo no âmbito local e regional.

Não se acompanhou o caráter dessas relações de aproximação para fazer avaliações mais pontuais ou mesmo consistentes. Contudo, pode-se imaginar que atender a demandas referentes aos usos do passado nem sempre deve ser fácil, na medida em que, para alguns campos do conhecimento, essa aproximação pode ser confundida com uma retórica que lembra a atuação de folcloristas. Paulo Peixoto, ao pensar essas relações no contexto de Portugal, conclui: “a refuncionalização desse passado, oscilando entre a reactivação, a reinvenção e a idealização, adquire formas diversas de caso para caso. No limite, ela balança entre uma dimensão retórico-folclórica e uma dimensão que remete para projectos concretos de ordenamento e de promoção local”³¹⁹.

A circulação e reiteração do discurso que promove a Rota passam também por agências de publicidade. Em geral, a assessoria para a divulgação da Rota é terceirizada, o que varia de acordo com a gestão e a disponibilidade de verbas. Conforme Julien (2006), a

³¹⁷ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 1 ago. 2003.

³¹⁸ Veramaria Sebastião, ocupante do cargo de Assessora de Relacionamento da Pró-Reitoria de Extensão da UNIAINOA e coordenadora do Programa “Viajando pelo Rio Grande”, na Região do Vale do Rio dos Sinos. Ver: *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 27 ago. 2003. Ata da reunião da AMRR 20 mar. 2002. Acervo da AMRR.

³¹⁹ Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/175/175.pdf>>. Acesso em 13 jun. 2006.

Serrasul Eventos & Comunicações, empresa de Nova Petrópolis, durante sua gestão, era a responsável por todo o trabalho que abrangia “desde um ofício até montagem de reuniões, divulgação”. Conforme a secretária da Rota da atual gestão, o material é montado por agências de publicidade, sendo que o texto e as imagens são fornecidos pela AMRR. Dentre as agências que trabalharam recentemente com a associação, estão a Alphaville Publicidade, de Ivoti, e a Hoss Comunicação, de Novo Hamburgo. Apesar dessa terceirização, vê-se, ao longo do tempo de existência da Rota, a reprodução do mesmo léxico.

5.5 Homogêneo e Heterogêneo na Formatação da Rota

O projeto, bem como a mídia que divulga a Rota, sugere a existência de estereótipos que positivam a cidade e a população a partir da identificação com a etnicidade alemã. No conjunto, as cidades que integram a Rota passam a formatar uma identidade regional que expressa, em certo sentido, uma Rota alemã.

Os discursos que pautam o projeto e a propaganda sobre a Rota muitas vezes são os mesmos que serviram ou servem para olhar negativamente essa região. Como exemplo, pode-se trazer a idéia do quanto os municípios da Rota mantêm sua originalidade, chegando ao ponto de parecer que se está na Alemanha, como se viu numa propaganda acima. O aspecto do isolacionismo é, no contexto que diz respeito à divulgação da Rota, fator que pode ser entendido como positivo. O isolacionismo é tema de uma historiografia sobre imigração alemã que Gertz (2005) denomina de “matriz político-cultural³²⁰”, comportando escritos que

³²⁰ O autor, ao analisar a produção historiográfica sobre a imigração alemã, identifica duas “matrizes da cultura historiográfica sobre imigração”: a “economicista” e a “político-cultural”. A primeira abrange produções que dão conta dos aspectos socioeconômicos da imigração; conforme Gertz (2005, p.1), “é uma historiografia, que quase sempre, reflete um quadro mais ou menos positivo do projeto de colonização”. Já a outra matriz subdivide-se em uma “versão mais tradicional” e uma “categoria de estudos ‘político-culturais’ – talvez mais culturais”, em que são enquadrados os estudos sobre identidade étnica.

denunciavam esse caráter identificado entre as regiões de colonização alemã³²¹. Cabe observar que o peso desse aspecto tem sido relativizado, não só com relação a contextos mais recentes, como também do século XIX, por várias pesquisas acerca da imigração alemã, como se viu no terceiro capítulo. No entanto, o esforço de desconstrução de estereótipos presente nesses estudos não tem efeito no cenário de institucionalização da Rota, até porque se trata de discursos em âmbitos diferentes. No entanto, os estereótipos formatados pela divulgação turística da Rota Romântica são reelaborados em novos contextos, apresentados agora como elementos positivos que tendem a mobilizar o turista no sentido de encontrar o exótico. Os efeitos desse discurso parecem ultrapassar, no entanto, esse objetivo.

Na construção de uma identidade regional que enquadra os municípios na denominada Rota, parece pertinente destacar a relação apontada por Correa (2003) com relação aos graus de confiabilidade na relação de sociedade homogênea ou heterogênea de dada região:

Em relação às culturas e identidades étnicas de uma região, cabe ainda destacar um aspecto sócio-cultural importante para o desenvolvimento regional. Trata-se da identidade regional. A precária identidade regional é um sintoma da pouca confiança existente no seio de uma sociedade heterogênea e institucionalmente claudicante. Sem a confiança, qualquer esforço empregatício de capital social necessário ao desenvolvimento regional tende à entropia (CORREA, 2003, p. 327).

As considerações desse autor dirigem-se à construção de uma identidade regional no Vale do Rio Pardo, mais especificamente para a cidade de Santa Cruz, que teve colonização alemã. Correa aponta o entendimento de que a fraca confiabilidade na heterogeneidade faz com que preconceitos étnicos e sociais se constituam para intensificar uma identidade regional com ênfase no viés étnico. Ao considerar-se o desenvolvimento regional, essa

³²¹ Gertz cita como exemplo Aurélio da Silva Py e seu escrito *A 5ª Coluna no Brasil*.

postura tende, conforme o autor (2003), a constituir-se em aspecto negativo, uma vez que a integração dos migrantes é condição para o desenvolvimento regional.

Ao transporem-se esses aspectos para o contexto em foco, podemos arriscar inferir que a constituição de uma identidade homogênea destacando a etnicidade alemã faz com que não só ao olhar do turista, como também ao olhar do investidor, a Rota seja algo em que se apostar. Pode estar implícito, em alguns casos, o preconceito étnico na medida em que há predisposição favorável aos valores de um grupo étnico em detrimento de outros no que tange ao grau de confiabilidade.

5.6 Alinhamento dos municípios

Assim, cabe analisar a construção e implementação da identidade local e regional de várias municipalidades, vendo em que medida as realidades estão em conflito com as imagens criadas, uma vez que há exclusões observáveis nos panfletos turísticos, nas festas e na memória preservada. A seguir, são apontados alguns exemplos nesse sentido.

Como a história dos municípios, enquanto constituintes da Rota, é uniformizada em torno do mote da germanicidade, não é difícil entender o fato de o município de São Francisco de Paula ser pouco referido. Nesse município, a pecuária, ainda hoje, apesar dos sinais de decadência, é responsável por cerca de 30% da atividade econômica. A população que vive na área rural soma 37,8%, percentual alto frente à média da população rio-grandense que reside no campo (18,4%) (SOUZA, 2005). No entanto, a divulgação da Rota pouco aponta das especificidades desse município em relação aos outros. Essa quase invisibilidade transposta em textos e imagens por certo se deve ao fato de sua história não estar ligada à colonização

alemã, fazendo-se necessário minimizar traços que interferem na predominância germânica, sendo mais adequado destacar os estabelecimentos como hotéis e as belezas naturais.

Cabe observar que o município de São Francisco de Paula é o que tem maior visibilidade na divulgação turística de outros roteiros de que faz parte, como é o caso dos que integram a região turística dos Campos de Cima da Serra³²², englobando municípios onde a cultura gaúcha é um referencial. Pouco é apresentado das características da diferenciação de São Francisco de Paula, e pouco aparece com relação às raízes ligadas aos portugueses e às manifestações culturais relativas ao gauchismo. Os próprios monumentos da cidade, que ocupam a via principal, a Avenida Júlio de Castilhos, expressam bem essas ligações. São espaços emblemáticos o monumento ao Negrinho do Pastoreio, o Monumento ao Carreteiro, que apresenta uma carreta com carreteiro e junta de bois, e o Monumento da Cuia. Também os eventos da cidade vão nessa mesma direção: Ronco do Bugio, que consiste num festival de música regionalista gaúcha; Semana Farroupilha; Rodeio Crioulo Interestadual, Festa do Peão. O carnaval de rua é também destacado como um evento da cidade.

Observa-se que o Projeto Rota Romântica apresenta um panorama dos municípios que compõem a Rota. Dentre os dados, aparece o item “População”, tendo como subitens dados da população total, urbana, rural e “Formação étnica da população³²³”. Dos 11 municípios, somente São Francisco de Paula³²⁴ e Novo Hamburgo expressam a presença de afro-descendentes, o primeiro utilizando a expressão “africanos”, e o segundo, “negros”, sem incluí-los na categoria “outros”. Os italianos não entram na categoria de “outros”, são

³²² Essa região turística abrange: São Francisco de Paula, Cambará do Sul, Jaquirana, São José dos Ausentes, Bom Jesus, Monte Alegre dos Campos e Vacaria.

³²³ As informações apresentadas partem de materiais fornecidos pelas prefeituras, como é informado pela própria fonte onde esses dados constam: Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d.

³²⁴ A população negra é colocada em índices maiores que alemães e italianos, tendo cada um desses a representatividade de 10%, e os negros, de 15%, ao lado de 60% de portugueses e 5% na categoria de “outros”. Esse índice parece alto até para os dados do Censo do IBGE de 2000, que aponta uma população negra de cerca de 5,5%. Muitas vezes, para representar a população negra, esta contabiliza também os “pardos”, o que pode explicar o índice elevado.

expressos como “italianos” nos dados fornecidos pelos municípios de Canela, Gramado e Novo Hamburgo. Portugueses só são referidos no caso de São Francisco de Paula e Canela; nos demais casos, incluem-se em “outros”. Gramado declara-se como tendo 50% de alemães e 50% de italianos.

Nesse caso, cabe salientar, pelo que se analisou acima, que não se trata de levantar dados a fim de buscar uma aproximação numérica dos distintos grupos étnicos nessa região; o que pesa é a representatividade dos dados informados, à medida que eles representam a expressão de como a cidade se quer³²⁵.

No âmbito das imagens que aparecem na folhetaria que divulga a Rota, os dados fazem-se visíveis, preponderando os relativos à germanicidade, em termos de população, gastronomia ou expressões culturais. Um aspecto a destacar é que os japoneses, presentes em Ivoti, estão incluídos, em geral, nas imagens da Rota como um todo. Grupos dessa etnia residem na chamada *Colônia Japonesa*, localizada no Vale das Palmeiras, que é composta por 200 habitantes³²⁶.

Tem-se em Estância Velha outro município que nem sempre parece se enquadrar confortavelmente aos propósitos da Rota. Para começar, pode-se pensar na denominação “Estância”, que não lembra a pequena propriedade rural associada aos alemães no sul do Brasil. Além disso, o cognome da cidade – “Cidade dos Curtumes” –, cristalizado muito antes da criação da Rota, teve que ser substituído por “Estância, velha amiga”. O turismo nessa cidade vem se pautando pelo chamado turismo de eventos: carnaval de rua, encontro de motos, festa do peão e do boiadeiro. *Campings* e parques do estilo “pesque e pague” têm sido as modalidades exploradas, sem que estas possam ser associadas à “paisagem européia”.

³²⁵ Evidentemente, como esses dados foram informações fornecidas pelas prefeituras municipais, conforme destaca o Projeto ao final da exposição, não se quer aqui colocar todas as administrações como responsáveis pelos dados pouco confiáveis.

³²⁶ Dado de 2004 (Cf. *O Diário*, Ivoti, p.12, 19 out. 2004).

As características expressas no Projeto desde o lançamento da Rota até o contexto atual enfatizam sua proposta de divulgar a cultura alemã; nesse sentido, o discurso da mídia que a divulga parece imutável ao longo desse período. Pode-se pensar na força desse discurso a partir de Thiesse (2002):

Esta padronização é, provavelmente, um fator maior no êxito e generalização desta nova forma de identidade coletiva. Entretanto, quanto mais ela é obliterada, mais ela é eficiente: as identidades nacionais não são percebidas como produto de uma reconfiguração homogeneizante das diferenças, mas como formações *suis generis* e perfeitamente autônomas. (Grifo da Autora)

Transpondo isso para o caso em estudo, vê-se que o mesmo processo se efetiva. A região da Rota é mostrada como *sui generis*.

5.7 As peculiaridades locais e regionais no turismo e o papel do Estado

Como se viu nos subcapítulos acima, o Projeto Rota Romântica enfatiza aspectos relativos ao étnico, podendo-se trazer sua relação com o que é denominado de turismo étnico. Há diferentes caracterizações desse tipo de turismo. Conforme King (1994), o uso do termo “turismo étnico” é atribuído a Valene Smith. Essa autora identifica-o como aquele que tem por objetivo conhecer pessoas exóticas, observando expressões culturais de um povo considerado exótico³²⁷. Já outras perspectivas vão ampliar essa noção, integrando as atividades de investigar as raízes familiares – por exemplo, a África atraindo afro-americanos (KING, 1994). Em ambos os casos, como analisa King (1994), essas atividades turísticas são

³²⁷ Esse tipo de turismo pode ser encontrado em locais em que as “identidades” se viram ameaçadas. Trata-se, portanto, de grupos sociais que se encontraram na condição de etnicidade clássica colonial enquanto grupo nativo. Há, ainda, autores que situam essa modalidade de turismo étnico voltado ao exótico como sendo uma prática própria do Quarto Mundo (GRÜNEWALD, 2003). A crítica que recai sobre esse tipo de turismo diz respeito ao seu caráter contraditório, na medida em que esses grupos que têm agora sua visibilidade via turismo, portanto, em situação de inverter o registro histórico de minoria discriminada, de fato continuam em situação de reforçar essa condição, sofrendo agora a exploração através de um processo de turistificação (GRÜNEWALD, 2003). Há autores que apontam para o efeito de “zoologização” implicado no turismo que estereotipifica as referências culturais em torno do que é construído como exótico (COSTA, 2004).

categorizadas pelo tipo de motivação: ver o exótico e investigar raízes. Grunewald (2003), ao realizar um estudo síntese das diferentes noções de turismo étnico, aponta para outra perspectiva de caracterização, saindo do viés da motivação para a visita. Assim, esse tipo de turismo também abrangeria o que o turista encontra durante a visita. Nesse sentido, Grunewald sintetiza o que se pode considerar como turismo étnico:

A idéia de turismo, inclusive, parece recair sobre a perspectiva daqueles que viajam. Se o ângulo for mudado e se perceber sob o olhar do nativo, é justamente a etnicidade acionada em termos de produção cultural de tradições a serem exibidas com sinais diacríticos em arenas turísticas é que vai ressaltar o caráter étnico destas [...] (GRÜNEWALD, 2003, p. 151-152).

A partir dessa última noção de turismo étnico, pode-se qualificar o Projeto da Rota Romântica como turismo étnico, em função da formatação de alguns de seus objetivos, que enfatizam as expressões étnicas como objeto a ser explorado para o desenvolvimento turístico, como também através das próprias estratégias de implementação desse Projeto. No entanto, cabe informar que em nenhuma fonte, seja no Projeto ou na divulgação da Rota Romântica, foi encontrada referência à noção de turismo étnico. Esse tipo de turismo diferencia-se do turismo cultural pelo fato de não se tratar de experiências do turista em uma situação em geral, mas por ter um foco em particular, uma identidade cultural específica em que há um grupo étnico que se engaja na produção de uma identidade³²⁸. Outra marca do turismo étnico está em sinalizar os referenciais culturais como tendo sua particularidade no fato de serem naturalizados, com uma identidade em essência. Exemplos disso foram vistos anteriormente, como nas representações que remetem à germanicidade, de forma que se faz crer que essa característica comporta um valor permanente. Assim, esse elemento de “essencialização” contribui para a construção daquilo que vai ser ofertado no mercado turístico enquanto

³²⁸ Essa diferenciação foi tomada a partir da análise de Wood (apud GRÜNEWALD, 2003).

referência do diferencial do local a ser objeto de práticas turísticas³²⁹. Ver-se-á mais adiante neste estudo que algumas ações se configuram dessa forma.

No campo do turismo, estudos demonstram ser o estado uma instituição que intermedia a relação entre etnicidade e turismo. Grünewald (2003, p.151) assinala:

Nagel (1996) ressalta que, em sendo o estado uma instituição dominante na regulação de etnicidades, é importante não perder de vista a construção política da etnicidade através principalmente dos caminhos das designações étnicas oficiais, através da distribuição de recursos, através de regras e estruturas de acesso político.

No caso da Rota Romântica, viu-se que quem a propôs foi uma Associação que conta com o apoio do Estado, especialmente através da Secretaria de Estado do Turismo (SETUR), que consta no Projeto como sendo instituição que, ao lado da EMBRATUR e do SEBRAE-RS, forma o grupo de apoio especial³³⁰.

Mas, em períodos anteriores que já abordamos neste estudo, o Estado colocou-se de forma mais direta como um fomentador da etnicidade alemã em especial. Isso pode ser visto no contexto das Comemorações do Centenário da imigração alemã e na década de 1930, quando o 25 de Julho foi elevado à categoria de feriado estadual. Através do apoio econômico ou de produções discursivas que circulavam no âmbito desses eventos, o estado acabava por reproduzir representações identitárias recorrentes desde o século XIX, tal como o símbolo identitário em torno da eficiência alemã, entre outras.

Pode-se observar, a partir de Weber (2004, p.9), que:

³²⁹ Sobre a relação entre turismo étnico e elementos de “essencialização”, ver Costa (2004).

³³⁰ Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d, p.2.

[...] a “promoção econômica” das regiões coloniais já estavam redundando em uma “promoção cultural”, isto é, já estavam em curso auto-representações desses grupos que demonstravam que eles já estavam “estabelecidos”, quando as campanhas de nacionalizantes e as perseguições do período da guerra colocaram sob suspeita e mesmo impediram a manifestação de elementos objetivos que sustentavam tais imagens positivadas.

Assim, a distribuição de recursos por parte do estado fazia-se um elemento importante com relação à construção política da etnicidade. No entanto, os exemplos citados acima com relação ao fomento étnico por parte do estado não remetem a uma relação direta em termos de propósitos demarcados em projetos institucionais para vincular etnia e turismo; antes, referem um contexto em que é importante politicamente reconhecer aqueles grupos, uma vez que, economicamente, estavam na posição de reconhecimento. Contudo, indiretamente, no caso de São Leopoldo, pois esse município foi colocado como centro das comemorações, seja no Centenário da imigração, seja por ocasião da promoção de um feriado estadual relativo à história local, oportunizou-se o desenvolvimento do turismo.

Cabe observar que o reconhecimento oficial de determinado grupo, seja este um grupo étnico ou qualquer outro que atue como um grupo de interesse, é passível de reações. Nesse sentido, pode-se lembrar que a decretação do 25 de Julho como o Dia do Colono e feriado estadual foi fonte de reclamações por parte dos italianos e de fazendeiros³³¹ (WEBER, Roswithia, 2004). Com relação a esse grupo, convém entender que a ele eram direcionadas as representações em torno da identidade regional do Rio Grande do Sul que remetiam a uma

³³¹ Nesse contexto, chegou-se a reivindicar um feriado denominado “Dia do Gaúcho”, a ser comemorado em 20 de setembro (WEBER, Roswithia, 2004). A luta de representações pode ser evidenciada pelo fato de que, em 1961, quando da formulação da “Carta de Princípio”, que fixa as normas que norteiam o Movimento Tradicionalista Gaúcho, foi definido como objetivo: “Lutar para que seja instituído, oficialmente, o Dia do Gaúcho, em paridade de condições com o Dia do Colono e outros ‘Dias’ respeitados publicamente” (Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br>>. Acesso em: 20 Jun. 2006). O Dia do Gaúcho foi instituído mais tarde, em 1985, e teve como marco não o 20 de setembro, como sugerido inicialmente, mas sim o 20 de abril, data em que foi instalada a primeira Assembléia Provincial Constituinte, em 1835. Foi em 1991 que a data da comemoração do Dia do Gaúcho passou a ser 20 de setembro (Disponível em: <<http://www.mtg.org.br>>. Acesso em: 24 jun. 2006).

identidade que tinha como simbologia uma vida rural e pastoril, exatamente quando a sociedade passava por transformações.

Na década de 1930, a identidade regional que era construída no estado desde o século XIX esteve fortemente marcada por representações voltadas para a resolução do problema da construção da nacionalidade brasileira e da inclusão do Rio Grande do Sul na representação identitária nacional (NEDEL, 2005). Portanto, havia uma preocupação com a política e a economia, em paralelo com as questões mais prementes da conjuntura política da Revolução de 1930 e de sua crítica à República Oligárquica. Também no final da década de 1940 e até o início dos anos 1960, o discurso identitário regional esteve voltado para a discussão de questões de política econômica federal, focada em grandes investimentos de capital na região sudeste, ao passo que, no sul, se apresentava um quadro de crise da economia (NEDEL, 2005).

No contexto interno, buscava-se a formalização da identidade regional, daí a manifestação pelo reconhecimento de um dia específico ao fazendeiro que compõe o panorama em que se constrói essa identidade. Internamente, essa construção caracterizou-se por um cenário de disputas. De um lado, havia um grupo de eruditos que representava o gaúcho através de imagens que remetiam mais à abordagem da historiografia, onde esse elemento aparecia através do herói militar, do conquistador; de outro, havia o grupo identificado como de *tradicionalistas*, construindo a representação através de uma matriz popular (NEDEL, 2004)³³².

³³² Sobre a temática, Nedel (2005, p. 111-112) sintetiza: “este processo de formalização do *check list* identitário regional parece apresentar aos olhos do investigador, menos do que a sucessão linear de duas tendências de interpretação da formação histórica do estado – “platinista” ou “lusitanista” – a coexistência de autores e gêneros que a focalizam contraditoriamente, ora através da hagiografia política – como na historiografia – ora pela identificação de um povo folk – como na gauchesca. Na verdade, tal como as insinuações separatistas, a maior ou menor vinculação do Rio Grande (e do gaúcho brasileiro) com o Prata teve idas e vindas, sem deixar jamais de manifestar suas ambivalências internas ou de ter de haver-se com tendências opostas”.

No contexto dos anos de 1950 e 1960, conforme Nedel (2005, p.289):

[...] o governo estadual abrigará o “corpo técnico” de *tradicionalistas* na administração pública. Como era de se esperar, estes oferecerão aos professores das escolas primárias, aos profissionais de turismo e aos sócios de CTGs, cursos regulares não apenas de *folclore rio-grandense*, mas de folclore e tradicionalismo (Grifos da autora).

Anteriormente, esse espaço estava ocupado exclusivamente pelo grupo dos chamados eruditos. Os tradicionalistas passam a ter suas demandas atendidas pelo estado quando ganham um espaço anteriormente reservado aos “cientistas”, folcloristas (NEDEL, 2005). O que a autora identifica como “voga tradicionalista nos anos cinqüenta” caracterizou-se por uma série de eventos, tais como: rodeios, festivais gauchescos, desfiles, entre outros, que permitiam muito mais do que era proposto pelos intelectuais:

[...] a figura emblemática do gaúcho impôs-se no centro da reflexão coletiva sobre o passado, que já não se limita a ser inventariado, mas é presentificado pelo culto ritual à *tradição*. Ao lado da massificação das encenações públicas da liturgia gauchesca, o *tradicionalismo* integra-se à ampliação do aparato governamental de gestão da cultura e impulsiona o desenvolvimento de uma indústria alimentada por potentes veículos de mediação, como o rádio, o cinema e a publicidade. Tudo isso colabora para promover a expansão social e geográfica do chamado *gauchismo*, onda comemorativa que captura o discurso de exaltação regional do ambiente restrito das academias históricas e literárias para estendê-lo aos campos da propaganda, do espetáculo e do turismo (NEDEL, 2005, p.214-215).

A partir dessa observação, pode-se inferir que é nesse contexto que a identidade regional ritualizada, fomentada pelo estado, chega ao turismo. Vê-se que, anteriormente, o discurso identitário regional servia, antes de tudo, para as questões no âmbito político e econômico. No entanto, essa presença é ainda tímida até porque, nesse contexto, como foi visto no capítulo introdutório deste estudo, a preocupação sistemática de órgãos governamentais com o turismo passou a efetuar-se a partir da década de 1950 (CAVALCANTI, 2002), ocorrendo em termos da esfera nacional e estadual.

Nessa mesma década, no âmbito do turismo no Rio Grande do Sul, ações relacionadas à cultura regional desenvolveram-se primeiramente no sentido de instrumentalizar os profissionais do turismo sobre o folclore e as tradições do estado. Mais tarde, com a atuação de Barbosa Lessa, um dos fundadores do Centro de Tradições Gaúchas 35³³³, no cargo de Secretário de Cultura, Desporto e Turismo na gestão do governador Amaral de Souza (1979-1983), o tema da cultura regional encontra outra forma de vincular-se ao turismo. Conforme Moesch (1997), na gestão Lessa, foi formatado um novo visual à folhetaria de divulgação turística do Rio Grande do Sul, agora ligado ao projeto lançado pelo secretário, denominado *Os doze Rio Grandes*, onde: “[...] o mito do gaúcho fronteiriço contrapõe-se ao gaúcho loiro, de olhos azuis, que toma mate, come galeto com polenta e ‘espaghetti’, delicia-se com o café colonial e o chope, come salsichas e chucrute, dança valsas e polcas [...]” (MOESCH, 1997, p.167).

As representações acerca de um tipo humano peculiar na região do Rio Grande do Sul, configuradas através do “gaúcho”, propagaram-se de tal forma que, na década de 1940, se viu o interesse por parte de estrangeiros no sentido de conhecer o “gaúcho autêntico”. Nesse sentido, Nedel (2005) localiza o grupo dos tradicionalistas vinculados ao CTG 35 com legitimidade para representá-lo. Barbosa Lessa, na década 1970, expressou como intenção a construção da imagem de um gaúcho que representasse sua síntese, considerando a dimensão estadual (NEDEL, 2005). Não se pode concluir, mas talvez inferir, que a representação que apareceu na folhetaria acima referida seja a expressão dessa síntese. Cabe observar que houve reações ao novo visual do gaúcho proposto por Lessa, como aponta Moesch (1997). Aqui, pode-se retomar a forma como Dante de Laytano visualizava a síntese cultural regional, conforme abordado anteriormente no Capítulo 3. Laytano sugeria a consideração das

³³³ Esse CTG foi criado em Porto Alegre em 1948 por um grupo de jovens vindos do interior do estado, estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, pertencente à rede estadual de ensino. A denominação 35 é referência ao ano de início da Revolução Farroupilha, 1835 (JACKS, 1998).

contribuições de grupos que compunham a população rio-grandense, ao mesmo tempo em que, como apontou Nedel (1999), não sugeria a efetivação de um processo de miscigenação, defendendo a idéia de que o que predominava no Rio Grande do Sul era o início da formação do estado, ligada, como ele próprio afirma, à tradição luso-açoriana. Lessa, que foi aluno de Dante de Laytano no Colégio Júlio de Castilhos e teve este como grande incentivador nos estudos de história do Rio Grande do Sul (NEDEL, 1999), parece ter optado pela representação do gaúcho numa versão miscigenada, o que pode ser visto através da representação do gaúcho ítalo-germânico.

Também na gestão de Lessa, o SETUR produziu um curta-metragem, a ser exibido pelo Brasil afora, que apresentava a paisagem e vida campeira. O filme contou com a participação do tradicionalista Paixão Côrtes e de conjuntos de danças folclóricas, a fim de divulgar o turismo no estado (FLORES, 1993).

No final da década de 1990, foi formatado pela Secretaria de Estado do Turismo, ocupada pelo secretário Milton Zuanazzi, o Plano intitulado Viajando pelo Rio Grande do Sul³³⁴. Neste, são colocadas estratégias a serem implementadas entre 1999 e 2002, visando a estratégias para a promoção do turismo no estado e ao aumento do fluxo receptivo. Um aspecto focado nesse projeto diz respeito às oportunidades vinculadas ao gaúcho: “imagem do gaúcho”, “orgulho de ser gaúcho”. O projeto prevê como ações: “definir a imagem do gaúcho a ser divulgada” e “iconografar o elemento eleito”. Ainda sobre o tema da imagem do gaúcho, o Plano aponta para a ameaça ao aumento do fluxo do turismo, identificada como “Imagem racista motivada por separatismo”. Uma outra ameaça colocada de modo geral e sem maiores explicações diz respeito à “perda da identidade cultural”. Percebe-se, de certo

³³⁴ Plano Viajando pelo Rio Grande do Sul: viajar pelo Rio Grande do Sul é Trilegal Tchê. Governo do Estado do Rio Grande do Sul: Secretaria do Turismo. Dez.1999. Acervo da Secretaria de Turismo do Estado, consultado em 2002.

modo, a reedição de problemáticas presentes em outro contexto quanto à definição da identidade regional³³⁵, que agora surge diretamente no campo do turismo.

Assim, o projeto referido parece mobilizar aspectos ligados à identidade ritualizada em torno dos símbolos construídos para representar o Rio Grande do Sul:

Quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do país, apontando diferenças e construindo uma identidade social, é quase inevitável que este processo lance mão do passado rural do Estado e da figura do gaúcho, por serem estes os elementos emblemáticos que permitem ser utilizados como sinais distintivos (OLIVEN, 1992, p.128).

Na esfera do turismo, essa construção identitária passou a ser referenciada para fins de mercantilização. Nesse sentido, deram-se as ações de Barbosa Lessa em sua gestão, bem como as ações propostas pelo Plano Viajando pelo Rio Grande, que demarcou o desenvolvimento de eventos relacionados ao que é identificado como cultura gaúcha, envolvendo também a promoção de turismo rural³³⁶.

No entanto, o Plano em questão não contempla exclusivamente a demarcação da identidade regional voltada ao gaúcho emblemático; ele também demonstra estar atento às áreas ligadas à imigração. Cabe aqui situar como a relação da inclusão dos imigrantes tem se dado nas representações da identidade regional. Regina Weber (2004) sintetiza as abordagens sobre esse tema no meio científico: “os estudiosos do fenômeno que tornou a figura do ‘gaúcho’ símbolo da identidade sul-riograndense sempre observam que tal representação se impôs a despeito de ser pouco representativa das áreas mais dinâmicas do Estado, as regiões coloniais” (WEBER, REGINA, 2004, p. 9).

³³⁵ Oliven (1992) analisa os procedimentos adotados pelos tradicionalistas frente ao que estes identificaram como pobreza do folclore gaúcho. Nedel (2005) apresenta os lamentos dos tradicionalistas diante de uma realidade no estado que os obriga a pesquisas cansativas e à criação de agremiações, como aparece no próprio relato de Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Na visão destes, os folcloristas nordestinos e paulistas encontravam-se numa posição de favorecimento, dado que tinham o folclore enquanto vivência passível de ser vista nas ruas.

³³⁶ Esse conceito será discutido posteriormente.

No âmbito do turismo, a visibilidade das regiões coloniais foi percebida por parte do estado como um elemento a ser explorado turisticamente. Em diferentes contextos do desenvolvimento turístico regional, tal como no referido Projeto Viajando pelo Rio Grande, que coexiste com a implantação do Projeto da Rota Romântica, pode-se ver o olhar direcionado à diversidade étnica presente no estado.

A partir da década de 1960, passa a ser discutida, na esfera das políticas de turismo do estado, a necessidade de se incorporarem as características locais ao turismo. Nesse sentido, acompanhamos no Capítulo 3 uma iniciativa em âmbito local, qual seja, a criação de um Museu em São Leopoldo que operou destacando o que foi colocado como “peculiaridade local”.

A articulação entre turismo, etnia e conteúdos locais pode ser vista como um tema no cenário gaúcho na década de 1960. Correa (2004) também destaca o interesse por parte da Secretaria do Turismo do Estado em promover eventos que tomem as particularidades “etnoculturais” da região como uma sugestão na década de 1960. Pode-se pensar que esse tipo de política influenciou na formatação do turismo.

A busca de conteúdos e o incentivo à promoção pela própria comunidade parecem ter sido focos do órgão de turismo estadual em 1974. Nesse ano, foi iniciado um programa que visava a conscientizar os municípios acerca da importância do turismo e também da necessidade de a população contribuir com o levantamento do acervo étnico que o SETUR desejava realizar. A ideia consistia em produzir material audiovisual sobre os municípios. Esse material ficaria arquivado num Museu, a ser criado, da imagem e do som do turismo gaúcho, com o objetivo de integrar municípios e estado³³⁷.

³³⁷ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15 jun. 1974.

Em 1972, o então Diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Telmo Lauro Müller, chamava a atenção dos leitores de um jornal local de São Leopoldo no sentido de que as peculiaridades das diferentes culturas presentes no estado e no Brasil fossem observadas, ao invés de o turista se preocupar exclusivamente com o litoral gaúcho. Quanto à atração pelo litoral, Müller escreveu: “vamos lá, gente, vamos conhecer o Brasil. Tramandaí não foge”³³⁸.

Um exemplo que é apontado como marco do estado como fomentador de etnicidades via turismo são as comemorações em torno do Sesquicentenário da imigração alemã, tema que se abordou anteriormente neste estudo. É no Sesquicentenário que a articulação entre turismo e etnia se faz valer de modo mais objetivo com relação às iniciativas acima apontadas.

Em 1974, de fato, passa-se a vivenciar um momento privilegiado na constituição de práticas turísticas que tomam o étnico como mote. Trata-se de um marco em termos de desenvolvimento turístico, simbolizando também um período em que pela primeira vez houve envolvimento de diferentes instâncias públicas (local, estadual, nacional e internacional) no sentido de afirmar positivamente a presença de um grupo étnico no estado.

Assim, a comemoração do Sesquicentenário, em 1974, e do Centenário da imigração italiana, em 1975, dentro das comemorações do chamado Biênio da Imigração e Colonização, abordada no terceiro capítulo deste estudo, contribuiu para a cristalização de registros que qualificaram a presença de alemães e italianos.

Conforme Moesch (1997), em 1971, no governo de Euclides Triches, foi criada no Rio Grande do Sul a Secretaria Estadual de Turismo, extinguindo-se o SETUR. Esse governo também

³³⁸ *Jornal Vale dos Sinos*, São Leopoldo, p.4, 15 de nov. de 1972. Müller, embora não tenha expressado diretamente, devia fazer referência ao próprio habitante do estado, pois, naquele contexto, o cenário das praias era por esse preferido.

estruturou um plano regional de turismo que foi denominado “Estratégia Gaúcha”. A partir desse Plano, o estado teve uma formatação de suas zonas turísticas, tendo sido definidos oito roteiros turísticos a serem comercializados. São eles: Litoral Norte, Zona Sul, Serra, Uva-Vinho, Missões, Fronteira, Hidrominerais e Fluvial. Por esse zoneamento turístico, a área da serra compreendia Gramado, Canela, São Francisco de Paula e Cambará. Já as outras localidades que hoje compõem a Rota Romântica estavam inseridas na área da Grande Porto Alegre³³⁹.

Esse Plano foi uma estratégia de desenvolvimento regional estruturado no contexto de desenvolvimento de uma política de descentralização das ações no âmbito do turismo nacional (FLORES, 1993). Também pode ser situado frente à preocupação com a desvalorização do potencial turístico do estado (SMEJOFF, 1975).

Conforme Moesch (1997), dos oito roteiros propostos naquele contexto, somente a região colonial italiana e a região do Vale do Rio dos Sinos, somadas à escarpa da serra, com a Região das Hortênsias, tiveram êxito no sentido do desenvolvimento de um turismo profissional. Essa autora atribui tal sucesso ao fato de que essas regiões tiveram o apoio do estado, sendo que o Projeto Biênio da Colonização teria sido o “[...] acontecimento que desencadeou um processo de singular valorização étnica-cultural e auto-estima fortemente estimulada” (MOESCH, 1997, p.204). O “insucesso” turístico das demais regiões é atribuído, portanto, à ausência de identidade cultural e auto-estima (MOESCH, 1997). Esses apontamentos levam Moesch (1997) à seguinte afirmação:

Sem cantares, sem música, sem poetas e sem emoções, as gentes dos outros sete roteiros turísticos planejados pelo Estado na década de 70 aguardam os novos tempos. Um tempo em que os filhos e os netos dos imigrantes vencedores da Serra Gaúcha – por razões de MIGRAÇÃO – passarão por este imenso Rio Grande, à exemplo do que já acontece no Planalto e Região Central, levando a esses rincões um pouco de sua bravura, sua expansividade, sua alegria e comunicabilidade (MOESCH, 1997, p. 206).
(Grifo da Autora)

³³⁹ Documento informativo sobre o Plano Regional de Turismo. SUDESUL, 1972, p.17

Se, num primeiro momento, a autora aponta o Biênio como um fator relevante para a valorização étnica, em outro, vê o desenvolvimento dessa auto-estima como resultado de uma cultura de origem atuando como fonte natural da identidade cultural já dada. Nesse caso, há fragilidade do argumento no que tange ao essencialismo, com os descendentes de alemães e italianos sendo naturalmente felizes. Na avaliação da autora, a área do estado ocupada pelos “vencidos”, identificados como os descendentes dos “Monarcas das Coxilhas” (MOESCH, 1997, p. 206), terá desenvolvimento turístico quando os descendentes dos “imigrantes vencedores” – alemães e italianos – levarem auto-estima e identidade cultural através de movimentos migratórios. Aqui a autora faz referência implícita ao que se comentou neste estudo anteriormente acerca da passagem da hegemonia econômica do sul para o norte do Rio Grande do Sul.

Moesch (1997) assinala, ainda, que o estado do Rio grande do Sul foi o grande promotor da auto-estima de alemães e italianos no período entre 1970-1990. Observa-se que a autora tira conclusões que dizem respeito a uma área abrangente, mas conclusões generalizadas são difíceis, dada a necessidade de estudos que permitam uma visão estrutural do tema. Isso sem contar que, como se tem visto e ver-se-á em seguida, as mobilizações para a promoção turística são caracterizadas pela co-participação de distintos grupos, com diferentes interesses, num processo complexo que não se constitui de políticas contínuas, sejam elas públicas ou privadas.

Parece conveniente trazer aqui o estudo de Souza (2005) que tem como foco a comparação entre o desenvolvimento turístico de dois municípios: Nova Petrópolis e São Francisco de Paula. Como se viu no capítulo anterior, este município diferencia-se dos demais da Rota Romântica por remeter a uma identidade regional voltada ao culto das tradições

gaúchas. Ao estudar as políticas municipais de turismo e a participação da comunidade em projetos turísticos em ambos os locais³⁴⁰, Souza vê que, em Nova Petrópolis, “[...] a tradição vem sendo reinventada e projetada para marcar a imagem turística do município” (SOUZA, 2005, p.221), ao passo que, em São Francisco de Paula, a dificuldade está justamente em recriar sua identidade. Nesse sentido, a autora conclui:

No município de São Francisco de Paula verificou-se, em alguns momentos, a existência de políticas de incentivo ao turismo, porém, o conservantismo das elites políticas municipais impede que haja continuidade nas ações. Por parte da comunidade há uma tendência de valorização, ou mesmo de manutenção da identidade cultural, das tradições serrano-campeiras do município, mas essas agem como um elemento de resistência à implementação de novas atividades econômicas. O turismo como uma modalidade econômica que traz a inovação ainda é visto com ressalvas por grande parte da população (SOUZA, 2005, p.190).

Nesse sentido, pode-se pensar que, mesmo que no âmbito do estado, o governo estadual tenha sido um agente que apoiou os grupos ligados à construção da identidade regional, identidade essa, que comporta características da identidade cultural de São Francisco, sua ação não implica num automático “sucesso” do turismo. Para que isso ocorra há um conjunto de fatores que não se restringem a auto-estima de um grupo ou ao apoio do estado, mas a um conjunto de fatores que envolve esses citados.

Como será visto no próximo capítulo, São Francisco de Paula, tal como os demais municípios que compõem a Rota Romântica, mercantiliza a identidade cultural local, implicando o envolvimento de distintos e complexos aspectos na definição dos graus de desenvolvimento turístico. Assim, embora a identidade regional ritualizada no contexto atual esteja presente nas iniciativas turísticas, por certo, nem todos os locais que se identificam por esse referencial terão o mesmo grau de desenvolvimento. O mesmo pode ser inferido para as áreas ligadas à identidade cultural que remete aos imigrantes alemães e italianos.

³⁴⁰ Esse estudo conta também com fontes orais que auxiliam na construção das conclusões por parte da autora.

Cabe retomar a idéia do estado enquanto fomentador das manifestações étnicas, considerando o contexto atual. As ações do estado podem ser contextualizadas a partir da tendência ao multiculturalismo, cabendo ao estado proporcionar espaços públicos de expressão das diferenças. Assim, como analisa Correa (2001, p.123): “atualmente, o debate não é mais aquele em voga nos meados do século XX, ou seja, sobre as possibilidades de assimilação do outro, mas sim sobre o direito à (in)diferença cultural”. Isso fica evidenciado num momento de mudanças constitucionais e jurídicas no espaço global no sentido de adotar políticas de reparação de caráter multicultural (NUNES, 2006). Conforme Adesky (1997)³⁴¹, apesar de a Constituição brasileira fazer menção ao pluralismo cultural, de fato, o que se configura nas ações do estado é uma política multicultural. Conforme esse autor, a diferenciação entre ambas está em que a primeira pressupõe um tratamento “[...] em pé de igualdade das diferentes culturas que se encontram num dado território geográfico” (ADESKY, 1997, p.173); já a segunda envolve apenas uma postura de reconhecimento da igualdade “[...] de valor intrínseco de cada cultura”, tendo implicada uma política de reconhecimento³⁴².

Há pouco, falou-se neste estudo sobre como o governo estadual fomentou a expressão de grupos étnicos de alemães e italianos, garantindo-lhes uma visibilidade. No contexto atual, no cenário estadual, outros grupos buscam o seu reconhecimento, num processo que Weber identifica como uma tendência³⁴³: “[...] os grupos tendem a formalizar, a institucionalizar algumas de suas práticas, garantindo, internamente ao grupo, sua

³⁴¹ As considerações desse autor resultam de sua tese de doutorado intitulada *Pluralismo étnico e multiculturalismo. Racismo e antiracismo no Brasil*, defendida na Universidade de São Paulo em 1997.

³⁴² Cabe observar, a partir das considerações de Nunes (2006), que há autores que não visualizam para o Brasil a possibilidade de articular o prefixo *multi*, como é o caso do antropólogo Peter Fry, que caracteriza o Brasil como um espaço híbrido, e não *multi* (racial, étnico ou cultural).

³⁴³ Essa tendência é analisada no âmbito do Rio Grande do Sul e reflete a conclusão da autora a partir dos projetos desenvolvidos: “Porto Alegre como contexto pluriétnico: análise bibliográfica, documental e institucional” e “Três Representações em perspectiva: libaneses, espanhóis e poloneses” (WEBER, 2006).

organicidade, e projetando para fora uma imagem que almeja reconhecimento” (WEBER, 2006, p.18).

Assim, enquanto as novas políticas configuram novas dinâmicas com relação à forma como o estado fomenta a etnicidade, outros grupos que até então não tinham visibilidade tendem a buscar reconhecimento. Essa dinâmica parece respeitar os ditames dos interesses em jogo, tal como se processou em outros contextos históricos, como foi visto anteriormente no presente estudo.

A tendência recente em termos de promoções ligadas a grupos particulares no âmbito cultural tem sido gerida pelo estado de forma mais equilibrada. Nesse sentido, pode-se analisar a instituição do Dia Estadual das Etnias em 2005. Ele corresponde ao último domingo de setembro, sendo, portanto, uma comemoração anual com data móvel. O autor do projeto, o deputado estadual Ruy Pauletti³⁴⁴, justificou a escolha do mês por ser essa a época em que se comemoram os “feitos farroupilhas”³⁴⁵. A data foi incluída no calendário oficial de eventos do Estado. Ao defender o projeto:

[...] o deputado destaca ser oportuno cultivar as tradições de todas as etnias aqui radicadas, que cimentaram no solo do Rio Grande do Sul uma civilização grandiosa, edificada pelos heróis da epopéia farroupilha, coadjuvados pelo sangue das diversas etnias que caldearam um povo bravo e empreendedor³⁴⁶.

O discurso parece ser semelhante ao que instituiu o “Dia do Colono” como feriado estadual na década de 1930; no entanto, agora o dia eleito é uma data “neutra”, diferentemente de quando se tinha como referência uma data representativa para os imigrantes alemães.

³⁴⁴O deputado pertence ao PSDB. Dados do Tribunal Superior Eleitoral indicam que, nas eleições de 2002, o candidato Ruy Pauletti teve uma votação mais significativa em oito municípios, que perfizeram um total de 86,83% dos votos do candidato: Caxias do Sul, Flores da Cunha, Farroupilha, Porto Alegre, Antonio Prado, Vacaria, Bento Gonçalves e Nova Petrópolis. Percebe-se que em alguns desses municípios apresenta população descendente de italianos, ou seja, Caxias do Sul, Flores da Cunha e Bento Gonçalves.

³⁴⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 28 abr. 2005.

³⁴⁶ Conforme consta no *Release* do Projeto de Lei 186/2004 Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/Ag/RELEASEPROJ/Visualizacao_Release.asp?txtID_PROJETO=1604#>.

Trata-se também de homenagear etnias, e não imigrantes, categoria que não contempla a todos. Convém assinalar, ainda, que a data proposta em torno da Revolução Farroupilha denota que, no contexto em se processa o multiculturalismo, se tem presente a estratégia da representação de diferentes grupos étnicos na figura do “gaúcho”, representação presente no contexto em que o discurso da assimilação se fazia preponderante.

O Dia Estadual das Etnias parece ser o ponto culminante da instituição de homenagens prestadas a diferentes grupos no âmbito do estado a partir de 2001. Nesse ano, foi instituído o Dia da Etnia Italiana³⁴⁷. Em 2003, foi instituído o Dia da Comunidade Polonesa³⁴⁸ no Rio Grande do Sul e o Dia da Etnia Alemã³⁴⁹. No ano seguinte, foi criado o Dia da Etnia Libanesa³⁵⁰. Com exceção da homenagem aos poloneses, os demais grupos são referenciados pelo termo “etnia”. Nesse sentido, pode-se lembrar o que é constatado como a popularização global do termo “etnicidade”: “o termo não é mais exclusividade da academia ou dos movimentos sociais, mas está presente nos discursos da mídia, da publicidade, da moda, do turismo, das economias locais e globais que apostam no mercado de produtos étnicos” (NUNES, 2006, p.7-8)³⁵¹.

Nesse contexto de modismos, Gertz (2005) analisa:

³⁴⁷ O dia demarcado como referência é 20 de maio, data que marca o início da colonização italiana no estado na região de Nova Milano. A proposta dessa lei foi de José Ivo Sartori (PMDB). Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

³⁴⁸ O projeto dessa lei foi do deputado Sérgio Stasinski (PT). O dia para representar a presença polonesa no estado é o 3 de maio, que se refere à promulgação da Primeira Constituição Democrática da Polônia. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

³⁴⁹ O 25 de Julho continua sendo a data de referência, mas, ao invés de denominar-se Dia do Imigrante, agora trata-se de se ter um nome voltado especificamente para essa etnia. O projeto que criou esse dia foi proposto pelo deputado Heitor Schuch (PSB). Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

³⁵⁰ A lei foi proposta pelo deputado José Farret (PP). Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2006

³⁵¹ A autora faz essas considerações a partir de Lívio Sansone.

Não há dúvida de que a busca pela identidade está na moda, até é incentivada e promovida pelo Estado. Mas não há dúvida também de que a busca e o fomento da dedicação à identidade tem como objetivo primordial aumentar a auto-estima de grupos negativamente privilegiados. Como fica difícil para o Estado ou para outras instâncias na sociedade delimitar até onde o fomento da identidade pode ser levado, há uma abertura generalizada para o cultivo de tal identidade por todos. No entanto, é evidente que o cultivo dessa identidade é visto com simpatia em relação aos citados grupos negativamente privilegiados, enquanto para grupos que, no seu conjunto, não se enquadram nessa categoria esse cultivo, muitas vezes, é visto com olhos críticos.

Gertz aponta para um cenário em que a visibilidade dos negros tem sido mais evidenciada, o que reflete uma característica de um processo que tem dimensões tanto nacionais quanto internacionais, no sentido de esse grupo se fazer reconhecer. Configura-se aqui o que Agier (2001) identifica como fenômenos internacionalizados de manifestação étnica. A questão com relação ao grau de simpatia dessas manifestações vai variar. Em termos regionais, considerando o Rio Grande do Sul, Weber (2004) analisa algumas peculiaridades dos italianos que permitem identificar o que Gertz apontou com relação ao grau de simpatia das manifestações étnicas.

Configura-se, nesse caso, um paradoxo na medida em que alguns grupos não podem se valer da identidade do mesmo modo que outros. No entanto, esse paradoxo pode ser desfeito, tendo-se em consideração que essas manifestações são situacionais.

Sobre as manifestações étnicas no contexto regional atual, Weber (2004) considera que elas não são entendidas como ameaça, tampouco implicam enfraquecimento de outras identidades como regionais ou nacionais. Trata-se antes da ampliação e diversificação do “mercado de bens simbólicos” (WEBER, REGINA, 2004, p.10). Também em nível de estado nacional, essas manifestações étnicas não tendem a ser vistas como uma ameaça, o que segue a tendência apontada por Banton (1977, p.162):

As rivalidades nacionais aumentam o sentido da solidariedade nacional e reforçam a consciencialização da pertença étnica. Mas a promessa de paz pode igualmente promover a consciência étnica ao nível inferior, dado que capacita os grupos dentro do Estado para expressar os seus sentimentos de diferenciação sem desafiar a unidade mais vasta.

Em todo caso, a manifestação de particularismos traz à cena elementos contraditórios se a caracterização de um estado que ultrapasse as fidelidades particulares for pensada através da cidadania, o que implicaria um distanciamento da etnia que atua de forma exclusivista (ADESKY, 1997).

Se, no âmbito de manifestações étnicas vinculadas diretamente ao estado, há um caráter de políticas multiculturais, já no âmbito do turismo, nas áreas que são foco deste estudo, é possível observar que a visibilidade é dada quase exclusivamente aos aspectos vinculados à referência da imigração alemã. De certo modo, o turismo étnico parece contraditório com o contexto multiétnico e multicultural. Esse mal-estar parece ser expresso na própria revisão de que a noção de turismo étnico tem sido alvo, na medida em que se busca ampliar tal noção para além do sentido estrito a visitas com o fim de conhecer povos exóticos. No entanto, não se trata propriamente de uma problemática restrita a essa modalidade de turismo. Conforme Meneses (1999), no campo do turismo como um todo, podem-se identificar dificuldades de se operar com a noção de complementaridade, uma vez que sempre se trabalha com o “típico” como elemento principal. O autor sintetiza:

O típico facilita sobremaneira o consumo: a comida típica, a roupa típica, a fala típica, os trajes típicos, os comportamentos típicos, o temperamento típico – e a paisagem típica – dão conta de qualquer heterogeneidade, complexidade e transformações, cuja historicidade se congela, abstratamente, numa mercadoria estável, transparente, de fácil digestão (MENESES, 2002, p. 48).

Nesse sentido, pode-se ver que, de modo geral, o folclore se constitui como a maior garantia de minimizar as diferenças culturais, fazendo com que as clivagens internas não interfiram na forma como os grupos são definidos para fins turísticos.

Os elementos presentes no Projeto Rota Romântica, seja em sua formatação, seja em sua institucionalização na maior parte dos municípios que compõem a Rota, tendem à pasteurização das heterogeneidades. Essa tendência remete a um processo que se desenrola no contexto de globalização. Tem sido afirmado que esse contexto traz como consequência para a sociedade local uma reação contra a homogeneização implicada no processo global, reforçando as identidades locais ou particularistas (HALL, 2001), o que, por sua vez, realçaria a etnicidade no sentido de demarcar diferença. O que se observa no contexto dos municípios da Rota Romântica é que a demarcação da diferença parece se processar no âmbito cultural vinculado ao turismo também através de uma homogeneização, que, nesse caso, se dá pelo padrão dos referenciais culturais alemães.

Assim, a formatação do Projeto Rota Romântica deve ser entendida num contexto diverso, em que a modalidade de turismo segue o que se pode denominar de turismo étnico no sentido mais abrangente das discussões sobre a noção. Ou seja, tendo como foco as pessoas que demarcam uma identidade cultural singular que está sendo comercializada para fins turísticos, como será visto a seguir.

6 NO PERCURSO DA ROTA: IDENTIDADES LOCAIS E PADRÕES DO TURISMO

6.1 A atração pelo passado

Já no próprio Projeto da Rota Romântica, o tempo presente aparece como resultante de um passado que constitui a base de comportamentos culturais e do que é visto com potencial para ser explorado turisticamente.

A implantação gradual do Projeto expõe o objetivo de “recuperar” a identidade histórica dos municípios: “para se trabalhar na perspectiva turística, antes de mais nada, é necessário que a população seja conhecedora de sua raiz histórica”³⁵². Para isso, também concorre o objetivo proposto pelo Projeto: “instituir programas de fomento à preservação do patrimônio histórico-cultural com vistas a sua valorização intersetorial, tanto por parte do poder público como do setor privado, reciclando o uso desses equipamentos para fins turísticos³⁵³”. Esses princípios vão desencadear várias ações.

No ano de 1999, a AMRR finalizou a organização de um banco de dados reunindo informações sobre a história dos municípios. Durante um período desse ano, em todas as

³⁵² ABC, Novo Hamburgo, p.1, 21 jul. 1996.

³⁵³ Projeto Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d, p.4.

reuniões da associação, um historiador ou pesquisador da cidade apresentava a história do município, com o objetivo de se conhecer os locais integrantes da Rota³⁵⁴. Essa presença é destacada como fator importante: “este processo tem auxiliado para o maior conhecimento dos municípios integrantes da Rota³⁵⁵. Trata-se, pode-se dizer, de um primeiro momento para “resgatar o potencial ainda adormecido”³⁵⁶ da região.

Quem anteriormente não pautava o turismo local na sua história ou o município que não a tivesse até então tomado como importante teria que “correr atrás da máquina”: criar casas de cultura, museu, festas, histórias, gincanas para “recuperar” a história...

Os municípios que ainda não tinham nenhuma sistematização do passado local passaram a tê-la como uma preocupação. Assim, nos municípios de Dois Irmãos, em 1999, Picada Café, em 1996, e em Morro Reuter, mais recentemente, em 2003, foram produzidas algumas histórias locais patrocinadas pela prefeitura, no primeiro exemplo, de modo parcial, nos outros, total. Gramado já contava, quando a Rota foi lançada, com duas produções sobre a história local, também sob o financiamento da prefeitura municipal. Municípios como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Nova Petrópolis e São Francisco de Paula foram objetos de estudos acadêmicos e de memorialistas bem antes da configuração da Rota.

Recentemente, em uma das cidades da Rota, foi feita uma gincana para reunir informações sobre a história local. Os alunos da rede escolar foram mobilizados para coletar dados. Parte desses dados compõe uma publicação na qual, no entanto, não se faz menção à gincana como uma metodologia empregada³⁵⁷. A apresentadora desse livro dá o tom do conteúdo quando fala do seu sentimento em apresentá-lo: “É pura celebração! Por quê?

³⁵⁴ Ata de reunião da AMRR, 11 fev. 1999. Acervo AMRR.

³⁵⁵ Ata de reunião da AMRR, 11 fev. 1999. Acervo AMRR.

³⁵⁶ PROJETO da Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d, p.2.

³⁵⁷ Esse é o caso da publicação *Morro Reuter de A a Z*, de autoria do jornalista Carlos Urbim, lançada em 2003. Essa publicação surgiu de uma demanda que partiu da Prefeitura Municipal de Morro Reuter.

Porque a cidade é Morro Reuter. Porque o autor é Carlos Urbim. Porque ambos, cidade e autor, me colocam em casa de amigo [...]” (URBIM, 2003, p.6). Trata-se, portanto, da produção da memória sobre a cidade a partir de posições, lugares sociais que implicam uma produção historiográfica específica. No conjunto, as iniciativas que buscam recompor a história local certamente não tratam de investigar a história, mas antes mostrar o passado; em síntese, essas ações requerem mais emoções do que análise (GODINHO, 2006).

Outra característica desses processos recentes de “recuperação” da história, de criação de “lugares de memória” (NORA, 1993), é o fato de que essa história municipal já nasce com o local sendo afirmado como turístico e pertencente à Rota Romântica. Esse é o caso das descrições de Morro Reuter: “bem no alto dos primeiros morros da encosta inferior da Serra do Nordeste, situa-se a turística localidade, vila e hoje a cidade de Morro Reuter [...]” (SEBASTIANY, 2003, p.9). Também o hino oficial desse município, que foi composto em 1996³⁵⁸, quando a Rota há pouco havia sido lançada, tem uma estrofe que demarca seu pertencimento a ela:

Rota Romântica nos levará
Do vale às serras, com belezas mil
Lembrando os imigrantes alemães
Que deste chão fizeram seu lar
Um dia o mundo inteiro saberá
Deste recanto sul meu Brasil
Encantos teus – obra de Deus
Que nós vamos preservar [...]³⁵⁹.

No compasso da descoberta do patrimônio, dá-se a criação de uma valoração simbólica em torno do pertencimento à Rota e do local caracterizado como turístico.

Dorneles (2000), ao estudar sobre o turismo em Gramado, também identifica que os materiais que tratam da história da cidade acabam por colocar as origens da cidade

³⁵⁸ A composição é da freira Míria Kolling, natural de Morro Reuter (cf. URBIM, 2003, p.80).

³⁵⁹ URBIM, 2003, p.81.

intimamente ligadas ao turismo. Conforme conclui o autor: “[...] nesta cidade, sua história está entrelaçada à história do turismo local. Ou seja, ambas confundem-se quando refletem a história dos empreendedores, prestigiados pelos seus feitos e realizações em prol do progresso e do trabalho” (DORNELES, 2000, p.76). Nesse processo, é visível que a operação se dá de modo que a singularidade do local “é directamente proporcional à história nele construída” (GODINHO, 2006, p.10). Nesse caso, a singularidade é remetida mais uma vez, como ditam o Projeto da Rota Romântica e as estratégias de promoção local, ao fator étnico e ao que se atribui como valores a ele pertencentes. Dorneles avalia, a partir de relatos de moradores:

A “herança cultural” citada [...] refere-se principalmente, àquela trazida pelos imigrantes europeus e seus descendentes, em sua grande maioria italianos e alemães, destacados por sua contribuição ao desenvolvimento da cidade. [...] Estes valores, de uma certa forma, estão fortemente relacionados com o turismo praticado em Gramado [...] (DORNELES, 2000, p.77).

Assim, percebe-se que o étnico não é só referido enquanto estratégia de atração ao turista, mas também como o próprio propulsor do turismo enquanto empreendimento.

A valorização da história dos municípios aparece em várias faces. Em alguns municípios, como é o caso de Picada Café, através de parceria com a municipalidade e o SEBRAE, foram oferecidos cursos de curta duração (20 horas/aula) com noções sobre turismo aos moradores³⁶⁰. Nessa mesma localidade, foi promovido um concurso fotográfico com imagens da cidade. Outras iniciativas nesse sentido serão analisadas neste capítulo.

A participação da comunidade aparece como um elemento comum nos exemplos aqui trazidos. Tal participação ocorre através da atuação de escolas e associações e da mobilização por meio de campanhas. Os habitantes locais passam a envolver-se no processo de invenção das tradições simbolizadas por uma coesão social (HOBSBAWM, 1984) que nem sempre tem como fundamento a atuação de grupos enquanto étnicos.

³⁶⁰ *ABC Domingo*, Novo Hamburgo, p.9, 3 jun. 2001.

No entanto, nem todos os municípios terão uma mesma mobilização em torno do seu patrimônio. As dificuldades de Novo Hamburgo em revitalizar o Bairro histórico parecem remontar aos debates trazidos nas crônicas de Ercílio Rosa, conforme foi visto no terceiro capítulo. A avaliação de Rosa quanto ao peso do mundo prático simbolizado pela produção coureiro-calçadista em detrimento de um olhar ao universo cultural, de certo modo, é reeditada, malgrado as tentativas locais e a inclusão em um roteiro que propõe a aproximação do passado. Desse modo, o passado tem espaço enquanto modelo, mas não tem o estatuto de padrão do presente (HOBSBAWM, 1998). A revitalização do Bairro histórico de Hamburgo Velho continua como pauta, seja da imprensa, dos investidores ou dos gestores no âmbito do turismo. Schütz (2001, p. 75) relata aspectos em torno desse tema: “quantas lutas travadas e quantos projetos já foram colocados em prática para reativar Hamburgo Velho, área com impregnação cultural mais significativa de Novo Hamburgo. A última tentativa foi a criação do Brique (hoje transferido para Novo Hamburgo) [...]”. A menção a Novo Hamburgo refere-se à região central da cidade.

A autora lembra, ainda, outras propostas para revitalizar a área. Uma delas foi a idéia de se criar uma escola de restauradores visando não só a restaurar os prédios, como também a adequá-los a usos para fins comerciais e culturais³⁶¹. Também houve tentativas no sentido de se visualizar o bairro como local de vida noturna, mas os empreendimentos não vingaram.

Mesmo com a crise calçadista, ou melhor, apesar dela, a cidade coloca-se com a identidade de Capital Nacional do Calçado³⁶². Apesar de o Bairro Hamburgo Velho ser referenciado como espaço turístico, efetivamente, as ações de revitalização no local não se

³⁶¹ Essa idéia foi proposta por um secretário de Cultura e Turismo do município, Marcelo Martins, e chegaram a acontecer reuniões com os representantes do Centro Alemão de Artesanato e Proteção de Monumentos; no entanto, a proposta não foi levada a cabo (Cf. SCHÜTZ, 2001, p.78).

³⁶² Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>. Acesso em: 12 maio 2006; Novo Hamburgo: Capital Nacional do Calçado. Guia comercial. 4ª edição. Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. 2000.

operaram no mesmo grau de revitalização de outros municípios que compõem a Rota Romântica.

Em Ivoti, a mobilização em torno de ações de patrimonialização tem sido intensa. As “operações de patrimonialização” (PEIXOTO, 2006) partem das iniciativas das administrações locais, associações locais e demais atores envolvidos no processo³⁶³. Algumas dessas iniciativas diferenciam-se de alguns projetos vistos anteriormente pelo envolvimento da comunidade em uma construção conjunta com objetivos que se estendem por prazos maiores. Em 2004, a administração municipal de Ivoti elaborou vários projetos em torno das comemorações dos 40 anos de emancipação³⁶⁴. Foi desenvolvido um projeto cultural denominado “Ivoti Fazendo História”, realizado ao longo do ano, envolvendo escolas e comunidade e aparecendo em eventos, como na Feira do livro e nas festas do calendário turístico da cidade.

O projeto “Memórias histórico-afetivas” envolveu o grupo de idosos Amizade, que realizou pesquisas sobre os panos de parede com dizeres em alemão, denominados de *Wandschoner*, que continham citações bíblicas e mensagens de cunho moral, entre outras³⁶⁵. Essa prática, juntamente com outras, tal como o cultivo do jardim, que será visto mais adiante, compõe o que é designado como *Wohnkultur*, ou “arte de morar bem ou de viver bem” (SEYFERTH, 1990, p.47).

A partir do projeto referido, os panos localizados foram catalogados e fotografados, e muitos foram confeccionados e expostos nas festas da cidade. Pode-se perceber que esse trabalho valoriza a memória local, com o mote dos 40 anos de emancipação política do

³⁶³ Apontam-se, neste estudo, apenas algumas políticas públicas voltadas à patrimonialização que despontam nos municípios em foco.

³⁶⁴ *O Diário*, Ivoti, 19 out. 2004.

³⁶⁵ Folheto “Memórias histórico-afetivas: Ivoti, 40 anos bordando sua história”. 2004.

município, que não são somente apresentados, mas também vivenciados³⁶⁶. Ressalta-se que essa formatação da memória coletiva tem como co-responsáveis não só a comunidade, mas, especialmente, agentes externos que vão atuar no desenvolvimento dos projetos, como é o caso de uma das colaboradoras do projeto, que abordou os panos de parede como uma das temáticas de seu estudo de doutoramento (FAVARO, 2002).

Outro projeto que também tem sido desenvolvido em Ivoti denomina-se Projeto de Pesquisa Arqueológica no Buraco do Diabo - Ivoti/RS. Assim é conhecido o núcleo inicial de povoamento da cidade, onde os imigrantes alemães se fixaram por volta de 1826. Conforme a lenda local, a denominação deve-se a uma crença de que o diabo rondava o local à noite, o que deixava os animais bastante inquietos. Mais tarde, descobriu-se que o que de fato os assustava era um tamanduá.

O projeto acima citado partiu da iniciativa da Prefeitura/Diretoria de Cultura, sendo acompanhado por uma agência de gestão em projetos culturais³⁶⁷ e tendo também um arqueólogo ligado à PUCRS como responsável nessa área. O projeto envolve pesquisa histórica, memória, intervenção arqueológica e educação patrimonial. Seu objetivo é trabalhar o significado deste espaço junto à comunidade, seguindo a perspectiva da denominada Arqueologia Pública/Social³⁶⁸.

Também na cidade de Ivoti, foi desenvolvido um projeto de revitalização do Núcleo da Fatoria Nova onde se encontra um conjunto de casas em enxaimel, sendo que uma delas

³⁶⁶ O Projeto “Memórias histórico-afetivas” continua ativo; em alguns eventos, se vê a Roda do Bordado. Também cabe destacar o papel da Associação de Cultura e Desenvolvimento Comunitário de Ivoti (ADECI), que tem atuado no município. Presentemente, trabalha com vistas à restauração da Antiga Igreja Matriz e num projeto de elaboração de um livro de história do município. Disponível em: <<http://www.ivoti.rs.gov.br/noticias/detalhe.asp?id=274&home=s>>. Acesso em: 10 jul. 2006.

³⁶⁷ Produtora Religare - Gestão em projetos culturais, de Novo Hamburgo.

³⁶⁸ Conforme informa a historiadora que acompanha o desenvolvimento desse Projeto, Inês Caroline Reichert, esse caráter de Arqueologia Pública/Social surge quando os interesses acadêmicos, que, ao longo da história da arqueologia brasileira, nortearam as pesquisas produzidas, não são o foco principal das pesquisas.

abriga a sede da Rota Romântica, como se viu anteriormente³⁶⁹. Neste núcleo, também é realizado o evento “Ein Shöner Tag Im Teufelsloch” (Um bonito dia no Buraco do Diabo), que ocorre desde 1998. Consiste numa festa mensal, realizada aos domingos. Partiu da idéia de revitalizar o Núcleo da Feitoria Nova, que fica numa área não ocupada pelos moradores, pois o centro urbano localiza-se em outra área.

O evento consiste num momento de valorização do patrimônio cultural, em que se podem encontrar apresentações artísticas, exposição e venda de produtos coloniais, exposições de fotos, passeios de carroça, entre outros. O projeto que estrutura esse evento foi inscrito na categoria de Educação Patrimonial, indicado pelo IPHAN/RS num concurso nacional, e foi pré-selecionado para concorrer a prêmio nacional³⁷⁰.

Vê-se, que o espaço onde hoje está sediado o Núcleo da Feitoria Nova, deixou de ser um local quase abandonado, dado que passou a ser revitalizado a partir de um processo de patrimonialização, tendo como um elemento básico a sensibilização da comunidade. Tal sensibilização ocorre em diferentes ações das municipalidades que integram o Projeto Rota Romântica, de modo que se pode observar o que é apontado como um aspecto da “histeria patrimonial”: “a filosofia da sensibilização”, tal como denomina Peixoto (2006). Nesse sentido, a memória coletiva vai se constituindo de modo peculiar, como destaca Frias ao refletir sobre a patrimonialização que se processa na cidade de Coimbra: “[...] é necessário entender uma codificação dos comportamentos e uma vontade prescrita, freqüentemente exógena, de preservar, ou mesmo de ‘fabricar’ aquilo que é designado como memória colectiva” (FRIAS, 2006, p.1). Assim, agentes locais, seja a municipalidade ou as associações, atuam conjuntamente com a academia na construção e invenção da identidade local, de forma a garantir a efetivação de seus interesses.

³⁶⁹ *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, p.17, 3 nov. 2002.

³⁷⁰ Disponível em: <<http://www.ivoti.rs.gov.br/noticias/detalhe.asp?id=722&home=s>>. Acesso em 20 jul.2006.

6.2 A invenção de essências

Acompanha a configuração de histórias locais a procura de uma marca para as cidades. Nesse sentido, uma estratégia de divulgação desses municípios tem sido a demarcação de sua identidade através da associação com a natureza “recriada” ou com um produto “tradicional”. Vários municípios estão associados à natureza: Picada Café, Cidade dos Lírios; Nova Petrópolis, Jardim da Serra Gaúcha; e Ivoti, Cidade das Flores³⁷¹. Geralmente, a identificação tem como base o conteúdo simbólico que é construído coletivamente através de campanhas que vão formatar a paisagem local. A idéia, mais recente, que não constava no Projeto Rota Romântica quando inicialmente formatado, é que cada cidade se identifique a partir de uma flor.

Seyferth (1990), ao observar certo exagero nas identificações de algumas cidades que tiveram imigração italiana e alemã, sendo reconhecidas por essa identidade em sua arquitetura, por exemplo, aponta que, por outro lado, há efetivamente aspectos que remetem a costumes. Nesse caso, toma-se o exemplo trazido pela autora:

Mas o que dá uma aparência específica à casa do colono, qualquer que seja sua origem, é a presença de um jardim, por mais modesto que se apresente. O jardim na parte da frente da casa e a horta nos fundos (ou quintal) costumam ser recorrentes nas propriedades rurais. [...] Nos centros maiores a horta tende a desaparecer, mas o estereótipo do jardim permanece, mesmo quando ele não existe. (SEYFERTH, 1990, p.47).

A partir dessas considerações, pode-se pensar que as estratégias de identificação da cidade através do plantio de uma determinada flor possuem “amparo” na mobilização da comunidade, pois as flores são cultivadas pelos descendentes de imigrantes; nesse caso, trata-

³⁷¹ A Colônia japonesa que se localiza no município possui um sistema de produção baseado no cultivo de flores, caracterizado por um alto nível tecnológico que garante a reprodução socioeconômica da propriedade através da comercialização desse produto (FIALHO, 2000).

se de dar um novo uso à prática. O que antes, no contexto inicial de povoamento, servia como uma estratégia de afirmação do recém-chegado a partir de um recurso cultural que permitia uma valoração positiva, agora é utilizado para atrair turistas, passando do espaço privado para um espaço que é publicizado para conferir a identidade local. Essas mudanças, que em geral têm como base um elemento paisagístico que ainda não existe – e, no caso de existir, é necessário dar-lhe um novo uso –, permanecem servindo para demarcar qualidades estereotipadas do “alemão”.

Outros tipos de identificação podem ser vistos. Dois Irmãos é identificada como Portal da Serra³⁷², algo que remete ao aspecto geográfico, pois está situada “nos primeiros degraus da encosta do Planalto Meridional”³⁷³. Entre os anos de 1997 e 1999, a cidade foi divulgada pela administração em exercício no município como a “Capital do Café Colonial”. Conforme Fröhlich (2004), esse foi justamente o período de maior decadência da demanda do café colonial³⁷⁴, processo que iniciou em 1994. Posteriormente, o foco deslocou-se do café colonial para a identificação da cidade com o *slogan*: “Dois Irmãos, um doce de cidade”³⁷⁵.

Morro Reuter, que se emancipou de Dois Irmãos, intitula-se como “Berço do Café Colonial”, reforçando o critério cronológico como fator de garantia do título: “Morro Reuter é o berço do café colonial, desde a época em que ainda era distrito de São Leopoldo e depois de Dois Irmãos”³⁷⁶.

A produção coureiro-calçadista também é usada como estratégia de identificação, aliada à possibilidade de consumo do produto. Isso é o que ocorre em Estância Velha, que proclama “Do couro ao melhor Calçado Feminino do Brasil”, e em Novo Hamburgo,

³⁷² Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>. Acesso em 12 ago. 2006.

³⁷³ PROJETO Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d, p.30.

³⁷⁴ Fröhlich (2004) conclui que essa decadência está ligada especialmente ao desenvolvimento turístico de Gramado e da Serra gaúcha de forma geral. Como esses locais oferecem, dentre seus atrativos, o café colonial, Dois Irmãos deixou de ser um ponto de referência.

³⁷⁵ Folheto RECEITAS da culinária alemã. S/d.

³⁷⁶ MORRO Reuter: Encantando os olhos e corações. Prefeitura Municipal de Morro Reuter. 2005

autodenominada “Capital Nacional do Calçado”. Especialmente Novo Hamburgo direciona os turistas para a área onde esse produto pode ser comercializado; inclusive, a cidade conta com um roteiro turístico específico para tal³⁷⁷. Ainda no mote da produção, tem-se como exemplo Presidente Lucena: “Capital da Schmier Colonial”.

São Leopoldo mantém a marca de “Berço da Imigração Alemã”, identidade que tem sido contestada por alguns em âmbito interno, na cidade, e externo, com relação ao contexto nacional, em que recentemente a cidade fluminense de Nova Friburgo passou a reivindicar o título, conforme veremos em outro capítulo.

Na "feira" das imagens, tanto o habitante comum quanto o turista encontram-se na posição de “consumidores do espaço” (RONCAYOLO, 1988). Contudo, nenhum deles está numa relação única de consumidores; eles são também produtores na medida em que, de alguma forma, endossam as representações construídas. O habitante o faz ao consentir as representações e a elas aderir; talvez ele até seja o elemento escolhido como um tipo de habitante que dará a qualidade do lugar turístico. Comumente, a idéia de um passado comum está presente no habitante, de forma a fundamentar as representações construídas.

Dentre essas representações, a configuração do “autêntico” está presente. No conjunto, pode-se seguramente afirmar que, em graus diferentes, os municípios que compõem a rota reivindicam como garantia uma autenticidade com a meta de atrair o turista, o grande consumidor de tradição (THIESSE apud GODINHO, 2006). Essa percepção parece ser reconhecida quando o Projeto Rota Romântica formata como um de seus objetivos: “conscientizar a população urbana e rural para o papel social de cada um no processo de

³⁷⁷ Roteiro de compras. Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2006.

organização e ordenação turística, para que transmitam a sua autenticidade captando deste modo a simpatia do visitante [...]”³⁷⁸.

Em muitos casos, a implementação da Rota tem motivado uma preocupação com o patrimônio cultural que há pouco tempo não tinha o reconhecimento nem da municipalidade, nem da maior parte dos habitantes. Podem-se lembrar também os espaços criados em função da promoção turística: a construção de paradas de ônibus em estilo enxaimel construídas ao longo de um trecho da Rota e a formulação de projetos para mostrar a limpeza da cidade, nesse caso, estabelecendo o vínculo entre germanidade e limpeza.

Assim, as intervenções no visual urbano, se dão no sentido de caracterizar as cidades da Rota de tal modo que se constitua um caráter de “cidade étnica” (FLORES, 1987) ou de modo mais ameno, construindo uma paisagem que reforce o componente de pertencimento à etnia alemã.

Cabe destacar que a paisagem é aqui entendida como resultado de um processo cultural, tal como informa Augustin Berque (apud MENESES, 2002, p.32):

A paisagem não é um objeto. Para compreendê-la, não basta saber como se agenciam morfológicamente os componentes do ambiente, nem como funciona a fisiologia da percepção – dito de outra forma, aquilo que deriva do objeto, incluindo o corpo humano como tal considerado; é preciso também conhecer as determinações culturais, sociais e históricas da percepção – isto é, aquilo que constrói a subjetividade humana.

Assim, o Projeto da Rota Romântica já é um momento do processo de construção de uma “paisagem típica”. Também a publicidade sobre a Rota Romântica vai reforçar essa paisagem, ao mesmo tempo em que solicita que o local seja conhecido, no entanto, “[...] o turista já conhece o sentido imanente, basta agora reconhecê-lo *in situ*” (MENESES, 2002, p.48).

³⁷⁸ PROTOCOLO de intenções. Projeto “Rota Romântica”, Porto Alegre, 26 jun. 1995.

Mesmo antes da implementação do Projeto Rota Romântica, a idéia da promoção turística aliando étnico e paisagem está presente, como se viu no quarto capítulo, sendo, a partir do Projeto, reforçado esse viés. Esse aspecto em que território e identidade se reproduzem reciprocamente, portanto, não é novidade como elemento a ser explorado pelo turismo. A estetização do espaço como um suposto “ideal europeu” já esteve presente na divulgação da geografia e nas construções arquitetônicas. Nesse caso, têm-se os exemplos de Gramado e Nova Petrópolis.

O estilo enxaimel torna-se atração também nos prédios mais recentes, como é o caso do Centro Administrativo de Presidente Lucena, construído em 1996. Consta num folheto turístico da cidade: “Belíssimas igrejas e casas em estilo enxaimel [...]. O novo Centro Administrativo, seguindo o mesmo estilo de arquitetura, também se tornou ponto de visita obrigatório”³⁷⁹. Trata-se da garantia de patrimônio ao local no momento em que seu estilo remete ao passado reconhecido como bem-sucedido, sinalizando prestígio, mesmo que a construção física esteja deslocada do passado idealizado, construído socialmente. Assim, o patrimônio já nasce cristalizado, podendo-se lembrar as análises acerca do que é identificado como “objectificação da cultura”, quando a cultura implica “[...] acto que repousa precisamente, sobre a transformação de um facto social ou histórico em ‘objeto’ folclórico(ou patrimonial) ‘representado’, graças a uma descontextualização e de uma transferência: do vivido à sua representação” (FRIAS, 2006, p.2).

Esse fenômeno pode ser observado em vários locais do Brasil. Blumenau sofreu o mesmo processo, como informa Flores (1997) ao usar o conceito *cidade étnica*. Conforme Seyferth (1990, p.46):

³⁷⁹ DESCUBRA Presidente Lucena. Prefeitura Municipal de Presidente Lucena. S/d.

Não existe no Sul do Brasil um estilo arquitetônico “alemão” ou “italiano”, e muito menos “europeu”. Considerar Blumenau ou Joinville como cidades “alemãs”, ou Caxias do Sul como cidade “italiana”, ou o Sul do Brasil como “europeu”, por causa da intensidade da imigração, é exagero. São apenas cidades e regiões diferentes do que costumamos considerar como “brasileiro”. A necessidade de marcar a “origem” dos habitantes de certas cidades faz que hoje, em nome do turismo, sejam incentivadas construções em estilo supostamente “alemão” ou “italiano”, que nada têm a ver com a colonização.

O exagero é ampliado ainda mais pelo fato de a cultura encontrar-se convertida em natureza, de forma a parecer que as construções sempre existiram, sendo naturalizadas pela mídia (FLORES, 1997). Dificilmente essa paisagem aparece enquanto resultado de políticas específicas.

A autenticidade aparece em muitos discursos como elemento ligado a uma “herança cultural”. Como exemplo, pode-se citar uma descrição de Nova Petrópolis:

Muito do charme de Nova Petrópolis tem sua origem na imigração. Toda a cultura e costumes foram herdados dos imigrantes alemães que chegaram na região no século XIX e trouxeram suas marcantes tradições que, até hoje, são resgatadas e preservadas através de corais, bandinhas, grupos folclóricos e outras manifestações, encantando os moradores e pessoas que visitam a cidade³⁸⁰.

A idéia é que a cultura foi herdada, ou seja, simplesmente transmitida e mantida de geração em geração. Assim, tal como a paisagem é naturalizada, também a cultura o é.

Voltando às estratégias de atração do turista via construção da paisagem, cabe analisar que elas não se concentram somente no aspecto visual. Em Nova Petrópolis, tem-se o que Corbin denomina de paisagem sonora³⁸¹, que informa “[...] as maneiras de viver o espaço” e, nesse caso, o modo como se quer que o espaço seja vivido. A paisagem sonora do local foi constituída a partir de um sistema de som mecânico instalado numa praça central, a Praça da República e ao longo da Avenida Central, onde todo o dia toca “música alemã”. Não

³⁸⁰ Nova Petrópolis Serra Gaúcha - Brasil. Secretaria Municipal de Turismo.

se trata aqui de uma paisagem sonora constituída das práticas do cotidiano dos habitantes da cidade, como é o foco de estudo de Corbin, mas antes uma paisagem sonora fabricada. Aos finais de semana, a cidade ganha o incremento da musicalidade, com as bandinhas que tocam em frente de restaurantes³⁸² e com a recepção aos turistas também com bandinha na frente da Aldeia do Imigrante³⁸³. O sistema de som apresenta a mesma missão do sino: “como o sino, o tambor e a corneta, visa proclamar a autoridade e destacar o domínio exercido sobre o território. Acontece também freqüentemente com os ruídos e a algazarra que sancionam as condutas de embriaguez” (CORBIN, 1998, p.106). Assim, o conflito se mantém, pois outros estilos musicais tentam integrar o cenário.

O reforço da imagem idílica de que o local seja autenticamente alemão retoma, por sua vez, a condição histórica de imigração alemã, em especial. Pode-se identificar esse processo como de satisfação emocional de pertencer a uma tradição antiga (HOBSBAWM, 1998).

O exemplo da paisagem sonora permite ver um problema já identificado anteriormente quando se analisou o Projeto da Rota Romântica, qual seja, a questão de o diverso ser eliminado de alguma forma frente à priorização do que se coloca como típico. Pode-se usar aqui a análise de Meneses quando este estuda as características da formação dos museus nacionais, quando as diversidades tendem a ser eliminadas, reduzindo-se a complexa e dinâmica realidade com base num referencial fixo, “[...]dotado da capacidade de captar algo como uma substância permanente, uma essência imune a mudanças e que se torna visível no ‘típico’” (MENESES, 1993, p.212).

³⁸² Conforme informações de donos de estabelecimentos, essas bandinhas são por eles contratadas; portanto, não se trata de uma ação da municipalidade. A música como estratégia de atração de público também é reconhecida pelos proprietários locais.

³⁸³ Só durante a manhã a bandinha toca na entrada da Aldeia do Imigrante; à tarde, ela toca no seu interior.

A gastronomia também é demarcada pelo “típico”. Está, portanto, vinculada à ênfase que se dá para a identidade histórico-cultural relacionada especialmente aos alemães no Projeto da Rota Romântica, bem como na divulgação na mídia.

São Francisco de Paula, ao fazer a divulgação turística de sua cidade destaca o churrasco na vala, o pinhão e o charque. Elementos esses, que pouco aparecem quando a divulgação desta cidade é feita juntamente aos demais municípios da Rota, nesse caso, os elementos culturais de São Francisco de Paula são invisibilizados, pois a folhetaria que divulga a Rota Romântica tem como elemento em destaque o “típico” com referência a tradição alemã ou italiana. Também as festas privilegiam a culinária que remete a alemães e italianos. Este ano, a divulgação da Festa Colonial de Canela evidenciou como uma novidade na gastronomia a presença da comida de estilo campeiro³⁸⁴.

A promoção do “típico” consiste num processo de mercantilização da cultura, como é o caso dos *kits* do *kerb in Ivoti 2003*, composto por camisetas, chapéu típico e lanche, e o *Frühstücken*³⁸⁵, vendidos no comércio e no departamento de cultura e turismo do município³⁸⁶.

O sentimento de nostalgia é assim periodicamente atualizado, seja através dos lugares selecionados para contar a história, seja nas festas ou mesmo nos produtos comercializados.

³⁸⁴ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.40, 13 jul. 2006.

³⁸⁵ Expressão que remete ao lanche do colono no interior, que precede o almoço, levado para ser consumido durante o trabalho na roça (MORAES, 1981, p.93).

³⁸⁶ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 8 abr.2003.

6.3 Reavivamento étnico e a reintegração do ambiente rural

O Projeto colocou dentre seus objetivos: “criar roteiros turísticos diferenciados, a nível municipal e regional, dando maiores opções aos turistas, a fim de aumentar a sua permanência”³⁸⁷. Nesse sentido, tem havido várias ações que buscam especialmente as áreas rurais como locais de atração turística.

Independentemente das ações do turismo que resultam na consideração das áreas rurais, a procura pelas mesmas na região que é objeto deste estudo, tem sido um fenômeno que pode ser observado, como processo cada vez mais intenso, o que pode ser identificado como fenômeno de “regeneração do mundo rural” (Peixoto, 2006), de modo que o mundo do campo que foi deixado de ser idealizado a partir das mudanças que se processaram com a Revolução Industrial (WILLIAMS, 1989), passa agora a ser um referencial.

Peixoto (2006), ao analisar a patrimonialização nos meios rurais, aponta para a regeneração dessa área, visível através da existência de moradias de final de semana³⁸⁸, do desenvolvimento de áreas de lazer vinculadas ao turismo, do estabelecimento de residência fixa³⁸⁹ em zonas periurbanas e zonas rurais e do regresso dos emigrantes aos meios rurais. No

³⁸⁷ PROJETO Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d, p.4.

³⁸⁸ Pode-se remeter às análises de Raymond Williams, em seu estudo que analisa as representações do mundo da cidade e do campo. O autor apresenta a mudança na forma como o último é representado, e, de certo modo, parece ser esse processo do contexto neste estudo: “assim, o campo como lugar de trabalho estava voltando a ser – porém de modo diferente – um lugar de regeneração física e espiritual” (WILLIAMS, 1989, p.339).

³⁸⁹ No recorte deste estudo, observa-se a proliferação de residências de final de semana, especialmente em Morro Reuter, local em que, na década de 1950, eram comuns as segundas moradias. Nas décadas posteriores, essas residências foram vendidas, algumas praticamente abandonadas. A partir de meados dos anos 1990, os terrenos localizados nos arredores desta cidade, em especial na chamada Estrada do Mato Comprido, passaram a ser valorizados frente a demanda. Muitos dos novos moradores provindos de diferentes cidades da região metropolitana passaram a estabelecer residência fixa no local, configurando o que pode ser identificado como “neo-rurais”. Essa categoria é usada por Carneiro (2000) num estudo sobre Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Conforme a autora: “a categoria neo-rurais vem sendo utilizada para designar os moradores de localidades rurais de origem urbana” (CARNEIRO, 2000, p.64).

presente estudo, deseja-se reter uma dessas características, que é o caso da criação do turismo no espaço rural³⁹⁰.

Peixoto (2006) aponta que, de modo geral, essa “regeneração” dá um indicativo da mudança na forma de percepção do mundo rural. Vê-se a configuração do contraste: enquanto se celebra o urbano, o rural é idealizado (PESAVENTO, 1995). Outra característica desse cenário é o fato de que as grandes metrópoles têm perdido, desde os anos 1980, seu poder de atração, conforme o que tem sido apontado por recentes estudos sobre migrações no Brasil (BARCELLOS, 2000).

Essas considerações e o que será visto a seguir permitem identificar um quadro que pode ser entendido como sucessão de golpes ao mundo rural. Como abordado no terceiro capítulo deste trabalho, com base em Bairon (1991), viu-se a forma como o elemento colonial foi “denegado” no final do século XIX e meados do XX, na medida em que uma “estética elitista” era utilizada ao reforçar o discurso apologético germanista³⁹¹, não dando espaço aos conteúdos culturais que eram expressão do mundo rural. O discurso apologético é uma construção derivada da urbanização e industrialização: “a cidade passava a ser a cena primordial da homogeneidade do germanismo, e a colônia rural, o cenário da linguagem superlativa”³⁹² (BAIRON, 1991, p.538). Quando foram analisados anteriormente os processos de emancipação dos municípios que hoje integram o Roteiro Rota Romântica, viu-se que, nos processos de emancipações, o discurso, de certo modo, teve que destacar o desenvolvimento ligado à industrialização ou a setores que não tinham relação com o universo rural. No entanto, no contexto atual, frente à crise do setor calçadista, que tem permitido apenas que as empresas mais sólidas se mantenham, tem-se a valorização desse universo. Cabe lembrar que,

³⁹⁰ É possível que as demais características também se processem no contexto de estudo; no entanto, para fins desta pesquisa, demarcaram-se apenas os aspectos referenciados acima.

³⁹¹ Bairon denomina esse discurso de “O Grande Outro Epopéico”.

³⁹² O autor denomina “linguagem superlativa” o que diz respeito ao universo circunscrito ao cotidiano colonial.

na década de 1970, com o processo de expansão de unidades produtoras de calçado pelo interior da região do Vale do Sinos, grande contingente de mão-de-obra rural foi absorvido, o que resultou na desarticulação do sistema produtivo agrícola e do modo de vida colonial (FIALHO, 2000).

Uma das propostas do Projeto Rota Romântica consiste na criação de roteiros turísticos diferenciados, tanto em nível local quanto regional, pautados na intenção de aumentar a permanência do turista na região³⁹³. Esse objetivo coaduna-se com outro, que diz respeito à fixação do homem ao seu meio através da geração de emprego.

Abaixo, serão trazidos alguns exemplos de roteiros que foram formatados a partir dessa proposta a fim de analisar-se como essa tendência traz consigo uma mudança com relação à valorização do homem do meio rural. O caso de Dois Irmãos pode ser colocado como paradigmático para apontar essas questões.

Nesse município, no contexto de desenvolvimento do Projeto da Rota Romântica, a municipalidade tomou a iniciativa de fazer uma rota turística local em 1997, sob a gestão de Laurindo Julien, secretário de turismo da cidade. Julien (2006) relatou que convidou alguns amigos de Porto Alegre com “alto nível de conhecimento cultural”, gerentes aposentados com suas esposas, para passarem o dia na cidade passeando, com o objetivo de, ao final, apontar o que haviam gostado mais. Conforme Julien (2006), o grupo por ele guiado passou por vários locais da cidade. No final do passeio, os participantes informaram que o que mais gostaram havia sido a região colonial do município – “o que, para mim, foi uma surpresa”, disse Julien. Essa “surpresa” expressa pelo então secretário também por certo o foi para os habitantes da região. Nesse caso, confirmam-se as teorizações que afirmam que, apesar de a paisagem comumente conotar natureza e ruralidade, ela não está presente como tal no imaginário

³⁹³ Projeto Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d p.4

camponês tradicional (MENESES, 2002). Pode-se ver que quem valorou o espaço rural foram os visitantes externos, que vivem no ambiente urbano. Diante da “surpresa” referida acima, ocorreram momentos de sensibilização da comunidade para “informá-la” acerca da importância da área, como será visto a seguir.

Posteriormente à visita daquele grupo, como relatou Julien (2006), ele próprio, enquanto secretário do turismo passou a investir na formatação de um projeto turístico que teve o financiamento da Prefeitura Municipal e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. O SEBRAE apoiou o projeto através do Programa Turismo com Qualidade (FIALHO, 2006). A rota turística local é denominada Rota Colonial “Baumschneiss³⁹⁴” e envolve um percurso de sete quilômetros, partindo do centro da cidade e estendendo-se até a localidade rural, no bairro conhecido como Travessão Rübénich³⁹⁵. Conforme informou Julien (2006), na formatação do roteiro, atuou-se junto às lideranças locais para identificar os segmentos de investimento. Depois de reuniões sucessivas, foram definidos os empreendimentos que seriam formatados para servirem como atrativo turístico. Dentre os estabelecimentos selecionados, quatro são propriedades agrícolas de base familiar³⁹⁶ (FIALHO, 2000).

As pessoas envolvidas no projeto, proprietárias das casas da Rota Colonial, familiares e funcionários, tiveram que participar de um curso denominado “Condutor da Rota Colonial”, com 51 horas/aula³⁹⁷, abrangendo desde os primeiros socorros até noções de

³⁹⁴ Picada dos Baum, termo em referência à família Baum, que habitou originalmente a região, conforme visto no quarto capítulo.

³⁹⁵ A realização desse roteiro é dirigida. Há um ônibus que leva os turistas para realizar o percurso. Eles são recebidos por guias locais e por uma banda de música alemã (FIALHO, 2006).

³⁹⁶ Esse é o caso da propriedade rural de Ignácio Stoffel, onde são comercializados hortifrutigranjeiros, doces e embutidos; a Casa Velha “Colha e Pague”, onde são comercializados verduras e melado, entre outros produtos, e onde também é oferecido um passeio de Jeep pela propriedade; o “Mundo dos Ovos”, onde o turista pode coletar os ovos; e a propriedade rural Cerro Bela Vista, onde se oferece um passeio de carreta até o morro Dois Irmãos, acompanhado das narrativas da história local pelo condutor da carreta (FIALHO, 2000).

³⁹⁷ Seguem os temas ministrados no curso: “1) a importância do meio ambiente; 2) saneamento básico; 3) manejo e conservação de solos e águas; 4) saúde e higiene; 5) primeiros socorros; 6) prevenção de incêndios e acidentes; 7) relações humanas; 8) noções de história local; 9) fundamentos do turismo; 10) marketing e planejamento; 11) formação de preço; 12) qualidade no atendimento; e 13) etiqueta e boas maneiras” (FIALHO, 2006, p.10).

etiqueta. Essas aulas também envolveram o que se pode identificar como sensibilização em torno da importância que o lugar tem enquanto patrimônio local. Peixoto (2006) identifica esse processo de sensibilização como um fenômeno um tanto irônico: “a ironia, quando nos deixamos levar pela ideia que os meios rurais têm de descobrir que são titulares de um patrimônio [...] é que se torna necessário sensibilizar os camponeses que os seus antigos meios de produção são um bem comum” (PEIXOTO, 2006, p.7). No caso aqui em questão, a ironia é dupla: ao mesmo tempo em que se diz ao habitante da área colonial que ele será um agente de conservação de seus bens naturais, ele também terá que se reconhecer enquanto portador de bens culturais, papel outrora negado, como se viu a partir de Bairon (1991).

Com relação às aulas ministradas, Julien (2006) informa que “a ideia era dar uma noção sobre a forma de contato do habitante local com o turista, uma vez que as casas seriam visitadas”. Apontou que uma característica do turismo na Rota Colonial é a não-interferência na forma de vida do habitante local, seja na roupa ou no linguajar, no entanto, apresenta que alguns aspectos tiveram que ser alterados em função do turismo. Esse foi o caso da remodelação do espaço das cozinhas das propriedades que iriam integrar o roteiro turístico, o que implicou não só mudanças físicas, como colocação de azulejos, mas também nos hábitos da casa. Julien (2006) relata que houve instruções no sentido de alterar alguns aspectos da rotina, como o livre trânsito de gatos e galinhas na cozinha, pois isso poderia indispor o turista a adquirir os produtos coloniais que seriam ofertados. Para auxiliar nas modificações, foi criado um financiamento de incentivo ao turismo por parte da municipalidade para que fossem feitos melhoramentos na estrutura de algumas casas (Programa de Incentivo ao Turismo - PRIT), o que se traduziu em melhoria da qualidade de vida. Praticamente, as tarefas iniciais levaram um ano e foram entendidas como fundamentais para qualificar a comercialização turística.

O lançamento da Rota Colonial foi realizado em Porto Alegre, no Centro Cultural 25 de Julho, com a presença de autoridades estaduais em 1999. A escolha desse local para o lançamento demonstra a busca de um trabalho conjunto com associações de caráter étnico³⁹⁸. Conforme informou Julien (2006), os colonos proprietários dos estabelecimentos comerciais foram convidados e lá estiveram “vestidos de colonos [...], bem à vontade, chapéu de palha [...], não tentávamos protocolar o grupo, os deixamos bem à vontade”. Tratava-se de institucionalizar como positiva a imagem do colono. O que, em outro contexto, apareceria como “grossura” ficou naquele evento caracterizado como o “típico”. Isso não deixa de ser uma forma de os colonos se afirmarem. De um contexto de desvalorização perpassada por situações de instabilidade econômica e “denegação”, como aponta Bairon (1991), eles podiam agora se demarcar numa relação de alteridade, passando a contar, a partir da Rota Colonial, com “capital cultural”, com a valorização do patrimônio familiar³⁹⁹. Um outro efeito decorrente desse aumento de auto-estima é um processo de desintimidação que parece estar em curso. Julien (2006) comentou que a mudança na forma de os colonos se portarem foi visível. Inicialmente tímidos, retraídos, “do jeito que eles são”, passaram a opinar e a fazer reivindicações frente ao empreendimento turístico. Assim, o mesmo que Coradini (1996) analisou mais especificamente com relação aos italianos está presente também para os alemães quando se designa a esses grupos uma identidade específica:

uma identidade [...] enquanto um determinado estilo de vida incorporado e internalizado, decorrente de trajetórias e condições sociais nas “colônias” e que no limite, pode apresentar-se inclusive como uma espécie de “identidade envergonhada”, onde o principal estigma é a noção de “colono” (CORADINI, 1996, p.37-38).

³⁹⁸ O Centro Cultural 25 de Julho foi constituído em 1951 em Porto Alegre, com o objetivo de preservar a cultura alemã.

³⁹⁹ Essas considerações partem da reflexão de Carneiro (2000, p.49), quando esta relaciona a carência de “valorização moral do patrimônio familiar”, entre outros fatores, como elemento que teria inibido a demarcação identitária de grupos de camponeses.

Observa-se que o “estilo de vida” do colono vem se alterando. No caso em questão, isso se dá a partir da implementação de um roteiro turístico.

No entanto, a necessidade de seleção não está fora do cenário. Pode-se lembrar aqui a análise de Bairon (1991), que identifica a seleção sempre como resultante da linguagem oficial. No caso, a oficialidade não parte de um discurso germanista que quer a homogeneidade, mas sim da preocupação com um bom padrão de formatação do produto a ser comercializado. Tal produto abrange tanto aquele que será levado para casa quanto o imaginário em torno do próprio produtor rural, que muitas vezes está ali compondo a vitrine. Nesse processo seletivo, a fala e a vestimenta são tidas como genuínas; já o mesmo não se pode dizer da galinha e do gato rondando a cozinha. Nesse cenário, no contexto de institucionalização da Rota, é possível reconhecer um processo de valorização do meio e do homem rural, o que pode ser assim qualificado:

O processo de transformação recente do mundo rural, a histeria patrimonial e a procura de um espírito de lugar que o acompanham, tanto configuram situações em que a mobilidade sócio-espacial desemboca em formas de territorialização diversas e superficiais, como traduzem formas de ligação ao lugar baseadas em territorializações sedentárias e implicadas (PEIXOTO, 2006, p. 14).

Ou seja, o processo de valorização se dá mesmo que superficialmente. Essa superficialidade, no entanto, não se aplica a todos os setores que o Projeto da Rota Colonial envolve. Obviamente, não há superficialidade na forma de reintegração do homem rural, pois efetivamente uma área que esteve à margem do crescimento econômico da cidade é agora valorizada. E isso se processa não só no caso de Dois Irmãos, como também em outros municípios que compõem a Rota.

Fialho (2006, p.10) diz que, “segundo o projeto original, estima-se que foram criados 63 empregos diretos e 126 indiretos”. Esse autor também avaliou que o turismo rural tem servido como uma alternativa para incorporar a mão-de-obra dispensada pela crise no setor calçadista, de modo

que os jovens que haviam saído da área rural para trabalhar nas indústrias de calçado agora tendem a retornar⁴⁰⁰. Julien (2006) relata que, antes do estabelecimento da Rota Colonial, faltava tempo para os agricultores efetivamente trabalhar na terra, no cultivo, pois tinham que passar parte do tempo procurando comercializar os produtos. Com a implantação da Rota Colonial, esse quadro muda. Os estabelecimentos agora possuem postos de venda em que os turistas compram os produtos.

Podem-se citar, ainda, outros exemplos desse tipo de roteiro, que torna o meio rural atrativo dentre os municípios que pertencem à Rota Romântica.

Em Gramado, há três roteiros coloniais que visam à auto-sustentabilidade das famílias do interior. Ônibus dos anos 1950 e *vans* partem do centro da cidade levando turistas ao interior, sendo que estes podem optar entre os roteiros sugeridos: Raízes Coloniais⁴⁰¹, Encantos Coloniais⁴⁰² e a Rota O Quatrilho⁴⁰³. O aspecto comum desses roteiros é a presença da gastronomia, que remete à tradição alemã e italiana. Em agosto do presente ano, Nova Petrópolis lançou o Roteiro Rural Alemães do Sul - Caminhos de Um Povo. Esse trabalho resultou da parceria de seis proprietários rurais, administração municipal e SEBRAE⁴⁰⁴. Em Ivoti, existe a Rota Colonial *Teusfelloch*, cuja idéia é refazer o caminho percorrido pelas primeiras famílias que se instalaram às margens do Arroio Feitoria⁴⁰⁵.

⁴⁰⁰ Nem sempre o turismo vai trazer como resultados essa valorização do meio agrícola. Carneiro (2000) já apresenta esse aspecto no título de seu artigo “Descendentes de suíços e alemães de Nova Friburgo: de ‘colonos’ a ‘Jardineiros da natureza’”. Como conclui a autora: “a agricultura passa a ser secundarizada em relação às demais alternativas introduzidas pela exploração do turismo” (CARNEIRO, 2000, p.58). Passa-se a atender às demandas dos “neo-rurais”, prestando-se serviços de jardinagem, por exemplo.

⁴⁰¹ Percorre as localidades de Linha Bonita e Linha Nova, onde há visitação a uma propriedade construída pelos primeiros imigrantes, um museu caseiro com peças da imigração italiana, um moinho, uma fábrica artesanal de erva-mate e uma propriedade típica colonial onde o visitante pode degustar vinhos, pães, queijos e salames caseiros.

⁴⁰² Esse roteiro privilegia as paisagens da Linha Moreira e Serra Grande. Inclui também a degustação de produtos coloniais nas casas de produtores.

⁴⁰³ São visitadas as localidades de Campestre do Tigre e Tapera, onde os protagonistas do filme *O Quatrilho*, de Bruno Barreto, viveram.

⁴⁰⁴ *Jornal VS*. São Leopoldo, p.40, 13 jul. 2006.

⁴⁰⁵ Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

Mesmo sem se fazer uma avaliação mais específica desses roteiros, pode-se avaliar que, de algum modo, eles também permitem, tal como o Roteiro proposto em Dois Irmãos, uma valorização das áreas rurais. No entanto, isso não implica práticas que contemplem a valorização da economia e cultura local, como nas propostas do que se denomina de “turismo rural” (CAMPANOLA; SILVA, 2000). Alguns dos roteiros acima podem enquadrar-se no que é denominado de turismo em meio rural, o que consiste em atividade de lazer no meio rural, podendo envolver modalidades como turismo ecológico e turismo de aventura, entre outras (CAMPANOLA; SILVA, 2000). Essas tendências podem ser entendidas também como integrantes do contexto de “histeria do patrimônio”: “o fascínio suscitado pelos lugares (quase) abandonados e pelos espaços despovoados, que rapidamente são associados a uma ideia de natureza, deve-se ao facto de eles se constituírem como um campo de investimento patrimonial, tanto em termos culturais, quanto ambientais e ecológicos” (PEIXOTO, 2006, p.8).

Nos centros urbanos maiores, como é o caso de Novo Hamburgo, a área rural, que consiste no bairro Lomba Grande⁴⁰⁶, é integrada em um roteiro turístico que pode ser enquadrado como turismo no meio rural. Schütz (2001) analisa a preocupação com o desenvolvimento do turismo pelas administrações municipais de Novo Hamburgo como uma estratégia para conter as mobilizações em torno da idéia de se emanciparem⁴⁰⁷. Ao ser apresentado o seu roteiro turístico, o bairro é assim apresentado:

⁴⁰⁶ Lomba Grande, em 1904, passou a ser o 6º distrito de São Leopoldo. Em 1940, foi anexado ao município de Novo Hamburgo. Em 1969, passou a ser o 3º distrito de Novo Hamburgo. Por fim, em 1979, transformou-se em bairro.

⁴⁰⁷ Em 1991 e 1995, ocorreram plebiscitos para a emancipação; no entanto, a proposta foi derrotada (SCHÜTZ, 2001).

Abrange 2/3 da área de todo o município. É uma grande área verde (156 Km) que, apesar de estar a somente 12 Km do centro urbano, conserva ainda as características do interior, onde se desenvolvem atividades agropecuárias, hortifrutigranjeiros, criação de cavalos, de rãs e piscicultura, tendo sempre uma grande preocupação com o reflorestamento, sendo considerado de proteção ambiental. Há aí, uma estrutura voltada para o turismo ecológico: roteiros para trilhas, turismo eqüestre, remates e rodeios, montanhismo, enduro de motos, sítios de lazer, balneários com cascatas, CTGs com sua gastronomia típica, hípicas, feiras de produtos coloniais, tudo em meio a belíssimas paisagens⁴⁰⁸.

Pode-se perceber que a região, diferentemente dos roteiros apresentados acima, não apresenta como viés de promoção elementos relacionados à imigração. Essa região foi povoada por descendentes de portugueses; mais tarde, os imigrantes alemães, que chegaram em 1824, instalaram-se na Feitoria do Linho Cânhamo e depois expandiram-se para a localidade (SCHÜTZ, 2001). O mote do turismo volta-se para o turismo ecológico⁴⁰⁹ na promoção do bairro. Assim, não se trata de um local que tenha como referência o pertencimento étnico voltado à imigração alemã. Mesmo a produção agrícola desenvolvida por agricultores descendentes de alemães ganha mais força quando é comercializada com a referência a uma vida saudável através do consumo dos produtos ecológicos produzidos no local e comercializados em feiras no centro da cidade⁴¹⁰. A presença de *neo-rurais* também é uma característica desse bairro⁴¹¹.

Assim como o meio rural é apropriado para fins turísticos, valorizando-se, de alguma forma, esse meio e o cotidiano colonial, também as festas têm apresentado aspectos que contemplam esses objetivos.

⁴⁰⁸ Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

⁴⁰⁹ *Zero Hora*, Caderno ZH Vale dos Sinos, 8 jul. 2001.

⁴¹⁰ *Folha de Novo Hamburgo*, Novo Hamburgo, 26 nov. 2004; *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 03 fev. 2006.

⁴¹¹ A área torna-se atrativa pelo fato de contar com uma estrada pavimentada que integra a área rural à urbana: a chamada “Estrada da Integração”, construída na década de 1970 na gestão do prefeito Alceu Mosmann (SCHEMES, 2005).

6.4. Festas e identidade

O reavivamento da identidade étnica tem sido rearranjado nas localidades que integram a Rota Romântica por meio de festas, cursos de alemão, criação de grupos folclóricos, criação de histórias locais, entre outros.

Conforme Bairon (1991), a industrialização e o processo de nacionalização também fizeram com que o caráter festivo no cenário teuto-brasileiro fosse alterado. Nesse caso, a festa teuto-brasileira não seria mais resultado de uma experiência cultural correspondente ao heterogêneo universo cultural teuto-brasileiro, como experiência de seu cotidiano. Ela teria como referência informações externas a este, uma vez que a base identitária passou a ser dada pela interpretação germanista (BAIRON, 1991). A “comunidade germanista” é diferenciada da comunidade colonial teuto-brasileira nas décadas de 1920 e 1930 através do ‘cenário discursivo apologético’ presente nas festas” (BAIRON, 1991, p.631). Estas deixam de ser expressão do cotidiano, passando a ser um rescaldo do discurso do encômio. Esse seria mais um momento a expressar o que o autor identifica como a construção do discurso homogeneizador da cultura teuto-brasileira:

A história da região, aos poucos, reduzia-se ao Grande Outro Epopéico, na mais profunda expressão de petrificação do passado. A própria festa deveria assumir o caráter de homenagem ao eternamente passado, não se compunha como uma linguagem superlativa do realismo cotidiano, uma experiência cultural, ao contrário, suas condições de possibilidade estariam vinculadas à falta de experiências culturais (BAIRON, 1991, p.627).

Bairon parece sugerir como ideais as práticas culturais ligadas ao meio rural. Aqui parece ser necessário compreender a própria essência dos processos culturais que implicam mudança. Apesar de o autor identificar certos pontos de confluência em algumas práticas culturais, como o tiro, por exemplo, como expressão que está tanto ligada ao universo rural

quanto ao meio urbano, a cisão entre ambos é constatada como modo mais comum da homogeneização da expressão cultural dos teuto-brasileiros.

Na análise que segue, parte-se de alguns aspectos trazidos por Bairon (1991) para pensar na oposição entre a expressão da cultura urbana e a cultura rural e, sobretudo, no que se situa neste estudo, como sendo uma revalorização do meio colonial, portanto, das suas expressões culturais no contexto atual. Tendo em vista esse contexto, cabem as observações de Mocellin (1993, p.191):

Nas últimas gerações há uma inversão na noção de descendência que se transforma em ascendência, devido ao interesse pelas origens através do conhecimento das histórias familiares. Na medida em que a descendência avança com as novas gerações há uma maior preocupação em guardar e manter as histórias familiares. Esta preocupação ocorre em função de que os valores instituídos como os tradicionais do grupo encontram-se menos nas práticas cotidianas do grupo enquanto vivência e mais como valores instituídos que consolidam uma tradição a ser preservada através da memória.

Dessa forma, podem-se entender as expressões culturais que serão pontuadas em seguida como correspondentes muito mais a práticas que visam a preservar a tradição do que como frutos de práticas cotidianas. No cenário aqui colocado em questão, pod-se perceber a tendência da integração do meio rural nas festas realizadas no ambiente urbano, de forma que a oposição demarcada por Bairon (1991) não se verifica para o contexto aqui estudado.

Dentre os atrativos turísticos que têm sido estruturados, especialmente após a criação da Rota Romântica, são trazidos alguns exemplos a seguir.

Em muitas atividades festivas voltadas ao turismo, podemos ver a presença do elemento que vive no interior das cidades. Esse é o caso da Festa da Colônia que ocorre em Gramado. Nessa festa, o interior do município está representado em diferentes momentos, sendo um desses a participação dos agricultores num desfile realizado no centro da cidade de

Gramado. Conforme declaração do secretário de turismo local, Felipe Peccin, essa presença “[...] é o retrato vivo do que está dentro de cada um dos agricultores, representando o interior da comunidade⁴¹²”. Outro momento dessa presença ocorre no espaço da festa propriamente, que tem como palco uma rua coberta da cidade, onde são dispostos fornos para a produção de pães e cucas e são vendidos demais produtos coloniais. “Mais de 100 famílias de colonos estão diretamente envolvidas na produção da festa, e todas as pessoas que trabalham nas cozinhas são efetivamente do campo⁴¹³”. Outro modo de a representatividade do habitante do interior se fazer presente é na composição da corte da festa, selecionada entre jovens que vivem no meio rural.

Outras festas das cidades que ficam na Rota Romântica vão apresentar a presença do habitante do meio rural. A Festa Colonial realizada em Canela, ao ser divulgada, destaca: “o evento mobiliza 50 famílias instaladas no interior do município”⁴¹⁴. A *Kolonistenfest*, Festa do Colono que ocorre em Ivoti, também conta com a participação da comunidade rural do interior. Esta expõe a sua produção agrícola e participa do desfile mostrando suas atividades ligadas também à criação: “bois, cavalos, cachorros, galinhas e até porcos também desfilaram, dando exemplo da criação de animais⁴¹⁵”.

Outro aspecto de integração do meio rural consiste nos roteiros turísticos locais, tais como os citados anteriormente, que são disponibilizados ao turista. A mesma situação é vista no cenário turístico das regiões de colonização italiana. Com relação às festas italianas, Mocellin analisa a integração possível entre festa local e a Festa da Uva, esta tendo grandes proporções e expressando muito mais os aspectos urbanos, disponibilizando-se roteiros opcionais que permitem conhecer o interior da cidade. Nesse contexto, a autora comenta:

⁴¹² *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 maio 2005.

⁴¹³ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 16 maio 2005.

⁴¹⁴ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/boaviagemonline/mat/284511111.asp>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

⁴¹⁵ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 21 jul. 2003.

Enfim, a festa nos moldes atuais se caracteriza pelos seus propósitos de propagandear e valorizar a região de cultura italiana, inserindo-se no circuito turístico nacional através da Festa da Uva. Mas, em outro nível, para “dentro da comunidade” Nova Pádua, ela tem como objetivo atualizar um *ethos* nativo que se expressa através do coletivismo interno do grupo consolidando assim as suas formas de sociabilidade (MOCELLIN, 1993, p.113).

Dessa forma, o turismo regional incentiva a valorização das regiões do interior, que terão que estar mobilizadas para receber os turistas, e esse processo por certo ativa o coletivismo do grupo. No caso das festas da região dos municípios da Rota Romântica, é possível identificar formas em que a germanicidade aparece sinalizando distintividade, mesmo nas festas que ocorrem nos centros urbanos. Tal é o caso da *São Leopoldo Fest*, em que a distintividade é atualizada através do que se coloca como atração turística: um grupo de mulheres vestidas com roupas “típicas” alemãs fazendo pães e biscoitos durante a festa.

Também a participação de representantes da comunidade na organização das festas garante a estas a presença de valores culturais que expressem as manifestações dos grupos que representam. Assim, a dimensão comunitária das festas não parece estar em oposição aos interesses turísticos.

No entanto, algumas festas caracterizam-se pela profissionalização, com a administração pública assumindo eventos locais e terceirizando sua organização. A especialização opera-se cada vez mais, especialmente em alguns municípios, como Gramado, onde se escolhe alguém de fora para montar o cenário natalino no chamado Natal Luz⁴¹⁶. Esse foi o caso do que ocorreu na edição de 2002, quando o carnavalesco Joãozinho Trinta, do Rio de Janeiro, foi chamado para montar o espetáculo. Embora este tenha envolvido a presença de cerca de 300 figurantes⁴¹⁷, portanto, incluindo a comunidade local, aqui se encontra uma

⁴¹⁶ Esse evento ocorre comumente num período de 55 dias, de novembro a janeiro. Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-05/mat_23424.htm>. Acesso em: 5 abr. 2006.

⁴¹⁷ Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-12-05/mat_23424.htm>. Acesso em: 5 abr. 2006.

formatação de festa diferente daquela em que a comunidade é mobilizada a enfeitar com seus recursos as suas moradias. Nesse caso, parece ser possível a identificação entre o “sujeito celebrante” e o “objeto celebrado” (VILLARROYA, 1992).

A relação entre sujeito celebrante e objeto celebrado parece dar-se enquanto cisão no contexto dos eventos organizados em diferentes administrações. Registrou-se como uma característica de Novo Hamburgo o fato de que as festas promovidas no âmbito municipal tinham pouco êxito, o que foi atribuído à carência de vínculos com a população local, pois eram organizadas por agências de publicidade que não tinham ligação com a cidade⁴¹⁸. A identificação territorial dessa cidade pautou-se pela demarcação da produção calçadista. Foi assim que a imprensa e a divulgação turística apresentaram desde cedo a cidade, como se viu no quarto capítulo. As feiras que se realizam no espaço da FENAC são mais um cenário onde se travam relações comerciais do que afirmação de laços identitários locais.

Por outro lado, a identificação da cidade não é operada no sentido geral das demais cidades da Rota Romântica quando acionam elementos étnicos para integrar as festas. Novo Hamburgo mantém a Hamburguer Berg Fest, festa criada na década de 1980, como se viu no quarto capítulo. No entanto, parece que nem toda a população se vê representada nessa festa. Também pode-se dizer que, diferentemente das festas criadas em cidades vizinhas, esse evento ainda não se consolidou como turístico. Parece que o eixo simbólico em torno do qual a cidade recria a sua identificação local e as festas locais não expressam os vínculos coletivos, o que outras cidades em questão farão a partir de ações que homogeneízam a cultura local em torno do viés étnico.

⁴¹⁸ Referência do diretor de turismo de Novo Hamburgo em 1996, Denilson Mattivi. *Jornal ABC*, Novo Hamburgo, p.8, 21 jul.1996.

Com a implementação do Projeto Rota Romântica, haverá um incremento das festas já existentes, bem como a criação de outros eventos e práticas de patrimonialização que têm, sobretudo, a característica de exaltação do vínculo étnico.

Como se viu no quarto capítulo, nos anos 1980, ocorreram várias ações no sentido de proteger o patrimônio material, como é o caso de Nova Petrópolis, Ivoti, Novo Hamburgo e Dois Irmãos. Também ocorreu a formatação de festas com o caráter de afirmação étnica. De modo geral, é possível afirmar que, com integração dos municípios na Rota, as festas tomam uma dimensão mais ampla no que se pode chamar de “festa turística”, enquanto produto que se consome (VILLARROYA, 1992). Por outro lado, vem ocorrendo a institucionalização dessas festas, surgindo um fator importante dentro dos propósitos do Projeto da Rota Romântica – a criação de um calendário de eventos regional⁴¹⁹. Assim, ao mesmo tempo em que ocorre a dinamização socioeconômica, dá-se também a integração da comunidade local.

Para citar um exemplo desse processo, aponta-se o caso de Dois Irmãos. Nesse município, tem-se conseguido aproveitar a idéia da Rota regional para desenvolver o turismo na cidade. A partir de 1997, na administração de Juarez Stein, passou-se a investir na definição de uma estrutura turística na cidade, especialmente motivada pela idéia de diversificar a economia local, baseada no calçado (JULIEN, 2006). Conforme Julien (2006), esse processo começou através do incremento das festas que já aconteciam na cidade: a Maifest, instituída em 1990, e o *Kerb* de São Miguel. Também foram criados novos eventos, como o “Natal dos Anjos”. Nessa reelaboração das festas, tem-se como um fator o envolvimento da população jovem. No caso de Dois Irmãos, isso ocorre especialmente no *Kerb* de São Miguel, quando os jovens são os principais figurantes no cenário: vestidos de

⁴¹⁹ Este ano, a AMRR não divulgou um calendário de eventos da região, isso devido aos problemas com eventos que mudam de data ou acabam não ocorrendo, ocasionando problemas com turistas que se dirigem à região com base no calendário, que não foi seguido (Cf. JULIEN, 2006).

roupa típica alemã, desfilam em caminhões e distribuem *chopp* para as pessoas que ocupam as principais ruas da cidade⁴²⁰. Aqui, podemos ver o que descreve Godinho (2006, p.12):

O passado vergado às necessidades do presente, para fora, mas também para dentro, numa tentativa de inserir as novas gerações, ausentes e freqüentemente alheadas, nas suas formas reprodutivas, em relação à realidade local, insere-se numa duração que se pretende comum. Para forasteiros, reitera-se a imagem de que se é como *sempre* foi, num tempo sem cortes [...]. (Grifo do Autor)

Os jovens passam a valorizar as referências de pertencimento na medida em que vivem a festa tradicional em nova versão.

Na relação entre etnicidade e turismo, coloca-se pertinente o questionamento do aspecto de artificialidade dos fenômenos. Seyferth (1994) aponta alguns aspectos referentes ao que denomina de *artificialidade aparente*. Ao referir-se às “festas típicas alemãs” que têm proliferado no sul do país, adverte:

Existe um artificialismo apenas aparente nessas festividades [...]. Mesmo existindo para consumo turístico, tais festas têm caráter de símbolo étnico, marcam as diferenças em relação aos outros brasileiros, reafirmam valores culturais próprios. Não deixam de ser uma forma de renovação da distintividade [...] (SEYFERTH, 1994, p. 25).

Dessa forma, não podemos pensar que os objetivos voltados ao consumo turístico justifiquem as festas, que se apoiariam num leque de artificialismos. Para a autora, esses artificialismos são aparentes. Há estudos que demonstram que os próprios objetivos voltados ao consumo turístico se apoiam em um conjunto de fatores que poderiam, à primeira vista ser tomados como artificialismo, mas que, no entanto, sustentam as festas e passam a caracterizar um quadro de reavivamento identitário dos habitantes que se querem germânicos.

⁴²⁰ *O Diário*, Dois Irmãos, p.7, 27 set. 2004.

No exemplo dos jovens citados acima e da participação da comunidade em geral, como se viu anteriormente, pode-se avaliar que se trata de manifestações da germanidade numa versão moderna, lembrando um processo semelhante ao que Mocellin analisa para a expressão da italianidade:

As transformações ocorridas quanto a sua nova forma de expressar os valores daquele grupo apontam para uma versão moderna do que é italianidade, vista através da divulgação da festa “para fora” da comunidade. Esta versão moderna de *italianidade* se expressa também através dos sinais que conferem distintividade para o grupo: a língua, a comida, a origem, o sangue italiano, o *ethos* do trabalho, a religiosidade, entre os mais importantes (MOCELLIN, 1993, p.193-194). (Grifo da Autora)

O calendário festivo, mesmo com seu caráter estereotipado, requer a participação efetiva dos habitantes, o que traz o fortalecimento da memória a partir do vínculo identitário, sendo que, ao mesmo tempo em que se auto-atribui uma identidade, ela é também afirmada “para fora”.

Muito raramente, nessas festas, têm-se incluído expressões culturais relativas a outros grupos étnicos, distintos dos alemães e dos italianos. O caso das comemorações do 25 de Julho em São Leopoldo apresenta aspectos conflituosos nesse sentido, como será visto no sétimo capítulo.

Na cidade de Ivoti, diferentemente do que se processa na maior parte das outras localidades que integram a Rota Romântica, bem como na forma como a própria Rota se representa, há inclusões de outros grupos étnicos. Os japoneses não só aparecem na folhetaria da Rota Romântica, como também efetivamente lhes é conferido um espaço nas comemorações festivas. Esse é o caso da Kolonistenfest, que tem como uma de suas atrações um desfile onde produtores rurais e moradores se mobilizam para apresentar a tradição ligada

aos alemães. O jornal da região destaca: “além da cultura alemã, os orientais também tiveram vez, com a participação da Colônia Japonesa do município”⁴²¹.

A colônia japonesa também tem visibilidade num festival de folclore que é realizado na cidade, integrando os festejos da Kolonistenfest. Esse festival é denominado de Engue-kai⁴²² e conta com eventos organizados pela colônia japonesa, como a Undokai (gincana esportiva) e o Engue-kai (apresentação de danças e músicas do folclore japonês).

Na edição da festa *Ein schöner ta gim Teufelsloch* de 2003, o domingo que teve como tema a Páscoa homenageou os indígenas, já que a data era 19 de abril, momento demarcado no calendário nacional como Dia do Índio. Na ocasião, houve mostra de arte indígena e exposição de plantas e chás medicinais. Conforme a diretora do Departamento de Cultura na época, Andréia Schneck, essa proposta “é uma forma de lembrar as raízes da nossa terra e dar ênfase às tradições que ligam o homem à natureza”⁴²³. Cabe lembrar que, como foi visto no quarto capítulo, as origens do próprio nome da cidade é indígena. Embora hoje não haja nenhuma comunidade indígena na cidade, pensou-se na sua integração. A presença indígena, alemã e japonesa também aparece na folhetaria de divulgação das comemorações dos 40 anos da cidade, onde é apresentado um histórico do local⁴²⁴. A formatação dessa festa expressa o hibridismo cultural, que configura encontros múltiplos (BURKE, 2003), em que diversos grupos compõem o cenário turístico com seus interesses específicos, que dizem respeito também à comercialização de seus produtos. Nesse caso, os grupos foram incluídos na formatação oficial da festa.

⁴²¹ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 21 jul. 2003; *Jornal ABC Domingo*, Novo Hamburgo, p.12, 16 jul.2006.

⁴²² “A palavra Engue significa clube em japonês, e Kai, teatro ou encenação” (*Jornal NH*, Novo Hamburgo, 21 de jul.de 2002).

⁴²³ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.35, 20 abr. 2003.

⁴²⁴ Folheto “Parabéns, Ivoti: 40 anos bordando sua história. 2004.

Essa não é a situação, por exemplo, da Festa da Colônia, realizada em Gramado, quando, em sua edição em 2005, um grupo de índios Kaingang reivindicou sua visibilidade, conforme analisa Santos⁴²⁵ (2005, p.5-6):

Se os colonos “vieram, ficaram e estão fazendo a festa”, como anunciam as peças de divulgação do evento, aqueles que já estavam e não ficaram invadem a festa como a reivindicar visibilidade. Não foi certamente o Turismo que desterritorializou e desenraizou estes e outros grupos, mas sua presença transversal no cenário turístico os transforma igualmente em atores sociais das experiências que ali se desenvolvem.

Enquanto o grupo indígena fica na transversalidade, os outros grupos que anteriormente não eram visibilizados passam a sê-lo a partir de sua integração no espaço da festa. Foi o que ocorreu na Festa da Colônia de 2006, em que a novidade foi um espetáculo chamado de “Origens”, com o propósito de mostrar a presença dos portugueses, alemães e italianos na região⁴²⁶. Percebe-se que os portugueses começam a integrar o cenário, diferentemente da década de 1990, quando estavam invisibilizados na cidade. Como se viu anteriormente, a prefeitura passou a informar de que a composição étnica na cidade era de alemães e italianos somente.

Dentro do cenário das festas, tem-se também presente um mesmo aspecto que se viu neste estudo com relação à questão da seleção do que pode e de como pode ser mostrado ao turista. Nesse sentido, tem-se o exemplo de Dois Irmãos, onde as expressões da cultura local que interessam para a promoção do turismo vão sofrer processo do que podemos chamar de *refinamento dos costumes*⁴²⁷. Uma festa instituída na cidade em 1990, a Maifest, foi interrompida pelo fato de ter tomado proporções que não agradam a um turista potencial,

⁴²⁵ As observações de Santos resultam de um projeto de pesquisa que vem sendo realizado junto ao Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS) no Rio Grande do Sul. O tema tem como foco as relações entre turismo e cultura na Região das Hortênsias, RS.

⁴²⁶ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.27, 10 mar. 2003.

⁴²⁷ Termo utilizado por Nobeit Elias (1994) em seu estudo sobre o que denomina de “processo civilizador”, que trata do papel do estado na centralização e monopolização do uso da violência. Num contexto histórico que remete da Idade Média até o mundo moderno, Elias analisa o surgimento de um padrão de comportamento do homem contemporâneo. É nesse sentido que o autor usa a noção de “refinamento dos costumes”.

conforme analisa Julien (2002). De acordo com Julien (2002), que na época ocupava o cargo de secretário de turismo, “a festa estava ficando muito só na bebida, bandinha e bailão, baixando o nível do turista, afastando o turista que vinha gastar, aproveitar”. Em substituição a essa festa, teve-se a intenção de criar um novo evento, denominado “Sabor e arte”, dando primazia à gastronomia alemã, mas também à gastronomia internacional. Ao invés de bandinha por todo lado, havia o som de violinos, etc. Há uma preocupação em não valorizar tanto a bebida, o que já é mais difícil em se tratando dos festejos do Kerb: “Já no Kerb, temos que seguir as raízes porque é uma festa alemã”. A ideia é destinar à cerveja um ambiente “mais retirado, com bandinha”. Julien (2002) ressaltou, então, que a sua intenção era promover um tipo de “festa charmosa”, ao estilo das encontradas em Gramado.

Percebe-se que nem todas as práticas podem ser utilizadas ou adaptadas, de modo que se faz necessário um processo seletivo. Exteriorizar a identidade local implica seguir o que foi previamente selecionado, as características demarcadas. Ocorre, assim, a exclusão de elementos que até então faziam parte das práticas culturais; dessa maneira, a formatação do cenário turístico requer “negociação” de agentes oficiais e turísticos com a população.

O secretário de turismo do município de Dois Irmãos relatou que, em sua gestão nesse cargo, aos domingos, passava uma bandinha nos restaurantes e uma senhora fazia uma saudação em alemão (dialeto) e depois a traduzia, o que causava encantamento ao olhar do turista. No entanto, alguns residentes (“gente de expressão”) que também ocupavam esses restaurantes sentiam-se envergonhados com essas apresentações, entendendo-as como “grossura”⁴²⁸. Pode-se retomar aqui o que se comentou no Capítulo 3, ou seja, o conflito entre rural e urbano presente nos próprios membros de uma comunidade.

⁴²⁸ Julien (2006).

Vê-se aí configurada a solicitação do que Bairon (1991) identifica como “autopoliciamento”: “o germanismo obrigou a linguagem superlativa a autopoliciar-se, jamais vice-versa”, ou seja, não se processou uma negação do universo colonial, mas o que o autor denomina de “palinódico”, ou seja, um processo de desdizer o outro através de uma forma que faz com que o elemento colonial se retraia⁴²⁹.

Pode-se perceber aí um conflito entre os valores culturais a serem mostrados. O alemão da “colônia” não é o mesmo que o alemão da Alemanha, e, entre os da colônia, é preciso escolher que tipo de “alemão” se quer mostrar.

Apesar de o turismo revalorizar o elemento rural, a polarização no interior da cultura alemã, abordada por Bairon (1991), parece ainda estar presente. Há necessidade de diferenciar-se do colono que não consome os símbolos de status do alemão da cidade, que quer se igualar ao turista, tentando distinguir-se do elemento sem refinamento (o alemão/a alemoa). Pode-se ver que não é unânime o que o turismo seleciona como patrimônio comum; o exemplo evidencia que aquele patrimônio não é reconhecido por todos. Também é possível ver que a valorização do descendente de alemão que pode ser identificado como colono vai estar presente quando associada ao mundo rural e à natureza. Porém, no espaço urbano, sua presença continua sendo problemática, conforme foi visto no terceiro capítulo.

No conjunto das ações que têm sido implementadas a partir da Rota Romântica, evidencia-se que a noção de turismo étnico pode ser aplicada. Isso porque grande parte delas tem como foco particular uma identidade cultural específica, com o engajamento de uma comunidade na sua produção.

⁴²⁹ Nesse sentido, a proibição de falar o alemão parece fator significativo, como aponta Bairon (1991, p.717): “a busca da satisfação, a mais básica – falar – inicia e acaba gerando uma reação de angústia, derivada da percepção de um perigo real”. De fato, a “reserva” apresentou-se e, possivelmente, circunstancialmente, apresenta-se ainda hoje como um elemento no cenário colonial que parece não ter sido explorado como objeto de estudo. Assim, Bairon serve como guia no sentido de não identificar unicamente o discurso nacionalizador como o fator do que se pode identificar como processo de intimidação.

Paralelamente às ações que se voltam diretamente ao turismo dos locais aqui estudados, como é o caso das festas e roteiros coloniais, vêm-se também os projetos culturais vinculados ao turismo e ainda outros que, embora não tenham relações diretas com o desenvolvimento do turismo local, podem ser aqui reunidos a fim de se observarem as diferentes formas de reavivamento étnico na região.

6.5 Projetos Culturais e Reavivamento Étnico

O Projeto da Rota apontou como um objetivo específico, colocado ao longo dos anos pelas diferentes presidências da AMRR, instituir programas de educação turística nas escolas dos municípios da Rota. Num primeiro momento, será apresentado como o ensino do idioma alemão, que pode ser visto como elemento de reavivamento étnico, ganhou força com a implementação da Rota Romântica, sendo incluído no currículo das escolas dos municípios em foco.

Em 1939, no contexto da nacionalização, houve a proibição do ensino de línguas estrangeiras e de seu uso em assembléias e reuniões públicas. Paralelamente, buscou-se intensificar o ensino de história e geografia do Brasil, visando a estimular o patriotismo (KREUTZ, 1991). Em se tratando do Rio Grande do Sul, na década de 1960, surgiram iniciativas de reativar o ensino do idioma alemão, conforme Breunig (2003, p.103): “a Kombi do consulado alemão visitava municípios da região e mostrava em salões das localidades filmes em língua alemã. Em 1969, por iniciativa do Instituto Goethe, foi feito em Gramado um treinamento de duas semanas para professores que quisessem lecionar alemão”. Este Instituto mantém um programa de cooperação pedagógica com relação à promoção do

aprendizado do alemão e à cultura alemã, dando apoio no plano metodológico (SOUZA, 2005).

Até 1961, a legislação do ensino nacional no Brasil determinava como obrigatório o ensino de latim, francês e inglês. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, as disciplinas de língua estrangeira foram colocadas como complementares. Nesse contexto, foi criado o Conselho Estadual de Educação, ao qual cabia, com relação ao estudo de idiomas, estabelecer línguas estrangeiras de acordo com as particularidades étnicas e sociais da população. Nos anos da década de 1970, o ensino de alemão passou a efetivar-se na Rede Sinodal das Escolas Evangélicas. Municípios como Ivoti, São Leopoldo e Novo Hamburgo passaram a contar com o ensino de alemão na rede particular de ensino. Nos anos 1980, houve a implantação de um projeto de pluralismo de línguas estrangeiras no âmbito da rede estadual de ensino. O auxílio de órgãos do governo alemão esteve sempre presente nas propostas de implementação (BREUNIG, 2003).

Mais recentemente, em 1996, com a nova Lei de Diretrizes, pautada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de línguas estrangeiras veio a ter maior ênfase, dado o enfoque interdisciplinar e a importância conferida a características histórico-culturais. Em alguns municípios que integram a Rota, o idioma alemão passou a fazer parte do currículo da rede escolar, talvez como decorrência do reavivamento que veio a cabo com o Projeto⁴³⁰. Em outros, a presença do idioma alemão foi anterior à Rota.

Nesse caso está Ivoti, onde faz aproximadamente nove anos que esse ensino se dá da 5ª à 6ª série do Ensino Fundamental, sendo que, em 2006, foi implantado a partir da educação infantil; na 7ª e 8ª séries, ocorre sob a forma de oficinas⁴³¹. Em Nova Petrópolis, as aulas de

⁴³⁰ Uma avaliação conclusiva nesse sentido envolveria uma pesquisa muito mais ampla, abrangendo também tentativas em anos anteriores. No entanto, tem-se como propósito dar como encerrada essa questão.

⁴³¹ Informação da diretora do Departamento de Ensino Fundamental, Marisa Holler Tietze.

alemão nas escolas municipais são dadas a partir da 5ª série e seguem até a 8ª série. Este ano, foi implantado o projeto de ensino da língua alemã da pré-escola à 4ª série⁴³². O município recebeu apoio do Instituto Goethe de Porto Alegre. Em Nova Petrópolis, afora o idioma, também a dança folclórica alemã foi introduzida como atividade curricular em 2001 na rede municipal em todos os níveis, do pré-escolar à 8ª série (SOUZA, 2005). Como propostas mais recentes, em Santa Maria do Herval, o prefeito que assumiu em 2005 teve como compromisso de campanha manter o ensino da língua alemã nas escolas como forma de preservar a cultura germânica⁴³³. Em setembro de 2005, foi sancionada uma lei que inclui como atividade extracurricular os cursos de alemão e italiano nas escolas de Ensino Fundamental do município de Gramado⁴³⁴. Aulas de alemão também são ministradas na rede municipal de ensino do município de Morro Reuter desde 2002, da Educação Infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental. Nos municípios de São Leopoldo e Estância Velha, o ensino de alemão não ocorre como projeto de ensino da rede municipal⁴³⁵. No município de Novo Hamburgo, esse ensino é administrado somente na área rural, ou seja, em Lomba Grande.

Esses são exemplos do que se pode enquadrar como redefinições identitárias com base na cultura erudita. Parece ocorrer, no contexto de estudo, o mesmo processo que Coradini (1996) identifica com relação à redefinição da identidade dos italianos no Rio Grande do Sul:

Num dos extremos, a retomada das “origens”, enquanto vinculação com a “cultura” e a língua italiana em seu sentido erudito, é referência a um país que nas últimas décadas passou a compor o chamado Primeiro Mundo. Essa estratégia, evidentemente, é mais vinculada aos segmentos de descendentes de imigrantes social e culturalmente mais bem-sucedidos e progressivamente mais distantes das origens “coloniais” e o principal móvel que a desencadeia são os confrontos com os estilos de vida das elites regionais “brasileiras”, decorrentes do processo de urbanização e escolarização (CORADINI, 1996, p.37).

⁴³² Conforme informação da chefe da Seção de Ensino Fundamental, Vera Lúcia Araújo Kuhn.

⁴³³ *Jornal NH*, Novo Hamburgo, p.6, 20 out. de 2004.

⁴³⁴ O projeto do vereador Jorge Drumm foi sancionado pelo prefeito Pedro Bertolucci (Cf. *Correio do Povo*, p.18, 10 set. 2005).

⁴³⁵ Informações junto a secretarias de educação de ambos os municípios.

A semelhança está no sentido de que o reavivamento étnico vai se operar tendo, com relação ao idioma, o referencial erudito. No entanto, presentemente, esse referencial é passível de ser utilizado como uma estratégia de ascensão por parte também daqueles que não ocupam locais privilegiados, pois, como se viu, no contexto atual, o ensino da língua alemã expandiu-se para a rede municipal de ensino. Dessa forma o acesso à língua erudita se amplia e pode também ser utilizada como um recurso por parte de grupos que em outros contextos eram reconhecidos enquanto “alemão-grosso”.

Em alguns municípios, ações correspondentes ao objetivo da AMRR de elaborar materiais pedagógicos sobre a Rota Romântica têm sido também uma estratégia de interação da comunidade com o Roteiro regional. No encontro regional de alfabetizadores promovido pelo departamento de educação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), ocorrido no Colégio Evangélico da Paz, em Novo Hamburgo, foi proposta uma oficina tendo a Rota Romântica como um percurso de estudo multidisciplinar⁴³⁶.

A Rota Romântica passou a ser tema dos programas escolares da rede municipal de ensino de alguns municípios. Esse é o caso de Nova Petrópolis, onde houve uma proposta inicial nesse sentido em 2001, na Escola Bom Pastor, que dista 14 quilômetros da sede. Mais tarde, em 2003, a experiência foi implementada em outras escolas, sendo que, na 8ª série, o foco de estudo é a Rota Romântica e o Estado (SOUZA, 2005). Conforme informação da Secretaria de Educação:

⁴³⁶ Encontro Regional de Alfabetizadores. Oficina: Um caminho para aprender...Rota Romântica. Material disponível no acervo da AMRR. O material não apresenta datação.

O Turismo será trabalhado nas escolas das redes municipais, estaduais e comunitárias como tema transversal. Em 2006 os professores da rede municipal participaram de um seminário de “Sensibilização para o Turismo”. Também as escolas particulares estão envolvidas em torno da movimentação que o turismo tem gerado de forma que a cidade conta com um curso técnico de Turismo no Colégio Cenecista Frederico Michaelson⁴³⁷. Na cidade também tem ocorrido curso. Ocorre, também curso de guias locais para jovens⁴³⁸.

Em Picada Café, foi iniciado, em 2002, o Projeto Caminhos e trilhas: a comunidade escolar pensando o turismo, que conta com atividades de levantamento de dados sobre o município (BORGES, 2005).

Na cidade de Dois irmãos, desenvolveu-se o Projeto Turismo nas escolas de 2002 a 2005. Se comparado com os projetos citados acima, este diferencia-se pelo fato de não envolver apenas os alunos. Pais, professores e merendeiras também participaram, assistindo a palestras e fazendo passeios pelo município (BORGES, 2005). O ponto de partida do projeto baseia-se na idéia de que, primeiramente, a própria comunidade local deve conhecer sua cidade, de modo a gostar do lugar onde vive (BORGES, 2005). Em entrevista concedida pelo então secretário de cultura local, a apropriação da cidade é destacada como uma necessidade, tendo em vista que muitas pessoas vieram “de fora”, como destaca Laurindo Julien (2002). Pode-se ver que o desenvolvimento do turismo no local apresenta uma preocupação com a integração dos que não estão apropriados da história local que se quer divulgar. À medida que a comunidade participa, faz-se possível a configuração de um sentimento de pertença, de forma que, em última análise, a identidade cultural dos habitantes recém-chegados pode-se construir em torno dos valores da nova comunidade. Dá-se aí um processo, como explica Castells (2001), ao diferenciar identidades de papéis, em que os atores sociais internalizam os significados da identidade local que se quer.

⁴³⁷ A existência desse curso foi garantida pela comunidade através do Programa de Consulta Popular de 2004. Disponível em: <http://www.novapetropolis.rs.gov.br/educacao_cultura_e_desporto.php>. Acesso em: 12 maio 2006.

⁴³⁸ Disponível em: <http://www.novapetropolis.rs.gov.br/educacao_cultura_e_desporto.php>. Acesso em: 12 maio 2006.

Sem avaliar de modo mais profundo o projeto proposto, é possível ver a presença de um etnocentrismo, tal como analisado pelo sociólogo Sayad quando este estuda fenômenos de imigração⁴³⁹. No caso aqui em estudo, percebe-se que os grupos que chegaram mais recentemente na cidade vão sofrer um processo de “inculcamento”, de modo a poderem formar um sentimento de pertença. Os novos residentes podem, assim, também usufruir das heranças e fabricações em curso. Mas o que fica implícito é o aspecto do reforço da uniformização, apresentada enquanto identidade construída pela Rota, onde é perceptível a formação de identidade coletiva exclusiva em maior ou menor grau.

Se outrora uma “pequena elite” monopolizava um discurso para intitular a região como “alemã” e como portadora de uma identidade coletiva em torno da germanidade, conforme analisa Bairon (1991), agora se pode crer que esse discurso é vulgarizado, tendo como portadores agentes do turismo, de municipalidades, entre outros. Estes todos, ao seu modo, operam na produção da região no contexto da patrimonialização, como bem caracteriza Frias (2006, p. 2):

Uma tal “patrimomania” [...] tem como efeito acrescentar de forma acentuada o volume dos elementos a proteger e a restaurar, como estende ao infinito, com o surgimento de uma economia turística que produz a “necessidade” dos “produtos culturais”, o registro das tradições e do patrimonial: usos, práticas, objectos, técnicas, obras de arte, edifícios, fachadas, sítios históricos, lugares, paisagens, natureza, meios, jardins, gastronomia, genética, símbolos, lendas, educação, acontecimentos, idéias [...].

“No contexto da histeria do patrimônio as verdadeiras razões da multiplicação sem fim das estratégias de patrimonialização ficam freqüentemente escondidas” (PEIXOTO, 2006, p.8). Dessa maneira, aquilo que efetivamente se constitui em ações específicas, como as apresentadas neste capítulo, não está dado naturalmente; tais ações são, isso sim, formatadas

⁴³⁹ Pode-se associar o que se desencadeia para a figura do imigrante, tal como analisado por Sayad, com a figura do “migrante”, que passa a ocupar as cidades de colonização alemã, e, no caso específico, que ocupa Dois Irmãos.

e, em geral, estruturam-se a partir de simples renascimentos. Podem-se tomar aqui as palavras de Hobsbawm (1998, p.28): “são inovações que usam ou pretendem usar elementos de um passado histórico real ou imaginário”.

Conforme Barreto (2000), muito se tem debatido acerca do aspecto predatório do turismo, não só com relação à natureza, como também quanto à banalização do patrimônio, que deixa de ser valioso pela sua significação histórica ou identidade local, passando a ter valor porque pode ser vendido como atrativo turístico. Há quem defenda que é preferível ver a transformação do patrimônio em um bem de consumo a ver seu processo de destruição.

No âmbito das discussões no campo do turismo, muitas vezes, pode-se identificar uma tendência de classificá-lo ora como *vilão*, ora como *salvador* em suas relações com a identidade cultural de determinado local. Aqui são trazidas as reflexões de Santos (2005, p.2 p.): “[...] o turismo no papel de *salvador* da identidade aparece quando, em função de atrair visitantes, uma comunidade oferece – ou *encena* – aquilo que ela considera ser suas tradições, sua gastronomia, suas músicas, o modo de vida de seus antepassados” (Grifos do autor). Já o papel de vilão é percebido quando o turismo desestrutura a região. Para Santos (2005), não se trata de entender o turismo como portador de um papel de “salvador”, e sim de abordar essas relações como algo dinâmico entre cultura e identidade, em que o turismo é um elemento.

Não é o foco deste estudo entrar nessa discussão, mas perceber como a implantação do projeto turístico regional e dos locais que a partir deste são criados interfere na relação da cidade com o seu passado, na identidade coletiva de seus habitantes: o que ela quer mostrar, que agentes fazem o que indivíduos informam.

Cabe, ainda, acentuar que as ações de reavivamento étnico vistas acima, como festas, projetos de roteiros internos, revalorização do espaço rural, entre outras, se deram num

contexto de ameaça. Isso foi contextualizado no quarto capítulo, quando se abordaram o desenvolvimento industrial e as percepções sobre as modificações no cenário urbano com a chegada de migrantes, tendo as alterações no espaço das cidades configurando a retórica do sentimento de lamento pelo que era visto como perda da identidade alemã na região.

7 DIVERSIDADE ÉTNICA EM SÃO LEOPOLDO: HEGEMONIA EM DISCUSSÃO

7.1 O 25 de Julho e as disputas identitárias

Conforme analisado no terceiro capítulo, é na década de 1950 que se inicia um tímido projeto de reavivamento étnico alemão na cidade de São Leopoldo, a partir da proposta de fundação de um museu e de um “turismo esclarecido”.

Sendo a identidade étnica caracterizada por um processo em constante reelaboração, tem-se, no decorrer de diferentes momentos da história de São Leopoldo, em que se faz valer a origem étnica alemã numa reprodução recíproca entre território e identidade, a configuração de situações conflituosas que caracterizam lutas de representações.

A discussão sobre a hegemonia alemã nessa cidade já foi apontada anteriormente no contexto da década de 1960, conforme abordado no terceiro capítulo. Os debates nesse sentido estão presentes também no contexto atual. Conforme Martin Dreher, São Leopoldo preserva muito pouco das características dos imigrantes alemães:

São Leopoldo é hoje uma cidade multiétnica e multicultural de extremos, onde muita riqueza é capaz de conviver com muita miséria. Os restaurantes são de culinária italiana. Ela não é mais uma cidade alemã. É uma metrópole fazendo parte da Grande Porto Alegre, com todas as vantagens e desvantagens de uma grande cidade⁴⁴⁰.

A reportagem ainda atribui a fraca presença alemã no município às emancipações, uma vez que as áreas que se emanciparam eram as que tinham maior presença de imigrantes, conforme Dreher.

No entanto, mesmo com as mudanças reconhecidas, elas por si só não alteraram o quadro da hegemonia da cultura alemã num universo de diversidade étnica.

O 25 de julho, retomado depois da Segunda Guerra como festejo no município de São Leopoldo, continuou sendo vivenciado como data festiva, além de momento máximo de expressão de germanicidade e de identidade local. Atualmente, a festa tem como público cerca de 180 mil pessoas⁴⁴¹. Denomina-se *São Leopoldo Fest*, comportando um sentido mais abrangente, enquadrada como comemoração representativa da cidade num contexto ainda mais amplo, inscrito nas *Fest*, que são disseminadas a partir dos anos 1980 no cenário nacional (FLORES, 1997).

Conforme alguns, a denominação São Leopoldo *Fest* seria inadequada, dado que a cidade comporta outras etnias⁴⁴². Discussões em torno da temática da inadequação do nome atribuído às comemorações do dia 25 de julho já estiveram presentes anteriormente e apresentam a mesma problemática, qual seja, a da consideração de outras etnias que compõem a cidade.

⁴⁴⁰ DREHER, Martin. *Revista Carta Capilé*, p.7, jul. 2004.

⁴⁴¹ Para a edição deste ano, estima-se a participação de 200 mil pessoas. Cf. *Jornal VS*, São Leopoldo, p.6, 13 jul. 2003.

⁴⁴² Savoldi (2001) discute essa problemática de a festa municipal identificar-se como “vitrine” de determinada etnia. No caso, a autora aborda a localidade de Nova Veneza, no Estado de Santa Catarina, que destaca a etnicidade italiana. Na linha dos festejos municipais envolvendo festas étnicas alemãs, no caso do objeto de estudo, temos a *Oktoberfest* de Ivoti, que é realizada no mês da emancipação do município, coincidindo com o mês de outubro. Não encontramos nenhum indicio de conflito com relação à vinculação de ambos os festejos.

Na Assembléia Legislativa estadual, em 1956, foi proposta a substituição da denominação do feriado do 25 de Julho de *Dia do Colono* para *Dia do Imigrante*, a fim de contemplar diferentes etnias⁴⁴³. A denominação *Dia da Imigração* passou a ser utilizada com frequência, de forma que a denominação *Dia do Colono* foi perdendo espaço, o que pode ser compreendido através do processo de ressignificação do colono, que se processou especialmente na década de 1970, como foi apontado no terceiro capítulo.

Os festejos do 25 de Julho em São Leopoldo na década de 1950 passam a ser chamados de Semana do Imigrante. Ao que parece, essa alteração não visa a dar conta, como propôs o projeto apresentado na Assembléia Legislativa em 1956, da inclusão de outras etnias na celebração da data. Em nível local, essa discussão foi levantada, em se tratando das comemorações do 25 de Julho, na década de 1990. Alguns episódios veiculados na imprensa local assim o demonstram.

Em 1991, na semana das comemorações, o chargista Tacho apresenta uma charge em que um alemão típico, segurando um microfone, diz para dois *punks*: “Eu já dize gurizon!!! É só pandinhas alemãs”⁴⁴⁴. Um professor de sociologia da universidade local posicionou-se frente à denominação da festa: “semana do Imigrante é um termo que permite a inclusão de outras correntes imigratórias. [...] Estes eventos resgatam as origens culturais [...]. Os imigrantes alemães são os mais representativos da cidade, mas não deixa de ser interessante abrir espaço para a contribuição de outros grupos”⁴⁴⁵. Na mesma edição do jornal, na página anterior, há uma foto intitulada *Imagens: etnias*⁴⁴⁶, em que aparecem três jovens engraxates negros sentados em frente à banca da *São Leopoldo Fest*. Na foto, é possível ler o escrito

⁴⁴³ *Anais* da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1956. Porto Alegre: Globo, p. 3. Esse projeto partiu de Adalmiro Moura.

⁴⁴⁴ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.2, 20 e 21 jul. 1991.

⁴⁴⁵ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 26 jul. 1991.

⁴⁴⁶ Cabe ressaltar que o jornal previa um espaço para fotos, em suas edições, denominado *Imagens*, apresentando temas diferenciados. A foto em questão tematizou *Etnias*.

dessa banca: “São Leopoldo: Berço da colonização alemã”⁴⁴⁷. Cabe observar que a charge aparece nos dias iniciais da comemoração, anunciando o que é a festa e quais as “tribos” que nela têm espaço.

Duas outras matérias são veiculadas quando a festa termina, o que ocorre no próprio 25 de julho, e parecem expressar uma avaliação do evento, demonstrando sua marca, trazendo à tona a questão da inclusão de diferentes grupos, especialmente dos negros, e apontando para a exclusão social. A opinião do sociólogo, que aparece no espaço do jornal que solicita opiniões do público sobre a festa, retoma o que era discutido no cenário legislativo regional, ou seja, a idéia de o título *Semana do Imigrante* incluir outras etnias. Tal manifestação de preferência por essa denominação pelos motivos expressos dá-se no momento em que o nome da festa é alterado. Em 1991, a festa passa a ser chamada de *São Leopoldo Fest*; nesse primeiro ano de edição, a publicidade dos eventos destacava assim as comemorações: *São Leopoldo Fest* (Semana do Imigrante).

Não se pode inferir, através dos propósitos de integração expressos pelo título *Semana do Imigrante*, que tenha sido efetivada a presença de outros grupos. Ao longo das décadas a partir de 1950 até os anos de 1990, a presença de outros grupos étnicos na festa como atuantes não se dá. Apenas em 1990 ocorreu uma apresentação de danças afro⁴⁴⁸. Uma constante, nesse período e até hoje, tem sido a presença de representantes de Centros Tradicionalistas Gaúchos (CTG) locais, fato que será analisado posteriormente.

Pode-se perceber que as comemorações do 25 de Julho continuam sendo o momento, tal como no contexto de seus festejos nas décadas de 1920 e 1930, de demarcar as fronteiras étnicas entre grupos (WEBER, Roswithia, 2004). No contexto aqui em questão, se, por um lado, a festa apresenta a possibilidade de reforçar os laços entre aqueles que comportam a

⁴⁴⁷ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.2, 20 e 21 jul. 1991.

⁴⁴⁸ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.8, 25 jul. de 1990.

origem étnica alemã, que é celebrada, por outro, há quem aponte que nem todos participam da mesma forma dessa comemoração. Nesse sentido, pode-se lembrar Villarroya (1992) quando aponta a festa como um espaço privilegiado para perceber a dinâmica das relações sociais, suas tensões e conflitos.

Nos anos da década de 2000, passa-se a questionar a legitimidade da identificação da *São Leopoldo Fest* como uma festa da cidade, dado que o mote da festa é a identidade alemã, que não contempla todos os grupos que a compõem. Alguns episódios merecem atenção. Em 2004, quando se completavam os 180 anos da imigração alemã no estado e grandes comemorações estavam programadas, ocorreu a *1ª Feito Fest*, denominação alusiva ao nome do bairro Feitoria, onde o evento foi realizado. Esse bairro foi o núcleo inicial do povoamento da cidade no século XVIII, quando lá foi fundada a Real Feitoria do Linho Cânhamo em 1788 (MÜLLER, 2001). Caracteriza-se atualmente por ser uma área periférica onde mora uma população com perfil popular urbano⁴⁴⁹. Lá, na primeira semana de julho de 2004, numa estrutura montada no ginásio central do bairro, ocorreu a *Feito Fest*, a festa da integração, organizada pelo Conselho de Desenvolvimento da Feitoria⁴⁵⁰. Ela contou com a presença de duas rainhas representantes da imigração alemã e de duas representantes dos afro-descendentes. Também havia dois bonecos de cada etnia. Conforme o presidente da comissão organizadora, Cláudio Wolff Rodrigues: “Jamais tivemos a intenção de copiar ou de fazer frente à nossa querida São Leopoldo Fest. O que queremos é dar ao povo daqui a mesma oportunidade que os outros bairros têm”⁴⁵¹. Conforme relatou Silveira (2006)⁴⁵²: “Na verdade, havia uma disputa política com a administração do Waldir⁴⁵³, e se tentou fazer uma

⁴⁴⁹ Na região, grande parte dos habitantes mora em prédios da Cohab, que são prédios de habitação popular.

⁴⁵⁰ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.7, 3 jul. de 2004.

⁴⁵¹ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.7, 3 jul. de 2004.

⁴⁵² As referências a Silveira dizem respeito a informações coletadas através de entrevista realizada com Gilberto Silva Silveira, que coordena atualmente a Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (COMPPIR) no município de São Leopoldo.

⁴⁵³ Refere-se ao então Prefeito, Waldir Schmidt, do PMDB.

feira para se contrapor mesmo à imigração alemã. Com o Waldir, [...] era essencialmente alemã”.

Cabe observar que a *Feito Fest* foi formatada em contexto de disputas eleitorais do município em 2004, de modo que seu espaço serviu como palco para elas. Silveira (2006) citou como um dos articuladores da festa um integrante do Partido dos Trabalhadores (PT), proprietário de um estabelecimento comercial, que investiu no sentido de “feira de oposição”. Não se quer aqui dar conta de verificar qual o papel efetivo da comunidade local nesse sentido; o que é importante, nesse contexto, é observar que o PT, como partido concorrente, acende localmente uma discussão que vai estar presente na sua gestão na cidade de São Leopoldo.

Esse não foi o primeiro momento que o bairro Feitoria quis dar visibilidade aos seus aspectos socioculturais. Em julho de 1991, quando ocorriam as comemorações da imigração alemã no espaço central da cidade, uma escola daquele bairro promoveu uma manifestação envolvendo os 935 alunos, acompanhados de pais e comunidade, com o objetivo de dissociar o nome do bairro da criminalidade⁴⁵⁴. Os alunos, homenageando os imigrantes alemães, vestiam roupas improvisadas em papel crepom. Esse momento se caracteriza por ser especialmente significativo para que estes grupos buscassem reconhecimento. Ao mesmo tempo em que se procurava positivar o bairro, marcava-se também sua presença como pertencente à cidade dos descendentes de alemães. No entanto, o reconhecimento parece ter sido frustrado: a *Bandinha do Vovô*, banda que tem papel de destaque na cidade, pois faz até hoje a abertura das comemorações da imigração alemã, estava contatada para acompanhar a manifestação, mas não esteve presente. Esse fato causou indignação, sendo que críticas de moradores foram dirigidas ao Comtur: “para as comemorações ocorridas no centro da cidade,

⁴⁵⁴ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 20 e 21 de jul. 1991.

não há esquecimento”⁴⁵⁵. Pode-se ver, nesse caso, um indicativo de limites para a integração da população migrante, o que não necessariamente passa pelo elemento étnico, apontando para fatores sociais⁴⁵⁶.

Pode-se depreender de ambos os fatos que o que está colocado em evidência é uma reação ao privilégio que agentes públicos dão aos aspectos culturais voltados para a germanicidade.

7.2 A municipalidade e o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Os dois episódios acima citados ocorreram na administração do prefeito Waldir Schmidt e parecem concorrer no sentido de valorizar a identidade local ligada aos alemães. Não se quer afirmar aqui que a municipalidade sempre se preocupou com o patrimônio ligado à imigração alemã. Como se viu anteriormente, em muitos momentos, quem se colocou como guardião desse patrimônio diante do descaso da municipalidade foi o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Em 2005, o Partido dos Trabalhadores assume a administração do município, tendo à frente Ary Vanazzi. Discussões já presentes anteriormente sobre a identificação da cidade como alemã tomam proporções amplas, envolvendo várias esferas, tanto civis quanto governamentais.

Uma discussão que passou a ganhar espaço na cidade no ano de 2005, quando assume a administração do PT, foi a da denominação da festa que ocorre no 25 de Julho: São Leopoldo Fest.

⁴⁵⁵ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 20 e 21 de jul. 1991.

⁴⁵⁶ Correa (2003) apresenta um estudo sobre a integração social dos migrantes em Santa Cruz, RS, destacando como limites dessa integração o elemento de inserção no mercado de trabalho.

Conforme relato do atual presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, José Carlos Eggers⁴⁵⁷, já no início do mandato dessa administração, o secretário da cultura, José Carlos Martins, reuniu-se com ele, apontando a necessidade de se desenvolver uma política cultural que incluísse outras etnias que não só a alemã. Cabe frisar que o secretário propõe essa discussão no espaço do Museu, este que, através de suas ações ao longo de sua institucionalização, teve legitimidade para afirmar a identidade local voltada à etnicidade alemã. Pode-se entender que a procura do presidente do Museu por parte do secretário visa ao anúncio de mudanças na forma como a identidade cultural da cidade é demarcada.

De modo geral, pode-se afirmar que a municipalidade, em diferentes governos, frente às demandas do museu a partir de sua criação, atuou mais com a contribuição através de verbas, o que não implicou um comprometimento com a memória local como um todo. Ao Museu e às pessoas a ele ligadas cabia esse papel, que tinha seu momento alto na programação das festividades do 25 de Julho. Em muitos casos, o próprio museu acabou abarcando produtos da memória pública da cidade, uma vez que agrega, além de um acervo composto por doações privadas, a documentação produzida pela administração local, ou seja, documentação pública. Isso ocorreu devido ao descaso da municipalidade com esse acervo.

Um episódio ocorrido recentemente aponta para uma reversão no quadro das relações do poder público local com a memória da municipalidade. Em novembro de 2005, diante da depredação do monumento ao Imigrante, localizado numa praça pouco iluminada e usufruída pela população local, o Museu inicia uma campanha para transferir a efígie do monumento para o seu acervo, colocando na praça uma réplica. No entanto, o secretário de cultura respondeu que a memória pública não poderia se confundir com a memória da imigração⁴⁵⁸. Essa posição coloca em questão o fato de uma entidade privada, como é o museu, requerer

⁴⁵⁷ As informações fornecidas por Eggers (2006) foram obtidas em entrevista dada à autora.

⁴⁵⁸ Informações conforme discussões presenciadas por esta pesquisadora.

para si a memória pública⁴⁵⁹. Vê-se o delineamento de uma política em que a municipalidade quer garantir a si o papel de guardiã da memória local. Nesse sentido, pode-se lembrar a análise de Pollak (1989), que identifica a configuração das memórias coletivas como resultado de trabalho especializado de enquadramento que está sujeito às conjunturas; portanto, na conjuntura em questão, o conflito opera-se entre os agentes do Museu e os agentes da municipalidade, que disputam o estabelecimento da memória.

Outro fato envolvendo o museu e a administração municipal informa o novo viés na forma de administrar o patrimônio local. Na administração do prefeito Waldir Schimdt, o Museu, ao ver que o Salão Nobre da Prefeitura, que comportava uma galeria de telas com administradores do município e reconhecidos fundadores, estava em más condições físicas, solicitou que as obras passassem para o seu acervo. A solicitação foi atendida, e as telas foram cedidas por comodato. Recentemente, esses quadros foram solicitados pela gestão do PT, e o museu está buscando negociar a custódia de duas telas⁴⁶⁰: a de Hillebrand e a do Visconde de São Leopoldo⁴⁶¹.

No planejamento turístico⁴⁶² da atual gestão municipal, há um projeto referente à Casa do Imigrante, conhecida também como “Casa da Feitoria Velha”, que prevê a revitalização desse espaço como atrativo não só ao turista, como também à comunidade local. A casa, como se viu no Capítulo 3, foi habitação primeiramente dos escravos e portugueses que foram para a região e porta em sua arquitetura a marca lusa. Posteriormente, na década de 1940, foi reformada e transformada em estilo enxaimel, como analisado anteriormente. Em

⁴⁵⁹ Um dos aspectos referidos nesse debate foi também o fato de que o museu cobra ingresso, o que pode dificultar o acesso da população.

⁴⁶⁰ Ata nº 399, 5 Jun. 2006. Acervo do MHVSL.

⁴⁶¹ Visconde de São Leopoldo é o título de José Feliciano Fernandes Pinheiro, que foi Presidente da Província no contexto de 1824, quando São Leopoldo recebeu a primeira leva de imigrantes. Já o outro quadro retrata João Daniel Hillebrand, imigrante que veio nessa leva e se instalou em São Leopoldo, tendo passado cerca de 60 anos entre os colonos, exercendo a atividade de médico, autoridade policial, comandante de legião, conselheiro e diretor da colônia (DUARTE, 1946).

⁴⁶² Planejamento Turístico. Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Secretaria de Desenvolvimento econômico e social (SEMEDES), (Diretoria de Turismo). 27 abr. 2006.

1980, o prefeito Olímpio Albrecht doou a casa, que se encontrava em más condições, para o Museu⁴⁶³ (MÜLLER, 2001). Novamente, processa-se a mesma situação: frente ao descaso da municipalidade com o patrimônio cultural, o museu encarrega-se de “salvá-lo”. O projeto acima referido segue a linha administrativa de o poder público apropriar-se do patrimônio da cidade e torná-lo acessível a diferentes grupos. A idéia, nesse sentido, é assim expressa: “este projeto trata-se do restauro da Casa do Imigrante com a transformação do seu uso atual de museu interativo, deixando desta forma, de ser um ‘depósito de coisas velhas’, passando a ser um local de pesquisa, educação, onde as pessoas possam utilizar o banco de dados de forma lúdica, proporcionando-lhes lazer”⁴⁶⁴.

As preocupações apontadas são muito mais que transformações nos princípios da museografia do museu. Talvez sejam sintomáticas algumas ações recentes do presidente do museu: a busca da cópia do tombamento da Casa do Imigrante pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) e a proposta de escriturar a Casa do Imigrante⁴⁶⁵.

Assim, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo parece perder espaço como produtor da identidade local, uma vez que opera em torno do valor simbólico ligado à imigração alemã. A municipalidade, em sua administração atual, toma como seu o papel de incorporar a essa identidade local outros grupos, alheios aos códigos culturais que organizam aquela pertinência étnica.

⁴⁶³ Cabe entender que essa doação, assim como tantas outras por parte da municipalidade ao museu, é fruto de longas trajetórias de reivindicações.

⁴⁶⁴ Planejamento Turístico. Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Secretaria de Desenvolvimento econômico e social (SEMEDES), (Diretoria de Turismo). 27 abr. 2006. O projeto aponta que essas ações seriam feitas com a parceria do Museu. Como linha geral desse projeto, consta: “o primeiro aspecto potencial que se detectou foi referente à história do município: São Leopoldo é o Berço da Colonização Alemã, este diferencial deve ser trabalhado sem esquecer as demais etnias colonizadoras”.

⁴⁶⁵ Acervo MHVSL, Ata n° 400, 19 Jun. 2006.

7.3 De quem é a festa: o 25 de Julho na administração do PT

Um dos temas abordados entre o presidente do museu e o secretário da cultura no encontro acima mencionado foi a inadequação da denominação *São Leopoldo Fest*. Para o secretário da cultura, como a festa é realizada em função do 25 de Julho, data representativa para os descendentes de alemães, ela é identificada pelo título como festa da cidade⁴⁶⁶. O presidente do museu relatou que não tinha nenhuma objeção em alterar o nome da festa.

As comemorações da imigração alemã, abrangendo duas semanas de julho, finalizadas no dia 25, constituíram-se, ao longo de anos, como um mote para a atração turística da cidade. Também consolidou-se esse momento como o ponto auge da demarcação da identidade local ligada à história da imigração alemã.

Nos festejos da data no ano de 2005, as discussões acerca da multiplicidade étnica presente na cidade passaram a pesar na organização da comemoração do 25 de Julho. Embora tenha-se pensado em mudar o nome da festa, a denominação *São Leopoldo Fest* foi mantida.

O relato de um entrevistado no presente ano aponta alguns elementos que permitem perceber o que se constituiu em controvérsia – festa da cidade, festa de alemães:

⁴⁶⁶ A dificuldade parece estar em selecionar uma data que seja representativa da cidade. No ano do centenário da imigração alemã, 1924, ocorreram discussões nesse sentido no âmbito local. Alguns sugeriram comemorações tendo como base os seguintes marcos: chegada do primeiro grupo de imigrantes (25 de julho); extinção da Real Feitoria do Linho Cânhamo e resolução de chamar imigrantes (31 de março); publicação da portaria imperial que dá o nome de Colônia de São Leopoldo (22 de setembro), data em que a portaria foi publicada no sul (mês de outubro); visita do Visconde de São Leopoldo (então Presidente da Província José Feliciano Fernandes Pinheiro). Outra data que poderia ser demarcada é 1º de abril de 1846, data da lei que elevou a Capela Curada de São Leopoldo à categoria de Vila. Não se tem conhecimento de que outra data, além de 25 de julho, tenha sido feriado na cidade; não se comemora, portanto, a data de emancipação, como o faz a maior parte dos municípios da região. Recentemente, a prefeitura de São Leopoldo realizou um concurso público para o cargo de historiógrafo. Certamente, uma das idéias é dar conta de “descobrir” a verdadeira data.

No primeiro momento, se pensou muito em não deixar só uma festa alemã. A discussão era de que fosse uma festa da cidade, e não uma festa alemã, mas, este ano, vimos que isso não funcionou muito bem. No ano passado, as pessoas sentiram falta de atividades alemãs na festa [...]. Depois de muitas discussões, a gente viu que realmente a festa é em homenagem aos imigrantes, então, como você vai desvincular?

O governo queria descaracterizar um pouco. São Leopoldo hoje é uma cidade que tem muitas etnias. Hoje se tem uma festa da consciência negra, por exemplo. O governo pensou em fortalecer os outros, mas isso acabou enfraquecendo uma cultura que é identidade do município.

O informante apontou, ainda, que poucas atividades ligadas à imigração alemã apareceram na festa, o que gerou insatisfação em muitos dos participantes⁴⁶⁷. Conforme relato do entrevistado, esse quadro fez com que se repensassem os festejos de 2006. Nas discussões sobre a *São Leopoldo Fest* deste ano, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social (SEMEDES) trabalhou em conjunto com as demais secretarias e órgãos municipais, de modo que a demarcação da cultura alemã esteve mais forte do que na festa do ano anterior. A posição controversa dos membros das diferentes secretarias da Prefeitura quanto às políticas culturais implementadas foi evidenciada também por outros informantes⁴⁶⁸.

Uma folheteria de divulgação turística distribuída por ocasião da *São Leopoldo Fest* de 2005 destacou a preocupação com a pluralidade de manifestações artísticas⁴⁶⁹, o que se enquadra nas ações da municipalidade no sentido de descentralização da cultura. No entanto, o mesmo material, ao identificar a cidade, não contempla essa diversidade: “um pouco sobre a história de São Leopoldo: A história de São Leopoldo inicia quando os primeiros imigrantes vindos da Alemanha chegaram a Porto Alegre [...]”⁴⁷⁰. Ao ser questionado sobre o conteúdo

⁴⁶⁷ Conforme discussões presenciadas por esta pesquisadora durante os festejos de 2005.

⁴⁶⁸ Um entrevistado relatou: “o Ronaldo Vieira que puxa para os alemães, não tem viés da inclusão, me confessou que ele já falou para o Martins parar de comprar briga com os alemães”. A fala do entrevistado coloca em oposição as tendências: da inclusão e dos alemães. Assim, Ronaldo Vieira, que ocupa a pasta de Desenvolvimento Econômico, conforme o relato do entrevistado, tem posicionamento diferente do apresentado pelo Secretário da Cultura com relação à imigração alemã. As entrevistas permitem afirmar que a questão trazida, tal como é proposta pela Secretaria de Cultura, parte mais de discussões internas do que da reivindicação de grupos que poderiam se ver excluídos.

⁴⁶⁹ Folheto São Leopoldo. Administração Popular. 2005.

⁴⁷⁰ Guia turístico de São Leopoldo. SEMEDES (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social). 2005.

do material divulgado, um entrevistado justifica o fato como um erro, dado que justamente o que a administração quer mostrar é a participação de todos, “inclusive, a presença dos negros e portugueses foi anterior à dos alemães”.

Em 2005, o pronunciamento do prefeito Ary Vanazzi no lançamento da *São Leopoldo Fest* parece ter tentado findar as discussões: “São Leopoldo foi e sempre será o berço da imigração alemã”⁴⁷¹. No entanto, como se viu, as discussões perduraram até a definição da formatação das comemorações de 2006. Estas não estão restritas às esferas internas do PT, estendendo-se também entre a população e passando a ser do domínio público.

7.4 Onde é o berço: São Leopoldo X Nova Friburgo

Um episódio ocorrido recentemente parece ter contribuído para as controvérsias locais tomarem proporções diferenciadas. Foi veiculada na imprensa nacional uma matéria em que Nova Friburgo⁴⁷² reivindica o título de berço da imigração alemã no Brasil. Essa reivindicação, ainda em curso, dá-se através do Centro Cultural Teuto-friburguense. A pesquisadora Dalva Brust, presidente da entidade, afirma ter documentos provando que os primeiros alemães lá chegaram no dia três de maio de 1824, ou seja, 82 dias antes de os imigrantes chegarem ao Rio Grande do Sul. Seu objetivo é, através da prefeitura de Novo Friburgo e do governo estadual do Rio de Janeiro, alterar a história dos livros escolares.

Essa situação permite remontar a contextos anteriores. Em 1956, uma proposta do Instituto Nacional de Imigração e Colonização foi encaminhada à Câmara dos Deputados Federais reivindicando a instituição do *Dia do Imigrante*, porém, não em 25 de Julho, mas

⁴⁷¹ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 19 jul.2005.

⁴⁷² Cidade serrana do estado do Rio de Janeiro que conta com uma população de 173 mil habitantes.

sim como 4 de novembro, data em que, no ano de 1819, chegaram ao Brasil, no Rio de Janeiro, os “verdadeiros primeiros imigrantes dirigidos”, conforme consta no documento, vindos da Suíça (WEBER, Roswithia, 2004).

Recentemente, a disputa envolve, de certo modo, as mesmas regiões, pois foi com a iniciativa de intelectuais de São Leopoldo que se cristalizou o 25 de Julho como data local, chegando a ser feriado estadual em 1934 e estando até hoje demarcado como Dia do Imigrante no calendário nacional. A reivindicação de São Leopoldo frente às disputas trata de garantir a manutenção do título. Se, na década de 1950, Nova Friburgo estava também como centro das disputas, a questão era no sentido do reconhecimento da imigração suíça, e não como é postulado no presente momento. Cabe observar que foi nesse elemento da história que Nova Friburgo demarcou a identidade local, explorando o turismo com o mote da presença suíça, apesar de as informações indicarem que para lá foi um contingente diverso, composto por várias nacionalidades (CARNEIRO, 2000).

As reações em São Leopoldo atingiram várias esferas. Como era de se esperar, o museu, como local que, ao longo de sua institucionalização, se posicionou como responsável pela história da imigração⁴⁷³, foi procurado pela imprensa. Seu diretor, Telmo Lauro Müller, manifestou-se acerca do tema, justificando a legitimidade do título “Berço da Imigração Alemã” para São Leopoldo. Diferentemente do que ocorreu em Nova Friburgo, aqui no Rio Grande do Sul houve comoção nacional com a chegada dos alemães. Müller utiliza o argumento que outro historiador local⁴⁷⁴ classificou de “critério qualitativo” para discutir a polêmica: “[...] partiria do pressuposto da importância ou do significado histórico que os diversos grupos de imigrantes alemães tiveram na evolução e consolidação social, política,

⁴⁷³ Como tal é referência não só na cidade, como também na região quando se trata de estudos sobre imigração e de genealogia.

⁴⁷⁴RAMBO, Arthur Blásio. *Polêmica Friburgo*. Disponível em <<http://www.museuhistoricosl.com.br/index.cfm>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

econômica, religiosa e cultural das regiões onde foram assentados”. Esse critério, por sua vez, tiraria do páreo⁴⁷⁵ locais que poderiam reivindicar o título de berço, pautados pelo critério cronológico. A partir desse critério, quem teria legitimidade na discussão seria, conforme Dreher (2006), Vila Viçosa da Madre de Deus, no atual estado do Amapá; na seqüência, Leopoldina e Frankental, localizadas em São Jorge dos Ilhéus. Dreher, professor de uma universidade regional, faz essas considerações, tendo sido chamado para mediar a polêmica, tal como o historiador Rambo⁴⁷⁶.

Mas o que mais interessa para o tema deste capítulo é como a administração pública participou do debate. Se várias ações no âmbito de algumas esferas governamentais tinham como preocupação desvincular a cidade da marca de ser exclusivamente alemã, poder-se-ia pensar que a discussão seria um fator que permitisse pautar até de modo mais seguro a implementação de ações de inclusão de outras etnias no processo de construção da identidade cultural local. No entanto, o que efetivamente ocorre é a ação da municipalidade no sentido de assumir a polêmica, que foi tomando projeção nacional à medida que era veiculada em diferentes meios. Assim, a projeção pública do debate permite que a administração lucre com sua visibilidade. Pode-se ver que a municipalidade pauta o seu discurso de acordo com as conjunturas, e, nesse momento, o discurso em torno da afirmação da cidade como alemã fez-se oportuno. Outro aspecto a ser considerado nesse cenário diz respeito ao fato de a municipalidade assumir a polêmica⁴⁷⁷ que, num primeiro momento, esteve no âmbito do

⁴⁷⁵ Entenda-se que os demais envolvidos na discussão historiográfica não estão efetivamente na disputa.

⁴⁷⁶ Rambo (2006) posiciona-se da seguinte forma: “uma análise objetiva mostra que uma disputa neste nível só prejudica a recuperação e a preservação da memória e do legado dos imigrantes alemães. Envolver-se nesta polêmica consome energias e tempo precioso além de criar animosidade entre os que estudam a imigração alemã. [...] considerando estes fatos, não seria mais sensato arquivar a disputa pelo título de ‘Berço da Imigração Alemã’ e optar por ‘Berços’ regionais ou estaduais. Deixar para os simpósios, congressos, jornadas, seminários, dissertações, teses, etc... os assuntos que de fato merecem atenção” (RAMBO, 2006). Também Dreher fez afirmações nesse sentido. Em entrevista no Programa Gaúcha Hoje, da Rádio Gaúcha AM 600, de Porto Alegre, falou que “a discussão não leva a nada”.

⁴⁷⁷ Em entrevista ao presidente do Museu, José Carlos Eggers (2006), questioneei se, diante da polêmica, a municipalidade havia procurado o museu, o que não se processou, conforme Eggers.

Museu, que foi procurado pela imprensa. A municipalidade assumiu, então, o papel de defender para São Leopoldo o título de Berço da Imigração Alemã no Brasil⁴⁷⁸.

Ao invés de o Museu ser o esteio para a questão, a administração tem como parceiro o deputado federal e vice-líder do governo na Câmara, Beto Albuquerque (Partido Socialista Brasileiro-RS). O passo-fundense agrega-se à disputa, talvez por dois motivos que concorrem: o vice-prefeito de São Leopoldo, Alexandre Roso, é também pessebista; por outro lado, Albuquerque é candidato à reeleição para o cargo de deputado federal. Este protocolou um projeto de lei na Câmara Federal em maio, mesmo mês em que a polêmica veio à tona. Esse Projeto tem como introdução: “confere ao município de São Leopoldo o título de ‘Berço da Colonização Alemã no Brasil’”⁴⁷⁹. Segue, mais adiante, o argumento para a solicitação:

A notável contribuição dos imigrantes alemães na economia, na cultura, no esporte, no lazer, não poderia ficar apenas nos registros escritos. Era necessário visualizar essa presença através de um Museu que, em sentido amplo, deveria ser uma casa de cultura, uma casa de estudo, uma casa-escola. Essa proposta encontrou eco em toda a antiga Colônia Alemã de São Leopoldo e dez municípios que apoiaram a idéia. Foi assim que, no dia 20 de setembro de 1959, o Museu foi fundado como sociedade civil, cultural, sem fins lucrativos. O Museu Histórico de São Leopoldo, repositório de boa parte dessa saga que beneficiou o Rio Grande.

O Museu entra, então, em cena, para sua própria surpresa⁴⁸⁰. Ou seja, fica reafirmado que a defesa da identidade ligada à identidade étnica alemã não teve co-participação do museu nessa situação. O argumento mostra o reconhecimento ao espaço do Museu como o legitimador da identidade alemã na região, e é ele que será o parceiro indireto nessa afirmação.

⁴⁷⁸ Esse título não parece ter sido utilizado com vigor na identificação de São Leopoldo. Isso é dito aqui com base nos estudos realizados sobre a demarcação da identidade de São Leopoldo em termos locais e regionais. De modo geral, o título “Berço da Imigração Alemã” era antes acompanhado de adjetivo indicativo de regional. Possivelmente, a existência de uma historiografia nacional, bem como de um discurso oficial, reitera a idéia do “nacional”.

⁴⁷⁹ Projeto de Lei N° 7.022/06. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

⁴⁸⁰ Para própria surpresa porque a presidência soube do argumento utilizado pelo deputado por intermédio desta pesquisadora.

O outro argumento que justifica a solicitação parece ser menos consistente: “em homenagem a estes imigrantes, que se fixaram e construíram sua história em São Leopoldo, no dia 25 de julho de 1824, e em sintonia com o que dizem os livros de história (sem nunca serem contestados), apresento o presente projeto de lei para conferir ao município este título simbólico-cultural de ‘Berço da colonização no Brasil’”. Até o presente momento, não se tem o resultado dessa solicitação, no entanto, cabe assinalar que o seu sucesso ou insucesso por certo independe do respaldo acadêmico.

Desse modo, pode-se crer que essas discussões influenciaram a formatação das festividades do 25 de Julho deste ano, tanto na sua programação, quanto em ações de embelezamento da cidade. Nesse sentido, praticamente do dia para a noite surgiu um canteiro de flores que lembra o estilo enxaimel central na entrada da cidade⁴⁸¹.

O episódio da disputa entre São Leopoldo e Nova Friburgo reforçou a necessidade de demarcar nos festejos traços da história ligada à imigração, embora apresentando cautela com relação ao contexto. Um folheto turístico da cidade, distribuído nas comemorações deste ano, tem como título: “São Leopoldo: Berço de muitas histórias”. Essa nova forma de “berço”, em parte, provém do receio de demarcar a cidade como berço da imigração alemã no Brasil; por outro lado, sugere a intenção de legitimar a participação de outros grupos na construção do município. Abrindo-se o folheto, pode-se entender a fala mais como uma cautela com relação às discussões de Nova Friburgo versus São Leopoldo: “a história da cidade se confunde com a história de um povo que não mediu esforços para tornar esta terra um lugar de oportunidades. Berço da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul [...]”⁴⁸². Do discurso acima destacado, presente no folheto turístico, o discurso enaltecido que enfatiza a bravura parece sobreviver

⁴⁸¹ Essa obra foi surpresa até mesmo para alguns gestores do município. O que certamente é normal, dado que, na esfera política, deve ser difícil estar a par das ações de todas as secretarias. Mas, o que é importante ressaltar, é que essa obra foi vista com discordância por parte de alguns, isso dito com base em entrevistas realizadas.

⁴⁸² São Leopoldo: Berço de muitas histórias. (SEMEDES, Administração Popular).

às tensões e repetir discursos das décadas anteriores. Esse aspecto é favorecido pelo cenário de disputa entre São Leopoldo e Nova Friburgo, em que a valorização dos alemães deixou o discurso do “múltiplo” em segundo plano.

A programação da festa destinou um espaço para a discussão da polêmica⁴⁸³, publicizando ainda mais o tema, trazendo mais uma dificuldade àqueles que se apropriam ou são incumbidos do papel de esclarecer os fatos. Tais indivíduos não são necessariamente historiadores, mas agentes da municipalidade.

As palavras de uma jornalista da cidade permitem mostrar esse quadro quando ela fala da insatisfação de alguns frente às dimensões de festa popular que a *São Leopoldo Fest* tomou:

São Leopoldo Fest. A magia da gastronomia, dos trajes típicos, da mistura das apresentações culturais, o desfile, o chope, a cerveja, o cachorro-quente, o pastel e o churrasquinho são exemplos da festa. Mesmo que tudo isto esteja misturado e representando povos diferentes. Isto é diversidade cultural. Isto que é verdadeiramente popular. E não me venham os pesquisadores com suas críticas sobre a verdadeira história de São Leopoldo. Afinal, eu aprendi que lá pelas terras da Feitoria, quando ainda não tinha alemão, já tinha negro, índio, português e todos mais que construíram uma história [...]⁴⁸⁴.

Vêm-se presentes nessa fala vários elementos que reeditam questões discutidas anteriormente ou mesmo que serão posteriormente analisadas. Neste momento, quer-se reter a fala dirigida a pesquisadores que, sob o pretexto de contarem o que seria a verdadeira história,

⁴⁸³ Trata-se do *Espaço pensamento*, que conta com um miniauditório onde diferentes temáticas foram debatidas na *São Leopoldo Fest*. No dia 22 de julho, o tema proposto foi justamente a questão de São Leopoldo e Nova Friburgo.

⁴⁸⁴ DILLENBURG, Ângela. Fest em São Leopoldo. *Jornal VS*, p.4, 18 jul. 2006.

ignoram os demais grupos da cidade⁴⁸⁵.

O contexto das discussões no espaço da festa traz o contraditório para a discussão historiográfica, pois o momento presente exige que, ao mesmo tempo em que se afirme São Leopoldo como berço da imigração alemã⁴⁸⁶, se faça o reconhecimento da cidade como tendo anteriormente outras etnias⁴⁸⁷; nesse sentido, tanto historiadores quanto agentes da municipalidade e o público parecem assumir posições confusas em relação à problemática, que muitas vezes parece não estar clara num contexto em que muitas discussões vinham demarcadas pela oposição entre as coisas ligadas à herança alemã e a proposta de incluir outras etnias.

⁴⁸⁵ A “Casa da Feitoria” é o elemento simbólico que aparece para restituir a legitimidade de portugueses e negros na história de São Leopoldo. No contexto local recente, a mudança do estilo arquitetônico dessa Casa passou a ser vista como uma ação maquiavélica por parte dos descendentes de alemães a fim de apagar a memória desses grupos. É interessante observar que, possivelmente, diante das dimensões que o tom de denúncia nesse debate tomou, a imprensa local costuma referir-se à Casa situando suas origens: “a Casa do Imigrante, ao contrário do que muitos pensam, inicialmente era um galpão, no estilo arquitetônico das feitorias construídas pelos portugueses. Daí o nome Feitoria. Somente em 1941, época em que a casa já pertencia à Prefeitura de São Leopoldo, foi realizada uma restauração. Nela, o arquiteto Theo Wiedersdahn resolveu “germanizar” o patrimônio público, com o estilo enxaimel”(Disponível em: <<http://www.sinos.net>>. Acesso em: 25 jul.2006). Essa posição aponta para um movimento presente na cidade no sentido de enquadrar a memória social em outros termos. Nesse sentido, podem-se referir ainda outras situações em que o discurso que construiu a identidade local, garantindo aos alemães a posição de legítimos donos da cidade, vem sendo posto em questão. Um relato de uma pessoa que assumiu um alto posto no município parece significativo no sentido de se observar o impacto da construção de uma história epopéica da colonização: “nunca esqueço de uma vez que veio para cá o presidente da Alemanha e deu um discurso falando das penúrias que os alemães que vieram para cá passaram lá na Alemanha e aqui foram bem recebidos. Tu vê, ignorância minha, a gente não lê muito, depois de muito tempo, fui saber por que eles saíram de lá. Daí a minha relação com o Telmo mudou. Porque sempre me senti devedor; a partir daquele discurso, passei a me sentir credor”. É interessante observar que o “discurso da epopéia da colonização” se propagou de tal forma que quem não fosse descendente de alemães podia se sentir “devedor”, como aponta o relato acima. Cabe observar a referência a Telmo Lauro Muller, que, desde a fundação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, tem atuado como agente da autoglorificação da presença alemã na cidade. Pode-se lembrar aqui também de um episódio presenciado por esta pesquisadora num simpósio de imigração alemã realizado em São Leopoldo na década de 1990, promovido pelo Instituto Histórico, este vinculado, por sua vez, ao MHVSL. Qual não foi o constrangimento de alguns quando, numa palestra, um representante da Alemanha foi categórico na afirmação de que a Alemanha não estava interessada nos descendentes de alemães que estão no Brasil. Assim, vê-se que, no plano coletivo ou individual, o discurso popularizado vai sendo desconstruído.

⁴⁸⁶ O que fica na linha do que a jornalista identifica nos pesquisadores que dizem portar a “verdadeira história”.

⁴⁸⁷ A exigência implícita feita aos historiadores e demais que debatem o tema é levar em conta “a outra história” que integra outras etnias que chegaram a São Leopoldo antes dos alemães. Trata-se de um momento em que o passado abrangido pelos historiadores se vê na condição de reconhecer as novas circunstâncias. Conforme Hobsbawm (1998): “em toda sociedade, a abrangência desse passado social formalizado depende, naturalmente, das circunstâncias”.

A expressão cultural dos alemães torna-se importante para a representação pública no âmbito externo, enquanto internamente ainda há uma tensão, pois são feitas algumas exigências para que essa identidade possa incorporar, no âmbito local, identidades distintas.

7.5 Encontros Culturais nas comemorações do 25 de Julho

Numa edição de um jornal local, por ocasião das comemorações em torno do 25 de Julho, a cidade é assim falada:

Uma cidade que faz questão de ressaltar seu parentesco europeu mas tem um pé tão enraizado na África quanto o resto do Brasil. A música no sistema de som instalado era de marcação germânica. Mas para comprovar que a cidade tem outras etnias, no Rio Bar o samba marcou outra tradição de vários anos. Ali o batuque de roda estava animado e o samba era aberto a todos. No outro lado da cidade em frente ao Ginásio de Esportes, o som era radicalmente internacional. No 1º Protesto Street Skate ... rolou som pesado, trash metal e hard rock⁴⁸⁸.

É desfeito aí o estereótipo da cidade alemã, fruto não somente de quem olha de fora, mas da própria cidade, de dentro. Essa cidade integra o Brasil, portanto, comporta não só o que diz respeito às expressões da germanidade, como também o “batuque”, restrito ao espaço do Rio Bar⁴⁸⁹, na outra ponta da cidade. Também os jovens integram essa cidade, e as expressões culturais são múltiplas.

A seguir, considerando diferentes momentos, analisam-se os encontros culturais das comemorações do 25 de Julho na cidade de São Leopoldo, que, em alguns momentos, tendem ao hibridismo, como resultado de múltiplos encontros (BURKE, 2003).

⁴⁸⁸ Matéria assinada por Carlinhos Santos no *Jornal VS*, São Leopoldo, p.6, 13 jul. 1992.

⁴⁸⁹ Esse bar ocupava um lugar de destaque na cidade, na esquina da rua principal, Independência ou Rua Grande, como é conhecida, e a Lindolfo Collor. Nos sábados, havia a roda de samba, o que foi tradição até recentemente, quando esse espaço foi vendido, passando a ser uma cafeteria e tortaria, dando lugar a um público diferente.

Em 2005, não houve a segunda edição da *Feito Fest*, festa mencionada anteriormente, que ocorreu no Bairro Feitoria, paralelamente à *São Leopoldo Fest*. No entanto, houve a *Fandankerb*⁴⁹⁰: “é uma mistura das culturas gaúcha e alemã”, conforme informa Armindo Gallas⁴⁹¹, presidente da comissão que organizou o evento e patrão do Conselho Leopoldense de Tradições e Cultura Gaúcha (CLTG). Galla afirmou, ainda, que a *Fandankerb* é uma extensão da *São Leopoldo Fest* no bairro Feitoria, estando em acordo com a descentralização das atividades culturais. A gestão do PT apoiou o evento. Apesar de esse evento ocorrer no mesmo bairro onde foi realizada a *Feito Fest*, ou seja, o bairro Feitoria, nesse contexto, ele não se configura como uma manifestação de protesto. Como ficou evidente em algumas entrevistas, a própria intenção da prefeitura de apoiar esse evento foi no sentido de desmobilizar qualquer oposição. Não se vê a mobilização da comunidade, tal como em 2004, o que pode ser atribuído ao fato de que, naquele momento, a conjuntura era de campanha política. Pode-se pensar, com isso, que a manifestação daquele ano canalizava os interesses da população do bairro, propondo-se uma festa em que a expressão cultural tivesse espaço. Já em 2005, com a administração popular e a implementação de uma política de descentralização da cultura, não havia razões para manifestações no sentido de oposição.

O Bairro Feitoria apresenta forte presença da cultura gaúcha, daí se entende o nome da festa, que incorpora o Fandango com o Kerb. Nos festejos do presente ano, a festa contará com apresentações de danças dos CTGs, *shows* musicais e cavalgada. Se hoje essa relação não é problemática – no máximo, motivo de estranhamento frente à mistura –, no contexto das discussões na cidade na década de 1960, a força das tradições gaúchas no município foi alvo de críticas, conforme se viu no terceiro capítulo.

⁴⁹⁰ O neologismo teria sido cunhado pelos tradicionalistas gaúchos Barbosa Lessa e Paixão Cortes para designar a junção do fandango com o *kerb* (ÁLBUM, 1974).

⁴⁹¹ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 19 jul.2005.

A presença de aspectos da identidade regional nos festejos do 25 de Julho passou a ser mais marcada especialmente a partir do pós Segunda Guerra. Trata-se aqui, por certo, da incorporação de representações da cultura regional contextualizada no período da nacionalização, adesão estratégica⁴⁹², conforme explica Weber (2004, p.9): “a adesão a representações regionais por parte das áreas imigrantes certamente era menos constrangedora que a obrigação quase policial de adesão ao nacional”.

Antes de se incorporarem outras etnias, processo mais recente, a formatação da festa foi modificada em termos de adequação a uma demanda de participação popular, quando ocorrem *shows* visando a atrair um público diverso. Isso pôde ser observado no ano de 1990, quando ocorreu um *show* de lambada⁴⁹³, ritmo que estava em evidência. No entanto, nos anos que se seguiram, as festas mantiveram-se sem incorporar manifestações mais abrangentes que incluíssem o que se pode considerar como “gosto popular”.

A partir de 2000, apresentações musicais de destaque nacional passaram a estar presentes. Com o passar dos anos, vê-se a inclusão, ao lado das danças folclóricas alemãs, de outras atrações nesse evento, tais como: danças modernas, dança do ventre, *jazz*, apresentação de coral ligado a entidades italianas e espanholas, dança flamenca, grupos de capoeira, axé, danças gaúchas⁴⁹⁴. Na edição de 2002, a festa contou com a participação de escolas carnavalescas de São Leopoldo, com a entrega dos destaques do carnaval 2002⁴⁹⁵. Apesar das apresentações de diferentes manifestações, a festa refere-se ao 25 de Julho, e os próprios discursos reafirmam o objetivo do evento. Conforme o então prefeito da localidade, Waldir Schmidt, “o objetivo da *São Leopoldo Fest* 2002 é preservar os valores positivos deixados

⁴⁹² Ruben Oliven (1992) aborda essa questão.

⁴⁹³ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.3, 21 e 22 jul. 1990.

⁴⁹⁴ Programação São Leopoldo Fest 2001. Acervo do MHVSL.

⁴⁹⁵ Programação São Leopoldo Fest 2002. Acervo do MHVSL.

pelos antepassados e contribuir para que as novas gerações aprendam com as lições deixadas por eles”⁴⁹⁶.

Atualmente, segue-se o mesmo padrão. A inclusão de outras manifestações culturais da cidade tem obtido maior evidência não só no sentido de contemplar apresentações culturais de outros grupos, em especial, de afro-descendentes, *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT), como também para promover a discussão acerca dessa inclusão.

Os desfiles que ocorrem ao longo dos anos na *São Leopoldo Fest* têm como mote a história da imigração alemã. Desde 2005, ou seja, a partir da administração do PT na cidade, firmou-se um projeto que estabelece um convênio com a Associação das entidades dos carnavalescos para que a decoração dos eventos da cidade, inclusive na *São Leopoldo Fest*, seja feita por esse grupo⁴⁹⁷. Assim, cabe a eles organizar o desfile a partir de um tema apresentado pela Secretaria de Cultura. Conforme informa um entrevistado, a idéia da decoração é ter em vista que “se trata de uma festa alemã dentro do Brasil, em São Leopoldo, não é uma festa da Alemanha, ou seja, não é para encher a cidade com bandeiras da Alemanha”. O desfile de 2006 foi assim descrito por um veículo da imprensa local: “durante o desfile, o ontem e o hoje dividiram espaço. O som da tradicional bandinha cedeu espaço em alguns momentos ao samba do Império do Sol. Coreografias de danças alemãs também se misturam a acrobacias de atletas e movimentos de capoeira”⁴⁹⁸. A intenção de integração social está também presente nas falas do secretário de cultura (“foi dada uma amostra de participação e integração da sociedade leopoldense”⁴⁹⁹) e do prefeito (“esta é uma grande

⁴⁹⁶ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.17, 15 jul.2002.

⁴⁹⁷ Anteriormente, esse trabalho era feito por serviços terceirizados, e os carnavalescos só atuavam na decoração da cidade no carnaval. Conforme o entrevistado, a medida trata da inclusão social, dado que houve geração de empregos para o grupo dos carnavalescos.

⁴⁹⁸ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.5, 17 jul. 2006.

⁴⁹⁹ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.5, 17 jul. 2006.

atividade de integração social”⁵⁰⁰). A festa passa a incluir um novo repertório temático à medida que é apropriada por diversos grupos.

Outra presença na *São Leopoldo Fest* deste ano foi a da comunidade de *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT). A presença desse grupo efetivou-se também com uma oficina sobre gênero e diversidade sexual que foi oferecida durante a festa, tendo a promoção de Apoio, Solidariedade e Prevenção à Aids (ASPA). Conforme informação da ASPA: “o objetivo da oficina é dar continuidade ao processo de discussão que está acontecendo nas diversas atividades de preparação da 2ª Parada Gay de São Leopoldo”⁵⁰¹. Essa parada está prevista para o dia 30 de julho e foi antecedida por movimentos que dão visibilidade à comunidade GLTB na cidade: foi realizado um seminário, intitulado Cidadania GLTB, e também lançado um projeto de lei, da vereadora Ana Affonso, propondo a inclusão, na lei orgânica do município, do item “Orientação sexual e identidade de gênero”, que proíbe qualquer tipo de discriminação e estabelece punições a discriminações com relação à orientação sexual ou identidade de gênero⁵⁰². Esse projeto foi aprovado por unanimidade pelos vereadores no dia 11 de julho do presente ano.

A inclusão de gênero e raça demarcando o pertencimento de outros grupos à cidade faz-se presente nas comemorações do 25 de Julho, que parece ser o momento mais apropriado para tal no viés da administração municipal. No entanto, paralelamente ao aspecto harmônico que essas manifestações parecem deixar transparecer, há comentários carregados de incompreensões que pululam na cidade, em especial, por ocasião da festa. Alguns manifestaram a desconfiança com relação à opção sexual do prefeito do município, que tira fotos com representantes do movimento GLBT durante a *São Leopoldo Fest*, outros

⁵⁰⁰ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.5, 17 jul. 2006.

⁵⁰¹ Disponível em: <<http://www.paradagaysaoleo.com.br/#>>. Acesso em: 21 jul.2006.

⁵⁰² Disponível em: <<http://www.paradagaysaoleo.com.br/#>>. Acesso em: 21 jul.2006.

questionam o fato de a rainha da imigração não ser loira⁵⁰³. Em uma notícia intitulada “São Leopoldo Fest, sua rainha é morena”⁵⁰⁴, o secretário da cultura explicou que a candidata selecionada, Gisele da Silveira, foi eleita por unanimidade por um júri e ressaltou que a festa é aberta, tendo como proposta a inclusão, e não a discriminação. A notícia informa, ainda, que há uma preparação da rainha e das princesas no sentido de apropriá-las da história de São Leopoldo e da imigração alemã, através de conversa com historiadores, visita a pontos turísticos e indicação de bibliografia sobre os temas⁵⁰⁵. Tal preparo certamente também é necessário a candidatas loiras, porém, nesse contexto, faz-se necessário justificar que não há problemas em torno da opção feita.

Mais um exemplo relativo à questão do pertencimento étnico, tal como é representado na cidade, pode ser destacado. Um jornalista parece sensível a essa questão quando narra um episódio:

No palco armado na rua Presidente Roosevelt vários grupos de dança fizeram apresentações. Numa das tendas o senhor Olinto Vargas, [...] exibiu com orgulho um centenário gramofone que ainda funcionava. Ele vacilou entre dizer-se “alemão” ou “brasileiro”. Mas no final concluiu que era mesmo capilé, “o nome de um antigo refresco que era fabricado na cidade”⁵⁰⁶.

O personagem em questão, através do objeto que porta – “objeto portador de tempo” (LE GOFF, 1996) –, expressa o sentimento de querer compartilhar de um mesmo universo simbólico que os descendentes de alemães. Tal qual a rainha morena, quer pertencer ao grupo étnico alemão, o que não é contraditório, levando-se em conta a dimensão política da etnicidade⁵⁰⁷.

⁵⁰³ Até então, as rainhas eram loiras.

⁵⁰⁴ O termo “morena” não é usado pejorativamente. A rainha tem cabelos e olhos escuros.

⁵⁰⁵ Disponível em: <<http://www.vivasaoleo.com.br/noticias/visualizar.asp?cod=461>>.

⁵⁰⁶ *Jornal VS*, São Leopoldo, 13 jul. 1992.

⁵⁰⁷ Nesse sentido, considerando as teorizações de Barth (1998).

No conjunto das entrevistas e das próprias ações da administração local, pode-se perceber que não há discordância com relação à inclusão, seja de gênero ou racial. As controvérsias surgem com relação à forma.

O entrevistado Gilberto Silveira, responsável pela Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (COMPPIR) no município de São Leopoldo, ao abordar as manifestações de afro-descendentes na cidade, posiciona-se:

Podemos chegar num patamar em que se decida: vamos fazer uma festa só [...]. Mas é diferente os alemães comemorarem as suas raízes, [e] os afro-descendentes comemorarem. Porque os afro-descendentes devem fazer uma recuperação, um regate da história, uma revalorização, uma valorização [...]. O objetivo de se fazer uma festa da consciência negra é diferente [...]. O momento é de resgatar, não em oposição à imigração alemã ou outra cultura qualquer, mas talvez o que se pode questionar e criticar é que essas culturas não podem ser hegemônicas, [...] não podem existir como se elas fossem o ideal [...]. É isso que se tem que desconstruir; mas não tirar o direito, por exemplo, de reverenciar, porque, afinal de contas, são mesmo descendentes de europeus [...]. O problema é essas culturas tentarem ou buscarem ser o ideal ou superiores a outras culturas que não são.

Gilberto aponta a especificidade do percurso de manifestação dos afro-descendentes como diferente das manifestações étnicas de grupos descendentes de europeus. No cenário dos debates na cidade, localiza questões centrais do que identifica como problemático na demarcação identitária da cidade.

Várias são as percepções sobre esse cenário, em que a imagem cristalizada da cidade em torno da etnicidade alemã, resultado de construção, é posta em questionamento, o que muitas vezes é traduzido por prática efetiva no sentido de legitimar outros grupos no espaço da cidade. Em geral, as mudanças na forma da comemoração do 25 de Julho são identificadas pela oposição à administração local, como sendo “coisas do PT”. Por outro lado, a maior parte dos defensores da inclusão identifica as reações como advindas de germanófilos. Independentemente de se compreenderem as dimensões do processo, o fato é que, com o tempo,

as inserções que agora se operam possivelmente estarão cristalizadas na festa, sem que isso, no entanto, desfaça as ambigüidades em questão, como analisa Elisabeth Canun (2003, p.128) ao estudar os processos de identificação em Cartagena, que aparecem num quadro de ocultamento: “[...] por trás do híbrido moderno, da fusão e do sincretismo, portador de certa modernidade do indivíduo – a recorrência das diferenciações raciais e dos antagonismos sócio-econômicos; [...]”. Assim, tomando-se as categorias da autora, pode-se ver que, ao lado do híbrido e do híbrido moderno, se tem o crítico do hibridismo. Dentre tais categorias, pode-se arriscar dizer que se enquadram, em alguns casos, os propagadores da homogeneização da etnicidade alemã⁵⁰⁸.

Em todo caso, não há como fugir da questão que se coloca, equivocadamente ou não. A questão da identidade cultural de São Leopoldo constituída como um problema está posta⁵⁰⁹.

7.6 Multiculturalismo e Políticas Culturais

Em 2005, entre 15 e 20 de novembro, no Largo Rui Porto, junto ao Ginásio Municipal Celso Morbach, foi realizada a Semana da Consciência Negra⁵¹⁰, tendo como programação: seminários, oficinas, *shows*, exposição de artesanato e culinária afro. Ao ser

⁵⁰⁸ Não se quer aqui colocar esse grupo como unicamente composto por descendentes de imigrantes alemães, tampouco indicar os descendentes de alemães como tradicionais. A afirmação acima pauta-se em observações realizadas no desenvolvimento desta pesquisa.

⁵⁰⁹ Cabe destacar as palavras do jornalista, publicadas no *Jornal VS*, São Leopoldo, p.6, 13 jul. 1992: “resgatar a identidade cultural de uma comunidade é um desafio. Até por descobri-la bem maior e infinitamente diferente do que define o jargão intelectual do dia a dia. Nesta falta de identidade geográfica, nesse desenraizamento cultural talvez esteja uma pista para a retomada da identidade dos leopoldenses. Então poderá unir todos os grupos. Num aqui e agora bem mais verdadeiro e fortalecido”. Não se sabe exatamente o que o jornalista, Carlinhos Santos, está criticando, no entanto, pode-se inferir que se coloca numa disputa pela palavra qualificada que tem como oposto a sua posição de jornalista, o intelectual.

⁵¹⁰ A escolha dessa data não foi por acaso: o dia 20 de novembro passou a incorporar o calendário nacional, a partir da movimentação nesse sentido do movimento negro, como o Dia Nacional da Consciência Negra. Nesse dia, no ano de 1695, Zumbi, considerado o líder do Quilombo dos Palmares, foi morto em uma emboscada na Serra Dois Irmãos, em Pernambuco.

questionado sobre o público presente no evento, o titular da Coordenadoria Municipal de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial (COMPPIR)⁵¹¹, Gilberto Silva da Silveira, respondeu: “atingimos a meta principal, que é proporcionar a visibilidade do negro na cidade”⁵¹².

Segundo o informante Silveira (2006), um evento desse porte ou maior ocorreu na Serra da Barriga, em Alagoas, no local onde foi o Quilombo dos Palmares. O orçamento para a festa esteve em torno de 250.000 reais, sendo que destes, 130.000 reais eram verba municipal, e o restante veio de fora: da Eletrobrás e do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Outro aspecto destacado foi o das dimensões físicas do evento, que contou com 6.000 m², ao passo que a *São Leopoldo Fest* ocupou 8.000 m².

A visibilidade da comunidade negra, que perfaz aproximadamente 10% da população local⁵¹³, teve já destaque numa caminhada pela rua principal da cidade, a Rua Independência, para divulgar a Semana da Consciência Negra⁵¹⁴. Os organizadores informaram assim os propósitos do evento:

Pela primeira vez, em mais de 180 anos de história, os leopoldenses têm um espaço de 6 mil metros quadrados para reverenciar a cultura afro. Mas a idéia dos organizadores não é transformar o evento em palco de reivindicações. O titular da Coordenadoria Municipal de Igualdade Racial, Gilberto Silveira, e o sociólogo César Nascimento Moura definem o evento como uma combinação de reflexão e de comemoração⁵¹⁵.

O evento teve repercussão tanto na cidade, quanto na mídia local e regional – “isso mexeu, incomodou”, conforme relatou Silveira. Conta ele que houve críticas diretas ao

⁵¹¹ Essas ações em termos locais estão em consonância com as políticas nacionais que visam a assegurar direitos culturais a grupos historicamente alijados, como negros e índios. Em 9 de janeiro de 2003, foi publicada a lei N.º 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira. O governo nacional criou vários organismos para implementar essa lei e discutir questões em âmbito nacional.

⁵¹² *Jornal VS*, São Leopoldo, p.9, 21 nov. 2005.

⁵¹³ IBGE Censo 2000.

⁵¹⁴ *Jornal VS*, São Leopoldo, 12 nov. 2005.

⁵¹⁵ Disponível em: <<https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

prefeito Ary Vanazzi com relação ao evento, por ele estar “estragando a cidade ao promover eventos desse tipo”. Ou seja, o evento foi entendido por alguns como objeto de depreciação da cidade, uma ameaça à *imagem* de São Leopoldo. Gilberto relatou que, na época, o próprio prefeito, em pronunciamento no final do evento, se referiu a essas críticas.

Em notícia divulgada no *site* da prefeitura no dia seguinte ao encerramento do evento, portanto, no dia 21 de novembro, lê-se:

Vanazzi assegurou que a cidade não será mais a mesma após o seu mandato. “São Leopoldo vai ser de todas as etnias e saberá respeitar as diferenças”, disse. Ele explicou que o maior desafio é romper com os preconceitos. Afirmando que a abertura da semana é um momento histórico para a cidade, o prefeito destacou que o evento não é apenas uma festa para comemorar, mas para debater e refletir a importância da presença do negro na sociedade⁵¹⁶.

Pode-se observar que o prefeito aborda a questão, trazendo a polêmica para o âmbito do evento, de modo que se pode entender a ampla dimensão que as tensões tomam em nível local. Se, em momentos anteriores da história local, o oportunismo político tomava como central a especificidade étnica alemã, agora, o oportunismo político é instrumentalizado a partir do discurso do multiculturalismo⁵¹⁷.

A situação de críticas ao prefeito, sem dúvida, demarca posturas de preconceito e exclusivismo que certamente têm como base a eficácia de um imaginário que, ao longo dos anos, foi reforçado na cidade. Até então, manifestações opostas a esse imaginário eram tímidas. Gilberto avalia que essa atitude se dá apesar de haver poucos alemães de fato na cidade, comparando-se com outras cidades da região: “ficou no imaginário social a imigração alemã, até porque aqui foi aonde eles chegaram”. Mas Gilberto lembra que, antes de esses imigrantes chegarem, já estavam aqui os negros: “quando chegam aqui, [referência aos

⁵¹⁶ Disponível em: <<https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

⁵¹⁷ Em seus estudos sobre Cartagena, Cunin (2003) conclui que esse oportunismo político nem sempre é revertido em votos; antes, é percebido enquanto oportunismo.

alemães] já tem uma coisa construída”. Vê-se que esse discurso é recorrente nas discussões acerca da identidade local.

Um aspecto pontual das críticas ao prefeito foi a utilização do mesmo espaço em que ocorre a *São Leopoldo Fest* para a realização da *Semana da Consciência Negra*. É possível ver aí a necessidade de demarcar fronteiras. O local que apresentava o sentimento de pertença ligado aos alemães agora perdia seu capital simbólico ao ser utilizado para outra manifestação.

Cabe observar que, no ano anterior, em 2004, na gestão do prefeito Waldir Schmidt, houve uma participação tímida da comunidade negra leopoldense na passagem da Semana da Consciência Negra, quando ocorreu o I Encontro de Consciência Negra e foram promovidas palestras no legislativo local⁵¹⁸. Com a gestão do PT, a inserção de movimentos negros locais amplia-se⁵¹⁹.

A mudança da face da cidade passa por outras ações da municipalidade. A administração municipal lançou, em 14 de junho deste ano, o Programa de Descentralização da Cultura, que objetiva “democratizar o acesso da população às manifestações culturais e proporcionar maior visibilidade para os artistas locais. O objetivo é oportunizar o acesso de todos os cidadãos às linguagens artísticas, incentivar manifestações culturais e estimular o diálogo sobre cultura no município”⁵²⁰. Os primeiros passos desse projeto foram dados em 2005, destacando-se que, em algumas assembléias do Orçamento Participativo, o setor cultural conquistou os três primeiros lugares.

⁵¹⁸ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.6, 20 nov., 2004.

⁵¹⁹ No entanto, como afirma Gilberto, a instauração, no governo do PT, de um setor que trata da questão da igualdade racial não foi automática; a pressão do movimento negro teria sido fundamental.

⁵²⁰ Disponível em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/show_page.asp?editorial=Cultura&id_SHOW_noticia=1385&user=&id_CONTEUDO=123&codID_CAT=2&imgCAT=tema_prefeitura.jpg#1>. Acesso em: 07 jul. 2006.

Outras ações nesse sentido são as feiras populares itinerantes que ocorrem a cada dois meses de acordo com as áreas dispostas pelo Orçamento Participativo. Há mostra de artesanato e culinária, sendo que, na feira, somente as regiões daquela área podem comercializar seus produtos. A mesma regra serve para as apresentações de cunho artístico: teatro, música, dança. Essas feiras foram criadas através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social (SEMEDES) a fim de fomentar a economia de cada região do município, mobilizando os pequenos produtores dos setores de artesanato, alimentação, serviços e microempresas⁵²¹. Esse Projeto tem a atuação de várias instâncias do governo, em especial, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social, com o Departamento de Economia Solidária.

Pode-se analisar o contexto de São Leopoldo a partir de uma tendência constatada por Correa (2001), quando este relaciona urbanização e identidade étnica:

Embora as cidades de médio porte, não apresentem a homogeneidade cultural e étnica das pequenas cidades nas áreas de imigração alemã e colonização no Rio Grande do Sul, elas tampouco apresentam um ambiente cultural e etnicamente diverso. O processo de urbanização dessas áreas tende, no entanto, ao multiculturalismo e à composição étnica heterogênea (CORREA, 2001, p.122).

Ou seja, os exemplos aqui trazidos remetem a um contexto onde o multiculturalismo passa a ser visualizado, fazendo com que o cenário cultural local, marcado especialmente pelas expressões da etnicidade alemã, seja diversificado.

Talvez se possa pensar que a ausência de uma Casa de Cultura em São Leopoldo esteja ligada ao fato de as manifestações culturais restringirem-se a grupos articulados em torno de sociedades privadas, geralmente ligadas à descendência étnica alemã. Em 2003, o vereador leopoldense Ronaldo Vieira (PT), inspirado na inauguração de uma segunda Casa de

⁵²¹ Disponível em: <<http://www.vivasaoleo.com.br/noticias/visualizar.asp?cod=241>>.

Cultura em Novo Hamburgo, protocolou um projeto sugerindo ao executivo a criação de um estabelecimento cultural para São Leopoldo que pudesse divulgar “as muitas faces da cidade⁵²²”. Em 1999, foi proposto um projeto de ampliação do teatro municipal, no entanto, não chegou a ser executado. Dado o comprometimento estrutural desse espaço, ele está fechado há oito anos, e recentemente a municipalidade tem buscado recursos para a retomada e efetivação do projeto de reforma e reestruturação⁵²³.

A população indígena bem recentemente passou a ser pensada como componente da cidade. São Leopoldo conta com uma população de cerca de 535 índios⁵²⁴. Um entrevistado, ao ser perguntado sobre propostas da administração sobre a inclusão no âmbito do turismo, destacou: “temos o museu Anchietano, que tem um acervo indígena lindo”. Esse Museu está vinculado à Unisinos e apresenta elementos da presença indígena no RS. Como concepção museológica, não apresenta nenhum trabalho no sentido de ação educativa que integre a população indígena local. A partir da fala do entrevistado, pode-se pensar que o elemento indígena não poderia contar como uma presença ativa no espaço da cidade; assim, a visibilidade desse sujeito dá-se quando ele é colocado no tempo passado. Essa posição está acordante com o que tem sido o tratamento destinado a essa população, instalada nas margens da BR-116, perto da entrada da cidade, onde vivem aproximadamente 70 pessoas. Esses grupos comercializam seu artesanato nas ruas da cidade, e algumas crianças pedem esmolas. Recentemente, a solicitação de um outro terreno por essa comunidade foi atendida pela administração; eles receberão uma nova área no bairro Feitoria⁵²⁵.

Viram-se acima aspectos que apontam, no âmbito local, questões que têm estado na agenda política, tanto no cenário nacional quanto internacional. A incorporação de discussões

⁵²² *Jornal O imigrante*, São Leopoldo, p.3, abr. 2003.

⁵²³ *Jornal VS*, São Leopoldo, 28 de jun. 2006.

⁵²⁴ Dados IBGE Censo 2000.

⁵²⁵ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.7, 13 jul. 2006. A transferência para a nova área deverá levar de 90 a 120 dias, conforme previsão do Secretário Municipal de Habitação, Nelson Spolaor.

sobre multiculturalismo está circunscrita às especificidades locais, apesar de estas nem sempre serem reconhecidas⁵²⁶.

Pode-se pensar que o sentido proposto pelo Projeto Rota Romântica está na contramão do que tem sido debatido no cenário de São Leopoldo. Enquanto a Rota obscurece as diferenças da região, São Leopoldo, localmente, as expõe. As ações da administração têm encorajado a participação e a legitimação de outros grupos numa cidade em que a identidade cultural tem como marca a idéia da homogeneização cultural em torno da confiança na superioridade da cultura alemã. Nesse contexto de ações voltadas às inclusões de gênero e raça, recai sobre os responsáveis pela gestão do turismo a responsabilidade de muitas vezes “provar” que a cidade está ligada historicamente à imigração alemã, a fim de justificar roteiros formatados, o que se pode perceber através de alguns relatos.

Essa necessidade de justificar projetos que tenham, de algum modo, o viés étnico voltado aos alemães parece estar ligada ao fato de aqueles serem entendidos como germanofilia, que, por sua vez, tem como oposto a germanofobia⁵²⁷. Esse aspecto presente na cidade é expresso, com relação a esse último sentimento, por uma jornalista local, descendente de alemães: “afinal, com o Brasil fora da decisão, mas o resto do mundo ligado na Alemanha, nas reportagens publicadas, nas fotos, nas coisas que saíram pela Internet, tudo isso mostrou para muita gente a nova cara de uma mesma Alemanha. Aquela máscara nazista que muitos um dia já me colocaram por ter o sobrenome que tenho, finalmente começou a cair”⁵²⁸. A jornalista relata que esse fato faz com que ela possa comemorar a *São Leopoldo Fest*, assumindo sua identidade sem risco de ser identificada como nazista, sendo que a face da Alemanha apresentada na Copa 2006 contribui para tal.

⁵²⁶ Postura que talvez fosse o melhor caminho para a municipalidade atuar, o que poderia permitir, não como única condição, a melhor condução de políticas públicas, inclusive, minimizando conflitos.

⁵²⁷ Que se configura como uma discriminação positiva (CUNIN, 2003).

⁵²⁸ DILLENBURG, Ângela. Fest em São Leopoldo. *Jornal VS*, p.4, 18 jul. 2006.

Ainda outros aspectos apresentados pela jornalista em sua coluna apontam para a privação, em alguns momentos, da possibilidade de identificar-se como descendente de alemães. Weber (2004), ao analisar a maior visibilidade dos “italianos” no Rio Grande do Sul no contexto atual, identifica um “panitalismo” cultural que é simpático à conjuntura multiétnica. Já com relação à Alemanha, a autora pontua: “há circunstâncias que extrapolam a conjuntura de guerra e que não deixaram de ter efeitos sobre os imigrantes e seus descendentes no Brasil: a condenação internacional ao nazismo e à qualquer política ‘pangermanista’” (WEBER, REGINA, 2004, p.11). A partir dessas considerações, pode-se entender a situação de constrangimento vivenciada pela jornalista.

As tensões vistas no terreno da cultura e, mais especificamente, no campo turístico em São Leopoldo não fizeram com que o elemento étnico fosse excluído como uma estratégia de promoção. O diferencial étnico, tal como o que fora apresentado por Germano Moehlecke na década de 1950, quando ele propunha a criação de um museu e o revigoramento das comemorações do 25 de Julho como uma forma de atrair turistas, como se viu no terceiro capítulo, continua presente nas ações da municipalidade. Várias iniciativas têm se dado nesse sentido.

Está prevista a construção de uma casa em estilo enxaimel, “realmente construída em estilo enxaimel”, como relata um entrevistado, a fim de demarcar o início da Rota Romântica, que é em São Leopoldo. Um outro exemplo está ligado a uma iniciativa recente, reunindo 27 restaurantes, que formam o Pólo Gastronômico, gerenciado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Associação Comercial, Industrial e de Serviços de São Leopoldo (ACIS), Senac e parceria da Prefeitura municipal; o objetivo é fomentar o turismo

gastronômico no município⁵²⁹. Como não se tem um restaurante de comida alemã no município, a idéia é que cada um dos restaurantes que integram o Pólo Gastronômico tenha um prato da gastronomia alemã em seu cardápio. Na edição da festa deste ano, há um espaço gastronômico com oito restaurantes que têm seus próprios produtos, mas todos terão um prato em homenagem aos alemães; até o restaurante japonês apresentou um espetinho de maçã com porco, acompanhado de molho *shoyu*. Conforme Paulo Zílio, presidente do Pólo: “a meta dos empreendedores [...] é divulgar seus negócios, fidelizar clientes e fortalecer a marca do pólo. Para isso, nos restaurantes do grupo, serão servidos pratos típicos e também seus cardápios individuais”⁵³⁰.

Poder-se-ia pensar que se processa, nesse caso, uma estratégia de proteção da gastronomia alemã com relação aos outros tipos de gastronomia que têm tido espaço na cidade. Ou seja, um caso de segregação cultural, como explica Burke (2003, p.88): “a linha divisória é traçada não entre ela mesma e a outra, mas no interior da cultura doméstica, desistindo de defender o território inteiro e se concentrando em manter parte dele livre de contaminação por influências estrangeiras”. No entanto, trata-se aqui de um processo de reinvenção, dado que os pratos são selecionados do cardápio da culinária alemã, portanto, não tendo como prioridade a manutenção da cultura doméstica. Assim, pode-se crer que, apesar das tensões, a ênfase ao mote étnico continua sendo uma tendência a ser reforçada em âmbito local.

Já no âmbito nacional, identifica-se um processo em que há possibilidade de identidades híbridas tomarem o lugar das identidades nacionais, em declínio, como Stuart

⁵²⁹ Na edição da São Leopoldo Fest de 1993, foi lançada a chamada “A Rota da boa comida típica”, que contava com 19 estabelecimentos, que abrangiam bares e restaurantes, servindo pratos não só da culinária alemã (Cf. folhetaria da São Leopoldo Fest: Festa do Imigrante Julho de 1993). Naquele contexto, a cidade ainda tinha um restaurante que apresentava o que é identificado como comida típica alemã; trata-se do Restaurante Tiroleza, que, na década de 1990, com o falecimento da proprietária, foi fechado.

⁵³⁰ *Jornal VS*, São Leopoldo, p.32, 12 jul. 2006.

Hall (2001) sugere ao referir-se às prováveis conseqüências do processo de globalização. Localmente, em São Leopoldo, a tendência ao hibridismo tem sido reforçada, de modo que a identidade local propagada em torno de uma homogeneidade, tal como se operava a política dos Estados Nacionais, é fragilizada.

No âmbito do turismo, o conflito opera-se de maneira potencializada, pois, ao mesmo tempo em que se quer valorizar a tradição, precisa-se incorporar referências culturais, uma vez que os contextos sociais sofrem e operam mudanças. O turismo étnico, em algumas de suas formatações, tem-se direcionado à promoção de oportunidades de expressão de minorias étnicas, sendo que, nesse caso, o turismo atua como elemento capaz de abrandar conflitos em contextos multiétnicos (GRÜNEWALD, 2003). No entanto, no contexto regional e local em questão, não se trata de promover o turismo étnico no sentido de incorporar minorias, mas sim de mostrar um diferencial em termos regional e nacional, apontando as peculiaridades da região norte do Rio Grande do Sul e, no caso da Rota Romântica, evidenciando especialmente a origem imigrantista alemã.

Meneses sintetiza uma reflexão que pode servir para expressar o que se processa: “o tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis entre os homens, isto é, do modelo de sociedade pelo qual optamos” (MENESES, 1999, p.99). Desse modo, vê-se que o turismo não está desvinculado das relações de força presentes na sociedade.

8 CONCLUSÃO

O Projeto da Rota Romântica, de modo geral, consolidou e recriou referências identitárias locais que destacam a germanicidade. O destaque à etnicidade alemã como elemento de promoção turística passou a delinear-se de modo mais recorrente na região que é foco deste estudo a partir dos anos 1980. No município de São Leopoldo, a articulação entre turismo, identidade e etnicidade alemã apareceu, anteriormente, na década de 1950, no entanto, isso não foi fator que tenha influenciado os demais municípios nesse sentido. Caracterizou-se, antes, por ser uma experiência isolada e ainda tímida num contexto pós-nacionalização. A partir da institucionalização da Rota, tem-se o elemento étnico como norteador das práticas turísticas da maior parte dos municípios que a compõe. No contexto anterior, do imediato pós Segunda Guerra até praticamente os anos 1980, esse mote não foi ativado. No caso de São Leopoldo, a “ferida simbólica” causada pela destruição de vários elementos identitários dos alemães passou a ser “curada” logo após esse contexto, através das mobilizações que partiram dos articuladores do Museu.

Na década de 1980, portanto, após o cenário das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã, é que o elemento étnico vai aparecer vinculado à promoção do turismo. Trata-se justamente de um momento no qual, em muitos dos municípios aqui estudados, se dão dinâmicas sociohistóricas, como intensificação da urbanização e da industrialização, que

tiveram como decorrência a atração de migrantes de modo a diversificar ainda mais o cenário cultural e étnico-racial dessas localidades. Assim, é nesse contexto de ameaça de perda das referências alemãs que estas são mobilizadas, com o turismo agindo como propulsor nesse processo, na medida em que é uma via para a “descoberta” do patrimônio, a formatação de “lugares da memória”. Certamente, o reconhecimento oficial da imigração alemã no cenário das comemorações de seu Sesquiscentenário, em 1974, contribuiu também como um elemento que mobilizou o reavivamento da etnicidade alemã nos anos de 1980.

Nesse contexto, os municípios não atuam numa divulgação turística conjunta voltada especificamente ou com mais destaque ao elemento étnico, sendo que há variação na forma de seleção de outras estratégias de promoção. Já a partir da institucionalização da Rota Romântica, a maior parte dos municípios em questão vai pautar sua promoção especialmente a partir da etnicidade. Muitos municípios vão reforçar essa identidade, selecionada através de ações estruturadas por interesses locais, não só no sentido econômico, como também no sentido de legitimação cultural. Com relação a esse último aspecto, tem-se o papel de grupos específicos que se colocam como agentes que acabam por institucionalizar a memória local a partir do que selecionam para ser destacado no cenário turístico.

Assim, o turismo apresenta diversas conseqüências, tanto no plano simbólico quanto no plano material. O reavivamento étnico aparece como um desdobramento da implementação turística, bem como na demarcação da identidade local, uma identidade marcada pela uniformização cultural em torno do referencial étnico alemão. Simbolicamente, essa configuração contribui para a formatação de um imaginário que muitas vezes se sobrepõe às objetivações histórico-culturais e que segue o discurso triunfante em torno do sucesso econômico ligado a esse grupo de imigrantes. À medida que ocorrem as mudanças, elas próprias sofrem um processo de compensação com a “reinvenção das tradições”.

A representação dos municípios da Rota Romântica como homogêneos é construída de forma a atribuir um exotismo à região, o que se constitui num atrativo ao turista. A base dessas construções identitárias remete a características do discurso de autopromoção étnica que foi utilizado como autodefesa por parte dos alemães no século XIX, no Estado Novo e no contexto da Segunda Guerra.

O discurso homogeneizador da região, presente na divulgação da Rota, serve como elemento que funciona no fortalecimento de um imaginário divulgado que tem um papel especial, na medida em que a região é uniformizada como alemã aos olhos do expectador e do próprio habitante. Um recurso recorrente na produção desse imaginário é a presença do discurso da ancestralidade, que faz com que o passado ligado à imigração se encontre naturalizado, com um sentido já dado, demarcando uma identidade cultural perene.

As representações e práticas em torno da promoção do turismo étnico dão-se em um cenário em que se pode visualizar um duplo fenômeno, tanto da formação de sociedades multiculturais, quanto da “etnização” de grupos sociais, que ocorre num contexto mais amplo, freqüentemente associado à globalização.

De modo mais pontual, na cidade de São Leopoldo, pode-se perceber esse fenômeno. No nível político, as práticas desencadeadas no desenvolvimento do turismo, bem como aquelas que dizem respeito à demarcação de uma identidade local específica, construídas a partir do discurso homogeneizador, têm gerado tensões. A especificidade dessa cidade, no conjunto dos demais municípios, somada ao fato de que, ao longo de anos, tem reforçado sua identidade local a partir de seu histórico de “berço da imigração alemã”, talvez explique parcialmente as razões de algumas dinâmicas históricas diferenciadas dos demais municípios. Nesse sentido, o Museu teve papel presente nas disputas como construtor da memória local.

Também a administração do Partido dos Trabalhadores tem sido um elemento a configurar a especificidade das tensões no âmbito local. Assim, em São Leopoldo, identificaram-se manifestações que visam ao reconhecimento da diversidade étnica e cultural local. As ações voltadas ao turismo exigem um olhar dos agentes públicos a fim de incorporarem diferentes grupos. Os conflitos estiveram presentes também em outras cidades, embora em níveis e situações distintas. Nessas localidades, as tensões foram contornadas de modo mais ameno, seja através de projetos culturais de integração, ou por meio de políticas culturais específicas.

Pode-se perceber que há uma confluência entre o modo como a região é dita pelo Projeto Rota Romântica e a forma como são montadas as festas, a história local, os cenários locais. Com isso, sem dúvida, o Projeto reativou uma tendência posta em algumas municipalidades. O processo de construção de uma identidade regional em torno dos municípios da Rota dá-se como processo sociohistórico, num empreendimento que envolve diversas instituições, municipalidade, esferas estaduais, instituições de ensino superior e grupos privados, que atuam na institucionalização da região da Rota Romântica com interesses específicos. Desse modo, o reavivamento étnico surge a partir de mobilizações específicas ligadas ao plano material. Nesse plano, os interesses econômicos apropriam-se do discurso homogeneizador como estratégia de promoção turística, configurando o que pode ser denominado de “turismo étnico”, que toma como propósito mostrar o que a região tem, considerando o mote étnico alemão, como a própria inspiração do nome da Rota sugere ao tomar a Alemanha como inspiração.

Não se pode pensar que as ações que partem do Projeto Rota Romântica, caracterizado por abranger uma região que inspira ações municipais, tenham implicado, em sua aplicação, o fator de exclusão de grupos étnicos não-alemães, pois a forma local como serão efetivadas irá variar. Muitas práticas apontaram para iniciativas de integração social

ligadas ao turismo, na medida em que se faz necessário, frente à crise do setor calçadista, vetor de progresso na maior parte das regiões da Rota, a co-participação de grupos anteriormente excluídos, que agora são elementos importantes para o desenvolvimento do turismo. Nesse sentido, constataram-se aspectos que dizem respeito aos conflitos interétnicos e intraétnicos. Nesse caso, viu-se que o mundo rural, que, ao longo dos séculos XIX e XX, foi “denegado”, agora, a partir de um contexto específico de crise econômica em que o turismo é visto como alternativa, é colocado, juntamente com o homem rural, em posição de destaque. Assim, a “regeneração do meio rural” se faz por fins econômicos atuais.

Pode-se ver que, no terreno das construções identitárias locais e da formatação do turismo, as tensões e conflitos da sociedade estão presentes, de forma que o desenvolvimento do turismo étnico, em um contexto interétnico e envolvido em sistemas globais, certamente terá que se adequar a esse cenário. Não há como os agentes envolvidos ignorarem, nesse contexto, a integração de referências culturais diversas e diferentes da matriz tida como típica. Os cenários locais estão aí para serem vistos também a partir dessa discussão, que implica considerar a diversidade do “mosaico identitário”.

REFERÊNCIAS

ADESKY, Jacques d'. Pluralismo étnico e multiculturalismo. *Afro-Ásia*, UFBH, Centro de estudos afro-asiáticos, 19/20 (1997), 165-182.

ÁLBUM oficial. Sesquicentenário da imigração alemã. Porto Alegre: Ed. EDEL, 1974.

ALONSO, José Antonio Fialho. Caracterização econômica da Região metropolitana de Porto Alegre nos anos 90. *Indicadores Econômicos FEE*. Porto Alegre: FEE, V.29, n.1, p. 253-293, jun. 2001.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

ARANDT, Clarice. História da colonização de Dois Irmãos. Dois Irmãos, Grafdil impressos, 1999.

ARANTES, Antônio Augusto. *Produzindo o passado*: estratégias de construção do Patrimônio Cultural. SP: Brasiliense, 1984.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. V.5. 1995. P.296-332.

BAIRON, Sérgio. *História palinódica*: significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira. São Paulo. 1991. Tese (Doutorado em História) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

BAIRON, Sérgio. O fantasma da unidade cultural na metáfora palinódica do brasileiro alemão. *Revista de História*. São Paulo, n. 129-131, ago.-dez/93 a ago.-dez./94.

BALDISSERA, Rudimar. *Imagem-conceito*: anterior à comunicação, um lugar de significação. Porto Alegre: 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANTON, Michael. *A idéia de raça*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARCELLOS, Tanya M. de. *Migrações no sul*: caminhos para terras e cidades. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado, Pós-Graduação em Sociologia) 1995.

- BARRETO, Margarita. *Turismo e legado*. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BARRETO, Margarita; BANDUCCI Jr. (Orgs.) *Turismo e identidade local: uma visao antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre a arte*. SP: Imaginário/EDUPS, 1991.
- BITENCOURT, João Batista. *Clio positivada: a artesanania da cidade histórica de Laguna*. Florianópolis: Dissertação (mestrado em História) UFSC, 1997.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo, Edusp, 1994.
- BORGES, Nadir Flores. *Turismo e educação*. Novo Hamburgo. Monografia (Graduação em Turismo), FEEVALE, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliende, 1990.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro.:Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *La distinction*. Paris: Munit, 1979.
- BRESCIANI, Maria Stela. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA e PESAVENTO (orgs.), *Imagens Urbanas*, Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1997.
- BREUNIG, Darli Reneu. *Ensino de língua estrangeira em sociedade multicultural*. São Leopoldo, 2003. Dissertação (Mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- _____. *História e teoria social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *Variedades de história cultural*. RJ: Civilização Brasileira, 2000
- CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. O agroturismo como nova forma de renda para o pequeno agricultor brasileiro. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário (Orgs.). *Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento*. São Paulo: EDUSC, 2000.
- CANCLINI, Nestor G. *Cultura híbridas*. São Paulo, Edusp:1998.
- CARNEIRO, Maria José. Descendentes de suíços e alemães de Nova Friburgo: de “colonos” a “jardineiros da natureza”. GOMES, Angela de Castro (org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*.RJ: 7 Letras, 2000. p.44-65.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura.vol.2. SP: Paz e Terra, 2001.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.) *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CAVALCANTI, Keila Brandão; HORA, Alberto Segundo Spínola da, Política de turismo no Brasil. *Turismo em Análise*, São Paulo, 13 (2):54-73 nov. 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro : Difel, Bertrand Brasil, 2002.

CHOAY, François. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. 1998, p.97-110.

_____. *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 33-39.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Identidade étnica em meio urbano. *Agora*. Santa Cruz do Sul, v.7, n.2, p.119-132, jul./dez/2001.

_____. Migração e a (re)construção do capital social. CORREA, Sílvio Marcus de Souza (Org.). *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 303-334.

_____. Identidade alemã e alteridade no Rio Grande do Sul. *CULTURA alemã 180 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004. p.31-41.

CORSO, Giovanni; ZAMBERLAM, Jurandir (Orgs.). *Percepção do fenômeno migratório em cidades das Dioceses do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 2004.

COSTA, Francisco Lima, (2004) Turismo Étnico, Cidades e Identidades: Espaços multiculturais na Cidade de Lisboa. Uma viragem cognitiva na apreciação da diferença. Disponível em: <http://www.socinovamigration.org/portallizer/upload_ficheiros/Turismo%20Étnico,%20Cidades%20e%20Identidades.pdf>

CRUZ, Renata Dorneles da. Turismo cultural & mídia jornalística: análise do caderno Viagem do Jornal Zero Hora- Janeiro a agosto de 2004. Novo Hamburgo, Monografia (Graduação em Turismo), FEEVALE, 2004.

CUNIN, Elisabeth. Identificação territorial, identificação étnica em Cartagena, Colômbia. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, nº 1, 2003, p.123-143.

DEPPE, Gessy (coord.). *Contribuição para a história de Nova Petrópolis*. Caxias do Sul: EDUCS. Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis. 1985.

- DILLENBURG, Ângela. Fest em São Leopoldo. *Jornal VS*, 18 jul. 2006, p. 4.
- DORNELES, Edson Bertim. *Gramado: a produção e o consumo de uma cidade européia no sul do Brasil*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em ANTROPOLOGIA) UFRGS.
- DREHER, Martin. *Revista Carta Capilé*, São Leopoldo, 2004, p.7, jul.
- DREHER, Martin. Pioneirismo em debate. *Revista Rua Grande*. Edição 2001, Ano 40 26/5 a 8/6 de 2006. p.2-3.
- DUARTE, Eduardo. *O centenário da colonização alemã no Rio Grande do Sul: 1824-1924*. Porto Alegre, Tipografia do Centro, 1946.
- EGGERS, José Carlos. *Entrevista* concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo: 02 jun. 2006. Gravação em fita cassete.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). XXXIV vol. Rio de Janeiro, 1959.
- FAVARO, Cleci Eulália. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998, p. 185-227.
- FIALHO, Marco Antônio Verardi. *Agricultura familiar e as rendas não-agrícolas na região metropolitana de Porto Alegre: um estudo de caso dos municípios de Dois Irmãos e Ivoti-RS*. (Dissertação) Programa de Pós Graduação em Economia Rural. UFRGS. 2000.
- _____. Turismo rural e o emprego rural não-agrícola: o caso da Rota Colonial de Dois Irmãos – Rio Grande do Sul – Brasil. Formato do arquivo: PDF/Adobe Acrobat. Disponível em: <<http://www.fidamerica.cl/erna/documentos/turismorural.pdf>>.
- FIGUEIREDO, Ângela. 2000 São quase todos brancos de tão ricos? Disponível em: <<http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0066.pdf#search=%22empres%C3%A1rios%20%C3%A9tnicos%22>>.
- FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo, Olho d'água, 1999.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*, São Paulo: Nobel, 1988.
- FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). Encicliopédia dos municípios brasileiros. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). XXXIV vol. Rio de Janeiro, 1959.
- FLORES, Hilda Hübner (org.). *Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil*. Porto Alegre: EIPUCRS, 1993.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1997.

FLORES, Moacyr; FLORES, Hilda Agnes H. *Picada Café*. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1996.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. *RBCS*, n.33, ano 12, fev.1997, p.127-141.

FRAGA, Gerson Wasen. Para ter o futuro da gente: migrações catarinenses para a grande Porto Alegre. *Cadernos do CEOM* (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina). Migrações e organizações sociais. Chapecó: Argos, Ano 16, n. 15, jun.2002, p.281-309.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade (colab.); BORGES, Stella Maris (colab.). *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. 242p.

FRIAS, Aníbal. Disponível em: <<http://www.aps.pt/ivcong-actas/Acta091.PDF>>. "Patrimonialização" da Alta e da Praxe académica de Coimbra. Acesso em 14 jun. 2006

FRÖHLICH, Daiane Cristina. "*Comida é bom para pensar*": análise do café colonial na cidade de Dois Irmãos enquanto atrativo turístico. Novo Hamburgo. Monografia (Graduação em Turismo), FEEVALE, 2004.

GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

_____. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Separatismo e anti-razão. Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, vol. 21, nº 3, 1993, p.168-175.

_____. Imigração e história. Apresentado no *II Simpósio Internacional e X Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. II Simpósio Internacional e X Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. 2005*, Caxias do Sul, RS.

GLAZER, Nathan, MOYNIHAN, Daniel P. (ed.) *Ethnicity, Theory and Experience*. Cambridge (Mass.): Harvard University, 1975.

GODINHO, Paula. Do Estado cego à fronteira invisível: na senda de um problema. Disponível em: <http://www.esa.ipb.pt/estudosrurais/Pdfs/Paula_Godinho.pdf>. Acesso em: 15 maio 2006

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. 2003. *Turismo e Etnicidade. Horizontes Antropológicos*. Ano 9, n. 19. Porto Alegre: UFRGS/PPGAS. p.141-159.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. "Como escrever a história da França?". *Anos 90*, n.º 7 jul. 1997. PPGH, UFRGS, p.7-28.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. *Novos Estudos CEBRAP*, n.º 43, nov.1995, p.103-112.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JULIEN. Laurindo. *Entrevista* concedida a Roswithia Weber. Dois Irmãos: 15 jun. 2002. Gravação em fita cassete.

_____. *Entrevista* concedida a Roswithia Weber. Dois Irmãos: 24 jun. 2006. Gravação em fita cassete.

KING, Brian What is ethnic tourism? An Australian perspective, 1994.
www.mbaalumni.vuw.ac.nz/vuw/fca/vms/files/aa58.pdf Acesso jan. 2006.

KNAUSS, Paulo. (coord.) *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alçemã*. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Caxias do Sul: EDUSC, 1991.

LAYTANO, Dante de. *História da República Rio-grandense (1835-1845)*. Porto Alegre: Sulina, 1983

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Ed. da UNICAMP. 1996

LOWENTHAL, David. *El pasado es un país extraño*. Madrid: AKAL, 1998.

LUCENA, Plínio A. *São Francisco de Paula: monografia*. 1971.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. (Documentos: n.º 05).

MAGNANI, José G.C.; TORRES, Liliam de Lucca. (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP; Fapesp, 2000.

MARTINS; Rodrigo Perla; BECKER, Gisele. O Vale do Rio dos Sinos e a inserção internacional do Brasil no contexto do nacional desenvolvimentismo: 1968-1978. In: BAUER, Maristela Mercedes; ARAÚJO, Margarete Panerai (Orgs.) *Desenvolvimento regional e responsabilidade social: construindo e consolidando valores*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2005.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de quem?*, São Paulo: Nobel/ Ed. USP, 1991.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento) In: *Anais do Museu Paulista*. Nova série, nº 1, 1993, p. 207-222.

_____. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.) *Turismo e paisagem*. SP: Contexto, 2002.

_____. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da. (Orgs). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MESQUITA, Zilá. Divisões regionais do Rio Grande do Sul: uma revisão. *Ensaio Econômicos FEE*, Porto Alegre, 1984, v.5, n.2, p.95-146.

_____. Emancipações no RS: alguns elementos para reflexão. *Ensaio Econômicos FEE*, Porto Alegre, 1988, v.16, n.2, p.169-184.

MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da Região colonial italiana no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFRGS, 1993.

MOEHLECKE, Germano Oscar. *O vale dos Sinos era assim*. São Leopoldo: Rotermund, 1978.

_____. *São Leopoldo: obras e iniciativas públicas*. Col. Revivendo o passado, vol. 2, São Leopoldo, 2000.

_____. *Entrevista* concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo: 02 jul. 2004. Gravação em fita cassete.

MOESCH, Norma Martini. *Cortina de cristal: processo imigratório, identidade cultural e comunicação turística*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Dissertação (Mestrado), FAMECOS, 1997.

MORAES, Carlos de Souza. *Crônicas de minha cidade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1996.

_____. *O colono alemão: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo*. Porto Alegre: EST, 1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. *175 anos de imigração alemã*. Porto Alegre: EST, 2001.

_____. *Colônia alemã: 160 anos de história*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. *Entrevista* concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo abr. 1997 in: Núcleo de estudos e de integração de pesquisas em história oral (NEIPHO)- UNISINOS.

MUSEU de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Seção de jornais. *Correio do Povo*, Porto Alegre; *Jornal Folha da Manhã*, Porto Alegre; *Zero Hora*, Porto Alegre; *Jornal de Dois Irmãos*; *O Diário*, Ivoti; *O Diário*, Nova Petrópolis.

MUSEU Histórico Visconde de São Leopoldo. Atas de reunião.

NEDEL, Leticia Borges. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado em História) Mestrado em HISTÓRIA SOCIAL-Instituto de Filosofia e Ciências Sociais- UFRJ.

_____. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; MACHADO, Umberto Fernandes. *Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. (Trad. Yara Aun Khoury). *Projeto História*. São Paulo. N.10. Dez. 1993. P.7-28.

NUNES, Margarete Fagundes. Ações afirmativas: configurações locais e narrativas globais. Apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, jun. 2006.

OLIVEIRA, Catarina Reis de. Estratégia empresariais de origem imigrante em Portugal: oportunidades étnicas e estruturais e recursos pessoais. *Sociologia*, maio 2004, no.45, p.71-98. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n45/n45a04.pdf>>. Acesso ago. 2006.

OLIVEN, Ruben George. *Parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1992.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, J; NORA, P. (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 216-232.

PECHMAN, Roberto Moses. *Olhares sobre a cidade*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PEIXOTO, Paulo. Os meios rurais e a descoberta do patrimônio. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/175/175.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2006

PELLANDA, Ernesto (org.). *A colonização germânica no Rio Grande do Sul: trabalho organizado de ordem do governo do estado em homenagem a colônia alemã em seu centenário*. Repartição de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Oficinas Graf. Livraria do Globo-Barcellos, Bertaso & Cia, 1925.

PERFIL da Alemanha. Berlin: Societäg-Verlag, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano". In MAUCH, Cláudia et al. Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre/Canoas/ São Leopoldo: Ed. da Universidade/ UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994, p. 136.

_____. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, (14) 2, 383-396, 1993.

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História: Representações*, v. 15, nº 29. São Paulo: ANPUH, Contexto, 1995, p. 9-28.

_____. *O imaginário das cidades: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

_____. De como os alemães se tornaram gaúchos. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p199-207.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo: monografia*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1959.

_____. *São Leopoldo: berço da colonização alemã do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. São Leopoldo: Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Vol. 1, 1966.

PICCOLLO, Helga L. A colonização alemã em Nova Petrópolis. *Revista do Instituto de Letras e Ciências Humanas*. V.1, n.1, p.41-69, 1973.

_____. *Contribuição para a história de Nova Petrópolis: colonização e evolução da colônia*. Caxias do Sul: EDUCS, 1989.

_____. Historiografia gaúcha. *Anos 90*, Porto Alegre, n.3, junho 1995.p.43-59.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p.3-15.

_____. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

PORTO, Aurélio. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro. 1996.

POUTIGNAT, Philippe; SREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. *Gramado, simplesmente Gramado*, 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO. *Raízes de Gramado*, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PETRÓPOLIS. *Estudos Sociais*: Município de Nova Petrópolis, 1988.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. SP: Ática, 1992.

PROST, Antoine. As palavras. *Por uma história política*. REMOND, René (org.) RJ: Ed. UFRJ, 1996.

RAMBO, Arthur Blásio. *Polêmica Friburgo*. Disponível em: <<http://www.museuhistoricosl.com.br/index.cfm>>. Acesso em: 2 jun. 2006.

RAMOS, Eloisa H. C. da Luz. *O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras*: S. Leopoldo, 1850/1930. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

REJOWSKI, Miriam. *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira*. Campinas, SP, Papirus, 1996.

RICOEUR, Paul. Architecture et narrativité. In: *Urbanisme*, Paris, n.303, nov./déc. 1998.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, vol. I, II, 1969.

ROEHE, Nara Simone Viegas Rocha. O sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul em 1974 como corolário das relações econômicas Brasil –Alemanha. (Dissertação PPG História) PUCRS, Porto Alegre, 2005.

ROMANTIC Road. Disponível em: <<http://uk.romantischestrassen.de/>>.

RONCAYOLO, Marcel. *La ciudad*. Barcelona, Paidós, 1988.

ROTA Romântica RS. Disponível em: <<http://www.rotaromantica.com.br>>

ROTERMUND, Guilherme. A “Festa do Apito” e a urna feita por índios. *Revista Rua Grande*, São Leopoldo, abril de 1974.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

SANTOS, Rafael José dos. *Turismo, cultura e identidade*. (Dig.) 2005.

_____. *Imagens do turismo, culturas e lugares híbridos em Gramado e Canela, RS*. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18361/1/R0065>>. Acesso em: 02 out. 2006.

SAVOLDI, Adiles. A reconstrução da italianidade no sul do estado de Santa Catarina. In: BARRETO, Margarita; BANDUCCI Jr. (Orgs.) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 89-116.

SCHMITZ, Arsênio J. *Uma nova imagem para Nova Petrópolis: estudo sobre a imigração e a aculturação*. Publicação do autor: Roma: Tipografia della Pontificia Università Gregoriana, 1975.

SCHORSKE, Carl E. *La idea de ciudad en pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler: Punto de Vista*, Buenos Aires, ano X, nº 30, jul-out, 1987.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Os bairros de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: Gráfica Sinodal, 2001.

SELBACH, Jeferson. *Novo Hamburgo 1927-1997: Os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*. Porto Alegre, UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo).

SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. In: CARVALHO, Maria Rosário G. de (Org.). *Identidade étnica: mobilização política e cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa gráfica da Bahia, 1989, p.93-123.

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*. Rio de Janeiro; (Museu Nacional/UFRJ), nº 3-1, 1997, p.95-131.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. P.11-27.

_____. Grupo étnico. In: *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 580-582.

_____. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *Boletim de Informações Bibliográficas*, Rio de Janeiro, n. 25, 1988, p. 3-55.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

_____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis : FCC, 1981.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Sogipa*. Uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados, 2001.

SILVA, Iva da. *São Francisco de Paula: a história, o povo, curiosidades e belezas*. São Francisco de Paula, 2000.

SILVEIRA, Fernando. A cobertura jornalística do turismo na imprensa interiorana: os casos dos jornais NH e ABC Domingo de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Novo Hamburgo: Monografia (Graduação em Comunicação Social), FEEVALE, 2005.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: EDUSP; Editora Nacional, 1968.

SMEJOFF, A importância do turismo como elemento catalisador do desenvolvimento. In: ETGES, Norberto J. *Fecundidade humana no Rio Grande do Sul*. Unisinos, Centro de Ciências Econômicas, nº 10, 1975, p. 23-30.

SMITH, Anthony D. *La identidad nacional*. Madrid: Trama Editorial, 1997.

SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). *A cidade em debate*. São Paulo: Brasil Sociedade e Cultura, Olho d'água, 1999.

SOUZA, Magda Vianna de. "Reinvenção das tradições" e promoção do turismo- estratégias diferenciais de mercantilização da identidade cultural: os casos de Nova Petropolis e São Francisco de Paula no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, IFCH, 2005. Tese (Doutorado em Sociologia).

SOVERAL, Antonio (Org.). *O patriótico governo do Gen. José Antonio Flores da Cunha: O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: s.e., 1935.

STEIL, Carlos. Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. In: *Telecomunicação*. Porto Alegre, v.29,n.125, set. 1999, p.413-432.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (org.). *Terra: feições ilustradas*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

TEIXEIRA, Maria Lúcia da Silva. *São Francisco de Paula: nossa terra, nossa gente*. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre, n.15, 2001/2002. p. 7-22.

TUBINO, Nina (Org.). *Enciclopédia dos municípios do Rio Grande do Sul*. CD-Rom. Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul, 2006.

VADELORGE, Loïc. *Les affres de l'histoire locale 1970-2000*. Disponível em: <www.histoire-sociale.univ-paris1.fr/Collo/VADELORGE.pdf >. Acesso em: jun. 2006.

_____. Le patrimoine comme objet politique. 2006. Disponível em: <http://www.culture.gouv.fr/culture/min/comite-histoire/histoire-patrimoine/histoire_patrimoine_intro.pdf acesso jun. 2006>.

VAINFAS, Ronaldo (dir.) *Dicionário do Brasil império (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VASCONCELLOS, Naira (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 199-207.

VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos: passado e presente*. Dois Irmãos, Grafdil impressos, 1999.

VILLARROYA, Antonio Ariño. *La ciudad ritual: la fiesta de las fallas*. Barcelona, Antropos; Madrid: Ministério de Cultura, 1992.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1994. Vol. I.

WEBER, Regina. O avanço dos “italianos”. *História em Revista*. Pelotas.UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. v. 10 (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). dez. 2004. p. 75-94.

_____. Quando negros e brancos se encontram nas fábricas das regiões coloniais. *História – Debates e Tendências*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Passo Fundo: Editora UPF. v. 4, n. 1, jul. 2003. p.73-79.

_____. Nacionalidade com prefixos: os teutos e o Estado Novo em Ijuí. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p.105-119.

_____. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo, UPF Editora, 2002.

_____. *Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2002.

_____. Encontros étnicos em situações de industrialização. *Anos 90*, Porto Alegre, n.9, 1998. p. 27-32.

_____. Memórias e estudos sobre a condição de descendente de imigrantes alemães. In: FISCHER, Luís A.. e GERTZ, René E. (Coords). *Nós os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade./UFRGS, 1996.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924/1949*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989.

URBIM, Carlos. *Morro Reuter de A a Z*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista*. São Paulo, Studio Nobel: SESC, 1999.

ZELDIN, Theodore. *Os franceses*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ACERVOS E FONTES CONSULTADAS:

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

Seção de jornais:

Correio do Povo, Porto Alegre.

Jornal Folha da Manhã, Porto Alegre.

Zero Hora, Porto Alegre.

Jornal de Dois Irmãos.

O Diário, Ivoti

O Diário, Nova Petrópolis

Acervo da Associação dos Municípios da Rota Romântica:

Rota Romântica: deixe-se levar pelo coração. s/d.

Rota Romântica: os caminhos da emoção. SETUR. s/d

Protocolo de intenções. Projeto Rota Romântica, Porto Alegre, 26 de junho de 1995.

Atas de reuniões da AMRR.

Acervo da Secretaria Estadual de Turismo:

Plano Viajando pelo Rio Grande do Sul: viajar pelo Rio Grande do Sul é Trilegal Tchê.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul: Secretaria do Turismo. Dez.1999. Acervo da Secretaria de Turismo do Estado, consultado em 2002.

Acervo da Prefeitura Municipal de São Leopoldo:

Planejamento Turístico. Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Secretaria de Desenvolvimento econômico e social (Semedes), (Diretoria de Turismo). 27 abr. 2006.

Acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

ABC, Novo Hamburgo.

NH, Novo Hamburgo.

Correio de São Leopoldo, São Leopoldo.

Deutsche Post. São Leopoldo, 21 de jul. 1923.

Mapa

Atas de reunião do MHVSL

Caixas Municípios do RS

Acervo da Biblioteca Pública de Novo Hamburgo

Jornal 5 de Abril, Novo Hamburgo.

ENTREVISTAS:

EGGERS, José Carlos. **Entrevista** concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo: 02 jun. 2006. Gravação em fita cassete.

JULIEN. Laurindo. **Entrevista** concedida a Roswithia Weber. Dois Irmãos: 15 jun. 2002. Gravação em fita cassete.

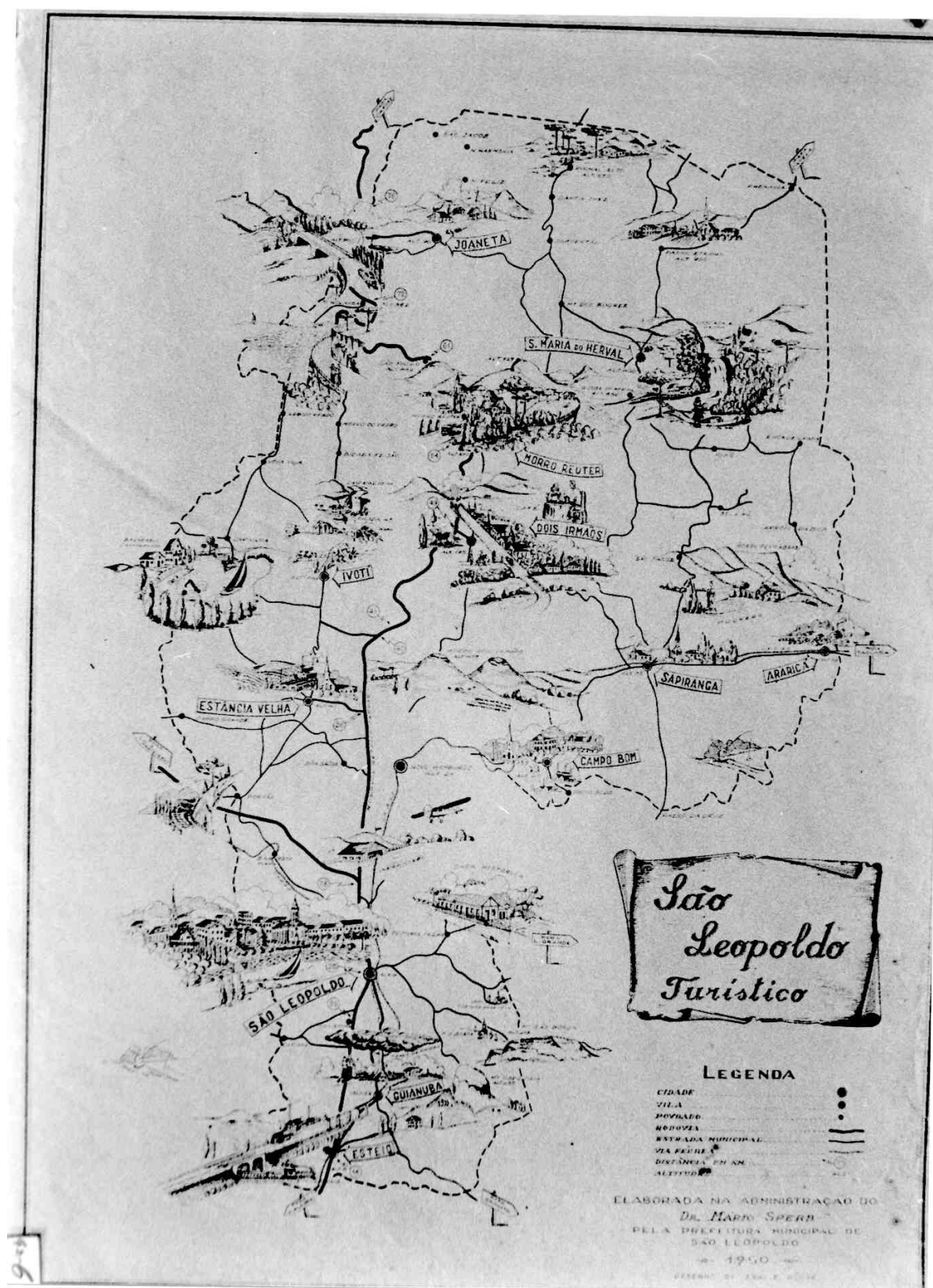
JULIEN. Laurindo. **Entrevista** concedida a Roswithia Weber. Dois Irmãos: 24 jun. 2006. Gravação em fita cassete.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Entrevista** concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo abr. 1997 in: Núcleo de estudos e de integração de pesquisas em história oral (NEIPHO)- UNISINOS.

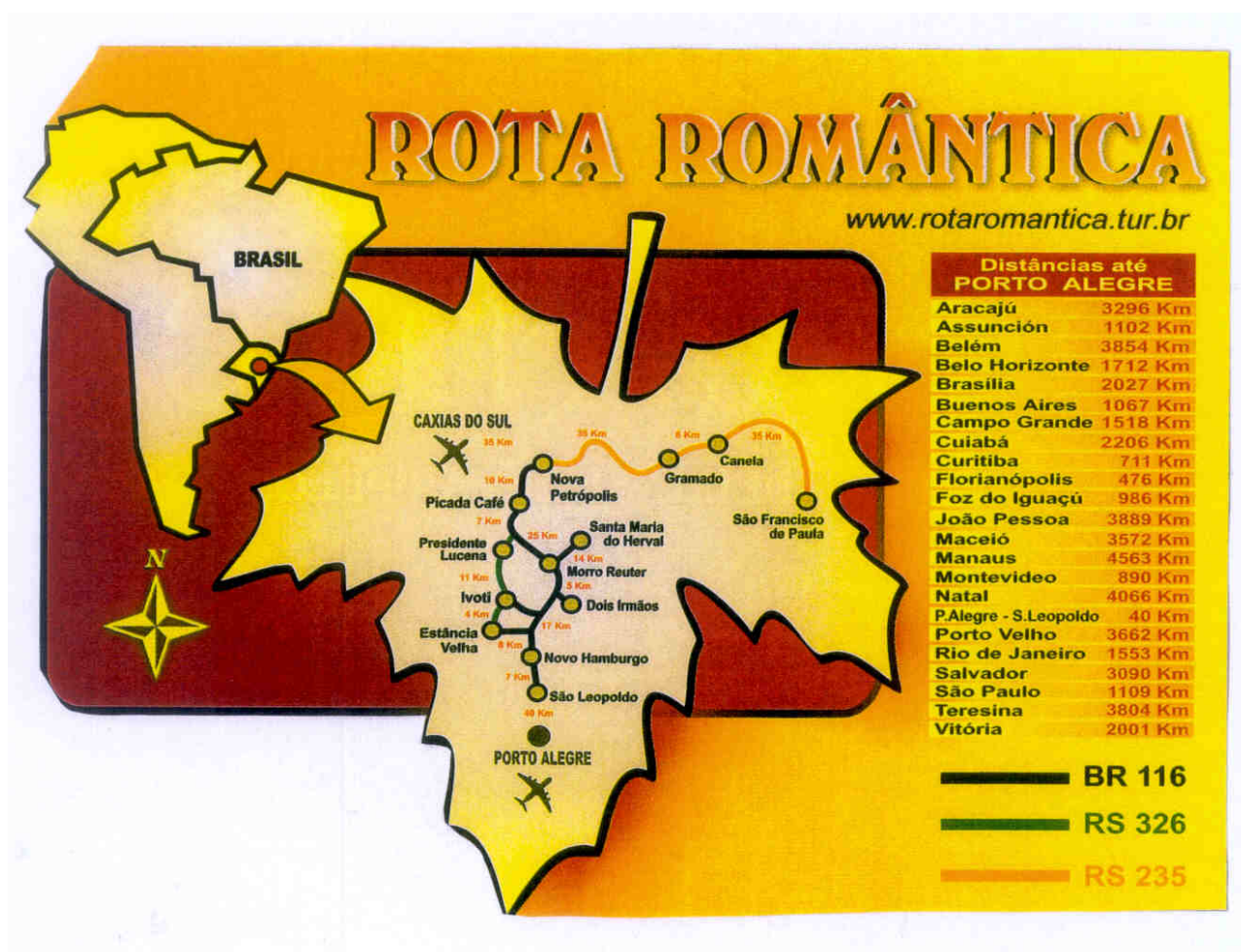
MOEHLECKE Germano Oscar. **Entrevista** concedida a Roswithia Weber. São Leopoldo: 02 jul. 2004. Gravação em fita cassete.

ANEXOS

ANEXO A - São Leopoldo Turístico

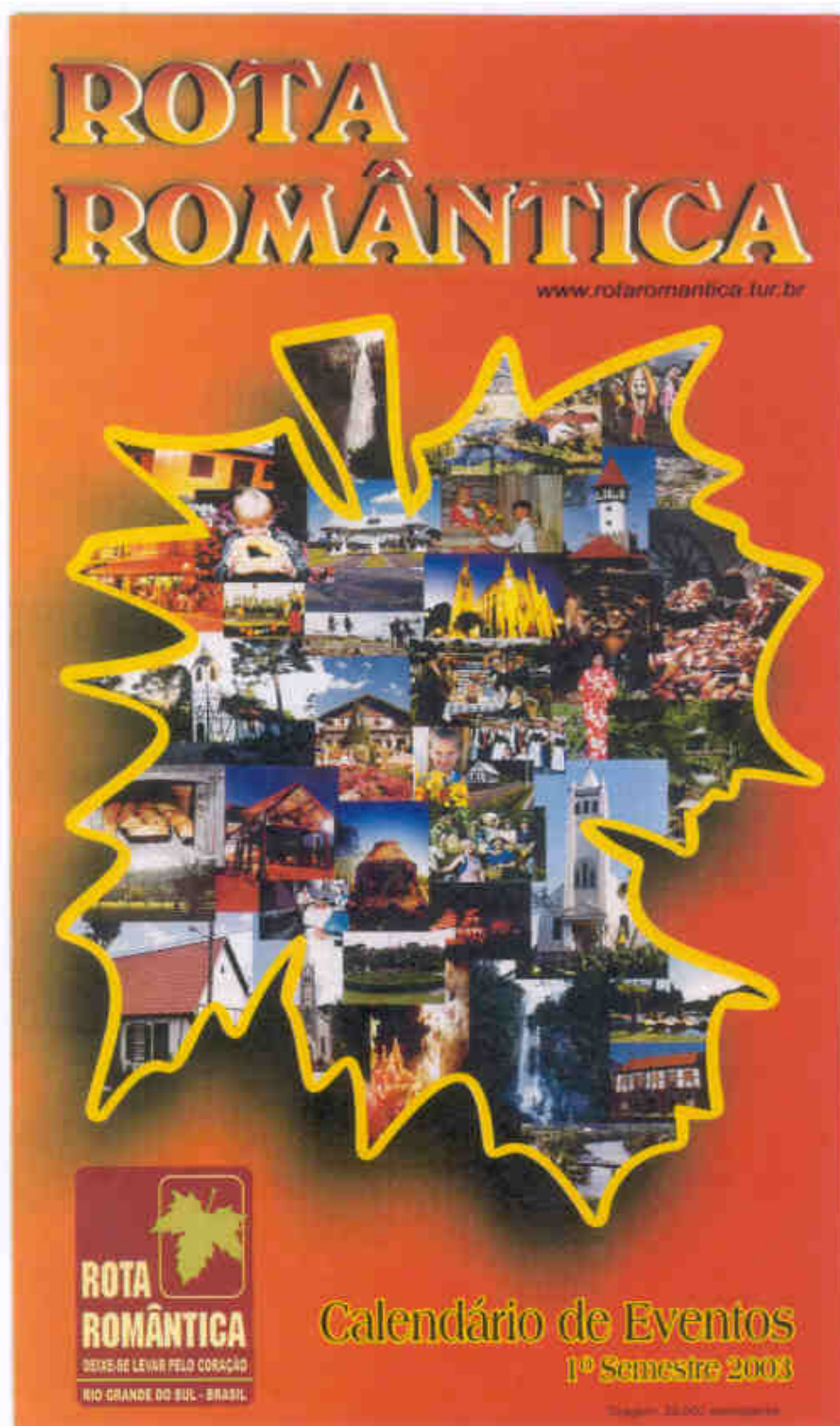


ANEXO B - Mapa da localização da Rota Romântica



Fonte: Rota Romântica. Guia de eventos 2002.

ANEXO C – Imagens da folheteria de divulgação da Rota Romântica



Fonte: Rota Romântica. Calendário de eventos 2003.